FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.066 DOMINGO, 10 DE JULHO DE 2022 R$ 7,00

Fotos Jardiel Carvalho/Folhapress

MARCHA PARA JESUS RETORNA APÓS DOIS ANOS SEM EDIÇÃO POR CAUSA DA PANDEMIA

Participantes do evento em São Paulo, da esq. para a dir.: Patrícia Pimentell, 34, Renato do Nascimento, 43, Joice Honório, 24, Abel Antonio da Silva, 76, e Ivo Komando, 63 Cotidiano B5

Só Auxílio Brasil escapa de cortes sociais sob Bolsonaro

Governo tem reduzido verba para programas de educação, saúde e habitação

Em busca da reeleição, Jair Bolsonaro (PL) ampliou o Auxílio Brasil, único programa social a ser poupado de cortes em seu governo. Marcas petistas, como o Farmácia Popular e o Fies, recebem menos verba; nem o Casa Verde e Amarela, criado por ele, se salvou.

Numa coalizão entre a equipe econômica e a ala política, o Auxílio Brasil, que substituiu o Bolsa Família em 2021, foi desenhado para que brar recordes de atendidos e de valores transferidos, mesmo que isso exija driblar a legislação de controle de gasto público.

O governo quer aprovar nesta semana a PEC (proposta de emenda à Constituição) que eleva o valor mínimo do benefício para R$ 600.

Já o Casa Verde e Amarela dispõe neste ano de R$ 1,2 bilhão —o antecessor Minha Casa, Minha Vida tinha média de R$ 12 bilhões anuais.

O Fies, que estimula o acesso ao ensino superior, viu o orçamento cair de R$ 22 bilhões em 2018 para R$ 5,5 bilhões em 2022. Técnicos da Educação falam em crescimento desordenado na gestão Dilma Rousseff (PT) e apontam para regras mais rígidas de crédito. Mercado A15

Inflação corrói a renda até de quem é milionário

A alta dos preços tem corroído a renda até de quem é milionário. Há dez anos, com R$ 1 milhão era possível comprar uma cobertura de 148 m² na zona sul de São Paulo e um BMW automático; hoje, um apartamento de 65 m² e um Ônix manual. Mercado A22

Cúpula da Caixa ouviu acusação de assédio em 2020

Mercado A16

Corte dos EUA pode dar a estados mais poder em eleições

Após reafirmar a autoridade dos estados na questão do aborto, a Suprema Corte deve julgar duas causas de regra eleitoral. As ações, da Carolina do Norte e do Alabama, falam do redesenho de distrito eleitoral, o 'gerrymandering'. Mundo A11

Bilionária Lily Safra morre aos 87 anos na Suíça

Mercado A22

Paixão nacional

Novela se firma na era do streaming sem ruína do formato C4

MÔNICA BERGAMO

Manu Gavassi foca na atuação e recusa ser influenciadora C2

Esporte B7

Ex-jogador Tommasi vira prefeito na Itália em reduto da direita

EDITORIAIS A2

Máquina tucana

Acerca de despesas opacas do governo Garcia em SP.

Números da fome

Sobre insegurança alimentar no mundo e no Brasil.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

26° 13°

0h 6h 12h 18h 24h

	Hoje	Amanhã
Rio	14° 30°	13° 31°
Brasília	12° 26°	12° 26°
Ribeirão	14° 30°	14° 30°

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

seminários folha web 3.0 e metaverso

Mudanças à vista

Nova fase da internet, Web 3.0 promete dar mais autonomia a usuários e mudar o consumo de conteúdo digital, mas pode esbarrar em problemas atuais, como desigualdade. p. 1

Pedro Ladeira/Folhapress

ATO PRÓ-ARMAS TEM CAMPANHA PARA BOLSONARO

Em evento realizado em Brasília pelo grupo Proarmas, houve apoio ao presidente e a presença dos deputados federais Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e Daniel Silveira (PTB-RJ) Política A4

Judiciário teme que presidente use 7/9 para insuflar base

Ministros do STF e do TSE temem que Jair Bolsonaro (PL) use o desfile de 7 de Setembro para reeditar a retórica golpista da data no ano passado. Membros das cortes e forças do DF avaliam esquema de segurança, e até decretar uma GLO é considerado. Política A4

Elio Gaspari

Sem-voto sonham em adiar eleição e estender mandato

Tem circulado mais um expediente de magia para tumultuar a eleição. Milícias digitais e mobilizações criariam instabilidade a partir da Semana da Pátria. Supostos pacificadores defenderiam adiar o pleito e votar emenda para prorrogar mandatos. Política A10

Rodrigo soma R$ 5,7 bilhões em medidas de olho em reeleição em SP

Política A9

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Máquina tucana

Com cofres cheios em ano eleitoral, Garcia dá mostra de uso opaco do dinheiro em São Paulo

Na corrida ao Palácio dos Bandeirantes, nenhum candidato dispõe de recursos tão formidáveis como os do governador Rodrigo Garcia (PSDB) no exercício do cargo, que assumiu após a renúncia do correligionário João Doria, em março.

Como outros estados, São Paulo foi beneficiado por um extraordinário aumento de receitas nos últimos dois anos, graças à alta dos combustíveis e das tarifas de energia e ao socorro recebido da União no primeiro ano da pandemia.

Isso permitiu que os governadores chegassem ao período eleitoral com os cofres abarrotados. No fim do ano passado, havia quase R$ 70 bilhões disponíveis no caixa do governo paulista, quantia 58% maior do que a registrada um ano antes.

Administradores prudentes devem gerir a bonança com parcimônia, precavendo-se para ter recursos à mão em caso de piora. Os irresponsáveis farão como Jair Bolsonaro (PL), que gasta tudo o que pode para tentar se reeleger.

Ainda não se sabe com qual figurino Garcia irá se apresentar ao eleitorado, mas surgiram sinais preocupantes nos últimos dias.

Há uma semana, o governador anunciou o congelamento das tarifas de pedágio nas rodovias estaduais, por tempo indeterminado. Para evitar desequilíbrios nos contratos das estradas, o estado pagará indenizações às concessionárias enquanto o congelamento durar.

Divulgado há poucos dias, um relatório do Tribunal de Contas do Estado sobre o exercício do ano passado encontrou indícios de descontrole no uso de verbas reservadas para projetos apadrinhados por aliados do governador.

Em São Paulo, cada deputado estadual tem o direito de apresentar emendas no valor de até R$ 5 milhões durante a discussão do Orçamento anual. Os critérios são isonômicos, e os repasses, obrigatórios, para evitar favorecimentos.

Mas também vigora no estado um mecanismo informal de distribuição de verbas para barganhas com aliados, conhecido como emendas voluntárias, em que não há regras claras nem transparência na prestação de contas.

Segundo o TCE, até julho do ano passado o governo estadual se comprometeu com o repasse de R$ 1,3 bilhão para indicações por esse sistema, que dá preferência a quem se alinhar com o governador.

Questionado pelo órgão de controle, o estado informou ter enviado R$ 308 milhões a municípios do interior do estado e nada declarou sobre o que foi feito com o restante do dinheiro.

Numa disputa eleitoral como a deste ano, que tem tudo para ser acirrada, o controle dessas verbas pode fazer diferença. Que elas possam ser manipulados com tanta informalidade é um escárnio que exigirá atenção redobrada.

Números da fome

Insegurança alimentar grave avança no mundo; Brasil acrescenta suas mazelas ao processo

O nova edição do relatório "O Estado da Segurança Alimentar e da Nutrição no Mundo", recém-divulgada pela ONU, tem um tom soturno. Constata-se ali que a recuperação econômica em 2021, após o pior momento na pandemia, não deteve a expansão global da fome.

Com o impulso dos impactos da Covid-19, a parcela da população mundial enfrentando insegurança alimentar grave —fome— subiu de 9,3% para 10,9% em 2020. Em vez de cair ou se estabilizar, a cifra foi a 11,7% no ano passado. E, como aponta o documento, ainda estão por serem computados os efeitos da guerra na Ucrânia.

A piora é generalizada, mas os números mais alarmantes, previsivelmente, estão na África, na América Latina e na Ásia. E a desigualdade não é apenas regional.

"Grupos desfavorecidos da população, como mulheres, jovens, trabalhadores de baixa qualificação e empregados no setor informal, foram desproporcionalmente afetados pela pandemia e pelas medidas sanitárias", avalia o relatório das Nações Unidos.

Dito de outro modo, os vulneráveis perderam mais quando a economia parou e recuperaram menos quando as atividades voltaram. Em resumo, as disparidades de renda se agravaram.

O Brasil, claro, não ficaria imune a tal processo —ao qual acrescenta suas mazelas particulares.

Ainda que seus números não se destaquem entre os piores do planeta ou do continente, o país mostra deterioração aguda quando se faz uma comparação de prazo mais longo. Entre 2014 e 2016, 1,9% dos brasileiros passavam fome; no período 2019-21, a proporção subiu a 7,3%, ou 15,4 milhões de pessoas.

O desempenho da economia, que tem sido abaixo de medíocre há quase uma década, decerto explica grande parte da degradação. Mais recentemente, a escalada inflacionária agravou o quadro.

O governo Jair Bolsonaro (PL) deu as costumeiras respostas atabalhoadas à situação. A expansão da proteção social por meio do Auxílio Brasil, necessária, foi feita às pressas e com regras que reduzem a eficiência do benefício. Pior, a elevação inconsequente do gasto público tende a agravar a inflação e prejudicar o crescimento.

A próxima administração terá de aperfeiçoar o programa de renda e, ao mesmo tempo, retomar a agenda de reequilíbrio do Orçamento. A fome exige pressa, mas seu enfrentamento só terá sucesso com boa gestão da economia.

Os saltos da natureza

Hélio Schwartsman

"Natura non facit saltus" (a natureza não dá pulos). A frase é de Leibniz, mas quem a popularizou foi Charles Darwin, que a repete seis vezes em "A Origem das Espécies". Não é para menos. A lição fundamental do darwinismo é que a evolução ocorre através de pequenas modificações que se acumulam na profundidade do tempo geológico. Não obstante, quando se discute o lugar do homem no mundo biológico, esquecemos esse princípio e embarcamos em narrativas que nos colocam no ápex da criação.

Esse suposto excepcionalismo humano fica escancarado na questão da consciência. Por muito tempo a descrevemos como atributo exclusivamente humano. Melhores e mais recentes pesquisas, entretanto, vão revelando que não é bem assim. Ainda que bichos não pareçam capazes de se perguntar pelo sentido da vida, há indícios de que boa parte do reino animal apresenta algum grau de consciência.

"Super Fly" (supermosca), de Jonathan Balcombe, estende esse esforço aos Diptera, ordem que inclui moscas, mosquitos, mutucas e borrachudos. O autor descreve vários experimentos sugestivos de que até as modestas moscas de fruta são capazes de comportamentos flexíveis e com intencionalidade —marcas da consciência. Parentes delas, três tipos de formiga, passariam até no teste de reconhecer-se no espelho, categoria em que está a elite intelectual da bicharada, representada por humanos, chimpanzés, golfinhos e mais poucas espécies.

As repercussões desses achados para a ética não são desprezíveis. Fica mais difícil encontrar limites naturais para definir quais animais devem ser objeto de nossa consideração moral e quais não precisam. Qualquer decisão aí soará caprichosamente arbitrária.

Os Diptera saem em desvantagem. Eles não despertam muita solidariedade humana. Não sem motivos. Metade de todos os diagnósticos clínicos de doenças feitos no mundo tem insetos como agente causador, a maior parte mosquitos.

helio@uol.com.br

Quem (não) vai votar em outubro?

Bruno Boghossian

Nenhuma campanha corre atrás de votos sem se preocupar com o eleitor que pode preferir não votar em ninguém. Aliados de Jair Bolsonaro veem o risco de uma abstenção alta entre potenciais apoiadores do presidente caso ele chegue a outubro em desvantagem nas pesquisas. Já o PT busca um plano para evitar uma participação eleitoral baixa demais em grupos simpáticos a Lula.

Num país com voto obrigatório e punição branda para o descumprimento da regra, a abstenção ficou na casa dos 20% no último segundo turno presidencial. Outros 10% tiveram disposição de ir até uma seção para votar nulo ou em branco. Uma variação expressiva desses números pode determinar o resultado de uma eleição apertada.

Bolsonaro seria prejudicado, por exemplo, se uma fatia de seus eleitores ficar em casa por entender que ele tem poucas chances de vencer. É por isso que a equipe do presidente trabalha para manter os apoiadores agitados, com alertas sobre o perigo de uma vitória da esquerda.

A mesma tática deve ser usada para reconquistar bolsonaristas arrependidos. Segundo o Datafolha, 7% dos eleitores que estiveram com Bolsonaro no segundo turno de 2018 dizem que não pretendem votar em ninguém na corrida deste ano. Essa deserção tiraria do presidente três pontos que podem ser preciosos num segundo turno contra Lula.

É difícil prever quantos eleitores estarão propensos à abstenção ou ao voto nulo, somando o que os estudiosos classificam como alienação. Sabe-se que os números tendem a ser menores em disputas polarizadas e maiores em grupos de baixa renda.

Pesquisas de intenção de voto dão só algumas pistas sobre os efeitos desse fenômeno. Se apenas os eleitores que votaram em algum candidato no segundo turno de 2018 forem às urnas agora, Lula terá mais dificuldade para liquidar a fatura no primeiro turno. A vantagem de 19 pontos sobre Bolsonaro cairia para algo próximo de 11. O petista venceria no segundo turno, mas com margem de 15 pontos —e não 23.

E aquela do Ivan Lessa?

Ruy Castro

Ivan Lessa (1935-2012), jornalista, escritor, fã de Billy Eckstine e informal pensador social, foi autor nos anos 1970 de frases que nos fazem dolorosamente entender o que somos e por quê. Uma: "De 15 em 15 anos, o Brasil esquece o que aconteceu nos 15 anos anteriores." Outra: "O brasileiro é um povo com os pés no chão. E as mãos também." E, quando os militares bradaram "Brasil, ame-o ou deixe-o", Ivan completou: "O último a sair apague a luz do aeroporto."

Ninguém mais crítico da nossa realidade do que Ivan. "O Brasil tem 8.511.965 quilômetros quadrados por sete palmos de profundidade." "Três em cada cinco índios são cada vez mais um só. Os outros dois também." "Amar é... ser a primeira a reconhecer o corpo dele no Instituto Médico Legal." "Cada vez que um nordestino não consegue dar de comer aos filhos, alguém o acusa de alimentar debates estéreis." "Todo cidadão tem o direito de ser presumido culpado até que sua execução seja efetuada."

"Se Deus é brasileiro, então tudo é permitido aos estrangeiros." "Em São Paulo, área de lazer é como eles chamam o resto do país." "Nunca conte com o ovo no cu de uma galinha brasileira." "Num país em que o futuro a Deus pertence, os agnósticos perguntam: 'E o passado? Quem vai se responsabilizar por ele?'". "Baiano não dá bandeira. Hasteia." E o famoso "Baiano não nasce. Estreia."

Quem mais sofisticado para descobrir novos sentidos nas frases feitas? "Na Idade da Pedra, todas as frases eram lapidares." "A morte é um estado de espírito." "Marat e Charlotte Corday inventaram o banho de sangue." "Freud, ao morrer, descobriu o que havia além do princípio do prazer." "O sol nasce para todos. Já o crepúsculo é meio classe média." "A relatividade é a forma mais elevada de absolutismo." "A terra de ninguém é sempre disputada por duas ou mais facções."

E, já antevendo o futuro próximo, "Num estado de direito, nem sempre a esquerda é sinistra."

O samba do Chico

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

A última canção de Chico Buarque tem toque de gênio na autoria e na recepção. Do artista já se conhece o brilho solar, mas a canção foi acolhida em segmentos diversos como um acontecimento, portanto, como uma marcação social diferenciada. É que, no contexto atual da vida brasileira, golpeada por sobressaltos sanitários, econômicos, políticos e morais, numa escala inédita na história do país, espera-se geralmente que a boa repercussão pública de algo reflita a urgência da reconstrução. Chico, voz das mais politizadas, limitou-se a perguntar, compondo, "que tal um samba?"

Tanto quanto a letra da canção, é a própria ideia de samba que instiga. A presença ativa do artista na cena brasileira não deixa esquecer que ele, integrante de uma geração notável de criadores da música popular, tem sido politicamente marcante no que há de generoso ou esperançoso para com as agruras coletivas. Afinal, o que balançou o corpo do povo nos longos e asfixiantes anos da ditadura militar foi o grito cantado. Reiterada como forma de integração rítmica do homem na sociedade, a música cerrou fileiras com a democracia.

No Brasil, essa forma não habita popularmente qualquer gênero. O samba carioca constitui uma diferença ao mesmo tempo cultural e política, porque é a imagem nacional de uma síntese ou uma unidade: a reinterpretação federal da diversidade rítmica em vários territórios negros sob a designação de samba. É também uma forma em que o ritmo afro convoca estruturalmente o corpo para a dança.

Musicalmente, a célula rítmica faz a ponte, por absorção simbólica, entre o espaço sagrado das divindades afros e os lugares globais da festa. Isso é algo essencial, pois cosmicamente vinculado ao entorno de homens e árvores: "ao som do samba/ dança até o arvoredo" (Noel Rosa). Isso pode ser sentido por negros e brancos. Chico Buarque é herdeiro espiritual tanto de Noel como de Ismael, portanto, zelador de original parceria entre morro e asfalto.

Agora, com astuta simplicidade, o artista convida para o melhor na reanimação do espírito coletivo: a adesão à alegria dessa forma singular de encontro musical, evidência histórica da genialidade negra que sempre viveu e vive o samba com um poema social, ou seja, como um modo de pensar, sentindo. Por isso, talvez se possa ler o convite como que tal "o" em vez de "um" (que, aliás, é samba-salsa), isto é, que tal auscultar o que bate generosamente no corpo interno da nação: um amanhã sem ódio, que canta. Assim foi recebido, por sentimento compartilhado. Sentimento é fruto que só dá no tempo, é offline e chega aos poucos, pois "o pandeiro bate/ é dentro do peito/ mas ninguém percebe" (Drummond, em Brejo das Almas, 1934).

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Evangélicos no contexto brasileiro

Novos movimentos minoritários caracterizam a busca por uma fé comprometida com justiça social

Denis Barros de Carvalho
Evangélico, doutor em psicologia social (UFRN) e professor associado da UFPI

Uma das principais características do movimento evangélico brasileiro, principalmente quando comparado à Igreja Católica, é a sua diversidade. As igrejas evangélicas podem ser classificadas em históricas e pentecostais.

As igrejas evangélicas históricas são de origem europeia, criadas em decorrência da Reforma Protestante, e são divididas em dois grupos: a) igrejas de migração, que chegaram por aqui através de imigrantes europeus, principalmente alemães e ingleses. Podemos citar como exemplo a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil e a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; b) igrejas de missão: são igrejas que vieram ao nosso país para evangelizar nosso povo e são oriundas dos Estados Unidos. A Convenção Batista Brasileira e a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) são exemplos de igrejas de missão.

As igrejas pentecostais podem ser classificadas em "ondas", como propôs o sociólogo Paul Freston. O historiador Paulo Siepierski reelaborou a definição das ondas da seguinte forma: a primeira onda (pentecostalismo clássico) ocorre no início do século 20, com o surgimento das igrejas Assembleia de Deus (Belém) e Congregação Cristã no Brasil, fundadas por estrangeiros (a Assembleia por suecos e a Congregação por um italiano). A segunda onda (neopentecostalismo) se desenvolveu nas décadas de 50 e 60, no contexto da precária urbanização brasileira. Caracteriza-se pela ênfase na cura divina e no exorcismo como atos espetaculares e pelo uso do rádio para alcançar a população. A Igreja Quadrangular, de origem norte-americana, e as brasileiras Deus é Amor e Brasil para Cristo.

A terceira onda (pós-pentecostalismo) teve início no final dos anos 70 e início dos anos 80. O uso de estratégias de marketing que utilizam o rádio e a TV e a defesa da Teologia da Prosperidade, além de uma visão mais liberal nos costumes, diferenciam a terceira da segunda onda. São partes dela a Igreja Renascer em Cristo e a comunidade Sara Nossa Terra, entre outras. Considero a Igreja Universal do Reino de Deus como a última igreja da segunda onda e a primeira da terceira.

Outra característica do movimento evangélico é a fragmentação. A Convenção Batista Brasileira sofreu um racha que originou a Convenção Batista Nacional. As divisões produzidas na Igreja Presbiteriana do Brasil originaram três diferentes denominações: Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Presbiteriana Renovada e Igreja Presbiteriana Unida. O principal fator de fragmentação das igrejas evangélicas históricas foi o surgimento do movimento carismático, influenciado pelo pentecostalismo. Praticamente todas as igrejas históricas tiveram seções que originaram igrejas "renovadas". A fragmentação também ocorre nas igrejas pentecostais.

A diversidade em crise provoca a fragmentação, que produz diversidade institucional. A diversidade institucional cria espaço para novas formas de viver a fé, de modo mais progressista e, a meu ver, mais saudável.

A Igreja Presbiteriana Unida, criada por pessoas como Rubem Alves, permitiu que presbíteros e leigos pudessem exercer uma fé profética, livre das amarras necrocalvinistas da IPB, que apoiou a ditadura cívico-militar e perseguiu seus membros que optaram por fazer oposição ao monstruoso regime autoritário instalado em 64. A Igreja Betesda surgiu como uma igreja pentecostal aberta à cultura e à ação social mais crítica. Seu fundador é filho de um militar que se opôs ao golpe de 64 e, por isso, foi perseguido e preso.

Atualmente, novos movimentos minoritários caracterizam essa busca por uma fé mais comprometida com a justiça social: a Frente Evangélica pelo Estado de Direito, Evangélicos pela Diversidade e o Movimento Negro Evangélico podem ser citados como exemplo.

Se a Frente Parlamentar Evangélica lançou um manifesto que representa o Cristofascismo de mercado (que é a atualização do Cristofascismo descrito por Dorothee Sölle com elementos do fascismo de mercado que Paul Samuelson viu no Chile de Pinochet), hegemônico na estranha aliança entre necrocalvinistas e pentecostais mamônicos, resta aos evangélicos não fascistas agirem como uma minoria ativa, como descrita por Moscovici e, com isso, contribuir para a construção de uma sociedade não fascista em nosso país.

Claudia Liz

Como falar de eleições com as crianças

É preciso explicar conceitos de forma prazerosa

Maria Clara Cabral e Fabrícia Peixoto
Jornalista, pós-graduada em comunicação integrada e marketing, fundadora da revista Qualé
Jornalista, doutoranda em administração de empresas pela FGV, fundadora da revista Qualé

Entramos em um período em que as discussões eleitorais ganham mais espaço nos veículos de comunicação e nas redes sociais. Pensar que as crianças e os jovens estarão alheios a isso é ilusório. Ao mesmo tempo, saber do inevitável contato com o tema pode parecer assustador.

Ilusório porque eles são, naturalmente, seres curiosos, inegavelmente conectados. Assustador ao lembrarmos que só pequena parcela deles sabe diferenciar fato de opinião e checar a veracidade de fake news.

Então, nada mais seguro do que nós, adultos, ajudarmos a inseri-los nesse contexto e apontarmos os melhores caminhos. Claro, a ideia não é, de forma alguma, fazê-los participar do Fla-Flu que toma conta do nosso país, mas explicar conceitos de forma clara, acessível e, sobretudo, prazerosa (para que não cresçam odiando a política).

Nota-se que a própria Constituição, no artigo 205, diz que a educação, seja por parte da família, seja por parte da escola, tem que ser "incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania". Ora, como é sabido, as eleições nada mais são que o pleno exercício da cidadania. Portanto, exercê-la deveria fazer parte do cotidiano de todos, de todas as idades.

Para começar, livros e vídeos são raros, mas com uma busca robusta é possível achar material de qualidade.

O jornalismo feito para a faixa etária também pode ser um aliado importante. Com linguagem adequada, recursos multidisciplinares e visual atraente, as crianças tendem a entender mais facilmente que as eleições não estão tão distantes quanto imaginam. Afinal, mudanças próximas, como a reforma da pracinha, ou decisões mais afastadas, como um benefício social, afetam diretamente as famílias.

Além disso, promover debates e incentivar a capacidade de crítica são pontos que devem acontecer desde cedo e podem ajudar no processo de compreensão das eleições —mais uma vez, aqui o jornalismo pode ser usado como ferramenta. Assim, as chances de esses jovens chegarem à idade adulta sabendo da importância do voto é significativamente maior.

Por sua vez, de maneira prática nas escolas, as eleições podem permear diversas competências gerais previstas na Base Nacional Comum Curricular. Por exemplo, por meio de atividades relacionadas à argumentação com base em dados e informações confiáveis, para formular e defender ideias que promovam os direitos humanos e a empatia. Atividades que valorizem a abordagem própria das ciências, incluindo a investigação e a análise crítica, também são importantes. Além disso, utilizar diferentes linguagens, como a verbal, tabelas e gráficos, ajuda a entender todo o processo eleitoral.

Por fim, em casa, os pais devem tentar deixar clara a importância do exercício do voto e fazer do dia das eleições um momento em família.

Ajudar na compreensão de todo o processo eleitoral, desde o conhecimento sobre os candidatos até a hora de apertar o botão nas urnas, depende de uma boa formação e é algo que deve ser incentivado e aprimorado desde cedo.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Marcha para Jesus

"Marcha para Jesus recebeu R$ 1,7 milhão em emendas de vereadores de SP", Painel, 9/7. Se Jesus estivesse entre nós , essa gente o crucificaria novamente!
José Neto (Curitiba, PR)

*

Se essas contribuições —escusas— viessem pra saúde e educação, Jesus ficaria muito feliz!
Elisabeth Beraldo Faria (São Paulo, SP)

*

Eles recebem dinheiro público, e políticos fazem comícios e propaganda política do presidente, mas a esquerda que rouba, a esquerda que é corrupta.
Sandra Maciel (Rio de Janeiro, RJ)

*

Jesus deve estar sentindo revolta e vergonha dessas pessoas. Vão lá idolatrar político usando seu nome. Gente hipócrita.
Everaldo Krigovski (Pontal do Paraná, PR)

Arma de fogo

"Homem atira em ex-mulher e na filha dela e mata namorado da jovem após separação", Cotidiano, 8/7. O que é "não aceitar o fim do relacionamento"? Ah, o país é misógino e os machões lavam a desonra da própria estupidez com sangue.
Nana Hippolyte (Macaé, RJ)

*

População armada, pessoas desequilibradas, falta de fiscalização, vulnerabilidade de mulheres. Até quando? Quem responde por essa política infeliz de armamento?
Fabiana Z Soares (Belo Horizonte, BH)

Negociação internacional

"Elon Musk abandona negociação para compra do Twitter", Mercado, 8/9. Provavelmente, ele estava blefando desde o início.
Wellington Moreira (Brasília, DF)

Esse Musk é um fanfarrão como eu. Só que rico.
Raphael Rodrigues (Balneário Camboriú, SC)

Eleições presidenciais

"Judiciário teme uso eleitoral por Bolsonaro do desfile militar do 7 de Setembro", Política, 9/7. Independência deve ser comemorada pelo povo e não por militares com demonstração de possível força. No governo Bolsonaro militar perdeu prestígio.
João Batista de Júnior (Mogi Mirim, SP)

*

Só me resta rezar para que no 7 de Setembro chova muito durante todo o dia no Brasil. Que caia muita água, mas muita água.
Hugo Alves (Campo Grande, MS)

*

Para os que só sabem criticar o Brasil, por que não se mudam para a Argentina? Lá o presidente fez um lockdown dos maiores do mundo como vocês defenderam e sem nenhum resultado, e tem políticas públicas iguais as que vocês defendem. Ah, melhor levar mantimentos pois os alimentos estão acabando, e a inflação está na casa dos 60%.
Salete Conceição Possebon (Santa Maria, RS)

Ambiente

"Garimpeiro alvo da PF tinha mansão com heliponto e casou ao som de Bruno e Marrone", Ambiente, 9/7. É esta gente que envenena os nossos rios para ostentar vida de luxo?
Elena Claudia Castro Assunção (Belém, PA)

*

Para gregos e troianos: tem que criar o imposto sobre fortunas urgente. Tem muita gente se enriquecendo com coisas ilícitas. Democracia plena e liberdade de imprensa.
João Lima (Fortaleza, CE)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 2 a 8.jul - Total de comentários: **13.939**

Comentários	Tema
307	Eu quero sofrer a mais profunda devassa - Pedro Guimarães (Opinião) **5.jul**
216	Lula cobra militares comprometidos com democracia e diz que não irá tolerar ameaças (Política) **2.jul**
216	Mulher de Pedro Guimarães, ex-presidente da Caixa, diz que querem destruir sua família (Mercado) **4.jul**

ASSUNTO ALGUMA VEZ VOCÊ JÁ FOI ALVO DE ASSÉDIO SEXUAL NO SEU LOCAL DE TRABALHO?

Sim, diversas vezes, porém duas de maneira escandalosa. Em ambas eu era menor de idade. Uma vez foi meu patrão, outra meu supervisor. No caso do patrão, ele me assediou e me demitiu imediatamente por eu não ter cedido aos seus assédios.
L.F., 64, (Juiz de Fora, MG)

*

Eu tinha 21 anos, era o meu primeiro estágio, numa pequena empresa de streaming de filmes de curta-metragem. O dono era de família rica e influente no Rio de Janeiro. Meu estágio terminava às 20h, e às vezes precisava ficar mais tempo, muitas vezes só eu e o meu chefe. Ele se posicionava atrás de mim para "me ajudar" e gemia baixo, como se estivesse fazendo sexo. Era muito desconfortável, e não havia o que fazer.
Luís T., 39 (Rio de Janeiro, RJ)

*

Fui assediada pelo dono da empresa em que eu trabalhava, que comentava todos os dias com os outros funcionários sobre minhas nádegas. Ele ria, sempre falando do tamanho delas. Falei várias vezes que não gostava disso. Esse mesmo chefe, quando tínhamos reuniões com fornecedores, ficava em tom de "brincadeira" me oferecendo a eles como matéria-prima da empresa. Até hoje aquelas palavras e atitudes me enojam.
Maria, 44 (São Paulo, SP)

Aos 24 anos, eu trabalhava numa diretoria de um banco estatal como secretária, em Brasília. Eram sete executivos nessa diretoria, todos homens. Nessa época, um diretor pedia que eu levasse documentos à mesa dele quando estava em reunião para que todos olhassem minha bunda ao sair da sala, era muito constrangedor e eu evitava roupas apertadas. Eu trabalhava numa recepção com outras meninas, e a maioria dos homens achava que podia parar ali e dar em cima das mulheres, assediar, chamar para sair. Se o chefe nos tratava daquela forma, dava margem para todos agirem igual.
C.M., 40 (Brasília, DF)

*

Eu achei que tinha dado sorte ao conseguir um estágio numa entidade social aqui em São Paulo, afinal eram apenas duas vagas e muitos concorrentes. Mas, desde o primeiro dia, meu supervisor começou a dar em cima de mim, começou a passar a mão como quem não quer nada. E dizia que se eu quisesse ser efetivada ele poderia "dar um jeito", e o jeito incluía ir para a cama com ele. Eu só tinha 20 anos! Acabei deixando o estágio e quase não consegui me formar por causa disso.
P.C., 30 (São Paulo, SP)

Os nomes dos leitores que deram seus depoimentos foram omitidos a pedido da maioria.

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Reta final

Passados mais de seis anos da tragédia de Mariana (MG), o acordo de reparação pelo rompimento da barragem, que deixou 19 mortos, é uma das prioridades do fim da gestão do presidente do STF, Luiz Fux. Segundo ele, as rodadas técnicas já foram concluídas e, na próxima terça-feira (12), haverá mais negociações presenciais no CNJ (Conselho Nacional de Justiça). "A expectativa é de que a repactuação seja firmada em breve, no prazo máximo de 60 dias", diz Fux.

ONDE PEGA O CNJ é quem conduz as negociações entre a Samarco, responsável pela barragem, e os demandantes de mais de 85 mil ações que correm na Justiça. Envolvidos nas conversas estimam que, para atender a todas necessidades, o acordo deveria ficar em pelo menos R$ 126 bilhões. A empresa resiste, segundo relatos.

BRONZE A média de permanência dos presidentes da Petrobras no governo Jair Bolsonaro (PL) é a terceira menor desde a criação da estatal, em 1953. O tempo médio de duração de um executivo à frente da empresa nos últimos três anos é de 10 meses.

ENTRA E SAI O governo atual só perde para os de João Goulart e Fernando Collor, que não terminaram seus mandatos, com permanência média no comando da Petrobras de 9 meses e 6 meses, respectivamente. O levantamento é do Observatório Social do Petróleo.

DÍZIMO A Marcha para Jesus recebeu R$ 1,7 milhão em emendas de vereadores paulistanos para sua edição de 2022, que acontecerá neste sábado (9). João Jorge (PSDB) destinou R$ 1 milhão, e Missionário José Olímpio (PL), R$ 710 mil.

PESOS E MEDIDAS O pagamento de eventos públicos por meio de emendas passou a ser questionado após a apresentação de Daniela Mercury no evento de 1º de Maio, que contou com a presença de Lula (PT) e foi financiado desta forma. A edição da Marcha de 2022 terá diversos políticos, entre eles o presidente Jair Bolsonaro (PL).

BANDEIRA O fato de ter virado alvo do Supremo, com inclusão no inquérito das fake news, vai ser usado como arma eleitoral pelo PCO. A legenda de esquerda radical pretende fazer menções à "censura" de que é vítima em eventos de campanha e na propaganda de candidatos.

COMUNA De 4 a 7 de agosto, o PCO realizará seu congresso nacional, em que serão referendados o apoio a Lula, embora sem coligação formal, e o lançamento de diversas candidaturas a governadores. Um dos motes do evento será a "perseguição" movida pelo ministro Alexandre de Moraes, relator do inquérito. O mesmo ocorrerá nas conferências estaduais, em 23 e 24 de julho.

MODELO De volta à vida privada, o ex-governador de SP João Doria (PSDB) pretende criar uma fundação para ajudar na formação de novas lideranças políticas, sociais e econômicas. A inspiração é uma entidade nestes moldes mantida pelo ex-prefeito de Nova York Michael Bloomberg, a quem Doria frequentemente se refere com admiração.

REFERÊNCIA A princípio, ela se chamará Fundação João Doria, em homenagem ao pai do ex-governador, que foi deputado cassado pelo regime militar. A ideia é que comece a funcionar no ano que vem.

SUTIL O PSDB discretamente pressiona o MDB a obrigar seu diretório gaúcho a apoiar a candidatura ao governo de Eduardo Leite. Uma decisão em favor de candidatura própria pode comprometer o engajamento tucano na campanha de Simone Tebet (MDB).

BOM RECADINHO "Temos que ir acertando os palanques estaduais para ver o envolvimento do PSDB na campanha nacional", diz Beto Pereira, secretário-geral tucano.

MENTALIZA Pré-candidato a presidente, o coach Pablo Marçal (Pros) tem articulado apoios junto a lideranças regionais. Um deles é Amazonino Mendes (Cidadania), candidato ao governo de Amazonas, que enviou um vídeo a Marçal. "[Queremos] um país novo, um país diferente, sob seu comando. Oxalá a empreitada seja vitoriosa", disse Mendes.

VOCÊ PODE Outro líder estadual cultivado é o deputado federal Capitão Wagner, que deve disputar o governo do Ceará. Ele recentemente trocou o Pros, partido do coach, pelo União Brasil, mas há pouco tempo participou de evento com Marçal em Fortaleza.

DÚVIDA CRUEL Favorecido por uma decisão judicial que abre o caminho para participar das eleições, o ex-governador do Distrito Federal José Roberto Arruda (PL) ainda não bateu o martelo sobre seu destino.

DISPUTADO O presidente Jair Bolsonaro (PL) quer que ele novamente dispute o governo local para ser seu palanque na capital, mas o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, prefere que Arruda concorra à Câmara dos Deputados para turbinar a bancada federal.

com Guilherme Seto, Juliana Braga e Danielle Brant

STF e TSE temem uso eleitoral por Bolsonaro do desfile do 7 de Setembro

Ministros das duas cortes discutem esquema de segurança, e Fux avalia chamar Forças Armadas para proteger prédio do Supremo

Cézar Feitoza

BRASÍLIA Ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) temem que o presidente Jair Bolsonaro (PL) use o desfile militar do 7 de Setembro para insuflar apoiadores contra o Judiciário e o sistema eleitoral.

O receio é que Bolsonaro reedite a retórica golpista que marcou o último 7 de Setembro, mas com dois agravantes que agora podem aumentar a radicalização: a proximidade das eleições e a data comemorativa do bicentenário da Independência, para quando é esperada uma parada militar de grandes proporções na Esplanada dos Ministérios.

Para evitar riscos de invasão aos tribunais, os presidentes do STF e do TSE, ministros Luiz Fux e Edson Fachin, têm discutido internamente quais serão os esquemas de segurança. Há, no entanto, divergências sobre como agir para conter eventuais ataques aos tribunais.

A **Folha** conversou com ministros, interlocutores dos presidentes dos tribunais, auxiliares de Bolsonaro, militares e integrantes das áreas de segurança nas últimas duas semanas.

A avaliação é que o atual clima entre o Planalto e o Judiciário não está tão hostil como no ano passado. À época, Bolsonaro participou de diversas manifestações com teor golpista antes do 7 de Setembro. No dia da Independência, ele proferiu ameaças contra o STF e exortou desobediência a decisões da Justiça.

Dois dias depois, no entanto, ele recuou. O presidente divulgou uma nota na qual disse que não teve "nenhuma intenção de agredir quaisquer dos Poderes" e atribuiu palavras "contundentes" anteriores ao "calor do momento".

Apesar do diagnóstico de que o clima está menos tenso neste ano, existe o receio de que a crise possa subir de temperatura nas próximas semanas, na medida em que o pleito se aproxima e diante da persistente estratégia de Bolsonaro de tentar desacreditar o sistema eleitoral.

Diante disso, integrantes do Supremo e de forças de segurança do Distrito Federal —responsáveis pela proteção do patrimônio na Esplanada— estão monitorando uma série de eventos com potencial de estressar a relação entre os Poderes.

O primeiro deles é a convocação de movimentos bolsonaristas para manifestações em São Paulo, Rio e Brasília, em 31 de julho. Apoiadores do presidente tentam organizar o evento como espécie de preparativo para o 7 de Setembro.

"Vamos repetir o 7 de Setembro, agora ainda maior. Contamos com vocês para que esse dia [31 de julho] seja prenúncio de uma eleição limpa no ano mais importante das nossas vidas", disse a deputada Carla Zambelli (PL-SP), em vídeo.

A área de inteligência das equipes de segurança do DF tem monitorado as mobilizações, e a adesão ainda é considerada baixa.

Outras datas que preocupam são: a posse de Alexandre de Moraes na presidência do TSE (16 de agosto), o Dia do Soldado (25 de agosto) e a posse da ministra Rosa Weber na presidência do STF (12 de setembro).

Apesar dos diferentes eventos, o desfile militar do 7 de Setembro é o que gera maior preocupação na cúpula do Judiciário e entre agentes de segurança. As Forças Armadas preparam uma grande solenidade na Esplanada para este ano, em comemoração aos 200 anos da Independência.

A atual edição também marca a volta da tradicional parada militar após dois anos de suspensão por conta da pandemia da Covid.

O Comando Militar do Planalto enviou ofícios no fim de junho para saber quantas pessoas vão desfilar. Os documentos foram encaminhados a órgãos que participam do evento, como PF (Polícia Federal), PRF (Polícia Rodoviária Federal), PM-DF (Polícia Militar do Distrito Federal) e CBMDF (Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal), entre outros.

O Comando Militar disse, em nota, que ainda não definiu os detalhes do desfile.

Em entrevistas, Bolsonaro tem afirmado que os atos de comemoração do bicentenário da Independência vão mostrar que ele é o único candidato à Presidência que tem grande apoio popular.

"Eles querem aproveitar a data de 7 de Setembro para ter uma grande concentração, por exemplo, em São Paulo e nas capitais, aqui em Brasília. Vai ser um 7 de Setembro e também um apoio a um possível candidato que esteja disputando", disse ao SBT News.

Com discurso semelhante, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) disse à CNN Brasil que o 7 de Setembro terá grande participação popular.

"O político tem que brigar pela preferência do povo. Não é um membro do Judiciário que tem que brigar por isso. Mas as próprias pessoas estão se vendo motivadas a irem para a rua no 7 de Setembro este ano, exatamente para somar a esse grito de socorro que o presidente Bolsonaro está dando para a população."

Para evitar possíveis tentativas de invasão ao STF, Fux tem discutido com ministros e a equipe de segurança da corte quais medidas devem ser adotadas para setembro.

No ano passado, o Supremo criou três cordões de isolamento no raio de até três quilômetros, com auxílio da Secretaria de Segurança Pública do DF e da PF. A área mais próxima ao STF foi bloqueada por grades.

O STF avalia reeditar o esquema de 2021. A sugestão discutida atualmente é ampliar a duração dos cordões de isolamento do Supremo para dois dias antes e dois dias depois do 7 de Setembro.

Fux também tem debatido com ministros a possibilidade de decretar GLO (Garantia da Lei e da Ordem). Com isso, as Forças Armadas seriam convocadas para atuar na defesa do prédio do STF, se necessário.

As avaliações no Supremo, no entanto, são divergentes. Há ministros que defendem que as equipes de segurança da corte e a PM-DF são suficientes para proteger o tribunal.

Segundo interlocutores, Fux também foi aconselhado a não decretar GLO porque, diante de uma retórica golpista por parte de Bolsonaro, não seria inteligente deixar a segurança do Supremo sob responsabilidade dos militares.

O STF disse, em nota, que tem discutido com o TSE um esquema de segurança conjunto para garantir a proteção dos tribunais e ministros.

"No contexto das eleições, assim como nas demais ações em que os ministros estejam envolvidos, há um canal livre de comunicação entre as áreas especializadas de STF e TSE, com a finalidade de garantir o pleno exercício das atribuições dos magistrados", destacou.

A Secretaria de Segurança Pública do DF disse à **Folha** que o plano e os protocolos de segurança estão em "fase de elaboração". "O planejamento será constituído com a participação das forças de segurança, bem como de órgãos, instituições e agências locais e nacionais envolvidas."

> **Eles querem aproveitar a data de 7 de Setembro para ter uma grande concentração, por exemplo, em São Paulo e nas capitais, aqui em Brasília. Vai ser um 7 de Setembro e também um apoio a um possível candidato que esteja disputando**
>
> **Jair Bolsonaro (PL)** em entrevista ao SBT News em junho

> **O político tem que brigar pela preferência do povo. Não é um membro do Judiciário que tem que brigar por isso. Mas as próprias pessoas estão se vendo motivadas a irem para a rua no 7 de Setembro este ano, exatamente para somar a esse grito de socorro que o presidente Bolsonaro está dando para a população**
>
> **Flávio Bolsonaro (PL-RJ)** em entrevista à CNN Brasil

EVENTO PRÓ-ARMAS VIRA PALCO DE CAMPANHA ELEITORAL

Evento realizado neste sábado (9) em Brasília pelo Proarmas, maior grupo armamentista do Brasil, teve campanha antecipada para o presidente Jair Bolsonaro (PL) e contou com a presença dos deputados federais Eduardo Bolsonaro (PL-SP, na foto) e Daniel Silveira (PTB-RJ). Atiradores esportivos que deverão se candidatar ao Legislativo distribuíram material com seu nome. Os participantes exaltaram medidas de Bolsonaro para o armamento da população, uma de suas bandeiras. Pela regra da Justiça Eleitoral, a campanha deste ano só começa em 16 agosto. Foto Pedro Ladeira/Folhapress

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
353.501 exemplares (maio de 2022)

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

A casa abandonada e a história

Podcast da Folha, com enredo incrível, viraliza e sai do controle do jornal

José Henrique Mariante

"Parentes da 'mulher da casa abandonada' são investigados por abandono de incapaz"; "Entenda por que a mulher da casa abandonada não pode ser presa"; "A Mulher da Casa Abandonada: como está a saúde de cães resgatados"; "A Mulher da Casa Abandonada: saiba como estão os personagens do caso"; "Por que o FBI não pode prender a 'mulher da casa abandonada?"; "A Mulher da Casa Abandonada: Veja novas fotos do interior da mansão"; "'Acabou a paz': o impacto do podcast da 'casa abandonada' em Higienópolis".

"A Mulher da Casa Abandonada" é um podcast produzido pela **Folha**, de autoria do jornalista Chico Felitti. A explicação só serve para quem estava em Marte nas últimas semanas. A novela "true crime", que conta a incrível e hedionda história de um casal que escraviza uma mulher, explodiu em audiência sem mesmo ter chegado ao fim, e deixou de ser uma reportagem do jornal para habitar títulos de outros muitos sites jornalísticos (uns nem tanto), como os do parágrafo anterior, e de um oceano de postagens em redes sociais. E as preocupações de leitores e moradores do bairro paulistano onde a casa está abandonada. Ou estava.

"A gente imaginava que poderia ser grande, mas não desejeito. É um marco do podcast no Brasil", afirma Magê Flores, editora de Podcasts da **Folha** e coordenadora do projeto escrito por Felitti, um colaborador antigo do jornal, conhecido pela rara capacidade de desvendar personagens absolutamente incomuns no meio da paisagem dura de São Paulo. Gente anônima ou nem tanto, para quem a maioria olha de lado. É dele a reportagem que virou livro sobre o Fofão da Augusta, credencial que jornal e jornalista usam na apresentação do podcast.

Felitti é o observador que narra a história em primeira pessoa. Sua curiosidade em torno de uma casa visualmente abandonada, no bairro em que mora, e da excêntrica proprietária transporta os ouvintes para um enredo que aos poucos vai ganhando contornos cinematográficos. A descrição dos capítulos está publicada na **Folha** desde o início da série. Os inúmeros detalhes, porém, consomem a audiência. Rapidamente, a curiosidade já não é do repórter apenas. Isso explica quase todo mundo sair dos primeiros episódios vasculhando o Google atrás de mais informações. E, obviamente, o sucesso do programa.

A coisa, no entanto, já está em outro patamar. O policialesco Cidade Alerta mantinha link ao vivo na frente da casa na última semana. O departamento de cenografia da TV Record montou uma réplica do interior da residência, a partir de fotos e informações retiradas de um volumoso inventário da família, e o apresentador em certo momento disse ter recebido uma informação exclusiva de sua própria mãe. Um garoto passou a narrar no Instagram a convivência com o vizinho de apartamento, que seria filho da protagonista. A história, claramente, já saiu das mãos de Felitti e da **Folha**, mas e as consequências?

"Tomamos todos os cuidados, mas é uma história que ficou escondida por muito tempo, causa comoção e, infelizmente, esse ímpeto de justiça com as próprias mãos", diz Magê. "E que continua acontecendo agora, na nossa frente."

Um leitor escreveu ao ombudsman para saber se o jornal está consciente dos riscos que a mulher e a casa correm em tempos conturbados como os atuais, tão violentos e polarizados. Uma leitora, moradora de Higienópolis, se queixou da presença ruidosa de curiosos e da mídia, das tentativas de invasão, pichações e escaladas de árvores do entorno, da "quebra da segurança coletiva em homenagem ao direito à informação". Questionada, a Secretaria de Redação diz enfatizar, na abertura de cada episódio, "o caráter técnico e jornalístico da reportagem de notório interesse público e o repúdio a qualquer forma de perseguição". Também por isso o jornal estaria sendo "cuidadoso ao noticiar os impactos da veiculação do documentário no cotidiano do bairro, embora sem ignorar que esses efeitos existem e merecem tratamento jornalístico".

A **Folha**, no entanto, fez uma única reportagem até aqui sobre o fenômeno, quando noticiou também o resgate de animais da casa no último fim de semana. É muito pouco.

"A Mulher da Casa Abandonada" mexe com o inconsciente da cidade, com seu passado aristocrático e racista mal resolvido. Higienópolis, cenário principal da novela, é o lugar que um dia temeu uma estação de metrô e a gente diferenciada que viria pelos trens. Em que o delegado deputado abateu bandido a tiros em plena avenida e foi aplaudido. E, desde o advento do podcast, o bairro da milionária que vive em petição de miséria, dentro de um casarão, assombrada por sua própria existência. Não entender que tudo isso faz parte de um mesmo enredo é recusar a história. O jornal não pode se dar tamanho luxo.

PF antecipa e amplia segurança de Lula após ataques na pré-campanha

Cúpula da campanha petista tem pressionado polícia após episódios como o da bomba caseira no Rio

Marcelo Rocha

BRASÍLIA A Polícia Federal decidiu antecipar e reforçar o aparato de segurança do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), principal adversário do presidente Jair Bolsonaro (PL) nas eleições de outubro.

Episódios como o da última quinta-feira (7), quando uma bomba caseira foi lançada antes da chegada do petista a ato de pré-campanha no Rio de Janeiro, consolidaram a avaliação de que os candidatos estão sujeitos a risco mais elevado nestas eleições do que em anteriores.

Quanto a Lula, a ideia da PF é iniciar a proteção de forma gradativa a partir do dia 21, quando o PT realiza a convenção para oficializar seu nome como candidato. No final de mês, o petista passaria a contar com a estrutura completa.

A decisão representa uma antecipação ao que foi feito em pleitos passados, quando o policiamento em tempo integral ocorria com o início oficial da campanha partidária —neste ano, 16 de agosto.

Policiais federais ouvidos pela **Folha** apontam os evidentes sinais de campanha já em curso, como as motociatas de Bolsonaro, como justificativa para a antecipação.

No caso dos outros candidatos, a ideia também é, por questão de isonomia, antecipar o aparato de segurança para o momento da oficialização dos nomes nas convenções partidárias, que vão de 20 de julho a 5 de agosto. Assim que a homologação é feita na convenção, o candidato precisa enviar a solicitação e a PF começa em seguida a fazer a segurança.

No mínimo 27 policiais estarão envolvidos com a proteção a Lula, número que pode aumentar a depender da análise de risco que será feita pelos agentes federais a cada agenda.

Integrantes da cúpula da campanha petista encarregados de cuidar da segurança têm pressionado a PF a entrar em campo o quanto antes. Cristiano Zanin, advogado do ex-presidente, tem feito contatos com o comando da corporação sobre o assunto.

Frente ao cenário de polarização e tensão política, bem como o histórico de violência em 2018, a PF reforçou a operação de garantia da segurança dos postulantes ao do Planalto.

Aquele pleito foi marcado pela facada em Jair Bolsonaro e ameaças à campanha do petista Fernando Haddad (PT).

O assassinato de Shinzo Abe, premiê que por mais tempo permaneceu no cargo na história do Japão, na sexta (8), foi assunto entre os policiais que vão atuar na campanha no Brasil. Abe foi baleado enquanto discursava num ato de campanha eleitoral na cidade de Nara.

Três delegados foram destacados para fazer a segurança da campanha do ex-presidente: Andrei Augusto Passos Rodrigues, Rivaldo Venâncio e Alexsander Castro Oliveira. Rodrigues será o coordenador da equipe. Oliveira, o chefe operacional, e Venâncio, operacional substituto.

O coordenador da equipe fez a segurança da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em 2010 e era próximo do ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardozo.

O presidente da República conta com o aparato de segurança do GSI (Gabinete de Segurança Institucional), e não da PF, inclusive durante toda a campanha à reeleição. A quantidade de policiais envolvidos é sigilosa.

Uma instrução normativa específica para a segurança dos candidatos foi editada. Ela estabelece diretrizes que devem ser seguidas pelos agentes e com recomendações aos políticos.

Os policiais fizeram uma análise de risco das campanhas, avaliando os aspectos que envolvem cada presidenciável, e definiram o tipo e o tamanho de equipe que será colocada para cada político, num nível de risco de 1 a 5.

Não há definição sobre um número máximo de agentes a ser empregado na segurança dos candidatos. No total, mais de 300 policiais estarão envolvidos em todo o processo.

Na campanha de Lula será usada a matriz de risco de mais alto grau.

Na quinta-feira (7), uma bomba caseira foi lançada antes da chegada de Lula à Cinelândia, centro do Rio, palco do primeiro ato da pré-campanha em espaço público. O artefato foi lançado do lado de fora da área isolada em frente ao palanque.

O suspeito, André Stefano Dimitriu Alves de Brito, 55, teve a prisão em flagrante convertida em preventiva neste sábado (9).

No dia 15 de junho foi registrado um outro episódio. Lula esteve em Uberlândia (MG) para um evento de pré-campanha com a presença do ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PSD).

Quando esperavam a liberação para entrar no local, apoiadores do ex-presidente foram atingidos por um líquido lançado por um drone que sobrevoou a região de evento com o petista em Uberlândia (MG).

O agropecuarista Rodrigo Luiz Parreira, 38, apontado como um dos autores, foi preso dias depois a pedido do MPF (Ministério Público Federal).

Após esses episódios, o comando da campanha petista reforçou o esquema de segurança para ato deste sábado, em Diadema (SP). Cem agentes de segurança foram contratados exclusivamente para revista do público com uso de detectores de metal portáteis.

Na condição de ex-mandatário, o petista conta atualmente com segurança pessoal sob a responsabilidade do GSI (Gabinete de Segurança Institucional) da Presidência da República. Os seguranças foram indicados pelo ex-presidente e receberam treinamento do GSI.

Entre os militantes há também gente treinada para ajudar na proteção ao petista.

Esquema de segurança montado na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, para evento com Lula Eduardo Anizelli - 7.jul.22/Folhapress

política

Bolsonaro e Lula servem de cabos eleitorais involuntários um do outro

Apoiadores usam falas dos adversários para fazer provocações e propaganda com sinal trocado

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) têm assumido papel involuntário de cabo eleitoral um do outro por causa de falas suas que são exploradas por apoiadores do respectivo rival.

A estratégia de usar declarações do oponente já foi usada por bolsonaristas em benefício do atual mandatário e se repetiu nos últimos dias com simpatizantes do ex-presidente, que pegaram carona na afirmação de que Lula, se eleito, substituirá clubes de tiro por bibliotecas.

A frase foi reproduzida em uma rede social pelo deputado federal Paulo Guedes (PT-MG) —que no perfil se intitula "Paulo Guedes do Bem", para demarcar diferença com o homônimo ministro da Economia. "Nem começou a campanha e o maior cabo eleitoral do Lula já tá trabalhando a todo vapor!", ironizou.

Com 28% de intenções de voto, segundo o Datafolha, atrás do líder Lula (47%), Bolsonaro tem feito as referências ao adversário em tom de alerta, geralmente se dirigindo a seu eleitorado mais fiel.

Quando repercutem frases suas como a de que "tem Lula [como opção] em 2022" para quem não está contente com ele ou a de que o inimigo irá desfazer as realizações do atual governo se voltar ao poder, o campo antagônico tira sarro e enxerga propaganda em favor do ex-presidente.

Mas o inverso também ocorre, na carona de escorregões do petista. O discurso em defesa do direito ao aborto (depois reparado) e outros gestos deram munição à ofensiva bolsonarista —desenvolvida menos em viés de deboche, e mais como ferramenta da batalha ideológica.

Uma das gafes de Lula aconteceu ao relembrar sua atuação em prol da extradição dos sequestradores do empresário Abilio Diniz, ocorrida há mais de 23 anos. O próprio Bolsonaro e seus aliados aproveitaram para associar o concorrente à defesa de bandidos e à "romantização do crime".

BOLSONARO

Não se esqueçam que o outro cara, o de nove dedos [referência ao ex-presidente Lula], falou que vai acabar com a questão de armamento no Brasil, tá? Vai recolher as armas, clube de tiro vai virar... vai virar biblioteca. Como se ele fosse algum exemplo para isso

durante sua live semanal, em 30.jun.22

[Eu] não tinha nada para estar aqui [na Presidência da República]. Nem levo jeito. Nasci pra ser militar

em evento com empresários em São Paulo, em 14.jun.22

As bandeiras do Lula é desfazer [sic] o que nós fizemos até hoje

em entrevista à rádio Jovem Pan, em 21.mar.22

Olha, quem não está contente comigo, tem Lula em 22 aí

em conversa com apoiadores, em 25.mai.21

O ex-presidente também virou alvo neste sábado (9) após agradecer, durante ato em Diadema, ao ex-vereador Manoel Marinho, conhecido como Maninho do PT, que é réu junto com o filho sob a acusação de tentativa de homicídio qualificado contra o empresário Carlos Alberto Bettoni, empurrado na rua em 2018.

"Esse companheiro Maninho, por me defender, ele ficou preso sete meses [...], porque resolveu não permitir que um cara ficasse me xingando na porta do instituto [Lula]", disse. Bolsonaristas criticaram a defesa feita por ele e lembraram nas redes que a agressão provocou traumatismo craniano na vítima.

Entusiastas do presidente lançam apelos para que o rival fale mais, na esperança de que as mensagens polêmicas prejudiquem seu desempenho.

O ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP), reuniu em um vídeo uma série de deslizes do petista e postou: "A nós só resta agradecê-lo por tornar mais fácil a nossa missão de lembrar o povo brasileiro do verdadeiro PT".

"Apoio ao aborto, MST protagonista [a referência, na verdade, foi ao MTST], zombar de Deus, ataques à classe média. Cada vez mais Lula abre distância no posto de cabo eleitoral número 1 do presidente Bolsonaro", escreveu o ministro.

Com o debate hoje polarizado entre os dois, as provocações dessa natureza tendem a ficar cada vez mais frequentes, mas o efeito prático é limitado, na opinião do especialista em marketing político Marcelo Vitorino.

"Não acho que isso isoladamente vá converter voto para um ou outro", diz. "São estímulos que tocam mais as bases de convertidos a ambos do que um eleitorado com maior amplitude."

Para o professor, esse tipo de discurso acaba se restringindo às militâncias, sem muita força para atrair eleitores medianos. Segundo o Datafolha, 70% dos eleitores afirmam já estarem totalmente decididos sobre o voto neste ano. O percentual é ainda maior entre apoiadores de Lula e Bolsonaro (80%).

Vitorino diz que falas desastradas do petista podem prejudicá-lo nos pilares de sua campanha, com aspectos como convivência entre divergentes e agregação. "O maior inimigo de Lula hoje é ele mesmo, com muitos exemplos que, do ponto de vista de comunicação, não fazem sentido", segue o especialista.

Declarações problemáticas nos últimos meses obrigaram o ex-presidente a recuar. Sobre o aborto ele foi a público dizer que era contra, depois de ter defendido a prática como direito universal.

O mesmo ocorreu após afirmar que Bolsonaro "não gosta de gente, ele gosta de policial" —alegou ter confundido as palavras polícia e milícia. Já era tarde: o conteúdo tinha se espalhado pelas redes e melindrado um pilar da base bolsonarista, os agentes de segurança pública.

A campanha digital de Lula não tem embarcado nas brincadeiras sobre os supostos presentes que o adversário lhe dá. O entorno do ex-presidente também evita comentar as frases ruidosas, argumentando que na era das redes sociais tudo viraliza rápido e muitas vezes sem contexto.

Um auxiliar próximo avalia, sob reserva, que Lula e outros políticos estão se acostumando à repercussão ampliada de falas coloquiais e espontâneas, mas o aprendizado é lento.

O comitê do petista diz que evitará perder tempo com cascas de banana da militância bolsonarista. A ordem é manter o foco na economia e nas condições de vida de grande parte da população, em vez de capitular a discussões sobre bandeiras extremistas.

No caso de Bolsonaro, olheiros da campanha ficam de prontidão para reverberar qualquer momento que "evidencie para o eleitor o que Lula realmente é", nas palavras de um estrategista da comunicação presidencial.

LULA

Fui ao Fernando Henrique Cardoso: 'Fernando, você tem a chance de passar para a história como um democrata ou como um presidente que permitiu que dez jovens que cometeram um erro morram na cadeia'

em ato em 17.jun.22, quando se referiu aos sequestradores de Abilio Diniz como 'meninos'

Ele [Bolsonaro] não tem sentimento. Ele não gosta de gente, ele gosta de policial

durante evento do PT, em 30.abr.22; depois se corrigiu e disse que quis falar milícia em vez de polícia

[Aborto] na verdade deveria ser transformado numa questão de saúde pública e todo mundo ter direito e não ter vergonha

durante atividade do PT, em 6.abr.22, com recuo posterior

E vocês [do MTST] não serão apenas coadjuvantes [em um eventual governo], vocês serão sujeitos da história

em vídeo ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, em 9.mar.22

O objetivo, segundo o assessor, é jogar luz sobre casos de corrupção, mentiras e promessas não cumpridas, ressaltando falhas da era petista sobretudo na economia.

As falas de Bolsonaro que acabam servindo de propaganda com sinal trocado são atribuídas pelos correligionários à espontaneidade do chefe do Executivo.

De qualquer forma, a apropriação das falas reforça narrativas de ambos os postulantes.

O petista se coloca como um contraponto à administração da hora no Planalto, com propostas como a de investir em educação em vez de executar medidas pró-armamento. Ele também usa o mote da reconstrução nacional para atacar o que classifica como "governo de destruição".

Lula afirma que a atual gestão federal desmontou políticas públicas e programas sociais aperfeiçoados ao longo de governos do PSDB e do PT, além de estimular agressões ambientais, falhar no combate à Covid-19 e corroer gravemente instituições da democracia brasileira.

Já Bolsonaro se vale dos descuidos verbais do oponente para retratá-lo como um radical de esquerda, que colocaria em risco o direito de propriedade, a liberdade individual e valores morais e cristãos como a defesa da família e da vida.

Ainda que o presidente recorra também a distorções e inverdades para atingir o líder das pesquisas, é fato que Lula mexeu em vespeiros ao tratar, por exemplo, do aborto, tema controverso para a média da população.

Pesquisa Datafolha em maio mostrou que 39% dos brasileiros acham que a lei sobre o assunto deve continuar como está, com permissão só em casos de estupro, risco para a mãe e anencefalia do feto, e que 32% defendem a proibição em qualquer circunstância —parcela que era de 41% em 2018.

Após pressão inclusive de aliados, o petista se retratou: "Sou contra o aborto. Tenho 5 filhos, 8 netos e uma bisneta. O que disse é que é preciso transformar essa questão do aborto em questão de saúde pública. [...] Por mais que a lei proíba e a religião não goste, ele existe".

Petista sugere a eleitor pegar auxílio e 'dar uma banana' a rival

Victoria Azevedo

DIADEMA O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criticou o pacote de auxílios articulado por Jair Bolsonaro (PL) em ato na Grande São Paulo, neste sábado (9), e sugeriu a eleitores que não atrelem seu voto aos benefícios da PEC (proposta de emenda à Constituição) manobrada por seu rival nas eleições deste ano.

Lula lembrou que no início da pandemia a oposição defendeu o valor de R$ 600 para o auxílio emergencial, enquanto o governo queria R$ 200.

O ex-presidente destacou que o valor de R$ 600 e os benefícios previstos para taxistas e motoristas de caminhão liberados pelo texto, que já passou no Senado e ainda precisa ser votado na Câmara, só valerão até dezembro.

"Olha, por que esse fascista [Bolsonaro] pensa que o povo vai ser tratado como se fosse ignorante ou gado, que ele acha que vai comprar dando um programa para seis meses? O conselho que eu quero dar para vocês é o seguinte: se o dinheiro cair na conta de vocês, peguem, e compra o que comer. E, na hora de votar, dê uma banana neles e votem para a gente mudar a história desse país", disse Lula.

E seguiu: "É assim que a gente tem que fazer: não recuse o dinheiro não. Se cair, pegue [...], compre o que você quiser. Mas, na hora do voto, é preciso votar em quem vai cuidar desse país definitivamente".

O ato em Diadema teve a participação do ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), que deverá ser o vice na chapa, do ex-prefeito Fernando Haddad (PT), pré-candidato ao Governo de São Paulo, e do ex-governador Márcio França (PSB), que anunciou sua desistência de concorrer a governador e seu apoio a Haddad.

Lula cumprimentou França dizendo que ele será "nosso futuro senador". O pessebista, no entanto, não citou essa possibilidade em sua fala, embora a vaga na chapa tenha sido negociada como parte do acordo que o retirou da disputa ao Palácio dos Bandeirantes.

França afirmou que irá cumprir "o combinado" com o PT e pedirá votos para o ex-prefeito da capital e para o ex-presidente. Ele disse que acertou com Haddad que quem tivesse as "melhores condições para governar São Paulo teria que seguir o caminho".

O pré-candidato a governador Fernando Haddad (PT), o presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com seu vice, Geraldo Alckmin (PSB), e o ex-governador Márcio França (PSB) no ato deste sábado em Diadema Marlene Bergamo/Folhapress

Em seu discurso, Lula reiterou que acabará com o teto de gastos caso eleito e fez críticas a empresários, afirmando que eles só se preocupam com garantia fiscal. "Não tem um que abre a boca para falar de garantia social."

"A minha causa é provar para a elite brasileira que a gente vai recuperar esse país. Vamos acabar com o tal teto de gastos. O que queremos é fartura de emprego, comida e respeito neste país", disse o petista.

Ao final, ele fez uma defesa enfática da bandeira brasileira e afirmou que ela é de todos os brasileiros. "Ela não é de fascista, é de quem trabalha, é das mulheres, dos negros, da sociedade brasileira. Por isso temos que ter orgulho de usar nossa bandeira."

No palco, o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), ligado à coordenação da campanha, comentou os recentes ataques a atos do petista, como uma bomba caseira lançada contra apoiadores em evento no Rio de Janeiro na quinta-feira (7).

"Não venham jogar bombinhas. Bombinhas não intimidarão a coragem do povo brasileiro para colocar o vagabundo do presidente Bolsonaro de onde ele não deveria ter saído. Não tentem nos intimidar", disse Randolfe.

Pedro Ladeira - 31.mai.22/Folhapress

Sergio Moro, 49
Hoje filiado à União Brasil, atuou como juiz em primeira instância na Operação Lava Jato. Abriu mão da magistratura para ser ministro da Justiça e Segurança Pública no governo de Jair Bolsonaro. Deixou a pasta após 16 meses. Tentou se viabilizar como pré-candidato à Presidência da República na eleição de 2022

Sergio Moro

Objetivo é me tornar um líder da oposição no caso de uma vitória de Lula

Ex-juiz afirma que posição competitiva em disputa pelo mandato de senador pelo Paraná gera 'natural tentação' por esse cargo

> “ As perspectivas são boas para qualquer posição. A direção do União Brasil me deixou à vontade para fazer essa escolha. Recentemente saiu uma pesquisa para o Senado me colocando na liderança. Então é uma tentação eventualmente ir para o Senado

ENTREVISTA

Thiago Resende

BRASÍLIA O ex-juiz, ex-ministro e ex-presidenciável Sergio Moro (União Brasil) afirmou haver uma "tentação" para concorrer ao Senado pelo Paraná e que, se eleito, tem o plano de se tornar líder da oposição em eventual governo do ex-presidente Lula.

"Espero que isso não aconteça, mas, no caso de uma vitória do ex-presidente Lula, é natural que eu me coloque na oposição para liderar uma resistência necessária a políticas públicas indesejáveis em relação ao país e também ser uma voz no Congresso em favor da integridade e do combate à corrupção", afirmou em entrevista à **Folha**.

Após as tentativas fracassadas de se viabilizar como pré-candidato ao Palácio do Planalto e de transferência de domicílio eleitoral para São Paulo, Moro deve anunciar nesta semana a decisão de qual cargo irá disputar.

Apesar de dizer que as possibilidades ainda estão em análise, aliados do ex-juiz dizem que ele deve mirar o Senado.

Moro não se diz frustrado por ter que mudar de rota ao longo do ano. "A política tem uma dinâmica. Então, o que a gente tem que fazer é se adaptar às mudanças de cenários."

Ex-ministro de Jair Bolsonaro (PL), ele afirmou que não se pode "ser ingênuo e achar que a corrupção acabou no governo federal ou nos estaduais e municipais".

*

Para qual cargo o sr. deve concorrer nas eleições de 2022? As perspectivas são boas para qualquer posição. A direção do União Brasil me deixou à vontade para fazer essa escolha. Recentemente saiu uma pesquisa para o Senado me colocando na liderança. Então é uma tentação eventualmente ir para o Senado.

Outro nome citado na corrida pelo Senado no Paraná é o do senador Alvaro Dias (Podemos-PR), que foi seu padrinho político. Vocês dividem votos? Há um atrito? É só uma situação que tem que ser definida posteriormente porque nem está certo que eu vou ser candidato ao Senado nem está certo que o Alvaro Dias vai ser candidato à reeleição. Se essa situação se apresentar no futuro, aí sim que a gente vai se preocupar com isso.

Se eventualmente eu for para o Senado, o objetivo é me tornar um líder da oposição. Espero que isso não aconteça, mas, no caso de uma vitória do ex-presidente Lula, é natural que eu me coloque na oposição para liderar uma resistência necessária a políticas públicas indesejáveis em relação ao país e também ser uma voz no Congresso em favor da integridade e do combate à corrupção.

Num segundo turno entre Lula e Bolsonaro, como indicam as pesquisas, o sr. então apoiaria o Bolsonaro? A única hipótese que eu considero no momento é apoio ao Luciano Bivar como pré-candidato à Presidência da República pela União Brasil. Eu espero que nem Lula nem Bolsonaro cheguem ao segundo turno.

Houve uma promessa do Bivar para que o sr. fosse o candidato à Presidência? O sr. se sentiu enganado? Sempre fui tratado com muita lealdade por Bivar, mas nunca me foi dada a garantia. Não tendo sido possível isso, a gente vai contribuir evidentemente para a candidatura presidencial da União Brasil e encontrar um outro caminho.

A que o sr. atribui essa mudança de planos? A política tem uma dinâmica. Então, o que a gente tem que fazer é se adaptar às mudanças de cenários e, onde vê revés, na verdade é uma oportunidade. No Podemos, a percepção foi que precisaríamos ter uma estrutura partidária maior para ter condições de igualdade contra esses dois extremos. Na transferência para a União Brasil, não houve consenso dentro do partido para apoiar meu nome para a Presidência da República. Então isso é uma coisa natural dentro do partido.

O sr. também tentou se candidatar por São Paulo, mas foi barrado pelo TRE (Tribunal Regional Eleitoral). Agora busca uma vaga na disputa no Paraná. Pode ficar a mensagem de que o Paraná foi a última opção? Como contornar isso? Foi um pedido do partido e acabei pedindo a transferência do meu domicílio eleitoral para São Paulo. Nós estávamos bem amparados juridicamente. Eu particularmente discordo da decisão [do TRE], mas também sou uma pessoa institucional e fiz uma avaliação de que para mim seria ótimo não sair do Paraná. Eu fiquei muito feliz com a decisão e com a oportunidade de concorrer aqui no Paraná, que é onde eu nasci, fiz o trabalho da minha vida mais importante, que foi a Operação Lava Jato.

O sr. não tem pressa de anunciar a pré-candidatura, já que a eleição ocorrerá em menos de três meses? Eu não creio que haja pressa, porque as convenções são para o final do mês. Em vários estados, a definição de pré-candidatos só vai acontecer mais próximo das convenções. Então, não tenho pressa. Sou uma pessoa conhecida aqui no Paraná, no Brasil inteiro na verdade.

Há resistência dentro da União Brasil à sua candidatura por parte da ala bolsonarista? Zero resistência. Nós temos garantias da legenda tanto da direção nacional como da estadual.

O sr. prepara um plano de governo. Isso é comum na corrida para cargos do Executivo, como de governador. Qual o objetivo? Deixar o caminho aberto para concorrer ao governo do estado? Ainda que eu vá ao Congresso, um parlamentar tem um poder político, tem uma influência que se faz a nível nacional, mas também faz a nível local. Isso é mais importante no momento, mais do que definir o cargo.

Todas as possibilidades estão em aberto. Havendo pesquisas apontando a liderança para cargo no Senado, como já tivemos, isso dá um sentimento de agradecimento pela generosidade do povo paranaense em apontar essa preferência. Claro que isso gera natural tentação para uma disputa nessa linha.

Quais as propostas? Elas são das áreas de combate à corrupção, segurança pública, geração de emprego e renda, educação, saúde e uma parte relacionada à liberdade e à dignidade das pessoas e das famílias.

Uma das propostas é o fim do foro privilegiado, que é algo que tem que ser discutido no Congresso. Mas, por outro lado, a gente também defende a criação de delegacias especializadas estruturadas para combater a corrupção nos estados também no âmbito da Polícia Federal, com autonomia e com uma proteção aos investigadores. Isso pode ser implementado nacionalmente ou no estado.

Propomos também forças-tarefas especiais para desmantelar quadrilhas do crime organizado, o que ainda é um problema no Brasil.

O sr. já foi ministro da Justiça e Segurança Pública. Algumas dessas propostas podem ser políticas nacionais. Elas não poderiam ter sido executadas quando o sr. comandou a pasta? Quando fui ministro, a gente avançou muito no combate ao crime organizado e também no combate à criminalidade violenta.

Acho que não teve também Ministério da Justiça que atuou mais efetivamente contra o crime organizado do que aquele durante a minha gestão, mas esse é sempre um trabalho permanente e que precisa sempre de novas propostas.

E algumas das propostas são também de quando eu fui ministro, como a volta da execução [da pena após julgamento] de segunda instância. Na época, houve muita resistência no Congresso. Agora, indo para o mundo da política, vamos retomar essas bandeiras.

A Operação Lava Jato vem sendo questionada e sofreu uma série de derrotas. Qual a parcela de culpa que o sr. considera ter? Parcela de culpa nenhuma. Os responsáveis por esses reveses foram aqueles que resistiram ao enfrentamento da corrupção. Não é derrota da Lava Jato. Quem é culpado por ter colocado em liberdade gente condenada? São as pessoas que colocaram elas em liberdade, e não quem proferiu a condenação. Os reveses devem estar atribuídos àqueles que impuseram esses reveses, e não a quem fez o trabalho.

Houve erros ou excessos da Lava Jato? Não. A Lava Jato aplicou a lei, e foi punido somente quem pagou suborno ou recebeu suborno. Infelizmente o Brasil é um país acostumado com a impunidade da grande corrupção, e houve um movimento forte para a volta dessa impunidade.

O sr. acredita que há corrupção no governo Bolsonaro? Não tem como você eliminar de todo a corrupção. O principal é a questão da impunidade. A gente não pode ser ingênuo e achar que a corrupção acabou no governo federal ou nos governos estaduais ou nos governos municipais, de todas as entidades públicas em geral. O preço da integridade acaba sendo a eterna vigilância, evidentemente, dentro da lei.

A grande questão é que a gente precisa retomar o combate à corrupção com força, como foi durante a época da Lava Jato. Hoje a gente vê poucas pessoas sendo investigadas, principalmente punidas, por prática de corrupção.

> Não tem como você eliminar de todo a corrupção. O principal é a questão da impunidade. Então a gente não pode ser ingênuo e achar que a corrupção acabou no governo federal ou nos governos estaduais ou municipais, de todas as entidades públicas em geral

> Os responsáveis por esses reveses [da Lava Jato] foram aqueles que resistiram ao enfrentamento da corrupção. Não é derrota da Lava Jato. Os reveses devem estar atribuídos àqueles que impuseram esses reveses, e não a quem fez o trabalho

Ouvir a última chamada

Retrocessos são novas realidades e requerem mais do que voto bem pensado

Janio de Freitas
Jornalista

A sequência de fatos com relevante implicação política, embora ainda não concluída, proporciona uma visão bastante nítida do que já são resultados profundos e não transitórios dos anos bolsonaristas. Primeiro, nas práticas institucionais em relação a seus respectivos roteiros legais, à sua devida moralidade e às perspectivas do país. Como consequência, nos reflexos sobre aspectos básicos da vida nacional.

O projeto de lei da Presidência que instala um estado de emergência inexistente na Constituição, e derruba as restrições a gastos eleitoreiros nos 90 dias pré-eleições, foi aprovado pelos senadores por uma aberração: 72 a 1 e 67 a 1 nos dois turnos (1 foi José Serra). Vive agora trapaças na Câmara para a votação final. A aprovação favorável ao candidato Jair Bolsonaro já custou mais de R$ 6 bilhões (até a quinta-feira, 7) em dinheiro do Tesouro Nacional distribuído a parlamentares, a título de emendas orçamentárias.

As sessões da Câmara exigidas entre a primeira e a segunda votações completaram-se assim: "Está aberta a sessão. (Oposicionistas pedem a palavra em vão). Está encerrada a sessão". Menos de um minuto. Era sessão marcada desavergonhadamente para abertura às 6h30 da manhã.

A duração não foi novidade na Câmara. Mas a verdade é que não houve sessão, que é um tempo para debates e votações. O que foi feito não pode ser visto, entendido, interpretado ou aceito como sessão da Câmara de Deputados. Foi artifício fraudulento, trapaça, burla. E seu objetivo não é um projeto secundário, mas uma decisão do mais alto grau deliberativo do Congresso — derrubar um texto da Constituição e introduzir outro (para uso eleitoreiro de mais de R$ 41 bilhões por Jair Bolsonaro). É formalizar a extinção da equidade de eleições honestas.

Presidente do Senado, Rodrigo Pacheco pratica a antipresidência. O Supremo precisou impor-lhe a instalação da CPI da Covid, de tão bons serviços. Mineiro sem mineiridade, só com mineirice da pior, montou agora uma "decisão de ampla maioria dos líderes" para adiar ao futuro incerto a CPI da corrupção de pastores mafiosos no Ministério da Educação do seu colega Milton Ribeiro e do Bolsonaro facilitador de uns e do outro.

A justificativa de Pacheco, evitar "influência da campanha eleitoral na CPI", mente sobre a inversa finalidade de evitar a influência da CPI na campanha eleitoral, com as revelações da ladroagem por meio da Bíblia. Nem sequer dá algum disfarce ao retorno à Câmara e ao Senado das sujeiras para derrotar a oposição na ditadura.

O orçamento secreto, por si só, retrata a monstruosidade em que se transforma a relação das instituições com a legislação, as decisões de poder e com o próprio regime. Dezenas de bilhões saem dos cofres públicos e o país não pode saber a quem, entre os parlamentares, e a que se destinam. A população é compelida a dar o dinheiro e nem pode saber a quem o dá.

Neste cúmulo de prepotência associada a usurpação de direitos, a reprodução da ditadura se encontra com a barbaridade legislatória do general Médici e seu AI-5: o Decreto Secreto, a que todos deviam sujeitar-se sem saber a quê. E ainda como e para quê. Bem mais tarde, uns poucos físicos concluíram que seria a cessão de áreas do território a Israel, no Maranhão e no Centro-Oeste, para construção e testes de armas nucleares dos israelenses. Violação direta do Brasil a tratados e comprometimento da soberania territorial.

As Forças Armadas, por sua vez, optaram por Bolsonaro à Constituição. Não como instituição, mas pelos que com ela se fazem confundir no atual período. Numerosos militares da ativa estiveram na recente reunião para mobilizar os integrantes do governo pela candidatura de Bolsonaro. Não era lugar nem é missão de militares profissionais. Está muito claro que na polêmica das urnas os militares servem a Bolsonaro e contrariam as evidências e a racionalidade. É ação política, não é colaboração técnica, pela qual não se interessaram nem ao tempo das fraudes.

Com atos e palavras contraditórios, os militares não dão oportunidade a que se confie em sua lealdade constitucional. É o bastante para comprovar a consolidação de uma estrutura institucional e política inexistente do fim da ditadura às intervenções do general Eduardo Villas Bôas, então comandante do Exército, na eleição presidencial de 2018, em ostensivo favorecimento a Bolsonaro. Cujo governo o general integrou até o mês passado, afastando-se por doença agravada.

Esses e outros retrocessos nas práticas institucionais já são novas realidades, que requerem mais do que o voto bem pensado. A retomada do país no ponto em que se perdeu precisaria da amplitude e da força que teve nas Diretas Já e na Constituinte. Se ainda é capaz disso, não se sabe. Mas que a situação é de última chamada, pode-se saber.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

> O Rodrigo está jogando na mesma moeda que o Bolsonaro nacionalmente. Entrou no jogo e quer ir para o segundo turno enfrentar o Haddad
>
> **Marco Antonio Teixeira**
> cientista político da FGV

O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB)
Bruno Santos - 31.mar.22/Folhapress

Rodrigo Garcia abre cofre e enfileira ações de impacto eleitoral

Isenções de ICMS, congelamento do pedágio e vale-gás impactam arrecadação do estado de SP em R$ 5,7 bilhões

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO Governador de São Paulo e candidato à reeleição, Rodrigo Garcia (PSDB) dá a partida em um Fusca, modelo antigo, mas bem conservado, e diz que aproveitou o "sabadão" para conferir se a redução da alíquota do ICMS alterou o preço da gasolina.

"Se os postos não reduzirem no mínimo R$ 0,48 [por litro], tem alguma coisa errada", afirmou Rodrigo, em um vídeo publicado nas suas redes sociais na última terça-feira (5).

Em desvantagem nas pesquisas, o tucano recorre a anúncios de medidas populistas para impulsionar sua campanha à reeleição.

Entre o final de maio e o início de julho, o governador reajustou o benefício do vale-gás, reduziu a alíquota do ICMS sobre a gasolina e o gás de cozinha e congelou o aumento de preços do pedágio nas rodovias estaduais paulistas — até então previsto para entrar em vigor no dia 1º de julho.

O estado deixará de arrecadar R$ 4,4 bilhões apenas com a redução de 25% para 18% da alíquota do ICMS sobre o preço da gasolina. Somando todas essas medidas, o impacto é de R$ 5,7 bilhões para os cofres públicos.

Em nota à reportagem, o Governo de São Paulo diz que o impacto bilionário será contornado com verbas do superávit de R$ 41,9 bilhões.

"O valor é quase três vezes maior que a meta prevista na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) para 2021 e que também permite reequilíbrio das finanças paulistas para 2023", diz a assessoria de imprensa.

São Paulo foi o primeiro estado a reduzir o imposto, no dia 27 de junho, quatro dias após o presidente Jair Bolsonaro (PL) sancionar lei que limita o ICMS para combustíveis, gás natural, energia elétrica, comunicações e transporte coletivo.

Cada uma dessas medidas foi anunciada com um vídeo postado nas redes sociais do governador. Nas peças, ele interage com populares e usa uma linguagem informal.

O movimento de Rodrigo — que assumiu o cargo de governador após a renúncia de João Doria (PSDB), que pretendia disputar a eleição à Presidência da República, mas acabou desistindo — é semelhante ao de Bolsonaro, que busca a reeleição e lida com desempenho abaixo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas pesquisas eleitorais.

A disputa pelo Palácio dos Bandeirantes se afunilou com a desistência do ex-governador Márcio França (PSB). Dados da última pesquisa do Datafolha, no final de junho, apontam que Fernando Haddad (PT) lidera com 34%, enquanto Tarcísio de Freitas (Republicanos), candidato de Bolsonaro, e Rodrigo estão empatados com 13% cada um.

Para o cientista político Marco Antonio Carvalho Teixeira, da FGV (Fundação Getulio Vargas), tais anúncios têm como parâmetro o calendário eleitoral e a necessidade de Rodrigo em ampliar a sua popularidade.

"Enquanto Rodrigo era vice, o governador João Doria chamava para si todos os holofotes. Agora, o Rodrigo está no encalço do Tarcísio, que depende de benefícios anunciados pelo governo federal", analisa Teixeira, professor de gestão e políticas públicas da FGV-Eaesp.

"A impressão é que a briga é pela segunda vaga. O Rodrigo está jogando na mesma moeda que o Bolsonaro nacionalmente. Entrou no jogo e quer ir para o segundo turno enfrentar o Haddad", completa Teixeira.

Em outra frente, Rodrigo fez acordo com o prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes (MDB), para adiar a discussão sobre o aumento na tarifa do transporte público, apesar da escalada nos preços do diesel e da manutenção da frota.

No modelo de integração entre ônibus, metrô e trem é quase impraticável alterar a tarifa de apenas um modal.

A prefeitura é quem administra a operação dos ônibus, enquanto o governo gerencia as linhas férreas. O último reajuste das tarifas de ônibus, metrô e trem ocorreu em janeiro de 2020 — quando foi de R$ 4,30 para R$ 4,40.

Antes da crise do coronavírus e da perda de usuários nos períodos de isolamento social, o transporte público já vivia uma crise de financiamento.

Segundo o SPUrbanus, sindicato das empresas que operam o serviço de ônibus em São Paulo, são necessários R$ 10 bilhões para cobrir todos os gastos. Ao mesmo tempo, a arrecadação com a venda de passagens é de quase R$ 5 bilhões.

Nunes afirmou que, em abril, reajustaria a tarifa. Porém mudou o discurso em junho, após a greve de motoristas e cobradores que parou 675 linhas de ônibus.

"Conversei com o governador Rodrigo Garcia. Ele não vai aumentar o trem e o metrô, e a Prefeitura de São Paulo não fará aumento da tarifa neste ano", disse o prefeito, no último dia 30.

Para aliviar o caixa das empresas, Nunes prometeu subsídio acima de R$ 4 bilhões. No ano passado, o repasse foi de R$ 3,2 bilhões.

Já o Governo de São Paulo afirma que, para sustentar a operação dos transportes metropolitanos durante a pandemia da Covid-19, injetou R$ 1,6 bilhão em 2020 e mais de R$ 700 milhões em 2021.

+ Pacote de medidas bilionárias

REAJUSTE DO VALE-GÁS, EM 31 DE MAIO
- Aumento de R$ 10 nas parcelas bimestrais do vale-gás (R$ 110)
- **Impacto** R$ 21 milhões

ICMS DOS COMBUSTÍVEIS, EM 27 DE JUNHO
- Alíquota do imposto foi de 25% para 18%, e a expectativa do governo é que o preço do litro da gasolina tenha uma queda de R$ 0,48
- **Impacto** R$ 4,4 bilhões

CONGELAMENTO DOS PEDÁGIOS, EM 30 DE JUNHO
- O governo anunciou que não haverá reajuste do pedágio, previsto para 1º de julho. O reajuste seria de 10,7% (IGP-M) a 11,7% (IPCA), dependendo do indexador do contrato de concessão
- **Impacto** R$ 500 milhões

ICMS DOS GÁS DE COZINHA, EM 2 DE JULHO
- Com a alíquota de 18%, o preço médio do botijão de 13 quilos caiu R$ 3,38
- **Impacto** R$ 853 milhões

Juliana Freire

Começou a temporada da magia negra

Adiar eleição e prorrogar mandatos é o sonho dos sem-voto

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Está em circulação mais um expediente de magia para tumultuar a eleição. Ainda no nascedouro, nada indica que prospere, mas convém registrar sua existência. Afinal, as conversas chegaram a pessoas que já viram muita coisa e elas não gostaram do que ouviram.

O lance de magia negra circula há mais de um mês, com duas versões. A primeira é recente. A segunda é mais velha.

A versão recente tem três fases. Nela, milícias digitais e mobilizações semelhantes às do ano passado criariam um clima de instabilidade a partir da Semana da Pátria.

Armado o fuzuê, vozes pretensamente pacificadoras defenderiam o adiamento das eleições, com a votação de uma emenda constitucional. Junto com essa emenda seriam prorrogados todos os mandatos, de congressistas, governadores e, é claro, do presidente da República.

A segunda versão, mais velha, tem o mesmo desfecho, mas começa no dia da eleição, com ou sem tumultos populares. Nela, o coração da manobra está em provocar um apagão no fornecimento de energia por algumas horas em duas ou três grandes cidades, atingindo-se um significativo número de eleitores.

Melada a eleição, aparece a mesma turma pacificadora, marcando uma nova data. Calcula-se que isso só seria possível depois de pelo menos dois meses. Tendo ocorrido uma catástrofe dessas proporções, a totalização eletrônica estaria ferida. Nesse caso, o hiato seria maior. Assim, chega-se ao mesmo desfecho da versão anterior: prorrogam-se os mandatos.

Por todos os motivos, essas piruetas não teriam a menor chance de avançar. Contudo, os antecedentes dos principais personagens da manobra recomendam cautela e prevenção.

Bolsonaro cultiva o Apocalipse. Em 2019, quando o Chile foi sacudido por desordens, ele profetizou: "O que aconteceu no Chile vai ser fichinha perto do que pode acontecer no Brasil. Todos nós pagaremos um preço que levará anos para ser pago, se é que o Brasil não possa ainda sair da normalidade democrática que vocês tanto defendem".

Em março de 2020, durante os meses dramáticos da pandemia, ele foi claro: "O caos está aí na nossa cara". Não estava. A coisa mais parecida com o caos ocorrida durante a pandemia foi a administração do Ministério da Saúde, com seus quatro titulares.

Um ano depois, Bolsonaro dizia que o Brasil se tornou "um barril de pólvora": "Estamos na iminência de ter um problema sério".

Veio o Sete de Setembro, caravanas de ônibus foram a Brasília e caminhoneiros furaram o bloqueio da Esplanada, anunciando que invadiriam o Supremo Tribunal Federal. Aconteceram manifestações ordeiras em diversas cidades.

Bolsonaro escalou: "A partir de hoje, uma nova história começa a ser escrita aqui no Brasil". Em São Paulo, insultou ministros do Supremo.

Uma intervenção do ex-presidente Michel Temer jogou água na fervura. De lá para cá o "barril de pólvora" ficou em paz, o caos não veio e não aconteceu um só "problema sério" além da suspeição lançada sobre as urnas eletrônicas pelo presidente e pelos generais palacianos.

Na quinta-feira, Bolsonaro informou que se reunirá com os embaixadores estrangeiros para expor seus argumentos contra as urnas que o elegeram. Isso nunca aconteceu nos 200 anos de Brasil independente. Bolsonaro deu seu recado críptico: "Você sabe o que está em jogo, sabe como deve se preparar".

Como ensinava o sábio Marco Maciel, no dia Sete de Setembro e nos seguintes pode acontecer muita coisa, "inclusive nada".

O sonho de um caos deliberadamente fabricado circula agora com o enfeite do adiamento das eleições e com o presente da prorrogação dos mandatos. Um Congresso que corre o risco de grande renovação pode gostar dessa ideia. Estima-se que metade dos deputados não voltem a Brasília. Afinal, Bolsonaro dispõe da benevolência do doutor Arthur Lira.

Em seus períodos democráticos, o Brasil nunca teve prorrogação de mandato presidencial. Na última ditadura, Castello Branco teve seu mandato prorrogado por um ano e rebarbou uma segunda prorrogação. Emílio Médici, o mais popular dos generais, matou no nascedouro uma manobra prorrogacionista.

Fachin avisou

Numa palestra em Washington o ministro Edson Fachin, presidente do Tribunal Superior Eleitoral, disse o seguinte: "O que tem sido dito no Brasil... é que nós poderemos ter um episódio ainda mais agravado do 6 de janeiro daqui, do Capitólio."

A cabeleira do Boris

Com a queda de Boris Johnson o mundo terá saudades de sua cabeleira revolta.

Ela sinalizou a profundidade das mudanças ocorridas na política da Grã Bretanha e no seu andar de cima.

Em 1942, Lord Beaverbrook recomendava a um jovem aspirante que cuidasse de sua indumentária: "Os ingleses jamais elegerão uma pessoa que não usa chapéu".

Eremildo, o idiota

Eremildo é um idiota e acredita em tudo que o governo diz. Ele aplaudiu de pé o decreto que obriga os postos de gasolina a mostrar a evolução do preço do litro.

O cretino sugere a expansão da medida. As quitandas seriam obrigadas a mostrar o preço do tomate, do arroz e do feijão antes da posse de Bolsonaro.

A gasolina, por exemplo, custava R$ 2,60.

Desalento

Um grupo de endinheirados de São Paulo organizou uma roda de conversas para estimular candidaturas da chamada terceira via. A lista de presenças mostrava que havia ali pessoas realmente comprometidas com o bem-estar da população, desgostosas com uma polarização irracional.

Depois de vários encontros, baixou um desalento geral porque os candidatos não decolaram. Alguns atribuíram o insucesso ao marketing e outros às disputas entre as várias alternativas.

Esses obstáculos existiram, mas se cada um dos participantes tivesse levado aos encontros três de seus empregados, teriam entendido o que está acontecendo.

A raiz do desalento

A concessionária do aeroporto de Guarulhos anunciou um investimento de R$ 80 milhões para a construção de um terminal VIP.

Em dinheiro de hoje, o freguês pagará R$ 800 e chegará de limusine, um mensageiro carregará sua bagagem e será acompanhado por um anfitrião durante o check-in. Numa área de 5.100 metros quadrados, terá onde repousar, chuveiros de alta pressão, restaurante, engraxate e passadeira.

Segundo a empresa que administrará o negócio, esse terminal será o primeiro da América do Sul e "o maior do mundo do gênero".

Em grandes aeroportos do mundo quem cuida desse conforto são as empresas de aviação. Não há nada desse tamanho nos aeroportos de Londres, Nova York ou Amsterdam.

O andar de cima brasileiro batalha para ser o único do gênero no mundo.

Eremildo tem uma pergunta: Os usuários do terminal VIP terão atendimento exclusivo na fila de passaportes?

Folha terá ferramenta para 'match' de eleitor e candidato

Além de facilitar escolha de deputado, jornal terá pesquisas, debates e parcerias

SÃO PAULO Merece um prêmio o leitor que souber em quem votou para deputado federal nas últimas eleições. E como se lembrar, se a oferta de candidatos é tão grande e a maioria deles aparece apenas por poucos segundos durante a propaganda política?

A dificuldade para se recordar caminha ao lado da dificuldade para se decidir. Entre dezenas ou centenas de opções, muitos eleitores pesquisam só na última hora, aceitam a indicação de algum conhecido ou então votam no número do partido, sem saber ao certo o que o escolhido pensa.

Para facilitar esse processo, a **Folha** e o Datafolha vão reeditar na campanha deste ano o Match Eleitoral, ferramenta que foi um sucesso na disputa de 2018, com enfoque no estado de São Paulo.

"A atuação do centrão mostra como é imperativo fazer escolhas bem informadas nas eleições legislativas, que acabam ofuscadas pelo protagonismo do pleito presidencial. O Match Eleitoral é ferramenta fundamental para esta escolha bem informada", afirma Sérgio Dávila, diretor de Redação da **Folha**.

A ideia é simples: como se fosse um Tinder político, o sistema ajuda o eleitor a encontrar aqueles candidatos com os quais "dá match".

Para isso, será criado um banco de dados no qual estarão armazenadas respostas dos candidatos a deputado federal por São Paulo em relação a temas comportamentais, econômicos e políticos.

Quem entrar no Match Eleitoral vai receber as mesmas perguntas, e as respostas serão cruzadas com as de todos os candidatos a deputado que tenham incluído suas informações na plataforma. O resultado é apresentado em uma escala de afinidade.

"As eleições legislativas geralmente ficam em segundo plano para o eleitor. O Match o ajudará a identificar os candidatos que compartilham das mesmas posições em temas ligados a economia e comportamento", diz Luciana Chong, diretora-geral do Datafolha.

Em 2018, até a véspera da eleição, a ferramenta havia registrado mais de 1 milhão de testes completos.

"O sucesso da ação na última eleição mostra um leitor cada vez mais interessado em exercer um voto consciente e em buscar qualidade nas informações que consome", diz Anderson Demian, diretor de mercado leitor e estratégias digitais da **Folha**.

Se o Match Eleitoral auxiliará o eleitor a escolher um deputado federal, outras iniciativas do jornal serão voltadas a candidatos ao Executivo.

Os tradicionais debates e sabatinas **Folha**/UOL, por exemplo, serão feitos com os principais postulantes ao cargo de presidente e de vice-presidente da República, bem como de governador de São Paulo.

Também há previsão de debate com alguns candidatos a deputado federal e a senador.

Tanto o Match Eleitoral como os debates e sabatinas precisam esperar o registro das candidaturas, cujo prazo final é 15 de agosto; os projetos especiais para a cobertura das eleições, porém, começam na **Folha** muito antes dessa data.

"A importância desta eleição para a democracia brasileira só aumenta o desafio da **Folha** de exercer o jornalismo técnico, apartidário, crítico e plural preconizado pelo nosso projeto editorial", afirma Vinicius Mota, secretário de Redação da **Folha**.

As pesquisas eleitorais, conduzidas pelo Datafolha, já têm apresentado as tendências de voto na disputa nacional e nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Outra frente do jornal é a produção de séries de reportagens especiais, destinadas a aprofundar a discussão sobre temas estruturais. Entre essas pautas de fôlego estão os desafios do próximo presidente e dos próximos governadores, os gargalos do país e a situação dos Poderes para o ciclo que vai de 2023 a 2026.

Além disso, o jornal também traz conteúdos em outras plataformas. Destacam-se os vídeos da TV Folha, como o que explica por que o voto eletrônico é seguro, e os podcasts, como o Café da Manhã, com cobertura diária.

Para ampliar ainda mais o escopo de suas reportagens, a **Folha** também fechou parcerias com organizações que reforçam a cobertura eleitoral.

São os casos da Agência Lupa, que contribui com a checagem de conteúdos veiculados em programas, propagandas, debates e sabatinas; e do Comprova, projeto colaborativo que agrega verificações diárias contra a desinformação.

Em outra frente, a **Folha** lançou o projeto Liberdade de Expressão, uma parceria com a ONG Artigo 19, para abordar questões como métodos de desinformação, mecanismos de censura e restrições à transparência governamental.

Há ainda a parceria com o instituto Quaest, para levantamento do índice de popularidade digital dos candidatos a presidente e a governador em sete estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Ceará e Bahia.

Destaques da cobertura eleitoral

MATCH ELEITORAL
- Ferramenta que ajuda o eleitor a conhecer candidatos que pensam como ele

PESQUISAS DATAFOLHA
- Abrangência nacional e em três estados (SP, RJ e MG)

SÉRIES ESPECIAIS
- Os desafios do próximo presidente e dos próximos governadores
- Os principais gargalos do país
- A situação dos Poderes e os desafios para 2023-2026

TV FOLHA
- Folha Explica Eleições 2022

PODCAST
- Café da Manhã

DEBATES E SABATINAS FOLHA/UOL:
- **Sabatinas presidenciais:** 2º turno - de 10 a 14.out
- **Debates presidenciais:** 2º turno - 13.out
- **Debate com candidatos à Vice-Presidência:** 1º turno - 29.set
- **Debate com candidatos ao Senado:** 1º turno - 27.set
- **Debate com candidatos a deputado federal:** ainda sem data
- **Sabatinas com candidatos ao Governo de SP:** 2º turno - de 17 a 21.out
- **Debates com candidatos ao Governo de SP:** 1º turno - 19.set e 2º turno - 20.out

PARCERIAS
- **Artigo 19:** série de reportagens sobre liberdade de expressão
- **Lupa:** checagens de programas, propagandas, debates e sabatinas
- **Comprova:** checagens diárias
- **Quaest:** índice de popularidade digital nacional e em sete estados (SP, RJ, MG, PR, PE, CE e BA)

Turistas caminham perto da sede da Suprema Corte dos EUA, em Washington Nathan Howard - 28.jun.22/Getty Images/AFP

Controle das regras eleitorais entra no radar da Suprema Corte dos EUA

Mudanças nos estados podem afetar próximos pleitos; decisões do tribunal têm atraído a atenção

Rafael Balago

WASHINGTON Brett Kavanaugh foi jantar no Morton's, famoso restaurante de carnes, na quarta (6), mas precisou sair pelos fundos. Ao receber a informação de que um dos juízes conservadores da Suprema Corte estava lá, ativistas pró-direito ao aborto foram até a porta do local, a quatro quadras da Casa Branca, para protestar.

Kavanaugh não teria ouvido os manifestantes, mas partiu antes da sobremesa. O Morton's divulgou uma ácida nota. "A política não deve destruir a liberdade de jantar. Há tempo e hora para tudo. Atrapalhar a refeição dos nossos clientes foi um ato de egoísmo."

Como o período de decisões polêmicas da Suprema Corte parece longe de acabar, outros jantares ainda devem ser perturbados. Após concluir um ano jurídico no qual suspendeu o direito constitucional ao aborto, expandiu o direito a portar armas em público e reduziu o poder federal para frear emissões de poluentes, os juízes anunciaram que mexerão em outro tema importante na volta das férias, em outubro: as eleições.

O tribunal analisará ao menos dois casos ligados ao tema. Em Moore vs. Harper, deputados estaduais da Carolina do Norte questionam uma decisão da Suprema Corte estadual que suspendeu um redesenho dos distritos eleitorais que favorecia republicanos, por considerá-lo tendencioso.

Se a Suprema Corte federal der ganho de causa aos deputados, pode abrir um precedente para que os tribunais do país não possam questionar ações tomadas por governantes locais, o que abriria espaço para mudanças heterodoxas das regras eleitorais e, no extremo, invalidação de resultados das urnas.

No processo, os deputados defendem uma teoria chamada ISL (Legislatura Estadual Independente, na sigla em inglês), segundo a qual só os estados podem decidir questões sobre o processo eleitoral.

A base da ISL é o artigo 1º da Constituição, que diz que "o tempo, o lugar e o modo de realizar eleições para senadores e representantes devem ser prescritos em cada estado pela legislatura deles mesmos". Assim, numa interpretação ao pé da letra do texto, as decisões estaduais não poderiam ser questionadas.

Se a ISL for considerada válida pela Suprema Corte, o julgamento também pode abrir caminho para que governos estaduais tenham ainda mais poder nas eleições presidenciais. Nelas, cada estado registra os votos por conta própria e apenas envia os totais para a certificação do Congresso.

Em 2020, Donald Trump tentou forçar autoridades locais a mudarem resultados para lhe darem a vitória. Não conseguiu, mas tentou até o último momento. Esse esforço teve como ápice a invasão do Congresso, em 6 de janeiro de 2021, quando apoiadores do republicano tentaram impedir, à força, a confirmação da vitória de Biden.

> Em vez de os eleitores escolherem seus representantes, o 'gerrymandering' dá poder aos políticos para escolherem seus eleitores
>
> **Julia Kirschenbaum**
> pesquisadora do Brennan Center

O outro caso relacionado às eleições que a Suprema Corte analisará é Merrill vs. Milligan, no qual autoridades do Alabama foram processadas por desenharem distritos que não representavam a proporção racial do estado, o que, na prática, reduziu o poder dos eleitores negros de elegerem seus representantes.

A Voting Rights Act (VRA, Lei de Direito ao Voto), de 1965, determina que não deve haver barreiras para impedir o acesso de determinado grupo ao voto. A norma, porém, foi sendo enfraquecida por decisões da Suprema Corte na última década. Em julho de 2021, por exemplo, o tribunal deu aval a uma série de restrições do Arizona, por considerar que elas não violavam a VRA de forma significativa.

No fim de junho deste ano os magistrados enviaram outro sinal de que a corte pode estar propensa a enfraquecer a VRA. Os juízes autorizaram a Louisiana a usar, nas eleições legislativas de novembro, um mapa questionado na Justiça por reduzir o poder de voto dos eleitores negros. A Louisiana tem um terço de afro-americanos em sua população, mas eles são maioria em apenas um dos seis distritos.

O redesenho de mapas eleitorais para favorecer um partido, o "gerrymandering", é uma tática antiga na política americana que vem sendo aprimorada com o uso de novos softwares e da grande quantidade de dados sobre as preferências dos eleitores. Nos EUA, cada distrito elege um parlamentar, que faz campanha apenas naquela área, em vez de disputar votos no estado todo, como no Brasil. Os distritos são divididos de acordo com os dados de população vindos do Censo. A cada dez anos, quando um novo censo é feito, pode-se refazer os mapas. E aí surge a oportunidade para o "gerrymandering".

"Em vez de os eleitores escolherem seus representantes, o 'gerrymandering' dá poder aos políticos para escolherem seus eleitores", afirma Julia Kirschenbaum, do Brennan Center, em um artigo. "Isso tende a ocorrer quando o desenho dos mapas é controlado por um só partido, o que tem ficado mais comum."

Assim, a estratégia pode fazer com que uma legenda obtenha maiorias parlamentares mesmo que não tenha a maioria dos votos. O Brennan Center estima que o redesenho feito por republicanos após o Censo de 2010 deu vantagens de até 17 assentos na Câmara federal na década seguinte.

Os mapas eleitorais foram refeitos neste ano, com base nos dados do Censo de 2020. Uma análise do site FiveThirtyEight, especializado em estatísticas, aponta que os democratas passaram a contar com mais seis distritos onde são favoritos para obter assentos na Câmara em comparação com o mapa anterior. Por outro lado, estados republicanos passaram a ter mais distritos de maioria sólida. Assim, a tendência é que haja menos locais de disputas intensas entre os partidos.

Apesar de o processo de redesenho ter sido concluído em junho, ao menos 15 estados ainda podem sofrer alterações, porque os mapas foram questionados na Justiça, o que aumenta o peso das decisões da Suprema Corte sobre o futuro da política americana. O tribunal tem hoje maioria conservadora, de 6 a 3, com três deles indicados por Trump, provável candidato presidencial em 2024.

Segundo o instituto Gallup, a aprovação da Suprema Corte atingiu em junho o menor nível desde o início da série histórica, nos anos 1970: só 25% confiam na instituição. Os juízes têm mandato vitalício para não precisarem se preocupar com isso, mas os protestos contra eles têm sido cada vez mais frequentes.

Em Washington, ativistas têm organizado atos em locais próximos às residências dos juízes. Mesmo em casa, podem acabar perdendo a vontade de provar a sobremesa.

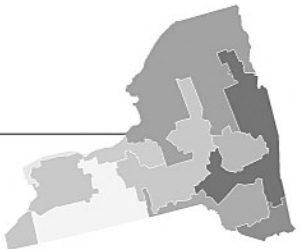
Como funciona o gerrymandering

1 Nos EUA, os eleitores são divididos em distritos. Há duas divisões: distritos congressionais (para as eleições federais) e estaduais (para os pleitos locais). Ambos são traçados pelos governos estaduais

Nas **eleições federais**, cada distrito elege um dos 435 representantes da Câmara

Nas **eleições locais**, cada distrito elege um deputado estadual ou um senador estadual (nos estados que adotam o modelo bicameral)

2 Os distritos devem ter população semelhante, com base nos dados do censo, feito a cada dez anos

Os 435 assentos da Câmara foram divididos entre os 50 estados de acordo com a população de cada um deles. Assim, como o estado de **Nova York** tem direito a 26 assentos, seu território foi dividido em 26 distritos

3 Como as autoridades estaduais tem poder para mudar os distritos, elas podem redesenhar mapas para tirar vantagem. As principais táticas são diluir maiorias entre vários distritos, para enfraquecer um partido, ou agrupar eleitores de mesmo perfil, para favorecer uma legenda

Antes
165 eleitores democratas
135 eleitores republicanos

Elegem 2 candidatos democratas e 1 republicano

Depois
165 eleitores democratas
135 eleitores republicanos

Elegem 1 candidato democrata e 2 republicanos

Ataques abalam até países da Europa vistos como seguros

Noruega e Dinamarca foram alvos de atentados a tiros nas últimas semanas

Renan Marra

SÃO PAULO Um homem entrou em uma casa noturna gay em Oslo, capital da Noruega, sacou uma arma e começou a atirar indiscriminadamente, matando duas pessoas e ferindo outras 21 no último dia 24. Nove dias depois, outro ataque a tiros deixou três mortos e quatro feridos em um shopping de Copenhague, na vizinha Dinamarca.

Atentados do tipo são raros nos países nórdicos e acenderam o alerta de autoridades das duas nações, vistas como seguras e com leis de acesso e porte de armas rigorosas.

Depois do ataque em Oslo, o premiê norueguês, Jonas Gahr Støre, destacou que os países da região trabalham para criar comunidades que previnam doenças mentais e radicalização. "Cada um de nós deve cuidar dos que nos rodeiam e estender a mão para os que agora estão assustados."

A preocupação em parte é explicada pelo fato de a Noruega ter um dos maiores índices de posse de armas da Europa. O país tinha 28,8 armas de fogo para cada 100 habitantes em 2017, segundo levantamento mais recente da Small Arms Survey, entidade de segurança pública. A cifra é bem menor que o índice dos EUA, de 120,5/100 habitantes, mas bem acima do da Inglaterra, de 4,6/100 habitantes.

A quantidade de armas pode ser explicada, em parte, pela forte tradição dos países nórdicos na prática da caça com rifles e espingardas. E, diante da baixa taxa de criminalidade nos países da região, pautas para restringir a compra de armamento são pouco urgentes para os parlamentares.

Dados da organização Gun Policy, ligada à Universidade de Sydney, na Austrália, mostram que a Noruega registrou apenas 31 homicídios em todo o ano de 2020. Na Dinamarca, foram 55 no mesmo período.

Katharina Krüsselmann, pesquisadora em violência armada na Europa pela Universidade de Leiden, na Holanda, diz que, no geral, há um declínio no número de homicídios por armas de fogo no continente a longo prazo. Mas, com a internet, as pessoas ficam sabendo mais rapidamente sobre ataques em diferentes localidades e, por isso, sentem-se menos seguras. "Isso ajuda a explicar o fato de as pessoas se sentirem ameaçadas apesar de estarem em países considerados seguros".

Uma fonte de preocupação, por outro lado, são os extremistas e nacionalistas. Ainda hoje reverbera entre os noruegueses o terror que o país viveu em 2011, quando um extremista de direita matou 77 pessoas na sede do governo em Oslo e em uma reunião de jovens na ilha de Utoya. A tragédia gerou debates sobre mais restrições, mas foi só no ano passado que o país baniu armas semiautomáticas.

Segundo Vinicius Rodrigues Vieira, professor de relações internacionais da Faap, há relação entre movimentos extremistas e crises econômicas, algo identificado nos países nórdicos desde os anos 1970, quando o chamado primeiro choque do petróleo, em que países árabes aumentaram o preço do barril em mais de 400% contra o apoio dos EUA a Israel, impulsionou partidos de extrema direita.

Esse movimento voltou a ganhar força a partir da crise econômica de 2008 e, depois, com o fluxo intenso de refugiados para países europeus a partir de 2010. "Vemos a ascensão de um discurso que valoriza o extremismo político, o nacionalismo branco e as ideologias que flertam com neonazismo", diz Vieira.

O professor lembra ainda que, diferentemente do que ocorre em outras nações europeias, nos países nórdicos, alguns dos quais com fronteiras compartilhadas com a Rússia, o serviço militar é obrigatório. Assim, uma parcela significativa da população sabe manusear armas, o que abre espaço para ações dos chamados lobos solitários, que cometem atos violentos sozinhos.

Não à toa, esses países têm regras rígidas para o acesso a armas e realizam monitoramento psicológico de potenciais atiradores. Na Noruega, quem quiser comprar armas tem de fazer aulas obrigatórias de tiro e passar por um processo de licenciamento trabalhoso. Na Dinamarca, foram estabelecidas regras sobre como armazenar as armas com segurança para que outras pessoas não tenham acesso a elas. Desrespeitar essas leis pode levar a multas ou prisão de até dois anos.

Países nórdicos têm população relativamente pequena e, proporcionalmente, recebem grande fluxo de imigrantes e de refugiados. Por isso, a implementação de políticas e o trabalho de integração social são fatores que ajudam a explicar o baixo número de casos de violência nos países, de acordo com Rodrigo Reis, especialista em relações internacionais e diretor do Instituto Global Attitude, ONG que assessora organizações e governos na promoção de colaboração internacional.

Coesão social e confiança em instituições locais também são pilares para os baixos índices de morte por armas de fogo. Em 2019, Noruega e Dinamarca registraram 0,074 e 0,141 mortes provocadas por violência com armas a cada 100 mil habitantes —números bem distantes de EUA (3,96) e Brasil (21,93), segundo o IHME (Institute for Health Metrics and Evaluation), da Universidade de Washington.

+ Relembre ataques em massa

NORUEGA

24.jun.22 Duas pessoas foram mortas e 21 ficaram feridas no ataque em um bar gay no centro de Oslo e em ruas próximas ao local. A polícia investiga o ato como terrorismo extremista islâmico

22.jul.11 O país viveu momentos de terror em 2011, quando o extremista de direita Anders Behring Breivik matou 77 pessoas na sede do governo em Oslo e em uma reunião de jovens na ilha de Utoya

DINAMARCA

3.jul.22 Três pessoas foram mortas a tiros e outras quatro ficaram gravemente feridas após um ataque em um shopping center de Copenhague. O atirador tinha histórico de problemas de saúde mental, e a polícia descartou motivação terrorista

14 e 15.fev.15 Atirador matou duas pessoas e feriu seis policiais. O fato ocorreu em um centro que abrigava debates sobre liberdade de expressão e numa sinagoga em Copenhague

Centenas de pessoas em Oslo, na Noruega, prestam homenagem às vítimas de ataque em casa noturna gay; ação em junho deixou dois mortos e ao menos 21 feridos Annika Byrde - 27.jun.22/NTB/Reuters

Doações nos EUA ajudam vítima e fazem as vezes de Estado

Diogo Bercito

WASHINGTON Aiden McCarthy, um garoto de dois anos, perdeu os pais. Eles morreram no ataque a tiros em Highland Park, no estado de Illinois, durante as celebrações do 4 de Julho, o dia da independência americana.

Aidan vai crescer órfão, mas não está sozinho. Mais de 50 mil pessoas doaram dinheiro para sua família em uma campanha virtual. Em poucos dias, arrecadaram US$ 3 milhões (R$ 16 milhões), em um exemplo da excepcional solidariedade nos EUA, país em que as pessoas doam fortunas para ajudar desconhecidos —a maior quantia no caso de Aiden foi, por enquanto, de US$ 18 mil (R$ 95 mil).

Os milhões arrecadados são o preço que o país tem de pagar porque o Congresso —à revelia da vontade da maioria da população— se nega a dificultar o acesso a armas, viabilizando tiroteios como o desta semana. Além dos pais de Aiden, cinco outras pessoas morreram na cidade nos arredores de Chicago.

A família fez a vaquinha no site GoFundMe (me financie, em inglês). A empresa, criada em 2010, diz ter recebido mais de 200 milhões de doações em sua história, totalizando US$ 15 bilhões (R$ 80 bilhões). Foi também nesse site que 120 mil americanos doaram US$ 8 milhões (R$ 43 milhões) para as vítimas do tiroteio na boate Pulse, em Orlando, que matou 49 em 2016.

Mas as campanhas vão além de tentar mitigar a proliferação de armas e a violência urbana. São comuns também as vaquinhas para pagar os custos de estudo superior. Um ano em uma universidade de elite como Harvard custa cerca de US$ 80 mil (R$ 423 mil). A dívida de estudantes marca hoje o recorde de US$ 1,7 trilhão (R$ 9 trilhões). É a segunda maior, atrás das hipotecas.

Um terço das arrecadações por meio do GoFundMe foi para pagar tratamento médico e outros gastos causados por enfermidades. Os Estados Unidos não têm um sistema de saúde público universal, e as contas de hospitais, visitas e medicamentos podem levar à falência. É mais um caso de um Estado tão enxuto que, às vezes, acaba transferindo suas obrigações aos cidadãos.

A maior parte dos americanos tem plano de saúde via empregador, não via governo. Leighton Ku, diretor do Centro de Pesquisa de Políticas de Saúde da Universidade George Washington, lembra que o país tem programas públicos robustos para auxiliar quem não possui convênio, como o Medicare (para idosos e alguns casos de deficiência) e o Medicaid (para baixa renda).

"Mas às vezes esses programas podem ser lentos demais e às vezes as pessoas não cumprem todos os requisitos e ficam desamparadas. É aí que coisas como o GoFundMe entram em cena. Queria que nós fizéssemos mais, mas é importante ter essas ferramentas para preencher lacunas."

O problema é que nem todas as lacunas são preenchidas. Para usar uma plataforma do tipo, as pessoas precisam ter acesso à internet e saber manejá-la. "Não é uma solução sistêmica", afirma Susan Cahn, do NORC (centro de pesquisa de opinião nacional, afiliado à Universidade de Chicago). "Americanos estão dispostos a ajudar quando o sistema de saúde não é acessível. Existe uma vontade e um costume, mas as pessoas também enxergam esse problema como uma questão que cabe ao governo resolver."

De acordo com uma pesquisa feita pelo NORC em dezembro de 2020, quase um quinto dos lares americanos doou para campanhas de arrecadação para custos médicos durante aquele ano. O estudo também mostra que quase 60% dos entrevistados dizem acreditar que o governo tem uma "enorme" ou "grande" responsabilidade de prover assistência médica barata ou gratuita a quem não pode pagar.

Assim como o sistema de saúde, o acesso a plataformas como o GoFundMe não é igualitário. "Pessoas com maior presença nas redes sociais têm mais chance de atrair atenção para as suas campanhas", afirma a pesquisadora Mollie Hertel, que assina os estudos com Susan Cahn.

Quem vive em áreas de mais baixa renda tende a arrecadar menos na internet também. De modo que, sugere Cahn, as campanhas virtuais são importantes e ajudam algumas pessoas em necessidade —mas elas também podem acabar exacerbando as desigualdades na saúde pública em vez de solucioná-las.

+ Polícia do Japão admite falha na segurança de Abe

A polícia de Nara, onde o ex-premiê japonês Shinzo Abe foi assassinado nesta sexta (8), durante um ato de campanha eleitoral, admitiu falhas na segurança do político. "É inegável que houve problemas com as medidas de escolta e segurança do ex-primeiro-ministro; vamos analisar as falhas e tomar medidas apropriadas", afirmou o chefe da corporação, Tomoaki Onizuka. A polícia ainda informou que o suspeito preso disse que planejou matar Abe por acreditar que o político estivesse ligado a um grupo religioso que ele culpa pela falência da mãe.

Sri Lanka vive dia de caos, e líder cita renúncia de presidente após invasão

Gotabaya Rajapaksa não se pronuncia sobre atos; manifestantes incendiaram casa de premiê

COLOMBO | REUTERS E AFP Após um dia de caos, em que a insatisfação popular latente há meses estourou em convulsão social na forma de ataques diretos a duas residências oficiais em Colombo, o chefe do Parlamento do Sri Lanka anunciou que o presidente do país, Gotabaya Rajapaksa, deixará o cargo no próximo dia 13.

O pronunciamento de Mahinda Yapa Abeywardena foi feito na noite deste sábado (9), horas após milhares de pessoas invadirem a residência da Presidência e um outro grupo forçar a entrada e incendiar a casa do primeiro-ministro Ranil Wickremesinghe —o político também havia oferecido sua renúncia mais cedo.

Trata-se do ápice de protestos que vinham sendo pacíficos, disparados pela pior crise econômica em sete décadas.

O Ministério da Defesa informou que Rajapaksa tinha fugido de casa antes da invasão, escoltado por uma unidade militar, e que o premiê também fora levado a um lugar seguro. O paradeiro dos dois políticos não foi confirmado.

Manifestantes na residência oficial do presidente do Sri Lanka; Rajapaksa havia fugido antes da invasão Dinuka Liyanawatte/Reuters

Abeywardena disse ter sido ouvido do próprio presidente, de quem é aliado, a informação sobre a renúncia. "A decisão foi tomada para garantir uma transferência pacífica do poder", afirmou. "Peço, portanto, que a população respeite a lei e mantenha a paz." Rajapaksa não se manifestou oficialmente, mas fogos de artifício foram estourados após a fala do líder do Parlamento.

Os protestos no Sri Lanka são motivados em grande parte pela escassez de combustíveis e vêm pedindo a renúncia do presidente e do premiê.

Wickremesinghe está no cargo há menos de dois meses: ele assumiu após Mahinda Rajapaksa, irmão mais velho de Gotabaya, ser forçado a renunciar em maio. Neste sábado, ele convocou líderes do Parlamento para uma série de reuniões, depois das quais seu gabinete informou que ele estaria disposto a renunciar.

Mais tarde, o próprio premiê, escreveu no Twitter: "Para garantir a segurança de todos os cidadãos, aceito a recomendação dos líderes para dar lugar a um governo de todos os partidos", sem citar uma data para a possível saída.

Ainda não está claro se as renúncias aplacarão os protestos, tampouco como se dará a eventual transição de poder — Abeywardena citou a possibilidade de o Parlamento apontar um presidente interino em eleição indireta e apontar um primeiro-ministro até a convocação de um novo pleito.

Ao longo do dia, as forças de segurança se mostraram incapazes de conter os protestos, mesmo com o uso de gás lacrimogêneo, canhões de água e até tiros para o alto. Na residência da Presidência, a invasão foi transmitida ao vivo pelas redes sociais, com centenas de manifestantes enrolados em bandeiras do Sri Lanka circulando por corredores, celebrando na piscina e preparando petiscos na cozinha.

Ao menos 39 pessoas, incluindo 2 soldados, ficaram feridas. Após as convocações dos protestos na sexta (8), o governo chegou a decretar toque de recolher, mas a medida, ignorada pelos organizadores dos atos, foi suspensa após a oposição e ativistas ameaçarem processar o chefe da polícia nacional.

A saída de Gotabaya, se concretizada, representará o maior revés para os Rajapaksas, que dominam a política da ilha nas últimas décadas.

O patriarca foi parlamentar nas décadas de 1950 e 1960, e Mahinda, irmão mais velho de Gotabaya, assumiu uma cadeira no Parlamento pela primeira vez em 1970, aos 24 anos. Em 2005, foi eleito presidente, cargo que ocupou até 2015 e no qual ficou marcado pela vitória sobre os separatistas Tigres Tâmeis em 2009.

Raio-X do Sri Lanka

Gota, como ele é conhecido, havia sido ministro da Defesa do irmão e foi eleito presidente em 2019, após um hiato da família fora do poder cingalês.

A ilha de 22 milhões de habitantes mergulhou na pior crise econômica desde sua independência do Reino Unido, em 1948, devido à limitação de importações de combustíveis, alimentos e remédios. A alta da inflação, que atingiu recorde de 54,6% em junho e deve chegar a 70% nos próximos meses, intensificou a tensão.

A instabilidade também ameaça minar as negociações com o FMI na tentativa de obter assistência emergencial. A dívida externa, calculada em US$ 51 bilhões, levou o governo a decretar a moratória de pagamentos em 12 de abril.

A pandemia ainda atingiu duramente a economia, que depende do turismo e das remessas de cidadãos que trabalham no exterior. Ainda que a crise sanitária tenha dado um empurrão para o caos político e social, analistas apontam a origem do caos econômico na gestão Rajapaksa.

Aprendizes de tiranos, como Bolsonaro, não devem ser ignorados, diz português

ENTREVISTA
RUI TAVARES

Mayara Paixão

GUARULHOS Rui Tavares por anos estudou história, até que em 2009 mergulhou na política como eurodeputado. Uma mistura que vê como determinante para o futuro: a história e a atuação humana sobre ela.

Hoje, o político conhecido pelo podcast "Agora, agora e mais agora" atua como deputado em Portugal pelo Livre, de esquerda, que cofundou em 2014. Ele está no Brasil para participar da Bienal do Livro de SP e lançar "O Pequeno Livro do Grande Terremoto" (Tinta-da-China Brasil).

Uma das principais vozes contrárias ao crescimento da ultradireita no Palácio de São Bento, ele diz que brasileiros, mas também a comunidade internacional, não devem ser ingênuos em relação a uma tentativa de golpe de Jair Bolsonaro (PL), que inclui no balaio daqueles que chama de aprendizes de tiranos.

Sobre a Guerra da Ucrânia, deixa um apelo a setores do Brasil em que nota uma visão acrítica ao governo de Vladimir Putin. "Não caiam numa armadilha: se você é anticolonialista, Putin é seu inimigo."

*

Como avalia a relação de Portugal com o passado de colonização na África e no Brasil? É natural que os países queiram fomentar o patriotismo, mas para ter um verdadeiro orgulho de sua história é preciso conhecer o bom e o mal. As consequências dessa história ainda estão conosco, às vezes de formas que as pessoas não se dão conta. Aquele modelo econômico do império atrasava o desenvolvimento do reino e dos seus domínios.

Parte dos déficits educacionais que fazem com que os países tenham hoje economias longe de ser as do conhecimento e da descarbonização, como pede o futuro, repousa nessa história. Uma fratura que estamos todos a pagar.

O que pensa da tese de que há preconceito, ou mesmo lusofobia, dos brasileiros em relação a Portugal? A lusofilia e a lusofonia às vezes convivem no mesmo discurso. Assim como do lado de cá a brasilofilia e a brasilofobia têm, às vezes, as mesmas condições. Na mesma frase a pessoa exprime afeição e amizade ao outro país e, a seguir, diz algo eivado pelo maior dos preconceitos. O desamor que às vezes transparece em relação ao outro país é, em boa medida, uma espécie de falta de amor próprio com o nosso país.

No fundo, esse complexo mal resolvido tem dois efeitos: primeiro, o de não projetar os países para o futuro, afinal a história não predetermina tudo —somos agentes dela. Segundo, temos elites europeizadas e que usam esse sentimento em relação à antiga metrópole para no fundo incorporar um discurso que parece anticolonial em relação ao passado quando, na verdade, segue sendo colonial em relação ao presente e ao futuro. Enquanto vão colonizando o próprio país, vão se vestindo do espantalho da lusofobia, o que permite ocultar ou evitar certos debates importantes.

Falamos aqui sobre as sociedades, mas como descreveria hoje a relação bilateral no campo da diplomacia? Temos que usar as nossas imaginações para encontrar o que chamo de objetos de desejo político que possam nos unir. Também não devemos valorizar demais aquilo que deve ser desvalorizado. O presidente da República portuguesa desvalorizou o cancelamento do almoço [com Bolsonaro], e acho que fez bem. O que devemos sempre valorizar é a enorme importância e prestígio internacional que a história diplomática do Brasil tem. O Palácio do Planalto há de ter novos inquilinos no futuro, assim como o Palácio de Belém e de São Bento, e os laços entre os países vão permanecer.

Rui Tavares, 49
Pós-graduado em história, é deputado na Assembleia da República de Portugal e vereador na Câmara Municipal de Lisboa. Cofundou o partido Livre e foi deputado no Parlamento Europeu de 2009 a 2014

Qual a relevância do resultado das eleições no Brasil neste ano e como será definidora para a relação bilateral? Não só em Portugal, mas em todo o mundo, olha-se com atenção para as eleições neste ano no Brasil. Tal qual as eleições de 2018 representaram um momento na vaga nacional populista, se essa vaga reacionária e populista for revertida, isso vai ser um sinal importante para o mundo em geral.

Vi que os brasileiros olharam com interesse para as inovações políticas em Portugal, como a geringonça, uma maneira que as esquerdas tiveram de ultrapassar sectarismos para se unir em torno de causas sociais, mas também olho com muito interesse para como no Brasil velhas barreiras políticas estão sendo derrubadas em nome dos valores do Estado de Direito. Esperamos que essa capacidade de superação de velhas rivalidades que a política brasileira tem consiga preservar o essencial da Constituição.

Como vê o discurso golpista de Bolsonaro e quais as possíveis consequências globais de um golpe de Estado no Brasil? Não podemos ser ingênuos em relação a esses riscos. Se deixássemos um governo violar os valores da Constituição, esses aprendizes de tiranos não vão simplesmente sair do poder quando perderem eleições. Eleições fraudulentas e golpes não são condições que podemos descartar. Vimos isso nos EUA com o 6 de Janeiro e com as leis eleitorais na Hungria, completamente enviesadas. O risco para as democracias dessa deriva autoritária é sério e grave.

Muitas das propostas de diplomacia que o senhor sugeriu estão no âmbito da CPLP, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Qual avaliação faz dela? Muito aquém. Está nas suas rotinas, nas suas burocracias e, às vezes, picuinhas. Mas a solução não é esperar por políticos mais imaginativos, e, sim, sermos nós mais imaginativos. Com o grau de afeição que existe entre todos os países de língua portuguesa —que não deve ocultar o lado doloroso da nossa história comum—, há muito o que fazer. Se a CPLP é centrada nos governos, deveríamos fazer a comunidade dos povos de língua portuguesa.

Com a Guerra da Ucrânia afetou a União Europeia? O mundo do pós-guerra acabou. O que nos compete é ver se os direitos humanos e a soberania popular têm hipótese de futuro ou se vamos voltar a um tempo de neoimperialismo.

Às vezes vejo em outras partes do mundo, em particular na América Latina, gente que minimiza o que está a acontecer porque "é lá na Europa", achando que o imperialismo russo, por ser de certa forma rival ao dos EUA, é mais desculpável. O apelo que faço a intelectuais e a leitores é que não caiam nessa armadilha. Se você é anticolonialista, anti-imperialista, Putin é seu inimigo. Quem acha que o inimigo do meu inimigo é meu amigo está a ser incoerente com seu anti-imperialismo.

Morre Tony Sirico, o Paulie 'Walnuts' de 'Família Soprano'

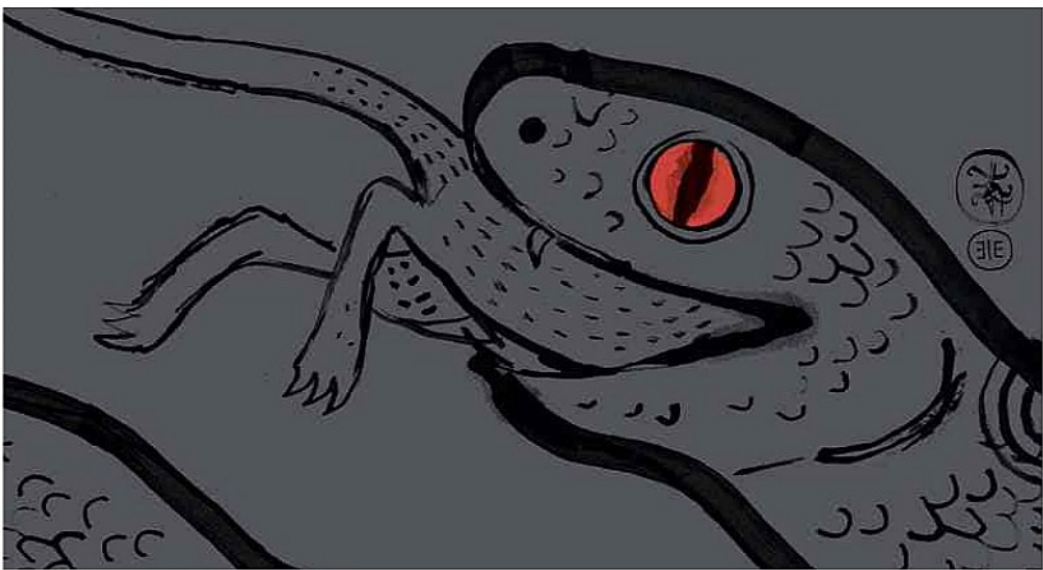
ILUSTRADA

SÃO PAULO Tony Sirico, ator conhecido por dar vida a Paulie "Walnuts" Gualtieri na série "Família Soprano", morreu na sexta-feira, aos 79 anos. A causa da morte não foi divulgada, mas a notícia foi confirmada por seu irmão Robert Sirico e publicada pela revista Variety.

"Tony deixa dois amados filhos, Joanne Sirico Bello e Richard Sirico, netos, irmãos, sobrinhos e vários outros parentes", escreveu Robert Sirico no Facebook.

O ator nasceu em 1942, em Nova York. Começou nas telonas como figurante no filme "O Mafioso Rebelde", de 1974, e brilhou também em "Os Bons Companheiros", de Martin Scorsese, lançado em 1990. Antes de Hollywood, porém, Sirico contou em uma entrevista que chegou a ser preso 28 vezes —a primeira vez aos sete anos, por "roubar moedas de bancas de jornais".

Em outras ocasiões, passou períodos longos preso por porte ilegal de armas e assalto à mão armada e foi detido por conduta desordeira e roubos. Ele disse ainda que foi atrás de uma carreira como ator por incentivo de outros presidiários.

Um dos seus últimos trabalhos de destaque foi "Roda Gigante", de Woody Allen, há cinco anos, mas ele também deixou filmes concluídos que ainda não estrearam. Ele foi ainda premiado duas vezes pelo Screen Actors Guild, o sindicato americano dos atores, por "Família Soprano".

Edson Ikê

Estado capturado

Patrimonialismo usa de artimanhas contra a concorrência na economia e na política

Marcos Lisboa

Presidente do Insper, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005) e doutor em economia.

A PEC Kamikaze mostra que cruzamos o sinal vermelho.

Há tempos, o setor privado brasileiro se beneficia de subsídios e de restrições à concorrência que protegem empresas ineficientes. A novidade é os congressistas tentarem institucionalizar práticas similares para seu próprio benefício, criando leis que restringem a concorrência eleitoral e que ampliam o seu acesso a recursos do Tesouro para interesses paroquiais. A dimensão da captura do Estado por grupos organizados é menosprezada no debate sobre crescimento econômico.

Desde o fim dos anos 1970, crescemos menos que os países desenvolvidos e bem menos que muitos emergentes. O debate sobre o nosso atraso contrapõe liberais, que defendem controlar a expansão do gasto público, e desenvolvimentistas, que advogam aumentar os investimentos liderados pelo Estado.

Uns temem que o aumento do gasto público leve a maiores taxas de juros e de inflação, além da redução dos investimentos, o que agravaria o quadro de baixo crescimento; outros acreditam que a retomada do crescimento passe por uma maior intervenção do governo.

Esse debate usualmente desconsidera que a política pública no Brasil, incluindo parte relevante do aumento do gasto, é capturada por atividades improdutivas, beneficiando grupos localizados em detrimento da maioria.

O discurso oficial da PEC dos Precatórios, por exemplo, defendia aumentar a transferência de renda para os mais pobres. A medida, porém, trouxe de carona recursos adicionais para as emendas de parlamentares, seguidas por denúncias de malfeitos e gastos ineficientes.

Essa prática não tem ideologia; ocorre tanto no governo atual como ocorreu em administrações anteriores. Na década de 2000, por exemplo, houve amplo subsídio ao investimento. No entanto, a queda do custo do financiamento de grandes empresas não expandiu o investimento privado, apenas aumentou a distribuição de lucros para os acionistas (Lazzarini e outros, "What do state-owned development banks do? Evidence from BNDES 2002-09", World Development, n. 66).

De 2009 a 2014, o gasto público primário cresceu 36% acima da inflação, em meio a desonerações para diversos setores, como a indústria química. Os subsídios concedidos pelo BNDES custaram ao Tesouro quase R$ 95 bilhões. A economia, no entanto, desacelerou a partir de 2010, com um breve repique em 2013.

A frustração com essas políticas não deveria surpreender. Boa parte do desenvolvimento dos países é explicada pelo aumento da produtividade, que mede a capacidade de produzir bens ou serviços com a mesma quantidade de capital e trabalho. Cerca de 80% do crescimento da economia dos EUA entre 1948 e 2013 decorreu do aumento da produtividade. Mais da metade da diferença de renda entre países ricos e principais países emergentes está associada a diferenças na produtividade. Estes últimos protegem bem mais empresas ineficientes (Jones, "The Facts of Economic Growth", Handbook of Macroeconomics).

A inovação de produtos, técnicas produtivas ou métodos de gestão usualmente ocorre no setor privado, induzida pela concorrência entre empresas por melhores resultados. Trata-se de um processo descentralizado de tentativa e erro, em que não se sabe de antemão qual será exitosa. Muitas fracassam, mas as inovações bem-sucedidas se disseminam e aumentam a produtividade (Aghion e outros, "The Power of Creative Destruction").

Por outro lado, a maior proteção de empresas ineficientes, a restrição à concorrência e o direcionamento estatal do investimento por vezes inibem a inovação e induzem a adoção de técnicas de baixa produtividade, prejudicando o crescimento, como ocorreu com a nossa lei de informática.

Isso não significa que o Estado deva abster-se de intervir na economia, mas, sim, que esse processo é política e tecnicamente mais complexo do que sugere o debate atual.

Há também evidência de que, por problemas de desenho e de implementação, o gasto público é menos eficaz no Brasil do que em outros países, como se observa no caso da educação. Devemos ir além da simples contraposição entre austeridade e maior gasto público. Quais as razões da ineficiência da intervenção do Estado? Que mecanismos permitem a grande captura da política pública por grupos organizados, que pouco resulta em desenvolvimento?

Em vez disso, congressistas da situação e da oposição continuam a conceder subsídios para interesses privados sem avaliação cuidadosa de impacto e sem mecanismos de controle que garantam o aumento da produtividade e da maior inclusão social. As emendas parlamentares permitem que cada congressista gaste dezenas de milhões de reais por ano como desejar, sem coordenação das políticas públicas, refletindo a fragilização do Executivo.

Não lhes interessa se as medidas adotadas são socialmente pouco eficazes ou vão prolongar a alta inflação e o baixo crescimento. A responsabilidade fica com o Planalto, enquanto os parlamentares se vangloriam das benesses localizadas, como se uma coisa não tivesse a ver com as demais.

A PEC Kamikaze é um exemplo de como grupos com poder de mobilização, como caminhoneiros, conseguem obter privilégios à custa do restante da sociedade. Mas ela vai além disso.

A redemocratização procurou coibir o uso do poder do Estado para beneficiar aliados eleitorais. Não mais. Com o solitário voto contrário de José Serra, a maioria dos senadores aprovou a PEC, que, a poucos meses da eleição, distribui benefícios insustentáveis. O coronelismo se vale de recursos públicos para favorecer seus candidatos.

Eleger presidente ou governador perdeu relevância. Importante é ser eleito para o Congresso. O acesso aos recursos públicos por parlamentares foi ampliado, neste governo, com as emendas de bancada e do relator. O Fundo Eleitoral, criado em 2017, quase triplicou para esta eleição, garantindo financiamento aos aliados das cúpulas partidárias, em detrimento da concorrência. Os políticos do patrimonialismo cansaram de ser coadjuvantes.

Jair Bolsonaro em evento militar no Rio; programas com marcas petistas, como Farmácia Popular e Fies, tiveram queda no orçamento desde que assumiu o mandato Eduardo Anizelli - 8.jul.22/Folhapress

Bolsonaro turbina Auxílio, mas corta verba de outros programas sociais

Governo destina menos dinheiro para ações em saúde, educação e moradia aos mais pobres

Thiago Resende

BRASÍLIA De olho na campanha à reeleição, o presidente Jair Bolsonaro (PL) turbina o Auxílio Brasil, mas o governo acumula resultados negativos em outros programas sociais.

A verba para habitação, saúde e educação da população mais pobre tem passado por sucessivos cortes ao longo da gestão bolsonarista.

Marcas petistas, como o Farmácia Popular e o Fies, registram queda no orçamento desde que Bolsonaro assumiu. Nem o programa Casa Verde e Amarela —vitrine criada por ele na construção de moradias— foi poupado.

A redução nos recursos para esses projetos na área social tem consequências. O número de casas entregues nos anos Bolsonaro recua. A quantidade de farmácias credenciadas para atender a população de baixa renda também caiu.

A exceção é o programa de transferência de renda, o Auxílio Brasil, criado em 2021 para dar a Bolsonaro um legado social e substituir a forte marca petista do Bolsa Família.

Numa coalizão entre a equipe econômica e a ala política do governo, o Auxílio Brasil foi desenhado para quebrar recordes de famílias atendidas e valores transferidos, mesmo que isso exija driblar regras de controle de gasto público.

Em mais um desses acordos, o governo espera aprovar nesta semana uma PEC (proposta de emenda à Constituição) que cria novos benefícios sociais, apesar das limitações legais em ano eleitoral, além de ampliar o valor do Auxílio Brasil para R$ 600 e zerar a fila de espera do programa.

Enquanto isso, a principal iniciativa nos últimos anos para tentar reduzir o déficit habitacional no país enfrenta um cenário bem diferente. O programa Casa Verde e Amarela tem um orçamento de R$ 1,2 bilhão neste ano —o menor da história.

De 2009 a 2018, a média destinada ao antecessor do programa habitacional (Minha Casa Minha Vida) se aproximava de R$ 12 bilhões por ano.

No primeiro ano do governo Bolsonaro, o presidente recebeu um Orçamento prevendo R$ 5 bilhões para esses projetos voltados à moradia para população de baixa renda.

Com o aperto na verba, menos unidades habitacionais são contratadas para serem construídas. São cerca de 350 mil por ano sob Bolsonaro. Entre 2014 (quando a situação das contas públicas se agravou) e 2018, foram 438 mil por ano, em média.

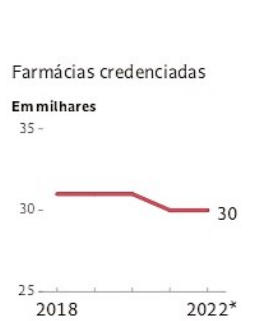
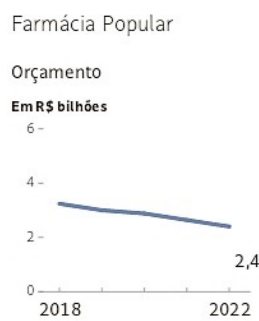
Em relação às casas entregues, são 410 mil por ano no atual governo. Entre a reeleição da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) e o período de Michel Temer, a média foi de 544 mil por ano.

"Em razão do cenário de restrição orçamentária, o programa Casa Verde e Amarela foi impactado, assim como outros programas do governo", afirma o Ministério do Desenvolvimento Regional, responsável por gerir essa área.

A pasta diz, então, que passou a priorizar a conclusão de obras que estavam paralisadas —das 180 mil unidades habitacionais que estavam paradas, 130 mil foram retomadas. Além disso, promoveu um corte nos juros do programa para o menor patamar da história.

A marca de Bolsonaro na área habitacional, porém, acabou com a faixa do Minha Casa Minha Vida que atendia as famílias de renda mais baixa e que poderiam assinar contratos com subsídio de até 90% do valor do imóvel, sem juros.

Para Sérgio Praça, professor e pesquisador da Escola de Ciências Sociais da FGV, o presidente Bolsonaro prioriza o programa Auxílio Brasil por ser um gasto social capaz de gerar dividendos eleitorais de forma mais imediata.

"Ele [Bolsonaro] é a cara do Auxílio Brasil, a cara desse aumento [no benefício]. Assim, ele consegue tomar crédito político alto por isso. Manter o orçamento de outros programas [sociais] seria ótimo para a população, mas isso tem menos impacto na campanha política", disse o professor.

Com a PEC e as expansões anteriores no programa de transferência de renda, o presidente, segundo Praça, tenta cristalizar o cenário de que a corrida ao Palácio do Planalto seguirá para o segundo turno —apesar da vantagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas pesquisas de intenção de voto.

Criado para distribuir remédios gratuitos ou com descontos à população de baixa renda, o programa Farmácia Popular foi reduzido na gestão de Bolsonaro.

Desde 2020, primeiro ano da pandemia, são cerca de 20 milhões de beneficiários no programa. Isso representa 1,2 milhão a menos que no ano anterior. A cobertura já foi de 22,8 milhões sob Temer.

O Farmácia Popular distribui medicamentos básicos gratuitamente para hipertensão, diabetes e asma por meio de farmácias privadas conveniadas. Remédios para controle de rinite, mal de Parkinson, osteoporose e glaucoma, além de anticoncepcionais, são vendidos com desconto de até 90%.

A quantidade de farmácias também caiu para cerca de 30 mil unidades. No início do atual governo, eram 31 mil. Em 2015, auge da rede de atendimento, havia 34,6 mil farmácias.

O Ministério da Saúde afirma que "não houve redução no orçamento do programa, considerando os valores previstos na LOA [ou seja, no Orçamento]".

No entanto, por causa da inflação, a redução na verba chega a quase 25% na comparação com 2018. Os recursos, corrigidos pela inflação, recuaram de R$ 3,2 bilhões para R$ 2,4 bilhões (valor previsto para este ano de eleição).

A pasta da Saúde reforça que o programa tem o objetivo de complementar a distribuição de medicamentos, cujo principal acesso é pelas Unidades Básicas de Saúde ou farmácias municipais.

Na área educacional, o Fies —programa para estimular o acesso da população de baixa renda ao ensino superior— também perdeu espaço. O orçamento dessa iniciativa foi reduzido de R$ 22 bilhões em 2018 para R$ 5,5 bilhões neste ano.

Procurado, o Ministério da Educação não se manifestou sobre o corte.

Técnicos dizem que o Fies cresceu de forma desordenada sob Dilma e, por causa da crise nas contas públicas, regras mais rígidas para a concessão de financiamentos foram adotadas no governo Temer. O objetivo é reduzir a inadimplência.

No programa, parte das mensalidades de estudantes em universidades privadas é paga pelo governo. Em troca, os beneficiários precisam quitar o financiamento após a formatura.

Desde 2020, o número de contratos assinados tem sido praticamente a metade da quantidade de vagas oferecidas pelo programa.

Programas sociais perdem espaço na gestão Bolsonaro, que prioriza transferência de renda

Casa Verde e Amarela / Minha Casa, Minha Vida

Farmácia Popular

*Número se refere ao dado parcial do ano de 2022
**Verba do Auxílio Brasil será ampliada com aprovação da PEC dos benefícios sociais
Fonte: Ministérios da Economia, do Desenvolvimento Regional, da Saúde, da Educação

Como funcionam os programas

AUXÍLIO BRASIL

- Beneficiário recebe valor mensal para superar a faixa de pobreza ou extrema pobreza
- Substituiu o Bolsa Família e é a aposta da ala política para alavancar campanha à reeleição
- Número de famílias e o valor transferido têm batido recordes e devem registrar novas marcas após a PEC que libera bilhões para benefícios sociais

CASA VERDE E AMARELA

- Financiamento com juros reduzidos para construção de moradias
- Substituiu o Minha Casa, Minha Vida. Verba tem sido reduzida nos últimos anos e é a menor da história em 2022. Número de unidades contratadas e entregues caiu na atual gestão, apesar do corte nas taxas de juros

FARMÁCIA POPULAR

- Distribui medicamentos gratuitamente para hipertensão, diabetes e asma em farmácias privadas conveniadas
- Remédios para controle de rinite, mal de Parkinson, osteoporose e glaucoma, além de anticoncepcionais, são vendidos com desconto

FIES

- Governo paga parte de mensalidades e aluno quita o financiamento após formatura
- Orçamento foi drasticamente reduzido nos últimos anos por causa de regras mais rígidas para concessão dos financiamentos

PAINEL S.A. | *Joana Cunha*
painelsa@grupofolha.com.br

Andries Oudshoorn

As pessoas estão vendo que tem coisa parada em casa que pode gerar renda

SÃO PAULO O mercado de usados, que tem motivos para ficar mais aquecido em períodos econômicos difíceis, quando as pessoas buscam produtos mais baratos, também vem sentindo os efeitos da inflação e dos juros.

Na OLX, plataforma de compra e venda online cujo carro-chefe são os usados, com produtos que variam de material de construção a eletrônicos e automóveis, a base de usuários interessados em mercadorias mais acessíveis é crescente, enquanto o valor transacionado oscila.

"Esse mercado cresce quando a economia cresce, porque, por exemplo, quando muitas pessoas compram carros novos, elas vendem os usados. Por outro lado, ele também se movimenta quando a economia está em momentos difíceis. As pessoas começam a olhar para dentro de casa e ver que tem coisas paradas que podem gerar renda. Elas também procuram economizar, comprando coisas usadas", diz Andries Oudshoorn, CEO da OLX Brasil.

No primeiro trimestre, segundo a empresa, foram 446 mil anúncios inseridos por dia com R$ 39,5 bilhões transacionados pelos usuários no período, queda de 20% ante o mesmo período de 2021, o que mostra um aumento da venda de produtos de menor valor.

*

Como o cenário atual de inflação tem impactado o negócio de vocês? O modelo funciona em qualquer cenário econômico. Já estamos há anos no Brasil e já passamos por várias crises.

Tem impacto no mercado. Temos grande presença no mercado de auto e imóveis. O financiamento é impactado pelo aumento dos juros. Vimos um ajuste no início deste ano, com o mercado se adaptando aos juros mais altos.

Mas também tem muita demanda. Tem falta de carros novos, o que gera mais negócios de carros usados.

E tem muita gente mudando de vida. A pandemia trouxe esse momento de mudança. É nesses momentos que as pessoas precisam comprar e vender casa, móveis e outras coisas. A mudança gera mais negócios na nossa plataforma, seja quando a economia está crescendo ou em momentos mais difíceis.

O mercado de usados sofre mais nesses momentos de crise? Ou ele se beneficia disso? A gente vê as dinâmicas mudando. Esse mercado cresce quando a economia cresce, porque, por exemplo, quando muitas pessoas compram carros novos, elas também vendem os usados. Quando compram celulares novos, vendem os usados. Então, a economia boa também ajuda.

Por outro lado, ele também se movimenta quando a economia está em momentos mais difíceis. As pessoas começam a olhar para dentro de casa e ver que tem coisas paradas que podem gerar uma renda extra.

Elas também procuram economizar, comprando coisas usadas, que custam até 70% mais barato do que coisas novas. As pessoas ficam mais conscientes disso nos momentos mais difíceis.

E também tem aquele pequeno empreendedor. Muitas pessoas iniciam negócios pequenos e usam a nossa plataforma para começar a vender seus produtos ou serviços online.

Dentre as categorias que são vendidas por meio do site, quais são os segmentos que se sobressaíram recentemente, no cenário atual? Durante a pandemia, a gente viu muita procura por compra e venda de coisas para casa. Coisas para arrumar a casa para o home office e para as crianças. Esse foi um momento em que a gente viu um crescimento muito forte desse tipo de produto.

Vimos também um crescimento muito forte em carros usados, com alta de preços, porque tem uma falta de carros novos no mundo inteiro. Isso ajudou a turbinar a venda dos usados.

A perspectiva de medidas como a distribuição de benefícios nessa PEC (proposta de emenda à Constituição) a ser votada na Câmara pode aquecer o comércio? É algo para estimular a economia em geral. A gente vê possibilidade de efeito direto no consumo.

Vocês têm acompanhado as discussões sobre o combate aos camelódromos digitais? Como tratam essa questão dos impostos nas vendas pelo site? A OLX é um site de consumidor vendendo produtos usados para outro consumidor. Quando é atividade não comercial, não tem tributação. Se você vende um produto usado para outro consumidor, não tem tributação. Então, a gente não é muito afetado por isso.

A OLX atua em três grandes segmentos: autos, imóveis e bens de consumo. Também tem imobiliárias e concessionários. São principalmente produtos usados vendidos de um consumidor para outro.

Eles podem negociar e se encontrar pessoalmente para fazer a venda. Mas tem também um novo modelo, com mais segurança, com compra garantida, em que o comprador pode pagar online e receber o produto em casa. Se não for como estava anunciado, recebe o dinheiro de volta.

Introduzimos isso na pandemia, em que teve muito mais demanda por venda a distância. E ela continua.

Como está o mercado de imóveis neste ano? Na pandemia, vimos muita movimentação de pessoas buscando outro tipo de imóvel, saindo dos centros urbanos. Agora, a gente vê impacto grande do aumento dos juros. Especialmente no início do ano, os juros subiram rápido, então, diminuíram as transações por um tempo. Agora estão voltando. Já vimos que a demanda para imóveis continua.

Raio-X

O executivo, que hoje é CEO da OLX Brasil, nasceu na Holanda e fez carreira em mercados na Europa, na América Latina, na África e na Ásia. Foi consultor na McKinsey e na Braxton Associates, além de passagens por outras empresas de tecnologia, com mais de uma década de atuação em marketplaces online

Manifestante protesta em Brasília contra denúncias de assédio no banco Gabriela Biló - 29.jun.22/Folhapress

Cúpula da Caixa recebeu relato de assédio sexual no banco há dois anos

Funcionária diz que, durante uma viagem a trabalho para Goiás, recebeu convite indevido de um ex-vice-presidente da instituição

Fabio Serapião e Thaísa Oliveira

BRASÍLIA A cúpula da Caixa Econômica Federal sabia de relatos de assédio sexual envolvendo dirigentes do banco ao menos desde 2020 — dois anos antes do início da investigação do MPF (Ministério Público Federal) contra o ex-presidente Pedro Guimarães.

Em julho de 2020, uma funcionária da empresa procurou a então vice-presidente de Pessoas, Girlana Granja Peixoto, para contar que tinha se sentido assediada pelo ex-vice-presidente Celso Leonardo Barbosa em uma viagem do programa Caixa Mais Brasil a Goiás.

Pelas informações obtidas pela **Folha**, Barbosa teria insistido em convites inadequados a essa mulher durante a agenda. De volta a Brasília, ela levou seu relato sobre o episódio para Girlana, que já tinha sido corregedora na Caixa — ela deixou o cargo em novembro de 2019. A ex-vice-presidente decidiu, então, procurar Pedro Guimarães para tratar do assunto, mas não houve nenhuma consequência.

De acordo com pessoas ouvidas pela reportagem, Girlana argumentou que procurou o presidente do banco por entender que ele era o superior hierárquico e deveria tomar medidas sobre o caso. Segundo essas fontes, o nome da funcionária não teria sido revelado nessa conversa.

Outras pessoas do banco, no entanto, criticaram a decisão tomada pela ex-vice-presidente, por entenderem que a servidora que se sentiu assediada poderia ficar exposta. Girlana saiu da vice-presidência de Pessoas em abril de 2021.

Barbosa é amigo de longa data de Guimarães e um de seus maiores aliados. Ele ingressou na Caixa em janeiro de 2019 como assessor estratégico da presidência e tornou-se vice-presidente em março do ano seguinte. Barbosa era tido como o número 2 do banco e frequentemente substituía Guimarães no comando da empresa.

Por meio da assessoria, o ex-presidente da Caixa afirmou desconhecer o caso. "Pedro Guimarães não conhece essa história. Nunca foi informado de nada parecido", disse. Procurados, Girlana Granja Peixoto e a defesa de Barbosa não quiseram se manifestar.

Barbosa renunciou ao cargo de vice-presidente de Negócios de Atacado da Caixa depois que as denúncias de assédio sexual contra Guimarães vieram à tona. Guimarães deixou a presidência do banco em 29 de junho, após acusações contra ele serem reveladas pelo site Metrópoles.

Em entrevista ao programa Fantástico, da TV Globo, uma funcionária da Caixa acusou o ex-vice-presidente de Negócios de atacado de ter acobertado abusos cometidos por Guimarães na instituição. Segundo a servidora, Barbosa vigiava as mulheres que não cediam aos assédios do então presidente do banco.

De acordo com a funcionária, que preferiu não ser identificada, as mulheres "marcadas" pelo ex-presidente eram subordinadas a Barbosa, que tentava acobertar os casos. Ela diz que o executivo fingia acolher as mulheres que resistiam aos assédios de Guimarães para monitorar se havia o risco de denúncia por parte dessas servidoras.

As acusações de assédio sexual e assédio moral na Caixa estão sendo investigadas pela Procuradoria da República no Distrito Federal. O MPT (Ministério Público do Trabalho) e o TCU (Tribunal de Contas da União) também iniciaram procedimentos para averiguar o que acontecia no banco sob a gestão Guimarães.

Após a saída dele do comando do banco, o MPT pediu à Caixa informações sobre "a denúncia de que o sr. Celso Leonardo Barbosa causaria 'temor' às mulheres que trabalham no banco, levando a crer que as denúncias de assédio também se estenderiam ao referido gestor".

O Ministério Público do Trabalho também cobrou do banco dados sobre eventuais denúncias apresentadas internamente contra Barbosa e Guimarães, além dos casos de assédio sexual recebidos contra qualquer funcionário desde 2019 — ano em que Guimarães assumiu a presidência.

Na carta em que formalizou o pedido de demissão, Guimarães negou as acusações, disse ser alvo de "rancor político em um ano eleitoral" e de uma avalanche de "notícias e informações equivocadas".

O ex-presidente da Caixa era um dos nomes mais próximos de Jair Bolsonaro (PL) no governo e um participante frequente das lives semanais do chefe do Executivo.

A Caixa tem afirmado que "existem apurações internas em andamento, em paralelo às que estão sendo feitas pelos órgãos de controle". O banco também ressalta que o Conselho de Administração determinou a contratação de empresa externa e independente para verificar todos os casos.

As denúncias contra Guimarães apontam, entre outras coisas, toques indesejados e convites inapropriados. À **Folha** uma funcionária do banco disse que os assédios aconteciam diante de todos, dentro e fora da instituição.

A mulher, que pediu para ter o nome preservado por receio de retaliação, afirma que ficou em choque depois que Guimarães a puxou pelo pescoço e disse que "estava com muita vontade" dela.

+ ASSÉDIO SEXUAL EM ÓRGÃOS DO GOVERNO

Dois em cada três processos de investigação por assédio sexual na administração pública federal terminaram sem nenhuma penalidade, segundo a CGU (Controladoria-Geral da União). O levantamento inclui processos concluídos entre 2008 e junho de 2022 no âmbito da administração direta, autarquias e fundações, o que compreende ministérios, agências reguladoras e universidades federais.

Bolsonaro contra-ataca, Lula cochila

PIB e emprego melhoram, inflação é maquiada, governismo empareda oposição e STF

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Em julho, a taxa de inflação deve ser negativa. Isto é, o IPCA pode diminuir quase 1% neste mês. A inflação anual cairia pouco, para perto de 10%. A carestia da comida continuaria na casa de horríveis 16% ao ano. A baixa do preço dos combustíveis vai maquiar uma inflação ainda ruim e disseminada.

Mas o bolsonarismo vai bater bumbo, comemorando esse primeiro lance do contra-ataque que começou agora. Deve fazer uns gols nas pesquisas de agosto ou setembro. Talvez não sejam muitos pontos, mas o bastante para afastar o risco de derrota no primeiro turno. Com essa jogada de Auxílio Brasil etc., deve sair do sufoco em que estava fazia apenas uma quinzena.

Além disso, em 31 de julho começam as manifestações de rua bolsonaristas, que devem culminar na reedição apoteótica de aniversário do 7 de Setembro golpista, agora mais disfarçado. "Disfarçado" em termos, pois foi retomada a campanha de desmoralização das urnas e de intimidação do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e do Supremo, ofensiva com grande apoio militar.

Enquanto isso, a oposição, em suma Lula da Silva (PT) e agregados, jogam parados, esperando que inflação, fome e um passado de crimes recentes bastem para manter a rejeição de Jair Bolsonaro lá pela casa de 55%. Não há movimento ou conversa política maiores a fim de conter o contra-ataque bolsonarista.

Como previsto, bancões e outras casas do ramo revisam para cima suas estimativas de crescimento para 2022, que saem de cerca de 1,5% para o degrau dos 2%. Mais importante, atenuam suas previsões de que o número de empregos passaria a crescer pouquinho neste segundo semestre.

O motivo principal das revisões é o dinheiro do pacotão eleitoral, a PEC "Kamikaze" ou dos "Bilhões" —redução de impostos sobre combustíveis e auxílios vários.

Há uma possibilidade muito remota de que parte da baixa dos combustíveis seja revertida por causa de queixas dos governadores na Justiça. Mais improvável ainda é a PEC Kamikaze cair na Câmara.

O Supremo já está intimidado pelos arreganhos bolsonaristas —o pessoal lá diz que não quer "acirrar" o conflito. O Congresso quase inteiro vem dando aval ao estelionato eleitoral. A oposição levou um drible pela mudança de última hora do pacotaço estelionatário, que saiu da burrice de subsídios ainda maiores de combustíveis para o gasto direto com pobres e assemelhados. Não vai ter CPI do MEC.

A oposição ora leva um baile porque não tem estratégia política ou proposta de acordo nacional de reconstrução econômica e democrática. Nem tem programa (de combate político, eleitoral ou outro). A campanha ainda é feita de Lula, "bota o retrato do velho outra vez", e do nojo que parte do país tomou de Bolsonaro.

Daqui a pouco, começa para valer a campanha suja digital bolsonarista, que estava com problemas de organização e disputas intestinas. Vai ter pacote para empresário.

Para recapitular: a partir de julho começam as marchas das massas de choque bolsonaristas. Bolsonaro vai pegar carona nos gastos da comemoração oficial do Bicentenário da Independência.

No início de agosto tem a notícia de inflação negativa de julho e indicadores ainda resistentes de emprego. Entre fins de julho e agosto, começa a pingar o Auxílio Brasil, que deve ter pelo menos um segundo pagamento até o primeiro turno.

Em tese, vão ser dois meses de contra-ataque. O que a oposição vai fazer? Esperar que um desastre financeiro na economia mundial aporte por aqui? Que o povo não compre o estelionato pelo preço de face?

Mais provável, por ora, é que Bolsonaro faça uns gols, uns pontos salvadores nas pesquisas de agosto ou setembro. No mínimo, ganha tempo para golpes.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

1 em cada 3 pessoas tem familiar vítima de fraude bancária

26% daqueles com renda acima de 10 salários mínimos em SP diz já ter enfrentado problema, mostra Datafolha

Thiago Bethônico

SÃO PAULO Um em cada três moradores do estado de São Paulo tem um familiar próximo que já sofreu fraude bancária ou teve dinheiro desviado da conta.

Segundo pesquisa Datafolha feita no fim de junho, 33% dos entrevistados dizem conhecer alguém nessa situação.

Contudo, a maioria (65%) declarou que nunca teve alguém da família vítima desse tipo de golpe.

O Datafolha ouviu 1.806 pessoas em 61 municípios de São Paulo, entre os dias 28 e 30 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Os mais jovens foram os que mais disseram ter familiares nessa situação. Dos entrevistados na faixa entre 16 e 24 anos, 43% conhecem alguém que sofreu fraude bancária. O mesmo percentual foi visto entre os entrevistados que têm ensino médio completo.

A incidência do problema também é mais frequente na capital do que no interior do estado. Dos moradores da cidade de São Paulo, 40% dizem conhecer alguém da família que teve dinheiro desviado ou sofreu fraude.

Na região metropolitana (que engloba a capital e os demais municípios), esse número cai para 38%. Já no interior do estado, 28% dos entrevistados dizem ter um familiar que passou por essa situação.

Quando questionados se eles próprios foram vítimas de fraude ou desvio de dinheiro, apenas 16% dizem já ter enfrentado o problema.

Segundo a pesquisa, a maior parcela das vítimas (22%) tinha entre 35 e 44 anos. A segunda faixa com maior recorrência desses crimes foi a com pessoas com mais de 60 anos. Nesse grupo, 18% disseram ter sofrido alguma fraude.

A incidência de golpes, por sua vez, também variava de acordo com a renda, mostra a pesquisa Datafolha.

Entre os que recebem mais de dez salários mínimos, 26% afirmam que já tiveram dinheiro desviado da conta bancária ou sofreram fraude.

Dos que recebem entre cinco e dez salários, 21% dizem que já foram vítimas de crimes semelhantes. É o segundo grupo com mais casos, seguido dos que ganham entre dois e cinco salários mínimos (17%) e menos de dois salários mínimos (14%).

Durante a pandemia, uma maior parcela da população precisou usar os meios digitais para realizar procedimentos bancários, como transferências e pagamentos de contas.

O processo de bancarização com o auxílio emergencial também ajudou a criar um cenário mais propício para fraudes.

Nesse contexto, as tentativas de golpes explodiram. Só em maio de 2022, 331 mil pessoas foram vítimas de tentativas de fraude no Brasil, segundo o Indicador Serasa Experian que mapeia essas ações. O número representa uma tentativa a cada oito segundos.

De acordo o levantamento da Serasa, o principal alvo dos fraudadores foi o segmento de bancos e cartões, com 53% do total de investidas.

Além da frequência, a diversidade de fraudes cresceu. Criminosos usam desde anúncios de vagas de empregos até golpes envolvendo o Pix para desviar dinheiro das vítimas.

Outro crime que ficou mais recorrente é o "golpe do limpa tudo", que mistura os ambientes digital e físico.

Nesses casos, após roubar ou furtar o celular da vítima, os criminosos conseguem descobrir as senhas de aplicativos de bancos e demais instituições financeiras para fazer transações e levar o dinheiro.

Apesar do aumento desse tipo de crime, apenas 3% dizem que a fraude ou desvio ocorreu após ter o celular roubado.

Alguém entre seus familiares mais próximos já teve dinheiro desviado ou sofreu alguma fraude na conta bancária?
Em %

Na capital é mais frequente do que no interior
Em %

Você já teve dinheiro desviado de uma conta bancária ou sofreu alguma fraude?
Em %

Maioria conseguiu ter dinheiro de volta
E você conseguiu recuperar o dinheiro desviado?
Em %

Mais escolarizados e mais ricos tiveram mais sucesso em recuperar o dinheiro
E você conseguiu recuperar o dinheiro desviado?
Em %

Fonte: Pesquisa Datafolha realizada entre 28 e 30 de junho com 1.806 entrevistados de 16 anos ou mais em 61 municípios do estado de São Paulo; margem de erro máxima para o total da amostra é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos; registro no TSE - BR-01822/2022

Maioria consegue recuperar dinheiro após sofrer golpe

De acordo com a pesquisa Datafolha, entre os 16% que dizem já ter sofrido golpe em São Paulo, mais da metade afirma que conseguiu receber a quantia de volta.

Segundo o levantamento, 57% dos entrevistados que já sofreram fraude ou tiveram algum valor desviado informaram que conseguiram recuperar o dinheiro.

Embora a maioria tenha conseguido reaver as perdas, os recortes de ensino e renda mostram que as pessoas mais escolarizadas e com maiores salários foram as que tiveram maior sucesso.

Entre os entrevistados com ensino fundamental completo, só 39% afirmam ter recebido o dinheiro de volta. Dos que concluíram o ensino médio, 55% tiveram o mesmo desfecho. Já entre os que possuem ensino superior, a taxa de sucesso foi a melhor: 69%.

O mesmo acontece em relação ao salário. Quanto maior a renda, maior o percentual de êxito.

Das pessoas que recebem até dois salários mínimos e sofreram alguma fraude, 42% recuperaram o dinheiro. Essa proporção sobe para 59% no grupo dos que ganham entre dois e cinco salários. Na faixa de renda superior (entre cinco e dez salários), a maioria teve o valor devolvido: 86%.

Para obter o dinheiro de volta, a recomendação de especialistas é agir o mais rápido possível, uma vez identificado o crime.

Além de apagar os dados de forma online após ser roubado, é necessário ligar imediatamente para o banco, pedir o bloqueio de todos os acessos e anotar o protocolo de atendimento, o horário e, se possível, o nome da pessoa que o atendeu. Em seguida, registrar o boletim de ocorrência.

Há um prazo de até sete dias para que a instituição financeira dê uma resposta aos clientes, afirmam advogados. O Procon-SP (Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor de São Paulo) dá prazo de até dez dias para resposta após reclamação no órgão.

De acordo com a Febraban (Federação Brasileira de Bancos), a política de ressarcimento dos valores fica a cargo de cada instituição financeira e é baseada em "análises aprofundadas e individuais, considerando as evidências apresentadas pelos clientes e informações das transações realizadas".

O cliente deverá passar por uma espécie de investigação antes de conseguir os valores. A Febraban diz ainda estar atenta "aos problemas de segurança pública e seus reflexos nas transações bancárias e na segurança de seus clientes, especialmente com o uso do Pix".

Nos casos envolvendo o sistema de pagamentos instantâneo, o Banco Central informa que existem mecanismos para aumentar a chance de ressarcimento. São eles o bloqueio cautelar do Pix e o MED (Mecanismo Especial de Devolução).

No caso do MED, ao serem comunicadas da fraude bancária, as instituições financeiras em que a vítima e o fraudador têm contas poderão abrir uma notificação para o bloqueio dos recursos.

Para isso, também é preciso avisar imediatamente a instituição pelo canal de atendimento oficial, como SAC ou Ouvidoria. Na sequência, é necessário registrar um boletim de ocorrência.

Feito o aviso, ambas as instituições deverão analisar o caso e, se configurada situação de fraude, será feita a devolução dos recursos.

No entanto, a melhor estratégia é se prevenir. Algumas dicas para reforçar a segurança são proteger por senha o aplicativo do banco e não anotar em papel; diminuir o valor que pode ser transferido via Pix; conferir os dados de quem vai receber a transferência; não clicar em links suspeitos para cadastrar ou fazer pagamentos e suspeitar de benefícios, e pedidos de transferência de valores pelo Pix.

Argentina vive dias de preços sem controle

População corre para comprar alimentos e lojas remarcam valores às pressas após troca de ministro da Economia

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES Supermercados com preços remarcados à mão e às pressas, lojas de equipamentos de informática trabalhando a portas fechadas, apenas para entregar encomendas já pagas em dias anteriores, sistemas de home banking travando em operações que envolvessem contas em dólares, oficinas de carros oferecendo o mesmo serviço pelo triplo do valor cobrado na semana anterior.

Após Martín Guzmán anunciar sua renúncia ao Ministério da Economia, no fim de semana passado, os argentinos correram para supermercados e lojas para se abastecer e viveram dias de preços sem controle, com reajustes de quase 20% na última semana.

A queda de braço entre o presidente Alberto Fernández e sua vice, Cristina Kirchner, expôs duas visões de política econômica para a Argentina. Fernández a favor de manter a reestruturação da dívida com o FMI (Fundo Monetário Internacional) e compromissos como ajuste fiscal e controle da inflação.

Cristina mostrando desprezo pela entidade e pedindo que Alberto "usasse a caneta" para exigir mais impostos e ajustes de empresas mais ricas do país, e que voltasse à política de emissão monetária disparada na pandemia que, se por um lado, ajudou a população mais pobre, hoje alimenta a inflação, que já toca 60% ao ano.

Guzmán havia chegado ao cargo com apoio de Cristina, mas, quando passou a criticar a política de subsídios e a defender um aumento nas contas de eletricidade e gás, Kirchner se virou contra ele. As críticas vinham sendo tão duras que ele pediu demissão enquanto ela fazia um discurso no sábado passado.

A posse da sucessora, Silvina Batakis, tida como um "meio-termo" entre as duas visões, não trouxe calma a todos. Para o FMI, sim, pois ela se comprometeu a cumprir o acordo assinado por seu antecessor. Já a população da argentina reagiu de modo distinto.

Acostumados com disparadas de preços, como na hiperinflação dos anos 1980 ou no pós-corralito de 2001, os argentinos correram para se desfazer de seus pesos. Os que podem — e são poucos — se refugiam-se no dólar. Porém, desde o governo Macri, só é possível comprar US$ 200 por semana de modo oficial. A opção é ir ao dólar paralelo, que aumentou mais que o dobro do oficial devido à procura. Enquanto a moeda norte-americana é vendida a 125 pesos no oficial, chega a 280 pesos no paralelo. O mercado, por sua vez, assistindo à alta do paralelo, remarca preços.

"As consequências são imprevisíveis. Se já vínhamos com uma inflação mensal alta (e anual tocando os 60%), não é agora que vai baixar. Antes tínhamos como justificativas a recessão, a Guerra da Ucrânia, mas este problema é novo e inventamos nós mesmos", disse Claudio Caprarulo, da Analytica.

A reportagem havia deixado um computador no conserto na semana passada, por um valor de 60 mil pesos (US$ 470 no oficial, pouco mais de US$ 200 no paralelo). No dia combinado para a entrega, a loja estava fechada. No dia seguinte, porém, foram cobrados 75 mil pesos. A justificativa foi que o preço das peças na importação aumentou.

Em outro momento, um motorista contou à reportagem que chegou atrasado para a corrida porque precisava trocar uma correia e estava na oficina, mas acabou desistindo do serviço "porque ia sair mais que o dobro". O resto do caminho foi torcendo para a correia antiga não estourar.

> "Antes tínhamos como justificativas a recessão, a Guerra da Ucrânia, mas este problema é novo e inventamos nós mesmos
>
> **Claudio Caprarulo**
> consultor da Analytica

Mulher faz compra em supermercado de Buenos Aires; saída de Guzmán amplia desgaste no governo e aprofunda crise na Argentina Luis Robayo/AFP

Em épocas de insegurança cambiária como esta, os argentinos costumam comprar bens eletroeletrônicos e alimentos no atacado, para não ficarem na mão. Nem isso foi fácil. Lojas de eletrodomésticos também trabalharam apenas parcialmente nesses dias e com preços remarcados em até 20% — enquanto a inflação de julho, segundo as projeções, será de 6%.

O governo anunciou uma nova versão do programa Preços Cuidados, com uma lista de cerca de 1.300 itens que não poderão ser aumentados. É o bom e velho congelamento, muito criticado por economistas. "É sempre a primeira ideia do governo, e nunca funciona, mas sempre usamos, passa por colocar a culpa da economia nos donos dos supermercados, não nos responsáveis pela política econômica, claro que não funciona, é colocar um band-aid em alguém que precisa de um transplante", diz o economista Fausto Spotorno.

Em sua primeira entrevista para um canal de televisão alinhado ao kirchnerismo, Batakis afirmou que haverá uma proibição de comprar passagens aéreas para o exterior em parcelas e pediu que as pessoas se voltem mais ao turismo dentro do país para evitar a saída de dólares.

Inflação deixa a pizza 30% mais cara e reduz frequência de pedidos

Aumento do preço do leite atinge pizzarias; proprietários reduzem as opções do cardápio e evitam promoções

Pizza caprese saindo do forno da Pizza Prime Aclimação, em SP Bruno Santos/ Folhapress

Ana Paula Branco

SÃO PAULO A pizza está até 30% mais cara para os brasileiros neste ano, e o motivo, agora, são os derivados do leite. O Dia da Pizza, celebrado em todo o mundo neste domingo (10), chega com o produto pesando mais no bolso. As pizzarias afirmam que ainda não repassaram nem metade dos aumentos que enfrentam no custo da produção.

O presidente da Apubra (Associação das Pizzarias Unidas do Brasil), Gustavo Cardamoni, diz que, desde o início da pandemia, em março de 2020, o setor sofre com alta dos insumos. "Uma hora são os embutidos, outra é a farinha ou o tomate. Nos últimos dois meses, tivemos um aumento absurdo nos derivados do leite. A mozarela, que custava R$ 24, hoje passa dos R$ 50", afirma.

Os lácteos representam 50% da compra de insumos de uma pizzaria. Entre março de 2020 e março de 2022, o custo de produção do leite subiu 64%, segundo a Embrapa Gado de Leite, principalmente devido à alta das cotações de soja e milho, usados nas rações animais.

Embora os recheios variem de acordo com a região, o queijo é quase unanimidade.

Na conta das pizzarias está ainda a alta dos aluguéis, da energia elétrica e do gás. No custo fixo, entra também a embalagem de papelão, que subiu 80% em dois anos.

Para conter os gastos, proprietários estão diminuindo as opções do cardápio e evitando promoções. Como consequência dos constantes reajustes nos valores, até folhetos distribuídos mudaram e não trazem mais os preços das pizzas. A estratégia também é usada no cardápio de alguns estabelecimentos.

"Nunca vimos uma inflação dessa. Tínhamos picos sazonais. Na época do frio, sempre tinha uma inflação de 10% nos lácteos. Agora, é sistêmica. Nesses últimos meses, tudo praticamente dobrou", diz Gabriel Concon, CEO da Pizza Prime, que acaba de criar uma área de inteligência na empresa para enfrentar o novo cenário econômico.

"Além da inflação, tem produto que você não encontra mais para comprar. Antes, trabalhávamos com duas opções de marca, agora, precisamos ter cinco", afirma Concon.

Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, calculou um Índice Pizza a pedido da **Folha**. O cálculo considera o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) de janeiro de 2020 a julho de 2022 e os principais ingredientes da pizza de mozarela.

"O preço disparou. Só nos últimos 12 meses, houve alta de 34,7%", afirma Agostini.

Gustavo Cardamoni diz que todas as pizzarias estão trabalhando abaixo da sua margem de lucro habitual e que o setor ainda paga empréstimos adquiridos durante a pandemia.

Muitas pizzarias estão pagando essas parcelas, estão endividadas em meio a toda alta de custos. Tem muitas pagando para trabalhar, e outras, sendo colocadas à venda", afirma.

No país que produz mais de 4 milhões de pizzas por dia, a frequência de pedidos caiu, reflexo da queda no poder de renda dos brasileiros. O número de pedidos na semana e o valor destinado à pizza sobem de acordo com a renda familiar.

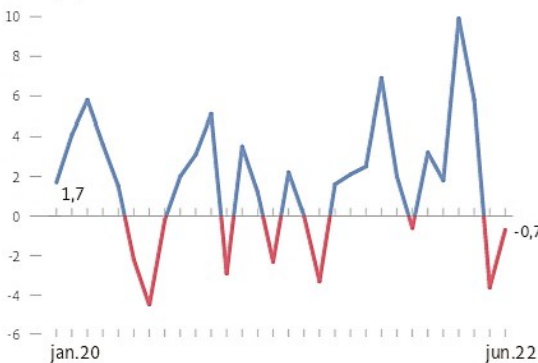
"Se repassarmos todos os custos, não venderemos. Mas, só neste ano, estou indo para o quarto reajuste de preços, e precisei reduzir a equipe. Eu mesmo faço algumas entregas", conta o dono de uma pizzaria na Vila Leopoldina (zona oeste) Daniel Kusters.

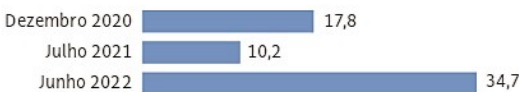
Segundo a Apubra, cerca de 112 mil CNPJs de pizzarias estão ativos atualmente no Brasil. Mais de 54,4% deles são MEIs (Microempreendedores Individuais). Cardamoni afirma que há aindacentenas de estabelecimentos abertos na informalidade.

São Paulo segue sendo o estado que mais consome pizza e está entre os líderes mundiais. São aproximadamente 26.160 pizzarias no estado, de acordo com a Apubra. O segundo lugar em número de pizzarias é ocupado pelo Rio (9.739), seguido de Minas (7.668), Bahia (5.281) e Paraná (4.689).

Neste domingo, grandes redes vão celebrar a data com ofertas. A Domino's dará 50% de desconto em qualquer pizza grande ou média. A Pizza Prime terá "Combo Premium", com pizza de 35 cm acompanhada de um refrigerante de 1,5 litro por R$ 67,90. Já a Pizza Hut informou que divulgará ofertas em suas redes sociais.

Inflação da pizza de queijo

Variação, em %

Acumulado dos 12 meses anteriores, em %

Dezembro 2020	17,8
Julho 2021	10,2
Junho 2022	34,7

Cálculos feitos por Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, no dia 8/7/22, com base no IPCA dos itens: farinha de trigo, tomate, cebola, presunto, ovo de galinha, queijo, azeitona, sal e fermento

Quanto R$ 1 milhão compra em patrimônio

Variação de preços de imóveis e carros na cidade de São Paulo nos últimos 10 anos

Imóvel (preços entre R$ 900 mil e R$ 1 milhão)

2012

Cobertura de 148 m², 3 dormitórios (2 suítes), 2 vagas, na Saúde*

2017

Apartamento de 71 m², 2 dormitórios (1 suíte), 1 vaga, em Moema**

2022

Apartamento de 65 m², 2 dormitórios (1 suíte), 1 vaga, na Vila Mariana***

Carro (preços em torno de R$ 100 mil)

BMW 118i 2.0 automático

Toyota Corolla GLI Upper 1.8 automático

Chevrolet Onix LTZ 1.0 turbo manual

*Empreendimento da Gafisa "Like Saúde"; preço do m² no bairro hoje: R$ 8.250 **Empreendimento da Tegra "Chez Vous Moema"; preço do m² no bairro hoje: R$ 10.690
***Empreendimento da Cyrela "Atmosfera Vila Mariana"; preço do m² no bairro hoje: R$ 9.800. Fontes: Apê11, Fipe e Grupo SP Imóvel

Inflação no Brasil deixa até milionários 'menos ricos'

R$ 1 milhão hoje compra patrimônio inferior ao possível há dez ou cinco anos

Daniele Madureira

SÃO PAULO Uma senhora de 65 anos de Várzea Paulista, cidade a 58 quilômetros de São Paulo, foi contemplada com R$ 1 milhão em junho. De origem humilde, mal acreditou que havia se tornado milionária no mês do seu aniversário, com a chance de comprar duas casas novas: uma para ela e o filho e a outra para a filha.

O nome dela é guardado em sigilo pela Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, responsável por sortear, todo mês, R$ 1 milhão pelo Nota Fiscal Paulista.

A Prefeitura de São Paulo também sorteia, todo mês, R$ 1 milhão aos contribuintes que pedem nota fiscal de serviços pelo programa Nota do Milhão. No último dia 5, foi a vez de um morador do Campo Belo, zona sul da capital.

Ambos certamente estão satisfeitos de se tornarem milionários em meio a uma das piores crises do país. Mas a inflação na casa dos dois dígitos não dará o gostinho de ser um milionário como há dez ou cinco anos. No Brasil de 2022, R$ 1 milhão compra menos em patrimônio.

"O dinheiro muda de valor com o tempo. O poder de compra varia de maneira acentuada a cada cinco anos, em especial neste momento de inflação em alta", diz a professora de finanças da FGV (Fundação Getulio Vargas) Myrian Lund.

O aumento dos preços corrói a renda até de quem é milionário: há dez anos, com R$ 1 milhão era possível comprar, por exemplo, uma cobertura de 148 m² com três quartos na Saúde, bairro da zona sul de São Paulo, e ainda deixar um BMW 118i 2.0 automático na garagem. Hoje, com o mesmo dinheiro, compra-se um apartamento de 65 m² e dois dormitórios na Vila Mariana, também na zona sul da capital, com vaga para um Chevrolet Onix 1.0 câmbio manual.

Segundo Myrian Lund, juntar dinheiro não tem sido trivial. "Já foi no passado, e muita gente ainda fica com essa lembrança, do que os pais ou avós fizeram para construir ou aumentar o patrimônio", afirma.

"Nos anos 1990, por exemplo, ganhavam-se 20% acima da inflação real. Por isso, todo o mundo deixava o dinheiro na poupança", diz. "Naquela época, quem vendesse um imóvel de R$ 1 milhão conseguiria sacar, todo ano, R$ 200 mil, sem mexer no patrimônio." Ou seja, era possível viver de renda, ganhando cerca de R$ 16 mil ao mês (equivalente a R$ 70 mil atualmente).

"Hoje, quem tem R$ 1 milhão não pode parar de trabalhar", diz Myrian.

Ela aponta como a melhor aplicação a que paga inflação mais juros, como o IMA-B (formado por títulos públicos indexados à inflação medida pelo IPCA), que nos últimos dez anos teve rentabilidade de 172%. "Hoje se você aplica R$ 1 milhão em um título público que renda inflação mais 6% ao ano, vai receber R$ 60 mil no ano. Vai viver com R$ 5.000 por mês, bem abaixo do padrão de vida esperado para um milionário", diz.

A especialista diz que, para quem não está acostumado a lidar com dinheiro e não tem um imóvel, a compra da casa própria ainda é uma garantia. "Se tem R$ 1 milhão na mão e não tem imóvel, compre um", diz Myrian. "No futuro, você pode vender e morar em uma cidade do interior, no caso de quem vive nas capitais, onde o custo de vida é muito maior."

O preço para ter uma casa própria cresceu, uma vez que os custos da construção contribuíram para o aumento do valor final dos imóveis. De 2017 até o primeiro semestre deste ano, o INCC (Índice Nacional de Custo da Construção) acumula alta de 49%.

Segundo Cyro Naufel, diretor institucional da corretora Lopes, as empresas ainda não repassaram toda essa alta, porque a renda do brasileiro não teve igual crescimento. "Ainda há espaço para mais aumentos porque o preço está represado, não porque a região vai se valorizar", diz.

Esse é um dos principais cuidados que um comprador de imóvel novo deve ter neste momento de alta da inflação, diz Alison Oliveira, coordenador do índice FipeZap, indicador que acompanha preços de imóveis em 50 grandes cidades do país.

"Se o imóvel está acima do preço de mercado, vai desvalorizar com o passar do tempo", diz. Nos últimos dez anos, o ranking do metro quadrado mais caro do país permaneceu o mesmo, com os bairros cariocas Leblon, Ipanema e Lagoa liderando, seguidos pelo paulistano Itaim Bibi.

Segundo Oliveira, os bairros do Rio, todos na zona sul da cidade, são tradicionalmente os mais valorizados por estarem entre o mar e a lagoa.

> "Hoje se você aplica R$ 1 milhão em um título público que renda inflação mais 6% ao ano, vai receber R$ 60 mil no ano. Vai viver com R$ 5.000 por mês, bem abaixo do padrão de vida esperado para um milionário
>
> **Myrian Lund**
> professora de finanças da FGV

Já em São Paulo, o Itaim Bibi se destaca por ser o centro financeiro da capital. Os imóveis acompanham a toada: um apartamento compacto de 34 m² está por R$ 1 milhão no Itaim, informa a Lopes.

Para Renato Breia, sócio da casa de análise de investimentos Nord Research, "carregar" um ativo que não valoriza acima da inflação, como é o caso dos imóveis, não é boa opção.

O economista afirma que tudo depende dos objetivos. "Se, aos 60 anos, ele quisesse investir R$ 1 milhão para preservar o patrimônio e ainda ter uma renda para viver até os 95 anos, poderia ter retiradas de R$ 3.994 ao mês", diz. "Mas, se essa retirada subisse para R$ 6.000, o patrimônio dele acabaria aos 83 anos."

Já o engenheiro Leonardo Azevedo, presidente da Apê11 —plataforma de compra e venda de imóveis, que pertence ao banco Santander—, defende que o imóvel pode servir como aposentadoria e para proteger o dono da inflação.

A pedido da reportagem, Azevedo apontou exemplos de imóveis lançados em 2012 e 2017 na faixa de R$ 1 milhão e que hoje tiveram valorização: a cobertura de 148 m² e três quartos na Saúde, em São Paulo, foi vendida por R$ 1,091 milhão e hoje vale entre R$ 1,7 milhão e R$ 1,8 milhão. O apartamento de 71 m² e dois quartos em Moema teve preço de lançamento de R$ 940 mil e hoje está estimado de R$ 1,25 milhão a R$ 1,3 milhão.

O executivo concorda, porém, que, em valores absolutos, a dívida contraída para comprar um imóvel é maior hoje que há dez anos, pois a renda não subiu na mesma proporção. "Mas imóvel não é como carro, que só deprecia."

Conforme dados da Tabela Fipe, em 2012, era possível comprar um BMW 118i 2.0 automático zero por R$ 100 mil. Mas hoje, com esse capital, o que se pode comprar é um Chevrolet Onix 1.0 manual.

Ciência para a reconstrução

Basta de cortes em educação para favorecer obscuras emendas 'de relator'

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Esta coluna foi escrita para a campanha #ciênciaseleições, que celebra o Mês da Ciência. Em junho, colunistas cedem seus espaços para refletir sobre o papel da ciência na reconstrução do Brasil. Quem escreve é Paulo Nussenzveig, físico, professor do Ifusp (Instituto de Física da Universidade de São Paulo) e pró-reitor de pesquisa e inovação.

*

Em países democráticos, eleições servem para renovar lideranças e promover o debate público. Nesse ano, isso é de especial relevância para nós, pois precisamos nos recuperar dos danos após dois anos de pandemia, além de uma guerra em curso na Europa, que afeta a economia global.

Os desafios que teremos de vencer em saúde, educação, transporte, segurança, redução das desigualdades sociais, tudo isso em cenário de inflação global e escassez de determinados recursos naturais, exigirão planejamento, capacidade técnica e organização. A pandemia ceifou-nos mais de 670 mil vidas brasileiras. Embora ainda haja muitos contágios, as fatalidades diminuíram drasticamente graças às vacinas desenvolvidas em tempo recorde. Ciência salva vidas. Como diz o personagem de Matt Damon no filme "Perdido em Marte", "We will have to science the shit out of this". Literalmente, a gente vai precisar de muita ciência para sair desta situação.

Ao longo destes últimos quatro anos, vimos instituições septuagenárias, como a Capes e o CNPq, penarem com restrições orçamentárias que ameaçam sua sobrevivência. O Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) tem sofrido seguidos cortes. No ano passado, o Congresso aprovou a lei 177/2021, que impede o contingenciamento de recursos do FNDCT, após derrubar veto presidencial. Em editorial nesta **Folha**, *publicado em 2/7, o governo é criticado por novamente bloquear R$ 2,5 bilhões do FNDCT.*

Uma análise das economias mais prósperas do planeta permite estabelecer forte correlação entre prosperidade e investimento em pesquisa e desenvolvimento (P&D). Segundo dados da OCDE e do Banco Mundial, os principais países da União Europeia investem entre 2% e 3,5% de seu PIB em P&D; os EUA investem 3,45%; a China, 2,4%, e Israel chega a 5,4%, enquanto no Brasil permanecemos estagnados em investimento em P&D próximo a 1,2% do PIB.

É preciso que a sociedade dê um recado claro aos políticos: basta de cortes em educação, saúde, ciência e tecnologia para favorecer fundos eleitorais e obscuras emendas "de relator", já popularizadas como "orçamento secreto". Além de termos sentido na carne a necessidade de investimento em saúde, não podemos mais adiar a busca de soluções para a crise climática.

Se a devastação da Amazônia preocupa as nações europeias, estarrecidas diante das toneladas de carbono emitidas pela floresta em chamas, ela deveria nos preocupar ainda mais. O regime de chuvas no Sudeste é fortemente influenciado pelos "rios voadores", os imensos volumes de vapor de água liberados pelas folhas das árvores e que se precipitam em forma de chuva: sem floresta, acabaremos com a agricultura, e a indústria parará por falta de água.

Finalizo com um exemplo da minha área de atuação. Em diversos países, os governos estão investindo fortemente na geração de novas tecnologias a partir da física quântica. Um exemplo é o lançamento de satélites com gravímetros baseados em interferometria atômica que permitirão descobrir a composição da terra, bem abaixo da superfície.

Em breve, outros países poderão conhecer as riquezas contidas no nosso subsolo, enquanto nós permaneceremos sem ciência, comprometendo nossa soberania. Sem ciência, não há desenvolvimento.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Wish permitia anúncios falsos em seu site para testar consumidor

Golpes como TV por US$ 1 faziam parte de experimento para descobrir se cliente reclamaria

Tiffany Hsu e Sapna Maheshwari

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES Havia pechinchas inacreditáveis na loja "bestdeeal9", hospedada na plataforma de comércio eletrônico Wish, incluindo uma smart TV de US$ 2.700 (R$ 14,3 mil) sendo vendida por US$ 1 (R$ 5) e um computador por US$ 1,30 (R$ 6,9). Nenhuma das ofertas era real, e a Wish sabia disso.

A empresa, um empório de novidades online que teve mais de US$ 2 bilhões (R$ 10,6 bilhões) em vendas no ano passado, criou o "bestdeeal9" como um experimento. As ofertas que foram removidas por violar as políticas da Wish foram republicadas na seção e usadas em parte para rastrear se os compradores reclamavam quando seus pedidos não chegavam.

Os funcionários que trabalhavam no projeto pressionaram repetidamente os executivos a fechar a loja, argumentando que era ilegal e antiética, segundo três pessoas familiarizados com o projeto que falaram sob a condição de anonimato. Mais de 213 mil pessoas fizeram compras na loja, conforme um documento interno visto pelo The New York Times, embora ele não diga quantas receberam seus produtos.

Tarek Fahmy, então vice-presidente sênior de engenharia e responsável pelo projeto, encerrou-o em 2020, depois de operar por vários meses, disseram os funcionários. Fahmy, que já deixou a Wish, não respondeu a pedidos de comentários. A Wish se recusou a comentar.

Vários funcionários disseram que o "bestdeeal9" é indicativo do tipo de prática — dar prioridade ao crescimento em curto prazo, e não ao atendimento ao cliente — que inicialmente transformou a Wish em um gigante, mas agora a faz tentar desesperadamente se corrigir.

Desde sua fundação, em 2010, a Wish teve muitas das características de uma história clássica de sucesso do Vale do Silício: iniciada por um jovem programador e seu amigo de faculdade, ela supostamente recusou uma oferta de aquisição por US$ 10 bilhões (R$ 53 bilhões) da Amazon e foi descrita pela Recode como um aplicativo "que poderá ser o próximo Walmart".

Ariel Davis/The New York Times

Ela desenvolveu uma reputação como loja de pechinchas na internet, oferecendo bugigangas e coisas estranhas diretamente de fornecedores na China.

Durante algum tempo, a empresa foi a maior anunciante no Facebook e Instagram e uma das maiores no Google, gastando mais de US$ 1 bilhão em vendas e marketing no ano passado.

Peter Szulczewski, ex-CEO da empresa, uma vez comparou o sucesso da Wish à vitória eleitoral de Donald Trump em 2016, explicando que tanto a empresa quanto o candidato atraíram "a metade invisível" dos americanos que eram comumente ignorados por analistas políticos e as elites do Vale do Silício.

Mas a Wish desperdiçou sua promessa inicial, de acordo com ex-funcionários.

Experimentos enganosos como "bestdeeal9" afastaram clientes, assim como o padrão ruim dos produtos e as entregas não confiáveis. Quando o custo crescente dos anúncios a forçou a reduzir o marketing, a empresa teve dificuldade para atrair compradores.

A Wish agora está lutando para dar a volta por cima. A empresa disse em comunicado que "nos últimos seis meses passou por uma grande transformação."

"Já vimos uma tração significativa, e continuamos comprometidos em executar nossas prioridades e construir uma plataforma de crescimento em longo prazo", disse.

Mas fazer do crescimento a maior prioridade provou ser incapacitante no longo prazo para a Wish. Mesmo com controles de qualidade mais rígidos sobre produtos, comerciantes e entrega, a receita no último trimestre caiu 76% em relação ao ano anterior.

A empresa abriu o capital em 2020 a US$ 24 (R$ 127,3) por ação, que hoje é negociada a menos de US$ 2.

"As empresas devem evoluir e amadurecer", disse Christian Limon, que foi chefe de crescimento e diretor de marketing interino da Wish em 2016 e 2017. "A maneira mais fácil de dizer o que aconteceu é que o que funcionava para ela parou de funcionar e não evoluiu."

Os fundadores da empresa, Szulczewski e Danny Zhang, eram estudantes de matemática na Universidade de Waterloo e recrutaram seus primeiros dez funcionários no departamento de matemática da escola canadense. Em entrevista à sua ex-escola, Szulczewski descreveu a Wish como "muito inserida numa cultura de lógica". Ele e Zhang não responderam a pedidos de comentários.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Morre Lily Safra, uma das mulheres mais ricas do mundo

Clayton Castelani

SÃO PAULO Lily Safra, uma das mulheres mais ricas do mundo, morreu neste sábado (9) em Genebra, na Suíça, aos 87 anos.

A informação foi confirmada pela Fundação Edmond J. Safra, da qual Lily era presidente.

A causa da morte não foi informada. O funeral será realizado nesta segunda-feira (11), também em Genebra.

A notícia foi antecipada pelo colunista Lauro Jardim, do jornal O Globo.

Lily tinha patrimônio estimado em US$ 1,3 bilhão (R$ 6,9 bilhões).

Segundo a revista Forbes, ela ocupava a 12ª posição na lista das mulheres brasileiras mais ricas do mundo em 2021.

Na relação atualizada do ranking de bilionários da Forbes, Lily era a número 2.117 entre as pessoas com maior patrimônio no planeta. O primeiro lugar pertence ao empresário Elon Musk, fundador da Tesla, cuja fortuna é avaliada em US$ 238 bilhões (R$ 1,26 trilhão).

Nascida em Porto Alegre em 1934, sua fortuna é atribuída às heranças de seus casamentos.

Lily foi casada durante 23 anos com o banqueiro libanês Edmond Safra, que morreu em 1999 em um incêndio criminoso no apartamento em que morava, em Mônaco.

Ela, que também estava no imóvel, conseguiu escapar do incêndio. O enfermeiro da família foi responsabilizado pelo crime.

Edmond era irmão do também banqueiro Joseph Safra, que presidiu o Grupo Safra até 2020, quando morreu, aos 82 anos. Joseph era considerado o banqueiro mais rico do mundo.

Ela também foi casada com Alfredo Monteverde, fundador do Ponto Frio, hoje controlado pelo grupo Via Varejo. Monteverde cometeu suicídio em 1969.

Lily Safra durante evento beneficente em Paris, em 2018

Divulgação

Lily vendeu a participação que possuía no Ponto Frio em 2009, por US$ 340 milhões (R$ 1,8 bilhão) para o Grupo Pão de Açúcar.

Em 2015, ela venceu uma disputa com o GPA, alegando que o grupo havia desrespeitado cláusulas do contrato de venda assinado anos antes.

Com isso, recebeu mais de R$ 212 milhões.

Em 2010, o livro "Gilded Lily" (Lily Dourada), escrito pela repórter Isabel Vincent, do New York Post, lançou dúvidas sobre as mortes dos maridos ricos da socialite gaúcha.

A publicação chegou às livrarias dos Estados Unidos, mas teve a venda proibida no Brasil, incluindo a sua versão eletrônica.

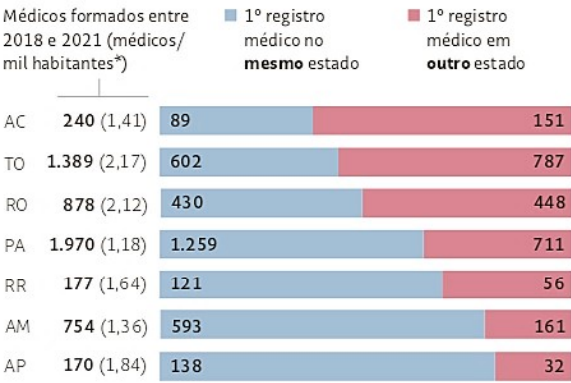
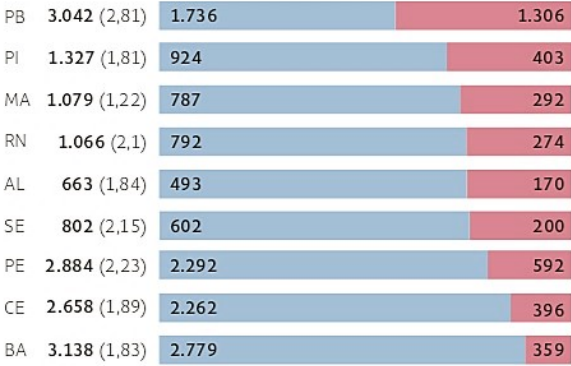
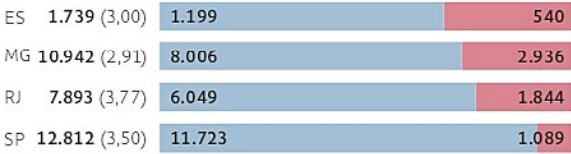
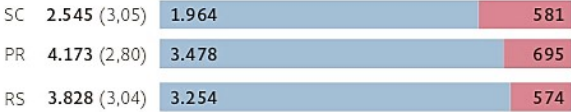
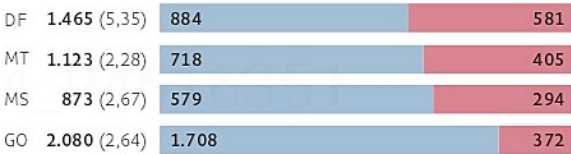
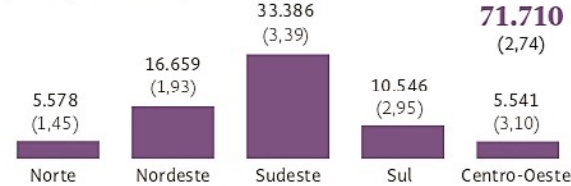
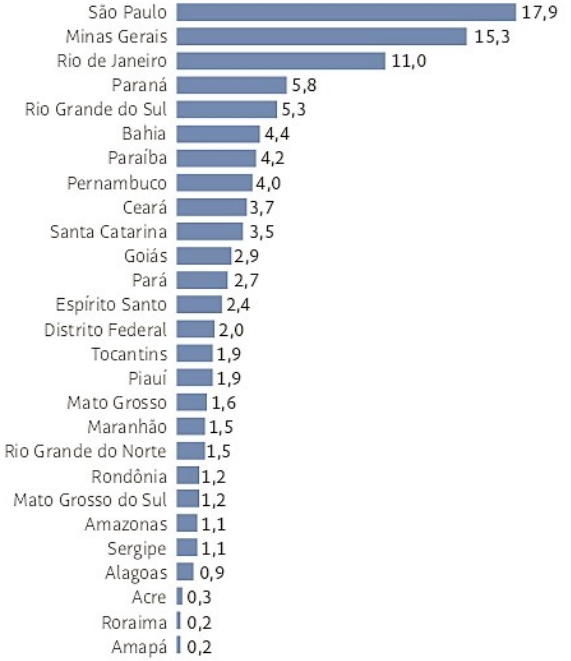
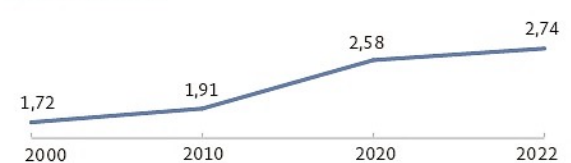
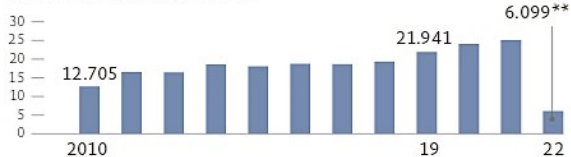
A ação foi movida por um sobrinho de Lily, filho do irmão dela. Ele alegou à Justiça que a jornalista ofendia a memória de seu pai, já falecido.

A bilionária ficou conhecida por suas doações, por exemplo, a projetos de pesquisa contra a doença de Parkinson e outras doenças cerebrais.

Em 2012, ela fez um leilão de suas joias na Christie´s de Genebra, arrecadando um total de cerca de US$ 37 milhões a instituições de caridade, um recorde mundial de evento para fins beneficentes à época. Uma única peça, um anel feito de rubi e diamantes, de 32 quilates, foi vendido por US$ 6,74 milhões.

A fundação Edmond J. Safra, dirigida por Lily desde a morte do marido, é dedicada a projetos relacionados à educação, ciência e medicina, entre outros temas, em mais de 40 países.

Em nota, a instituição diz que Lily morreu "cercada por familiares e amigos".

"Por mais de 20 anos, a sra. Safra sustentou fielmente o legado filantrópico de seu amado marido Edmond, prestando apoio a centenas de organizações em todo o mundo", afirmou.

Estados perdem até 60% dos recém-formados em medicina

Entidades temem ampliar a concentração de profissionais no Sul e Sudeste

Isabela Palhares

SÃO PAULO A interiorização e expansão dos cursos de medicina no país não têm garantido a fixação de médicos nas regiões menos assistidas por esses profissionais. Mesmo com a ampliação do número de formados, alguns estados chegam a perder até 60% dos recém-graduados.

A ampliação dos cursos de medicina se intensificou no país a partir de 2013, com a lei do Mais Médicos, sob o argumento de que a abertura de escolas médicas em regiões mais desassistidas faria com que conseguissem reter os profissionais.

Essa política, porém, não garantiu a fixação dos médicos nesses locais e, hoje, entidades temem que uma disputa bilionária entre grupos educacionais possa ampliar a concentração desses profissionais no Sul e Sudeste do país.

A disputa, que chegou ao STF (Supremo Tribunal Federal) no fim de junho, ocorreu após centenas de faculdades particulares passarem a buscar, e conseguir, liminares que as autorizam a abrir cursos de medicina sem atender aos critérios regionais estabelecidos pela lei do Mais Médicos.

As liminares também passam por cima de uma moratória de 2018, feita no governo Michel Temer (MDB), impedindo novas autorizações de vagas em medicina até abril de 2023. A suspensão objetivava conter o avanço de cursos sem qualidade no país.

"O que se vê no Brasil é a criação de um verdadeiro negócio no processo de abertura, com exclusivo interesse privado", diz José Hiran Gallo, presidente do CFM (Conselho Federal de Medicina).

Um levantamento feito pelo CFM identificou que os estados com menor proporção de médicos têm uma alta migração de recém-formados.

No Acre, por exemplo, de 240 alunos que se formaram em medicina entre 2018 e 2021, 62,9% foram para outros estados fazer seu primeiro registro médico para começar a atuar na profissão.

O Acre é o segundo estado com a menor densidade desses profissionais. Enquanto o país tem uma média de 2,74 médicos por mil habitantes, o estado registra 1,41 médico por mil habitantes.

Para entidades médicas, a política de expansão dos cursos não garantiu a fixação dos profissionais por não ter criado as demais condições buscadas pelos médicos.

"O que retém o médico em uma região hoje não é a graduação, é a residência médica. Quem se forma quer ter uma especialização. São poucas as opções de residência nessas regiões, então o profissional vai para os grandes centros, faz a especialização e fica por lá", diz José Eduardo Dolci, diretor científico da AMB (Associação Médica Brasileira).

A melhora da distribuição médica no país, segundo as entidades, depende da interiorização integral da medicina.

"O médico precisa contar com infraestrutura para cuidar dos pacientes, com uma rede pública que ofereça leitos, exames, procedimentos. O estado também precisa garantir remuneração adequada e estabilidade via concurso público", diz Gallo.

A busca de uma residência de excelência foi o que motivou o médico Guilherme Menezes, 24, a sair de Aracaju após se formar em medicina na UFS (Universidade Federal de Sergipe).

"Só tentei a residência na USP por ser a que oferece o melhor ensino. Em Sergipe, há residências boas, mas São Paulo ainda é a referência na área de ortopedia. Eu queria me especializar onde houvesse melhores oportunidades."

Menezes diz que gostaria de voltar para trabalhar em Sergipe, porém teme não encontrar boas condições para exercer a profissão. "A estrutura em alguns locais só permite fazer o básico", afirma.

"A estrutura precária dos serviços de saúde também coloca o médico em risco. A medicina não depende só do médico, é preciso ter equipamentos, equipe", acrescenta ele.

O aumento de vagas e cursos de medicina no país foi intensificado na última década.

O número de escolas de medicina mais do que dobrou desde 2010, passando de 181 para 376, em 2020, segundo dados do Censo do Ensino Superior. Nesse período, o número de novos médicos formados também saltou de 12.705 para 24.046.

Com isso, a densidade de médicos no país aumentou, passando de 1,91 médico por mil habitantes para 2,74, em junho de 2022. Mas a proporção dos profissionais no Norte e Nordeste continua ainda abaixo da média do país.

A baixa densidade de médicos nessas regiões é o argumento usado por grupos educacionais que brigam na Justiça para driblar a moratória de 2018. Nas ações, eles defendem que as restrições impostas pela lei do Mais Médicos impedem a iniciativa privada.

"A oposição das entidades médicas à abertura de novos cursos é corporativista, defende os profissionais que já estão no mercado, tentando diminuir a concorrência entre médicos", diz Paulo Chanan, presidente da Abrafi (Associação Brasileira de Mantenedoras de Faculdades).

A entidade, que representa principalmente instituições de ensino de menor porte, diz que a busca de liminares foi o único caminho para defender a "livre concorrência". A disputa pela concorrência levou a Anup (Associação de Universidades Particulares) a entrar com ação no STF para impedir a análise dessas liminares.

> O que se vê no Brasil é a criação de um verdadeiro negócio no processo de abertura, com exclusivo interesse privado
>
> **José Hiran Gallo**
> Presidente do CFM

Há quase 180 pedidos de liminares tramitando nos tribunais federais do país, que somam a permissão para a abertura de até 20 mil vagas.

"Estão destroçando uma política pública através de liminares", diz Elizabeth Guedes, presidente da Anup.

As liminares favoráveis garantem às faculdades que o MEC (Ministério da Educação) siga o protocolo de análise para a abertura dos cursos. Assim, técnicos da pasta avaliam o projeto político pedagógico, a estrutura e o corpo docente da instituição.

Após obter a liminar, três faculdades conseguiram autorização para abrir novos cursos. Foram abertas 403 vagas na UniFTC, em Feira de Santana (BA), na Faculdade de Educação de Jaru (RO) e no Centro Universitário Dom Bosco, em São Luís (MA).

Nas duas últimas, há alunos matriculados para a primeira turma dos cursos.

Em nota, o Centro Universitário Dom Bosco disse que a abertura do curso cumpriu todas as fases processuais regulares de avaliação do MEC e que obteve o conceito máximo para a liberação.

As outras duas instituições não responderam à **Folha**. Procurado, o MEC também não respondeu.

Fuga de médicos

*Dados de julho de 2022. **Formaturas ocorridas até junho de 2022
Fonte: CFM (Conselho Federal de Medicina)

Barcos ancorados em Breves, no Arquipélago do Marajó, no Pará; eles são usados para transporte escolar e pegam alunos durante a madrugada Cézar Colares/TCM-PA

Em região do Pará, aluno tem que pegar barco no escuro

Estrutura precária de ensino junta séries e oferece merenda enlatada

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Ainda de madrugada, um barco inicia sua jornada em comunidades ribeirinhas do Arquipélago do Marajó, no Pará, para buscar alunos de escolas municipais. Nesse vai e vem, logo o transporte escolar fluvial fica superlotado, num trajeto que pode levar até três horas.

Quando chegam ao colégio, exaustos e famintos, os estudantes consomem enlatados na merenda. A infraestrutura, a maioria de madeira, não traz o aconchego necessário a concentração nas aulas.

Essa foi a realidade encontrada por funcionários do TCM-PA (Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Pará) em visita a 136 unidades educacionais rurais e urbanas da região marajoara, que abriga 17 cidades. A ação foi entre o segundo semestre de 2021 e o primeiro deste ano. O arquipélago tem 1.255 escolas municipais no total.

Segundo relatório do tribunal, o cenário de extrema pobreza e a logística complexa resultaram na queda da qualidade de ensino. O índice de analfabetismo aumentou na pandemia, atingindo em cheio a uma geração de alunos.

Há, ainda, jovens de séries e idades distintas na mesma classe. Um exemplo recente: numa única sala há alunos do 1º, 2º, 3º e 4º anos. Isso é mais comum em escolas mais isoladas, com poucos alunos.

O documento mostra que alunos do 4º ano, por exemplo, não conseguem escrever frases inteiras ou palavras completas quando submetidos a um ditado. Eles então num vácuo educacional, já que a última vez em que estiveram na escola foi dois anos antes, quando estavam no 2º ano e a pandemia teve início, diz Cezar Colares, conselheiro relator das contas dos municípios do Marajó e coordenador do projeto do TCM-PA.

Para ele, que visitou a maioria dessas 136 escolas, a pandemia potencializou um problema que já era crônico na região. Em alguns colégios o professor é o único funcionário. "Além de dar aula, ele faz merenda e limpa o local. Ou seja, não se dedica integralmente à educação porque precisa compensar a falta de outras funções essenciais", diz Colares.

> "Além de dar aula, ele [professor] faz merenda e limpa o local. Ou seja, não se dedica integralmente à educação porque precisa compensar a falta de outras funções essenciais
>
> **Cezar Colares**
> Conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Pará

Outro problema é o consumo constante de merenda enlatada, como macarrão, arroz, feijão e mingau, por falta de energia elétrica. "Imagina o ânimo dos alunos que enfrentarem uma maratona de barco, chegam na escola e não têm alimentação adequada. Para a maioria deles, aquela é a principal refeição do dia."

Alimentos como carne e frango são disponibilizados nas sedes dos municípios, mas não chegam ali pela dificuldade do transporte, que pode levar 20 horas de barco, e por falta de local refrigerado.

Colares cita ainda que há escolas de madeira em situação precária, sem água e saneamento básico. "Conhecemos os banheiros amazônicos, onde as necessidades são levadas direto para os rios."

Ele destaca ainda situações como ônibus escolares precários, obras de escolas e creches abandonadas há anos e a evasão escolar, em especial de jovens grávidas. Algumas se afastam para cuidar do bebê e não voltam. Outras assistem às aulas com os filhos no colo.

Diretor de um núcleo educacional na região rural de Bagre, o professor de matemática Edem Castor Pereira, 33, diz que os educadores "não poderiam baixar a cabeça e nem perder as esperanças".

Em uma região onde a internet não é uma realidade, Pereira afirma que na pandemia os docentes levavam os deveres dos alunos até suas casas e buscavam após 15 dias. "Eles corrigiam e davam nota."

No retorno às aulas presenciais este ano, os professores pensaram mecanismos para recuperar o tempo perdido. "Aulas de reforço domiciliar, trabalhos extraclasse e busca ativa. Nossos professores são guerreiros, verdadeiros exemplos", diz Pereira.

Colares cita outro problema: o salário dos professores. Segundo ele, muitos municípios pagam o piso salarial para concursados. Mas parte dos contratados temporariamente, ele diz, tem remuneração inferior ao piso nacional.

Segundo Mara Lúcia Barbalho da Cruz, presidente do TCM-PA, o projeto-piloto tem a intenção de fazer diagnóstico nas escolas em situação crítica para propor soluções. O arquipélago foi escolhido porque parte de suas cidades está entre as piores do país no IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) e na avaliação no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

"Esses índices são alarmantes. Ultrapassamos os muros do tribunal para entender essa realidade. Estamos na fase de pensar soluções", diz Mara.

A gestão escolar, em geral, é um tema pouco trabalhado na organização escolar, sobretudo a qualificação do gestor, afirma Eduardo Grin, professor do Departamento de Gestão Pública da FGV (Fundação Getulio Vargas) de São Paulo.

Ele explica que, geralmente, a questão não é falta de dinheiro, e sim má administração dos recursos destinados à educação, como os 25% do orçamento do município e a verba do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica).

"As escolas fazem pouca gestão dos resultados educacionais. Um professor assume o cargo, mas não é gestor. Geralmente, assume a função sem ter feito uma especialização."

Boa parte do orçamento vai para a folha de pagamento. O que é usado na manutenção nas escolas às vezes não é suficiente, especialmente em cidades mais pobres.

Para propor soluções realistas, foi criado o Gabinete de Articulação para Efetividade da Política de Educação no Arquipélago do Marajó, afirma o conselheiro Cezar Miola, presidente da Atricon (associação dos tribunais de contas).

"É possível agir fiscalizando, mas também analisando os resultados para que essas situações sejam superadas."

Procurado pela reportagem, o MEC (Ministério da Educação) não comentou.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Fã de miojo com leite, foi avó, mãe e melhor amiga dos netos

SOFIA HORBATOW GREGORIO (1935-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Sofia Horbatow Gregorio tinha personalidade forte e carregava o modo imperativo na fala, mas seu grande coração abrigava a família, os amigos e todos aqueles que necessitassem de amparo.

"Passei por um término de relacionamento e tive que morar sozinho. Foi ela quem me esticou a mão para ajudar. As pessoas pouco chegavam nela para pedir ajuda, ela era proativa e se prontificava. Ela soube ser aquela pessoa que acalenta as dores", conta o relações-públicas Tiago Horbatow, 32, um dos netos.

Marcaram sua vida as boas palavras, o talento para a escrita e a culinária, a doçura e a generosidade.

Sofia era a terceira de cinco filhos de dois imigrantes que fugiram da guerra —a mãe deixou a Polônia, e o pai, a Ucrânia.

Natural de Curitiba, no Paraná, passou a maior parte da vida na Vila Maria, zona norte de São Paulo. Para trabalhar antes de atingir a maioridade, seu pai a registrou como se tivesse nascido dois anos antes, em 1933.

Sofia se casou com menos de 20 anos e teve três filhos. Antes passou por diversas gestações que não vingaram. Ela perdeu oito bebês. Aos 30, perdeu o marido, que teve um aneurisma cerebral.

A primeira profissão oficial foi com cartonagem. Sofia atuou no universo das tecelagens e se aposentou como tecelã.

O talento no campo da escrita podia ser observado diariamente nas folhas das agendas anuais que ela redigia ouvindo Gil Gomes ou os contos bíblicos narrados por Cid Moreira.

A corrida de São Silvestre, no último dia do ano, era um evento à parte dentro do apartamento onde morava na avenida São João, no centro paulistano. Ela recebia a família para todos acompanharem a corrida e fazia chuva de papel picado para celebrar os maratonistas.

Excelente cozinheira, Sofia fazia uma massa frita semelhante ao bolinho de chuva. A guloseima é famosa na família até os dias atuais.

A galinhada era o prato dos domingos. A canja com arroz esquentava as noites frias. A combinação miojo com leite tornou-se uma paixão.

Ao temperar a vida, Sofia experimentava pitadas de irreverência.

Dolly, do refrigerante, deu nome à gata que foi sua companheira por quase 20 anos.

Sofia morreu dia 24 de junho, aos 87 anos, após sofrer uma parada cardiorrespiratória. Deixa três filhos e três netos.

"Mãe, irmã e amiga generosa, ela foi sustentação, base e furacão na vida dos seus. Avó amada e presente, acompanhou não só a infância, mas a adolescência e a fase adulta de seus três netos muito de perto. Foi avó-mãe-melhor amiga de todos nós", ressalta Tiago.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Joana Alves Damasceno, 82, que pede na Justiça indenização pelo desaparecimento do companheiro no Triângulo das Bermudas, em 1976 Karime Xavier/Folhapress

Viúva de desaparecido no Triângulo das Bermudas busca indenização

Marinheiro era um dos 37 tripulantes de navio que sumiu em 1976 indo para os EUA

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO A Justiça do Trabalho em Santos, no litoral paulista, deve julgar na próxima quinta (14) uma ação de indenização movida pela companheira de um marinheiro que desapareceu há 45 anos ao trafegar na região do Triângulo das Bermudas.

Edivaldo Ferreira de Freitas era um dos 37 tripulantes do navio de carga Sylvia L. Ossa, da empresa panamenha Ominum Leader, que sumiu no oceano. No grupo, havia nove brasileiros.

A embarcação que transportava minérios de ferro saiu do Brasil com destino à Filadélfia, nos Estados Unidos. A viagem duraria 30 dias.

Na época, o marinheiro estava havia 12 anos com a hoje costureira aposentada Joana Alves Damasceno, 82. Ela diz ainda se lembrar da ansiedade causada pela demora de Edivaldo em voltar para a casa. As longas viagens faziam parte do trabalho dele.

Em 13 de outubro de 1976, pouco antes de o cargueiro desaparecer, o comandante informou via rádio que "estava em meio a estranhas turbulências".

A Guarda Costeira americana fez várias buscas, sem sucesso. O único vestígio encontrado foi um barco salva-vidas à deriva. A informação consta no processo movido em 2014, quando foi pleiteada a certidão de morte presumida de Edivaldo.

Logo após o desaparecimento, a aposentada chegou a receber da Ominum Leader uma indenização que, de acordo com os advogados dela, não reparou os danos sofridos.

Anos depois do naufrágio, Joana diz ter sido procurada por um advogado americano que iniciou uma ação nos Estados Unidos. O processo foi negado em 2001 pela Suprema Corte americana diante da dificuldade em obter informações sobre o caso.

Em 2014, ela conseguiu na Justiça a declaração da morte presumida de Edivaldo e tem a certidão de óbito assinada pelo juiz. Cinco anos depois, decidiu entrar com a ação indenizatória. O processo em tramitação é contra duas empresas: a Brasil P&I e a Frota Oceânica. "A Brasil P&I é a antiga Pandibra Ltda Consultoria e Representações Marítimas, que intermediou o pagamento da indenização para Joana. Nós entendemos que pertence ao mesmo grupo econômico da Ominum Leader. A Frota Oceânica operava o navio", detalha o advogado Leandro Furno Petraglia, do escritório Furno Petraglia e Pérez Advocacia, que cuida da ação.

A indenização pedida é de R$ 135.928, mas ainda deverão ser acrescidos juros e correção monetária. Também há um pedido para que as empresas paguem o salário de Edivaldo até a morte da Joana.

"Para qualquer situação em que o trabalhador morre durante o contrato de trabalho, cabe indenização. Na época, ele prestava serviço como funcionário e o navio desapareceu", explica o advogado.

A defesa de Joana sustenta que, em 1976, o Triângulo das Bermudas já era conhecido como um local perigoso. "A empresa assume um risco ao mandar um navio utilizar a rota mais curta e perigosa, que atravessa a região. O desfecho foi negativo."

Apesar da causa difícil, o advogado diz acreditar em um resultado favorável. "Teoricamente, temos cinco anos para entrar com ação judicial, mas a partir da morte. Nós não temos morte. Entrei com o processo dentro dos cinco anos em que ele foi declarado morto pelo juiz", explica Petraglia.

Para Gustavo Kloh, professor da FGV Direito Rio, o grande problema é que a ação foi ajuizada muito tempo após o desaparecimento. "Em praticamente qualquer país do mundo, e no Brasil garanto que sim, está prescrito", diz.

Segundo ele, além do desafio de mostrar que o prazo de prescrição não pode contar a partir de 1976, porque considera a decretação da morte presumida, é preciso que a Justiça aceite a situação de responsabilidade contratual, cujo prazo para entrar com ação é de dez anos. Já o prazo padrão de responsabilidade civil para situações extracontratuais é de três anos.

> "
> Para qualquer situação em que o trabalhador morre durante o contrato de trabalho, cabe indenização. Na época, ele prestava serviço como funcionário e o navio desapareceu
>
> **Leandro Furno Petraglia**
> Advogado que entrou com a ação na Justiça

O presidente da comissão de Direito Civil da OAB, Rodrigo Toscano, concorda. "Em tese, temos uma ação na Justiça do Trabalho e uma ação de indenização com verba trabalhista prescrita, mas me parece que o caso é de pedido de indenização por dano material e moral, com prescrição de dez anos, que começou a contar a partir de 2014", comenta.

O Triângulo das Bermudas está localizado no oceano Atlântico, entre a ilha de Porto Rico, o arquipélago das Bermudas e uma ilha da Flórida, nos Estados Unidos. Muitos mistérios e teorias envolvem os desaparecimentos de navios e aviões na região.

Na visão da ciência, uma das teorias apontadas para explicar os acidentes é a presença de bolhas de gás metano liberadas de reservatórios no fundo do oceano, que prejudicam a flutuação. As condições climáticas também podem aumentar o risco.

A Brazil P&I afirma que é uma empresa que atua como correspondente de seguros internacionais e não tem qualquer relação com o caso.

Na ação, a defesa da companhia alega que "a Brazil P&I não tem nenhum relacionamento ou vínculo jurídico com o armador do navio objeto da ação, tampouco possui relação comercial, contratual ou jurídica com os clubes de P&I ou com o P&I Club do armador do navio Silvia L. Ossa à época do acidente em questão". Os clubes de P&I são associações de armadores e transportadores marítimos.

A Frota Oceânica diz que, na época, fez o contrato de fretamento, para levar as mercadorias. "Esse senhor não era empregado dela. Minha cliente faz parte do processo porque, segundo a alegação da reclamante, elas [as empresas citadas] comporiam um grupo econômico, mas não é verdade", explica o advogado da empresa, Pedro Milioni.

A reportagem não localizou nenhum endereço ou telefone da Ominum Leader.

Adams Carvalho

Eclesiastes com cream cheese

O Brasil é um país tão doido que os 'conservadores', por aqui, não conservam: são os agentes da destruição

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

A gente vai ficando velho, vai ficando conservador. Talvez seja a ilusão besta de que, revogando o encontro do sushi com o cream cheese, voltaríamos lá pra 1992. Ou que a volta do trema em "lingüiça" e do acento agudo em "idéia" fosse nos catapultar a 2009. (Época em que a barriga não tremia, as ideias eram agudas e lhes pouparei, por conta do meu conservadorismo, de qualquer piadota envolvendo o fato de terem tirado duas bolas da linguiça).

Lembrei agora do começo do Aleph, de Jorge Luis Borges. "Na candente manhã de fevereiro em que Beatriz Viterbo morreu, depois de uma imperiosa agonia que não cedeu um só instante nem ao sentimentalismo nem ao medo, observei que os painéis de ferro da praça Constitución tinham renovado não sei que anúncio de cigarros; o fato me desgostou, pois compreendi que o incessante e vasto universo já se afastava dela e que essa mudança era a primeira de uma série infinita. Mudará o universo, mas eu não, pensei com melancólica vaidade".

A ideia de que desejar evitar a passagem do tempo seja uma vaidade também aparece no Eclesiastes, na Bíblia. "Vaidade de vaidades! —diz o pregador, vaidade de vaidades! É tudo vaidade. Que vantagem tem o homem de todo o seu trabalho, que ele faz debaixo do sol? Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, de onde nasceu." Vaidade. Verdade. E daí? "Mudará o universo, mas eu não". Tamo junto, Jorge Luis.

Outro dia fui ao Ponto Chic, no Largo do Paissandu. Pedi o clássico bauru. A primeira mordida me deixou com os olhos marejados. Na hora, não entendi o porquê da madeleínica reação. Só depois, lendo no jogo americano a história do sanduíche, inventado em 1937 naquele mesmo restaurante de 1922, compreendi.

O país desmilinguindo, o Congresso aprovando compra de votos na cara dura, chacina atrás de chacina perpetrada pela polícia e apoiada por um terço da população "de bem", a mudança do outdoor de "não sei que anúncio de cigarros" esfregando na nossa cara a passagem dolorosa do tempo, "uma geração vai, uma geração vem", mas o bauru continua lá. O lúbrico queijo derretido espraiando-se pelas bordas do pão francês foi o mais próximo que eu cheguei, na última década, de alguma solidez institucional.

O Brasil é um país tão doido que os "conservadores", por aqui, não conservam: são os agentes da destruição. As hienas da direita fazem o lobby das construtoras, trucidam planos diretores e demolem continuamente a cidade. Instrumentalizam o Condephaat e o Iphan (órgãos cuja finalidade é conservar) para botar abaixo a nossa história, queimam a Amazônia, o Pantanal, o Cerrado, apoiam uma política de armas e uma polícia que nos impedem de manter o bem mais precioso que existe: a vida.

Viver a realidade brasileira de 2013 para cá foi como um ataque constante de pânico. Vertigem. Frio na barriga. Mão suada. Taquicardia. A sensação (não de todo equivocada) de que vamos morrer a qualquer momento.

Aí eu penso que esse bauru já foi comido por Mario e Oswald de Andrade, sobreviveu a duas ditaduras, ao Plano Cruzado, Plano Verão, Plano Collor e até à atual completa falta de plano: dá um morninho no coração.

"Que vantagem tem o homem de todo o seu trabalho, que ele faz debaixo do sol?". No fim das contas, meu Javé, nenhuma. Ao contrário do ditado: vão-se os dedos, ficam os anéis. "Uma geração vai, e outra geração vem; mas" o bauru do Ponto Chic "para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, de onde nasceu".

| DOM. Antonio Prata | SEG. **Marcia Castro**, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse **folha.com/classificados** **11 3224-4000**

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS

M

MÉDICO (A) OFTALMOLOGISTA
M/F Tradicional empresa de grande porte, no segmento da saúde, comprometida com a qualidade e constante aprimoramento dos serviços prestados, contrata: Médico (a) Oftalmologista Exclusivo para Refração Para atuar com plantão de 10 horas, das 7h às 17h. Remuneração por plantão de R$ 1.200,00 Interessados enviar currículo para o e-mail: cv.medicos@hotmail.com medicos@hotmail.com Fone: (11) 2602-4075

MÉDICO UTI
M/F Plantonistas para vaga em UTI, diurno e noturno, 12 horas, R$ 1.500. Jamil, 11-99111-2690

V

VAGAS PARA PCD
M/F A empresa RS Consultoria (CNPJ: 06.350.648/0001-74) possui diversas oportunidades para você profissional com Deficiência Física e/ou Reabilitado pelo INSS. Venha fazer parte da nossa equipe! Para mais informações entre em contato conosco pelo e-mail: pcd@gruporsnet.br

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA LIGUE AGORA 11/3224-4000

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para exercer os cargos de:
Auxiliar de Laboratório – Anatomia Patológica ICESP: Ensino Médio completo e Curso de Pacote Office concluído. Conhecimentos desejáveis em rotinas administrativas.
Médico CAIO – ICESP: Graduação em Medicina com Residência concluída ou cursando em área cirúrgica e/ou em áreas médicas como Cuidados Paliativos. Área de Clínica Geral, e/ou especialidades clínicas como: Cardio, Pneumo, Nefro, Endocrino, Hepato, Neuro, Onco, Infecto, Emergência ou Hemato. Atuar em Pronto Atendimento Oncológico.
Os candidatos interessados deverão inscrever-se 10/07 a 15/07/2022 no site www.ffm.br, no link Trabalhe Conosco.

Empresa de ônibus localizada na Zona Sul de SP, contrata:
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
Profissionais de ambos os sexos
VAGAS PARA:
• MOTORISTA
• MANOBRISTA
• FISCAL
• AJUDANTE GERAL
Desejável experiência e disponibilidade de horário.
Enviar CV para: rodolforh@wolffsp.com

VAGAS MÉDICAS
SAS
A SAS Seconci-SP, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, oferece oportunidades de trabalho para Médicos(as) atuarem em regime CLT nos Territórios de Penha e Ermelino Matarazzo para diversos programas e serviços de saúde.
Áreas disponíveis:
Clínica Médica
Ginecologia
Médico da Família (ESF)
Pediatria
Psiquiatria
Jornada de 20h a 40h semanais!
Contato: (11) 2289-0390 (011) 93057-9784
www.sas-seconci.org.br

IMÓVEIS

SÃO PAULO

APARTAMENTO VENDA

ZONA SUL

3 DORMITÓRIOS

CHÁCARA KLABIN
COND. PROJECT HOME -86M2 3 DORMS. (SUITE), BANH. LAV. 2VGs. A. ALTO, LAZER, etc. Insta. jsola_imoveis Tel. (11) 9.7144-1166 Whats.
cód. 92481622

NEGÓCIOS

ALIMENTAÇÃO EVENTOS / FESTAS BUFFETS

CORRETOR DE IMÓVEIS
Precisa-se de corretor de imóveis autônomo com experiência em locação de imóveis comerciais para a região da capital e interior de SP com disponibilidade para viagens, veículo próprio e sexo feminino. Currículo somente através do e-mail. Carlos, alexandrescc@yahoo.com.br (21) 988308802
cód. 92481685

COMUNICADOS

CONVOCAÇÃO RETORNO AO TRABALHO
Esgotados nossos recursos de localização, convidamos o Sr. DAVID FRANCISCO DE SOUZA, portador da CTPS 042264 - série 00365-SP, a comparecer em nosso escritório, a fim de retornar ao emprego ou justificar as faltas desde 07/06/2022, dentro do prazo de 48 hs a partir desta publicação, sob pena de ficar rescindido, automaticamente, o contrato de trabalho, nos termos do art. 482 da CLT.
São Paulo, 08 de julho de 2022
TRAJETO CONSTRUÇÕES E SERVIÇOS LTDA
Rua Quatá, 845 - fundos - V. Olímpia - São Paulo/SP

ESOTERISMO

VOVÓ JOANA
Amarração p/ amor, trabalhos p/ todos os fins. pagamento após resultado (11) 4114-6358 / WHATS 11-93019-0379 TIM

LEILÕES

LEILÃO DE TAPETES
Dia 12 DE JULHO às 20 H. somente on line. Oscar Freire 246 Leiloeiro José Roberto Bortoletto Junior. Tels: (11) 3731-5012/ 3731-2536

LEILÃO DE VINHO
Dias 11, 12 e 13 de julho às 16 horas Oscar Freire 246 presencial e on line contato@dedaloleiloes.com.br Leiloeiro José Roberto Bortoletto Junior. Tel: (11) 3731-5012

ADVOCACIA

ACOMPANHANTES

ANA FURACÃO+AMIGAS
TX 30 Av Jabaquara, 2604 MT. S.Judas a/c cartões seg. à Sábado. F: (11) 2362-8122.

MASTER BOYS
Rapazes atraentes (11) 2977-4474

PRECISA SE RAPAZES
FREE-LANCE PARA AGÊNCIA PRIVÊ: 18a 38 anos para atender executivos ótimos ganhos. (11) 2976-1543

TRAVESTI C/ LOCAL
Lethicia Drumond 11 95483-3875

#siga a folha

ADVOCACIA PREVIDENCIÁRIA
Atuação em todo o País | 32 anos de experiência
Solicitação de benefício de:
APOSENTADORIAS | ACIDENTE DE TRABALHO
AUXÍLIO-DOENÇA | PENSÃO POR MORTE
Fazemos:
PLANEJAMENTO DE APOSENTADORIA
CONTAGEM DE TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO
AÇÕES CONTRA O INSS
RECURSOS CONTRA O INSS
11-99302-6973
11-2966-9958, 11-2966-7053
advocaciaprevidenciariabrasil@gmail.com

Tradicional empresa de grande porte, no segmento da saúde, comprometida com a qualidade e constante aprimoramento dos serviços prestados, contrata:
MÉDICO(A) Oftalmologista
Exclusivo para Refração.
Para atuar com plantão de 10 horas, das 7h às 17h. Remuneração por plantão de R$ 1.200,00.
Interessados enviar currículo para o e-mail: cv.medicos@hotmail.com
WA MEDIA

VEÍCULOS

MOTOS

HONDA 160 FAN - VENDO
2016. Tudo novo. Lic., IPVA, pago 2022. $13.200,. 11-95376-5242

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA LIGUE AGORA 11/3224-4000

ASSINE A FOLHA
folha.com/assine

PESTANA LEILÕES — **LEILÃO - CASA EM SÃO VICENTE/SP**
25/07/2022
SEG - 10h | ELETRÔNICO
Edital completo, descrição e fotos do imóvel no site.
Casa c/ área útil de 43,37m². Av. Mal. Juarez Távora, 1.309, casa 04 - Lot. Cidade Náutica de São Vicente.
Lance Inicial: R$ 65.000,00
COND. DE PGTO DO LEILÃO:
• À vista;
• Parcelado c/ sinal mín. de 50% e saldo em 12x c/ juros;
Comissão de 5% à Leiloeira.
Liliamar Pestana Gomes Leiloeira Oficial | JUCISRS 168/00 | 51 3535.1000 | leiloes.com.br

FRAZÃO — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA - PRESENCIAL E ONLINE — Santander

1º LEILÃO: 21 de julho de 2022, às 14h30min *. 2º LEILÃO: 02 de agosto de 2022, às 14h30min *. (*horário de Brasília)

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 836, com escritório na Rua Hipódromo, 1141 - Sala 66 - Mooca - São Paulo/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará novamente a **PÚBLICO LEILÃO**, cumprindo as formalidades legais, de modo **PRESENCIAL E ON-LINE**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo **Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A** - CNPJ nº 90.400.888/0001-42, nos termos do Instrumento particular com força de escritura pública datado de 13/11/2017, cujos **Fiduciantes são GUSTAVO TRINDADE DE QUEIROZ**, CPF/MF nº 997.463.281-15, e sua mulher **NATALLY DE OLIVEIRA MORAIS TRINDADE**, CPF/MF nº 993.269.571-87, em **PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 3.656.867,13** (Três milhões seiscentos e cinquenta e seis mil oitocentos e sessenta e sete reais e treze centavos - *atualizado conforme disposições contratuais*), o imóvel constituído pelo *"Apartamento nº 101, com área privativa coberta 198,080m² e área total de 366,081m², cabendo-lhe o direito ao uso de 03 vagas indeterminadas, do Condomínio Duet Klabin, situado na Rua Deputado Joaquim Libânio nº 91, São Paulo/SP,* ***melhor descrito na matrícula nº 215.730 do 14º Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de São Paulo/SP"***. Imóvel ocupado. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.530.500,00** (Um milhão quinhentos e trinta mil e quinhentos reais). **O leilão presencial ocorrerá no escritório da Leiloeira. Os interessados em participar do leilão de modo on-line**, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br, **encaminhar a documentação necessária para liberação do cadastro 24 horas do início do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NO SITE:** www.FrazaoLeiloes.com.br. Informações pelo tel. 11-3550-4066 (17898_SC_1747-08).

FRAZÃO — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA - PRESENCIAL E ONLINE — Santander

1º LEILÃO: 25 de julho de 2022, às 14h30min *. 2º LEILÃO: 27 de julho de 2022, às 14h30min *. (*horário de Brasília)

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 836, com escritório na Rua Hipódromo, 1141 - Sala 66 - Mooca - São Paulo/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **PRESENCIAL E ON-LINE**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo **Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A** - CNPJ nº 90.400.888/0001-42, nos termos do Instrumento particular com força de escritura pública datado de 06/04/2021, cujo **Fiduciante é EDILSA DAMASCENO DA SILVA**, CPF/MF nº 388.675.638-66, em **PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.256.233,20** (Um milhão duzentos e cinquenta e seis mil duzentos e trinta e três reais e vinte centavos - *atualizado conforme disposições contratuais*), o imóvel constituído pelo *"Um prédio com a área construída de 220,00m² e seu respectivo terreno, com a área de 837m², designado pelo lote 6 da quadra E, que recebeu o nº 06 da Rua Omicron, em São Paulo/SP,* ***melhor descrito na matrícula nº 36.115 do 11º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Paulo/SP"***. Imóvel ocupado. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 689.527,61** (Seiscentos e oitenta e nove mil quinhentos e vinte e sete reais e sessenta e um centavos - *nos termos do art. 27, §2º da Lei 9.514/97*). **O leilão presencial ocorrerá no escritório da Leiloeira. Os interessados em participar do leilão de modo on-line**, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br, **encaminhar a documentação necessária para liberação do cadastro 24 horas do início do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NO SITE:** www.FrazaoLeiloes.com.br Informações pelo tel. 11-3550-4066 (18124_OL_1807-02).

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.
A **Folha**, empresa líder de mercado, oferece vagas para
PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS
em diversas áreas.
Os interessados deverão enviar currículo para o e-mail rhvagas@grupofolha.com.br, sob a sigla "vagas"

Fotos Jardiel Carvalho/Folhapress

BIANCA FANTI, 23, APRESENTADORA
"Ver a rua lotada de pessoas, pessoas que estão com o intuito de orar pela nação. Vim agradecer pela pandemia ter acalmado um pouco e para que essa pandemia passe logo"

IARA BOLDRINI, 32, POLICIAL CIVIL
"Eu faltei ao trabalho para poder vir. O chefe ficou bravo, mas depois eu consegui outro policial para ficar no meu lugar. Deus tocou no meu coração e eu tive de vir"

LUCAS LIMA, 30, MONTADOR ÓPTICO
"A gente curtiu muito o mundo lá fora. Ia em festas, bebia todas. Um dia conheci Jesus e muita coisa mudou na minha vida"

SILVIO MICHELETTI, 31, GESTOR DE RH
"Quando há esses encontros que há pessoas de vários lugares com o mesmo propósito de adorar a Deus, eu gosto muito disso"

Marcha para Jesus volta às ruas após 2 anos

Multidão lotou entorno do Campo de Marte, na zona norte; em discurso, Jair Bolsonaro evocou o 'bem contra o mal'

Anna Virginia Balloussier, Roberto de Oliveira e Fábio Pescarini

SÃO PAULO Fé e política deram as mãos no retorno da Marcha para Jesus às ruas de São Paulo, neste sábado (9), após duas edições suspensas por causa da pandemia.

Jair Bolsonaro (PL), que em 2019 se tornou o primeiro presidente a participar do maior evento evangélico do continente, empolgou a multidão de fiéis ao evocar uma "guerra do bem contra o mal" e expurgar "as dores do socialismo". Discursou três vezes no evento. Na terceira, disse que seu governo tem "a consciência tranquila" porque "acabou com a palavra corrupção", ignorando escândalos como o que envolveu dois pastores no Ministério da Educação.

As falas do mandatário buscaram mexer com o ideário conservador. O pré-candidato à reeleição marcou posição contra "aborto, ideologia de gênero e liberação das drogas".

O apóstolo Estevam Hernandes, o idealizador do evento, anunciou Bolsonaro como "esse homem escolhido por Deus" e, de cima do trio, deu a partida na caminhada: "Estamos aqui para declarar que Jesus Cristo é o Senhor de São Paulo e do Brasil".

Concebida em 1993, a marcha realizou eventos menores em 2020 e 2021, como carreatas. A edição deste ano marcou seu reencontro com o público, que percorreu da estação da Luz, no centro paulistano, até o entorno do Campo de Marte, na zona norte.

A comitiva presidencial contou com Tarcísio de Freitas (Republicanos), candidato bolsonarista a governador paulista, os deputados Carla Zambelli e Marco Feliciano e os ex-ministros Marcos Pontes e Ricardo Salles.

Outros políticos, como o governador Rodrigo Garcia (PSDB), que tenta ser reconduzido ao cargo, e a senadora Simone Tebet (MDB), pré-candidata a presidente, passaram mais tarde.

Bolsonaro alertou os fiéis sobre um suposto risco de o Brasil virar uma nação pintada de vermelho socialista. "Que nosso povo não experimente as dores do socialismo", afirmou, pedindo que as pessoas olhassem ao redor da América do Sul. Citou Venezuela e também países que, nos últimos anos, elegeram líderes de esquerda: Argentina, Chile e Colômbia. "Não queremos isso para o nosso Brasil."

Tarcísio adotou um tom pastoral. "Vejo uma profecia se realizando, a profecia da união do povo de Deus."

O apóstolo César Augusto, que discursou no trio ao lado de Bolsonaro, disse à Folha que seu desejo são mais "quatro anos de benção" com o presidente à frente do país. Ele lembrou que os petistas Lula e Dilma Rousseff foram convidados para participar em anos anteriores, mas não passaram na Marcha.

Multidão acompanha a marcha, que tomou ruas de SP; apóstolo Estevam Hernandes, o idealizador do evento, anunciou Bolsonaro como 'esse homem escolhido por Deus' Bruno Santos/Folhapress

Após ver uma multidão ajoelhada nas ruas do centro paulistano, Bolsonaro clamou pela maioria cristã do país. "Somos a maioria do país, a maioria do bem, e nessa guerra do bem contra o mal o bem vencerá outra vez."

Acrescentou à sua fala, ainda, algumas vacinas contra a crise econômica que afugentou boa parte dos eleitores que lhe deram preferência em 2018. Disse que a pandemia está se encaminhando para o fim e lembrou da guerra na Ucrânia, que fez com que as economias do mundo todo despencassem.

Quando foi à sua primeira Marcha, em 2018, Bolsonaro já ocupava, então, a cabeceira na corrida pelo Palácio do Planalto, mas ainda não era unanimidade entre os grandes líderes evangélicos do país. Muitos só embarcaram na sua campanha depois.

O líder da Marcha para Jesus disse à **Folha**, na época, que a Bolsonaro faria bem "pregar mais amor e tolerância". Hoje aliado do presidente, Hernandes diz pensar diferente. Afirmou ao jornal na semana passada que, após conhecer o chefe do Executivo, sentiu que era um homem de Deus.

A venda da bandeira brasileira frustrou parte dos ambulantes que apostaram na Marcha para Jesus para obter uma renda extra. A reportagem conversou com ao menos 30 deles. "Está muito devagar. A crise está feia para todo o mundo", disse Alexandre Campos, 39. "Perguntam o preço, querem tirar foto com a bandeira, mas não levam."

Em sábado de sol forte, os bonés, R$ 20 em média, tiveram mais saída. A flâmula nacional, com preços entre R$ 25 e R$ 40, empacou. Uma das faixas de cabeça mais populares trazia a mensagem "100% Jesus" escrito em strass.

De Embu das Artes (Grande SP), a dona de casa Silvana Rodrigues dos Santos, 41, da igreja Batista da Promessa, assustou-se com os preços dos vendedores. "Eles aproveitam para faturarem muito."

A Marcha promoveu uma demonstração coletiva de fé. Com a bandeira do Brasil de fundo, um grupo encheu de água uma piscina inflável e aproveitou para batizar quem quisesse. No backstage, um grupo de dança fazia suas coreografias com vestidos verde-amarelos enquanto grandes nomes da música gospel, como a cantora Aline Barros, se revezavam no palco.

Organizadores estimaram público um presente de 2 milhões de pessoas. Em 2012, a organização da marcha anunciou 5 milhões de participantes, no entanto uma medição feita pelo Datafolha na ocasião apontou que, verdade, foram 335 mil pessoas.

ambiente

Garimpeiro alvo da PF tinha mansão e casou ao som de Bruno e Marrone

Fotos e documentos em posse da Polícia Federal apontam para vida de luxo do empresário

Camila Mattoso e Fabio Serapião

BRASÍLIA O empresário Márcio Macedo Sobrinho, sócio da Gana Gold, atual M.M. Gold, empresa investigada pela Polícia Federal por garimpo ilegal na região Norte do país, esbanjava uma vida de luxo.

Fotos, trocas de mensagens e documentos amealhados pela PF na operação Ganância, deflagrada na quinta (7), mostram movimentações milionárias em suas contas e gastos com helicópteros, lanchas, caminhonete importada e uma festa de casamento animada por duplas sertanejas famosas.

Relatório da PF expõe a movimentação financeira de Macedo e de seu grupo empresarial e mostra que, entre os anos de 2020 e 2021, a exploração ilegal de ouro rendeu a ele cerca de R$ 1,1 bilhão.

Como mostrou a **Folha**, a PF afirma que o grupo empresarial liderado por Macedo é suspeito de garimpo ilegal de ouro e teria movimentado cerca de R$ 16 bilhões entre 2019 e 2021. Parte dos valores provenientes do garimpo teria sido lavada em criptomoedas.

A empresa Gana Gold, de acordo com a investigação, "esquentava" o ouro extraído ilegalmente em garimpos da região Norte do país. Para isso, ela se valia de licenças ambientais inválidas, extrapolando os limites de pesquisa que possuía.

A empresa não foi encontrada pela reportagem para comentar as acusações.

Em um documento anexado ao pedido de buscas e prisões, a PF detalha por meio de fotos como o empresário gastava parte do dinheiro oriundo do garimpo ilegal.

O casamento de Macedo, por exemplo, teve duas duplas sertanejas famosas como atração. Bruno e Marrone, dos clássicos "Dormi na Praça" e "Choram as Rosas", e Jads e Jadson cantaram no evento.

"De acordo com sites abertos, o cachê da primeira dupla é de aproximadamente R$ 220 mil e o da segunda chega a R$ 80 mil, valores elevados gastos apenas com as bandas do casamento", diz a PF.

Os investigadores também elencam no documento fotos de bens de luxo de Macedo, todos com um adesivo com sua logomarca particular: a MM, iniciais do seu nome.

Entre as fotos juntadas no relatório pelos investigadores estão uma lancha com o nome "Garimpeiro", caminhonete importada, helicóptero e aviões. Outro bem que a PF aponta para a vida de luxo de Macedo é a mansão em Novo Progresso (PA).

"Chama a atenção a ostentação da residência de Márcio no Município de Novo Progresso/PA, de onde gerencia toda a estrutura de seus garimpos ilegais no estado, totalmente destoante dos demais imóveis da região, sobretudo por contar com heliporto próprio no imóvel."

O garimpeiro também teve uma conversa interceptada em que relata a intenção de construir uma nova mansão, essa em Goiânia (GO).

Na futura residência, Macedo tinha intenção de construir um heliponto. "Se não for pra ter um heliponto o que que compensa eu investir num lugar desse? Eu já sou acostumado com helicóptero. Tenho dois helicópteros, entendeu?", disse à interlocutora de nome Priscila.

Em seguida, ele explica que o objetivo era construir outra mansão nos moldes da que mantém em Novo Progresso.

"Priscila, eu vou fazer uma casa, uma mansão boa mesmo, entendeu? Tecnologia, design moderno, usando madeira, entendeu? É porque você não foi na minha casa lá de Progresso, né? Eu gosto de trem um pouquinho rústico também."

> Chama a atenção a ostentação da residência de Márcio no Município de Novo Progresso/PA, de onde gerencia toda a estrutura de seus garimpos ilegais no estado, totalmente destoante dos demais imóveis da região, sobretudo por contar com heliporto próprio no imóvel
>
> **relatório da PF** sobre Márcio Macedo

Márcio Macedo Sobrinho ao lado de caminhonete importada Fotos Reprodução/PF

O empresário anda em uma lancha que recebeu o nome de 'Garimpeiro'

Mansão do garimpeiro Márcio Macedo com heliponto na região de Novo Progresso (PA)

Funai ignora alertas sobre indígenas isolados na Amazônia

Rosiene Carvalho

MANAUS A Funai (Fundação Nacional do Índio) mantém em risco a segurança do mais recente grupo indígena isolado localizado no Brasil, no sul do Amazonas. A autarquia, há quase um ano, recebe alertas a respeito em relatórios técnicos internos e em recomendação do MPF-AM (Ministério Público Federal).

Os comunicados ao presidente da Funai, Marcelo Xavier, apontam que é necessário, "em caráter emergencial", decretar restrição de uso do território, implantar duas bases de proteção em pontos estratégicos e uma barreira sanitária em razão da pandemia.

São pedidas ainda novas expedições para monitorar o grupo, chamado de Mamoriá-Grande, respeitando a decisão deles pelo não contato.

Os documentos entregues a Xavier, a que a **Folha** teve acesso, estão sob sigilo na Funai. O material explica que a presença dos isolados foi confirmada pelo encontro de vastos vestígios da comunidade e pelo contato auditivo com os indígenas, que fugiram ao perceber a presença da expedição da fundação, em agosto do ano passado.

O documento aponta que a região é considerada de tensão pela presença de caçadores ilegais, ribeirinhos e extrativistas na região.

Questionada sobre os alertas, a Funai não retornou até a conclusão desta edição. O MPF-AM disse que o tema tramita em sigilo, por isso não pode prestar informações.

O local onde o grupo foi localizado fica numa área devoluta da União (terra sem destinação pelo poder público) entre os rios Purus e Juruá, na fronteira com a Resex (Reserva Extrativista) Médio Purus.

Depois da localização do grupo isolado, em agosto do ano passado, uma nova expedição foi feita. O trabalho resultou em outro relatório, em setembro. Nele, mais uma vez, a direção da fundação é informada sobre a necessidade urgente de medidas de proteção.

Em 4 de março, a Procuradoria emitiu recomendação, com prazo de dez dias para resposta, ao presidente da Funai, mas não foram tomadas medidas.

O agronegócio e o futuro do Brasil

Sucesso econômico do agronegócio não pode justificar dilapidação do patrimônio ambiental do país

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Um espectro ronda o futuro do Brasil: o espectro do agronegócio.

É, eu sei que vai ter gente querendo me enfiar numa camisa de força por escrever um negócio desses. Para usar o arremedo de inglês aportuguesado que hoje é a língua franca do mundo do marketing, o agronegócio é o popular "case (pronuncia-se 'kêize') de sucesso". Conseguiu enfiar na cabeça de muita gente a ideia de que é o pilar da saúde econômica do país; que respeita o meio ambiente; que alimenta o Brasil, o mundo, quiçá até os famélicos da galáxia de Andrômeda.

Bem, mais ou menos. Seria mais intelectualmente honesto definir boa parte do agronegócio brasileiro não como "produtor de alimentos", mas como produtor de insumos para a indústria alimentícia (e também para outros setores da indústria).

Ué, mas não é a mesma coisa? Não quando se considera, por exemplo, que apenas a soja corresponde a cerca de metade da safra anual de grãos do país nos últimos anos (o milho ocupa um distante segundo lugar). Caso o leitor não tenha reparado, quase ninguém come soja no Brasil, e nem uma dieta baseada exclusivamente em pastéis de feira para metade da população seria capaz de consumir tanto óleo de soja assim. Quanto ao milho, também seria impossível usar como alimento as quantidades astronômicas do grão que saem dos nossos campos.

A conta só fecha graças à demanda para a exportação desses cultivos, e ao fato de que eles são particularmente fáceis de transformar em insumos para a indústria, basicamente se metamorfoseando em porcari... Digo, em "alimentos industrializados" (capriche nas aspas) e aditivos de todo tipo. Comida mesmo, comida de verdade —arroz, feijão, frutas, legumes, verduras— é um negócio que ocupa escalões muito mais baixos no ranking do que produzimos. Frequentemente vem de pequenas propriedades, e não das fazendas industriais geridas com suposta eficiência e modernidade pelos capitães do agronegócio.

Tudo isso ajuda a explicar por que "o país que alimenta o mundo" tem tanta gente passando fome neste momento. Longe de mim querer culpar o agronegócio por fazer bem aquilo que ele foi criado para fazer, ou seja, dar lucro. Mas cabe à sociedade estabelecer limites quando a busca por lucro deixa de encher a barriga de quem precisa.

E isso se torna ainda mais urgente num cenário em que os recursos hídricos e o solo, sem os quais não há agronegócio que aguente no longo prazo, estão se tornando agudamente frágeis graças à crise climática.

As cenas distópicas do interior de São Paulo em 2021, com tempestades de terra engolindo municípios onde a agricultura industrial basicamente faz o que quer há décadas, deveriam ter desmontado de vez a quimera do "case de sucesso". Se o agronegócio brasileiro quer mesmo mostrar seu apego à racionalidade e à missão de alimentar as pessoas, precisa começar a ouvir a ciência e abandonar a ilusão de que pode se expandir indefinidamente com boi e soja em cima dos escombros da biodiversidade.

É preciso achar outro caminho, tanto em solo caipira quanto na Amazônia. Do contrário, o ciclo que combina o enriquecimento de poucos com a fome de muitos não será quebrado.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | QUA. Atila Iamarino, Esper Kallás

ESPORTE AO VIVO
10h Djokovic x Kyrgios (final) Wimbledon, SPORTV 3/ESPN 2/STAR+
16h Corinthians x Flamengo Brasileiro, GLOBO/PREMIERE
18h Atlético-MG x São Paulo Brasileiro, PREMIERE

'Operário' supera a extrema direita e vira prefeito de Verona

Lembrado por posições políticas nos tempos de jogador, Tommasi venceu pleito na Itália pela centro-esquerda

Luciano Trindade

SÃO PAULO Nos últimos 28 anos, a cidade de Verona, no norte da Itália, foi quase sempre um bastião da extrema direita. Desde 1994, houve somente um hiato, quando Paolo Zanotto, um político de centro, teve um mandato de 2002 a 2007.

Esse cenário durou até o último pleito no município, em junho, quando o ex-jogador Damiano Tommasi, 48, ex-Roma e seleção italiana, tornou-se prefeito da cidade à frente de uma coalização de centro-esquerda. Ele obteve 53,4% dos votos contra 46,6% do adversário, Federico Sboarina, do partido Fratelli d'Italia, de extrema direita.

"Eu estou feliz porque, além do resultado, nós conseguimos falar de política sem necessariamente atacar o adversário, sem insultar ninguém", declarou Tommasi.

Falar de política não é novidade para ele apesar de nunca ter ocupado anteriormente um cargo público. Mesmo como um jogador, ele não hesitava em abordar questões sociais, além de acumular uma série de atitudes que o ajudaram a se formar como um líder.

Nascido em Negrar, cidade de 17 mil habitantes situada na província de Verona, ele iniciou a carreira como atleta na década de 1990 no Hellas Verona, grande rival do Chievo. Os dois clubes da cidade têm torcidas organizadas abertamente neofascistas.

Tommasi dirige uma cidade que vinha sendo comandada por políticos de ideias distintas das suas Andreas Solaro - 29.jan.18/AFP

No período em que jogava em sua terra natal, ele ficou marcado, em 1993, por se tornar o primeiro jogador de futebol profissional da história italiana a exercer seu direito à chamada "objeção de consciência ao serviço militar obrigatório". Recusou o Exército e trabalhou para organizações católicas. "Não queria servir o país com um rifle na mão."

Ele atuou ao lado de dom Lorenzo Milani, o mais famoso "padre da paz" da Itália, a quem se referiu em diversos momentos em sua campanha à prefeitura de Verona.

Depois de cinco anos em sua terra natal, ele assinou em 1996 com a Roma, onde construiu uma reputação de jogador do tipo operário não só por suas atuações como meio-campista. Suas atitudes fora de campo contribuíram na construção da personagem.

Ele ficou no clube de 1996 a 2006. No período, sagrou-se campeão da Serie A ao lado de Francesco Totti e chegou à seleção, a qual defendeu na Copa do Mundo de 2002, na Coreia do Sul e no Japão.

Em 2004, ganhou o apelido de "Alma Sincera" por recusar-se a receber um alto salário durante um período em que ficaria sem atuar por causa de uma lesão. Ele exigiu em sua renovação de contrato que, enquanto se recuperava, receberia um salário de 1.500 euros por mês, equivalente à época ao valor pago aos jogadores da base.

O jornal L'Osservatore Romano, do Vaticano, elogiou a atitude dele na ocasião: "Damiano sempre imaginou o jogador de futebol famoso como alguém responsável pelos exemplos que dá à juventude, e ele modelou o seu comportamento com isso em mente".

Em 2011, penduradas as chuteiras, Tommasi assumiu a presidência da AIC, espécie de sindicado dos jogadores de futebol da Itália. Esteve à frente de uma greve que retardou o início do Campeonato Italiano enquanto jogadores e clubes negociavam um novo acordo coletivo de trabalho. Com um perfil conciliador, ficou no cargo até 2020, quando passou a se dedicar à campanha para a prefeitura.

Durante a corrida eleitoral, o ex-jogador foi definido pela imprensa italiana como um eterno meio-campista, não sendo considerado de direita nem de esquerda. Também chamou a atenção o fato de ele não ter feito nenhum comício. Sem subir em palanques, preferiu caminhadas pelos bairros e conversas com os cidadãos em tom moderado.

O líder do Partido Democrático da Itália, Enrico Letta, destacou a importância da vitória dele: "Esse resultado nos fortalece para o futuro, na construção de um bloco de centro-esquerda que será vencedor também em nível nacional, nas eleições políticas do próximo ano".

As votações em 65 cidades, incluindo 13 capitais provinciais e regionais, foram um importante teste para as eleições parlamentares em 2023, quando o partido predominante definirá quem substituirá Mario Draghi como primeiro-ministro.

Elena Ribakina, 23, levanta o troféu de Wimbledon, seu primeiro título em um Grand Slam Matthew Childs/reuters

Russa Elena Ribakina é campeã de Wimbledon defendendo Cazaquistão

SÃO PAULO Elena Ribakina venceu de virada neste sábado (9) a final feminina de Wimbledon, contra a tunisiana Ons Jabeur, primeira africana a chegar a uma decisão do torneio, e garantiu seu primeiro título de Grand Slam.

Depois de perder o primeiro set por 6 a 3, a cazaque nascida na Rússia marcou dois 6 a 2 seguidos para garantir o título contra a atual número 2 do mundo.

Ribakina compete há quatro anos pelo Cazaquistão e, por isso, pôde contornar a exclusão de russos e belarussos desta edição da competição, em razão da invasão da Ucrânia por Vladimir Putin.

Ambas são estreantes em finais de Grand Slam. Jabeur, 27, que diz querer servir de inspiração para tenistas árabes e africanas, ganhou simpatia de torcedores do torneio.

Antes da partida, Ribakina, 23, afirmou que "não esperava chegar à segunda semana e muito menos à final", depois de ter perdido nas oitavas de final em sua primeira participação, em 2021. Nesse mesmo ano, a tenista nascida em Moscou chegou às quartas de final em Roland Garros, seu melhor desempenho em um dos quatro principais torneios mundiais até o título deste sábado.

Neste ano, Jabeur venceu o torneio na grama em Berlim e acumulou 11 vitórias consecutivas nesse tipo de quadra. Já Ribakina chegou à competição em Londres se recuperando de uma lesão, o que não permitiu que tivesse uma boa preparação.

A vitória cria um incômodo para a organização de Wimbledon no ano de comemoração do centenário de sua quadra central. Kate Middleton, a duquesa de Cambridge, entregou o troféu à Ribakina. Especula-se que o banimento de atletas da Rússia e de Belarus tenha sido motivado também para evitar que um membro da família real britânica premiasse atletas desses países.

A final masculina será disputada neste domingo (10) entre o sérvio Novak Djokovic e o australiano Nick Kyrgios.

Verso, reverso e metaverso

Será que David Luiz sonhou que estava com a camisa amarela e que a seleção ganhava por 7 a 1?

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

O jogo de futebol é muito mais que uma disputa esportiva, um confronto de estratégias, de técnicas e de planejamentos. É também entretenimento, improvisação, imprevisibilidade, superstição e variados comportamentos psicológicos. É um teatro, uma repetição da vida.

Rony fez um belíssimo gol de bicicleta na goleada do Palmeiras sobre o Cerro Porteño, por 5 a 0. Ele, insistentemente, procurou esse gol, incentivado pelo filho, que, em casa, já tinha feito gol de bicicleta, para o pai aprender. Rony é mais que um acrobata e um bom atacante. É um profissional sério, que corre atrás dos desejos. Há muitos jogadores que parecem ser melhores do que são. Rony é melhor do que parece ser.

Será que a goleada do Flamengo sobre o Tolima, por 7 a 1, foi o marco, o pontapé, para exorcizar, definitivamente, o fantasma de Jorge Jesus? Será que David Luiz, presente nessa partida e no 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil, sonhou, após o jogo, que estava com a camisa amarela e que a seleção brasileira era que ganhava por 7 a 1? Os sonhos são fragmentos, desejos, contradições, sem ordem nem regras. Não têm verso, reverso nem metaverso.

Gabigol e Pedro, que brilharam na partida, formam agora a dupla de atacantes titular do Flamengo. Os dois nunca tiveram problemas para atuar juntos. A dificuldade era jogar com os dois mais Bruno Henrique, que jogava da esquerda para o centro, para preencher o espaço que é ocupado por Pedro.

Após as confusas improvisações de Paulo Sousa, parece que Dorival Júnior está colocando as coisas nos devidos lugares. Dorival, assim como Mano Menezes no Inter e Felipão no Athletico, vai muito bem no Flamengo. Os três sempre foram bons treinadores. Alternaram ótimos e maus resultados porque há inúmeros outros fatores presentes na trajetória dos treinadores.

Diferentemente de Palmeiras e Flamengo, que golearam, o Atlético teve muitas dificuldades de se classificar na Libertadores, com a vitória por 1 a 0 sobre o Emelec, com um gol de pênalti do incrível Hulk. O volante Allan, que marca e inicia bem as jogadas ofensivas com bons passes, e o meio-campista Jair, que desarma e avança com eficiência, fizeram falta.

O Atlético jogou com um volante (Otávio) e cinco jogadores adiantados. Isso tem acontecido em outras equipes brasileiras. Pontas hábeis e velozes e meias-atacantes que voltam para receber a bola não são meio-campistas, organizadores. Meio-campistas são construtores, que atuam de uma intermediária à outra.

Atlético e Palmeiras vão disputar uma vaga na semifinal da Libertadores. Quase todos os treinadores, quando enfrentam adversários do mesmo nível, falam que o favorito é o outro time, na tentativa de relaxar os jogadores adversários e de inflamar os da própria equipe. Turco Mohamed fez o contrário e teria dito que o Atlético é o favorito. Teria sido um ato falho, um momento de soberba ou uma grande jogada psicológica? Nem Freud saberia dizer.

Leitura

Quando eu tinha 16 anos e já era titular do Cruzeiro, costumava levar um livro, de variados assuntos, para ler na concentração, na véspera das partidas. Alguns achavam esquisito. Lembrei-me disso porque o Ceará, que avançou na Sul-Americana, formou uma livraria para os garotos da base lerem nos momentos de folga. Todas as equipes deveriam fazer o mesmo, incentivar os meninos e os marmanjos a ler e até a fazer cursos online, durante a concentração.

Pré-estreia

Itaquera é palco da primeira partida da série melhor de três entre Corinthians e Flamengo

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Neste domingo (10), Corinthians e Flamengo se enfrentarão no estádio corintiano em situação curiosa: em primeiro lugar, porque o visitante é favorito; em segundo, porque o clássico das camisas mais populares do país é muito importante para os cariocas e nem tanto para os paulistas.

É que o rubro-negros têm motivos e time para ainda acreditar que o título do Campeonato Brasileiro seja possível, coisa que o torcedor alvinegro sabe não ser para seu bico.

Dada a diferença de quem Vítor Pereira pode escalar para quem Dorival Júnior escalará, importante mesmo serão os jogos pelas quartas de final da Libertadores, na primeira e segunda semanas de agosto, em Itaquera e no Maracanã, nessa ordem. Aí, sim, o Corinthians talvez possa enfrentar o rival mais de igual para igual, conforme tenha de voltar seus principais jogadores.

Há quem critique o treinador português do Corinthians por sacrificar o torneio nacional, embora ele simplesmente não tenha outra alternativa.

Apostar nos mata-matas da Copa do Brasil e da Libertadores é tudo o que lhe resta.

Para o Flamengo, não. Pensar nas três competições é arriscado, mas ponderável.

Em matéria de partidas interessantes, o domingo não se resume à da tarde paulistana.

Porque no começo da noite mineira o embate entre Atlético e São Paulo também promete. O Galo é outro clube com pretensões gigantes, vencer os três títulos que disputa, como quase fez em 2021.

O problema está em que não tem atuado a ponto de convencer ser capaz de tanto, apesar de continuar vivíssimo em todas as competições.

O São Paulo jogará no Mineirão como franco-atirador e animado com a boa campanha na Copa Sul-Americana. Se vencer, o que é improvável, ganhará corpo.

5 a 3

Dos seis brasileiros que disputaram as oitavas de final da Libertadores, cinco chegaram às quartas. Dos seis argentinos, três se classificaram.

A vantagem brasileira não se limita à quantidade, está também na qualidade, porque o trio poderoso Atlético Mineiro, Flamengo e Palmeiras permanece na disputa.

Já a dupla portenha, Boca Juniors e River Plate, dançou.

Não que Estudiantes, tetracampeão continental, Vélez Sarsfield, uma taça, e Talleres sejam galinhas mortas, porque nunca são.

Caberá ao Athletico Paranaense a tarefa de ao duelar com o Estudiantes, impedir que dois argentinos cheguem às semifinais, pois uma vaga, de Vélez ou Talleres, está garantida.

Os brasileiros que sobrevivem somam sete títulos, e um deles terá todas as condições para diminuir a vantagem de 25 títulos argentinos contra 21 nacionais na história do torneio. Um dos favoritos, Periquito ou Galo, ficará de fora, e a vida do outro, o Flamengo, não será fácil.

TV menos aberta

As saídas do narrador Galvão Bueno, depois da Copa do Mundo no Qatar, e a imediata do comentarista Walter Casagrande da TV Globo, revelam que nunca mais a vida na TV aberta será a mesma, acossada pelas novas plataformas que já são o presente e mais serão no futuro, para incômodo também da TV fechada.

Prova disso é que Bueno já está acertado com a empresa do youtuber Felipe Neto e Casagrande nem sabe o que fazer diante de tantas propostas recebidas nos últimos dias, porque conquistou espaço relevante entre os milhões de brasileiros capazes de entender que o futebol extrapola, e muito, as quatro linhas do campo.

NOSSO ESTRANHO AMOR | *Anna Virginia Ballousier*
folha.com/nossoestranhoamor

Ruby e Setzer no reino dos peludos

SÃO PAULO "Ai, vocês vão se dar super bem, ele é furry!" A amiga da tradutora Ary Sousa, 38, estava certa. Ela se deu tão bem com o assistente operacional Ivo Filgueiras, 38, que acabou fazendo duas coisas que mudariam sua vida para sempre.

A primeira foi subir no altar com o rapaz de cavanhaque e sorriso tímido, em 2013, metida num vestidão branco de cauda, tudo como manda o figurino da Igreja Católica. A segunda, entrar de cabeça no universo que tanto encantava o marido, o Furry Fandom, comunidade de fanzocas das artes antropomórficas. Reino de fãs dos peludos é uma tradução possível.

Outra forma de descrevê-los: pessoas que criam um personagem de pelúcia meio animal, meio humano, e que gostam de se fantasiar como eles. Mickey, Pato Donald, Pernalonga eram todos como os seres híbridos que sua tribo emula, explica Ary.

Ary, aliás é seu nome "na vida real". Nesse mundo de fantasia, pode chamá-la de Ruby. Sua fursona (a persona furry bolada por ela) é uma raposa dragão. O traje mescla pelagem castanha, vermelha e vinho. É um tipo canino com as asinhas da figura mitológica.

"Minha cor favorita é rosa, mas numa fursona não ficaria legal, não daria o sentimento que eu gostaria. Vejo a Ruby como expressão do que sou: agitada, expansiva, falo alto. Rosa era muito meigo, fofinho."

Tinha uma pedra no caminho. "Tenho uma lembrança de infância do brinco de rubi que ganhei do meu pai. Nem serve mais, é pequenininho." Daí a ideia de batizar sua personalidade peluda com o termo em inglês para a pedra preciosa.

A fursona de Ivo é o Setzer, homenagem a um personagem de videogame. Mas Setzer não tem uma fursuit (a indumentária de pelúcia) própria. Em eventos, vai vestido com a fantasia que comprou de um amigo e chamou de Siljuelas. Lembra um gambá do mato.

Alguns desses trajes podem custar o valor de um carro popular, diz Ary. Difícil um minimamente ok sair por menos de R$ 10 mil. Mas não dá para precificar a sensação gostosa que é "ficar brincando de faz de conta", um escape que a tradutora compara a jogar RPG.

Também tem o autocuidado envolvido. "Compro até roupa para a fursuit. Já comprei saia, blusa, maiô."

Ary curte há tempos eventos de anime. "Sempre gostei muito da neko", conta. Veem-se muitas pelas ruas da Liberdade, o bairro japonês de São Paulo: pessoas fãs desse híbrido ficcional de felino e humano. "A menininha com orelhinha de gatinho, rabinho e luvinha", ela resume.

A amiga que a apresentou ao futuro marido, e que depois virou madrinha do casamento, apostava que eles se entrosariam. Bingo.

Um dia Ary e Ivo saíram com a mesma galera, um empório em Santos, desses com comida de barzinho. Já sabiam que a amiga de ambos estava fazendo cosplay de cupido. Ficaram sem graça, um em cada ponta da mesa.

Certa hora, acabaram sentados lado a lado. "Ele falou de um game que eu amo, o Samurai Shodown, um jogo de luta." Golpe certeiro. "A gente trocou contato e começou a conversar pelo MSN." Aos jovens: ela se refere a um paleozoico aplicativo de conversa, um vovô do WhatsApp.

O primeiro beijo demorou. Ary e Ivo saíram duas vezes antes. Na terceira, foi ela quem partiu para o ataque. "Ele era muito tímido. Pensei, poxa, até agora nada. Não aguentei e dei um beijo. Falei: 'Ai, tava demorando muito'."

Demorou também para voltarem à Brasil FurFest, ou BFF, que também é a sigla em inglês para "melhores amigos para sempre". A convenção dos furries acontece no próximo fim de semana, em Santos, sob o mote "A Fantástica Fábrica de Chocolates".

Ary está confiante de que a vida ficará doce de novo após duas edições perdidas para a pandemia. Já são cerca de 700 inscritos, diz ela, que é vice-presidente do evento.

Mais azeda foi a reação de seu pai quando viu pela primeira vez a filha e o marido com suas respectivas fursuits. "Ficou irritadíssimo, achou que era besteira total. Tipo uma infantilidade, sabe?" Ela fingiu que a zanga paterna não era com ela.

Para a quase quarentona, a vida a dois é melhor com o Furry Fandom. Só não quer saber de sexo animal, brinca. É um preço que definitivamente não está disposta a pagar. "Sabe quanto custa uma fursuit? É muito caro e muito quente. Deus me livre!"

O casal formado pela tradutora Ary Sousa, 38, e pelo assistente operacional Ivo Filgueiras, 38, incorporado nas personagens Ruby e Siljuelas *Fotos Arquivo Pessoal*

Asahi Shimbun/AFP

IMAGEM DA SEMANA

Imagem divulgada pelo jornal Asahi Shimbun mostra Tetsuya Yamagami, 41, suspeito de ter atirado no ex-primeiro-ministro japonês Shinzo Abe, 67, na sexta-feira (8), sendo agarrado por policiais na estação de Yamato Saidaiji, na cidade de Nara, a 500 km de Tóquio. Abe participava de comício eleitoral e não resistiu aos ferimentos —foi baleado duas vezes, uma delas no pescoço. O suspeito fazia parte das Forças de Defesa Marítima do Japão e, segundo a NHK, relatou que estava frustrado com o ex-premiê e que pretendia matá-lo.

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. (Paraíba) Cidade mineira da divisa com o Rio de Janeiro / Objeto resultante do trabalho de um artesão **2.** Faiscar **3.** Pequena asa / Forma oblíqua de eu **4.** Estado norte-americano, com capital Carson City / (Elet.) Símbolo do volt-ampère **5.** O oposto de aproximar **6.** (Gír.) Expor de maneira confusa **7.** Igreja principal de uma diocese, onde fica o trono do bispo / Aquele que cura, doutor **8.** Excesso em uma paixão **9.** Círculo metálico a que se adapta o pneu dos automóveis / (Horas) Programa de TV comandado por Serginho Groisman **10.** Disputa, competição / Seio, mama **11.** Concentrada / Locomover-se **12.** Carola / Vazia **13.** Aquele que põe uma canoa ou caiaque em movimento.

VERTICAIS
1. O cantor e compositor Guilherme, de "Brincar de Viver" / A língua do Alcorão, o livro sagrado do islamismo **2.** (Pop.) Biruta, lunático / Inflamação dos rins **3.** Pôr em altura ou nível superior / Ficar de cor violácea **4.** Comida ligeira, ingerida para satisfazer a falta de alimento / Diante de **5.** Uma Maria do Evangelho, que se tornou fervorosa discípula de Jesus / Maneira particular de se exprimir por escrito **6.** Oceano Pacífico / O equipamento usado no voo livre **7.** Muito, bastante / De caráter ou gênio melancólico / Ordem do Dia **8.** Furor, ira / Nervo do membro inferior; controla articulações e músculos **9.** Móvel com gavetas e cabides / Voltar às condições normais de saúde.

HORIZONTAIS: 1. Além, Obra, **2.** Relampear, **3.** Aleta, Mim, **4.** Nevada, VA, **5.** Afastar, **6.** Enrolar, **7.** Sé, Médico, **8.** Frenesi, **9.** Aro, Altas, **10.** Rixa, Teta, **11.** Atenta, Ir, **12.** Beato, Oca, **13.** Remador.
VERTICAIS: 1. Arantes, Árabe, **2.** Lelé, Nefrite, **3.** Elevar, Roxear, **4.** Mata-fome, Ante, **5.** Madalena, Tom, **6.** OP, Asa-delta, **7.** Bem, Triste, OD, **8.** Raiva, Ciático, **9.** Armário, Sarar.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

2		9			6	8	3	
			9			6		7
4			1					
		6						2
	4	3				1	9	
8						3		
					9			3
6		8			4			
	3	4	8			9		5

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

2	1	9	7	5	6	8	3	4
3	8	5	9	4	2	6	1	7
4	6	7	1	8	3	2	5	9
9	7	6	3	1	8	5	4	2
5	4	3	2	6	7	1	9	8
8	2	1	4	9	5	3	7	6
1	5	2	6	7	9	4	8	3
6	9	8	5	3	4	7	2	1
7	3	4	8	2	1	9	6	5

FRASES DA SEMANA

DE SAÍDA
Boris Johnson
O primeiro-ministro do Reino Unido, na quinta (7), ao renunciar ao cargo, em meio a crises e abandonado por aliados
"Na política, ninguém é remotamente indispensável"

À BEIRA DA COPA
Walter Casagrande
O ex-atleta e comentarista, na quarta-feira (6), ao anunciar nas redes sociais sua saída da TV Globo, onde trabalhava desde 1997
"Eu vim aqui pra comunicar vocês que, depois de 25 anos de TV Globo, seis Copas do Mundo, cinco finais, incluindo a de 2002, com os dois gols do Ronaldo, três Olimpíadas e diversas finais de campeonatos por aí, meu ciclo acabou. Estou saindo da TV Globo hoje, não faço mais parte do grupo de esportes da TV e vou seguir a minha estrada"

FACEBOOK E FAKE NEWS
Frances Haugen
Ex-funcionária que liberou à imprensa documentos da empresa, os Facebook Papers, falou à **Folha**, em entrevista publicada na segunda-feira (4)
"Facebook não prioriza Brasil contra fake news [...] Eu garanto que há muito menos proteção no Brasil contra tentativas de interferir nas eleições do que nos EUA. Eles só se preocupam com moderação de conteúdo em países onde correm o risco de serem alvo de regulação, como os EUA"

BELEZA PURA
Anitta
ao parar show que fazia na Holanda para elogiar o modelo Dominique Honnebier, que via a apresentação com a namorada
"Que namorado bonito, gente. Nunca tinha visto uma pessoa tão bonita na minha vida inteira, eu estou passada"

TOMADA DE DECISÃO
Márcio França
Ex-governador, na sexta (8), ao dizer que não irá mais disputar o governo de SP; ele apoiará Fernando Haddad (PT) na disputa e deve concorrer ao Senado
"É a hora de defender antes de tudo a democracia"

JOGOS PARA SEMPRE
Vítor Pereira
Técnico do Corinthians, na terça (5), após o clube igualar feito do Santos de Pelé, de 1963, ao eliminar o Boca Juniors em La Bombonera, pela Libertadores
"Com esse calendário, não é possível desfrutar. Não dá sequer para conhecer São Paulo. [...] Essa é a nossa vida. É um grande clube. É muita paixão, emoção, capacidade de sofrer nos momentos mais difíceis e 'Vai, Corinthians'"

CRACOLÂNDIA AMBULANTE
Pablo Ferreira
comerciante, na quinta (7), sobre frequentadores do fluxo que saquearam banca de jornal na região central de SP
"Eles saíram pegando tudo. O senhorzinho [da banca] tentando impedir e sendo empurrado. É desumano o que eles fazem com a gente"

A CASA ABANDONADA
Chico Felitti
Jornalista, na segunda (4), ao comentar a repercussão do podcast A Mulher da Casa Abandonada, da **Folha**
"Jamais imaginei. Fico contente que a história tenha despertado a curiosidade das pessoas, mas também preocupado que o documentário escape de forma perigosa para o mundo real"

ATENTADO À DEMOCRACIA
Fumio Kishida
Atual premiê japonês, na sexta (8), ao comentar o ataque que matou Shinzo Abe
"Foi um ato de brutalidade que aconteceu durante as eleições, a base da nossa democracia, e é absolutamente imperdoável"

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **10.jul.1972**

Com gol de Jairzinho no fim do jogo, seleção brasileira vence a Mini-Copa

Quando todos já estavam se conformando com uma prorrogação, em um jogo de futebol muito nervoso entre as seleções de Brasil e de Portugal, no Maracanã, surgiu uma falta para os brasileiros. Rivellino ergueu a bola para a área, e Jairzinho, de cabeça, fez o gol da vitória de 1 a 0 aos 44 minutos do segundo tempo, conquistando o título da Mini-Copa, a Taça Independência.

Portugal não acreditava nesse desfecho, e o goleiro José Henrique chorava. Já o autor do gol, Jairzinho, era carregado pelos companheiros.

O Brasil, mesmo não repetindo o desempenho mostrado na Copa de 1970, ganhou mais um troféu.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S. PAULO

Hoje ninguem estaciona, diz Boson

Quem vê tanta novela?

Em plena era do streaming, o velho folhetim tem oferta recorde e se firma como última moda na tela C4

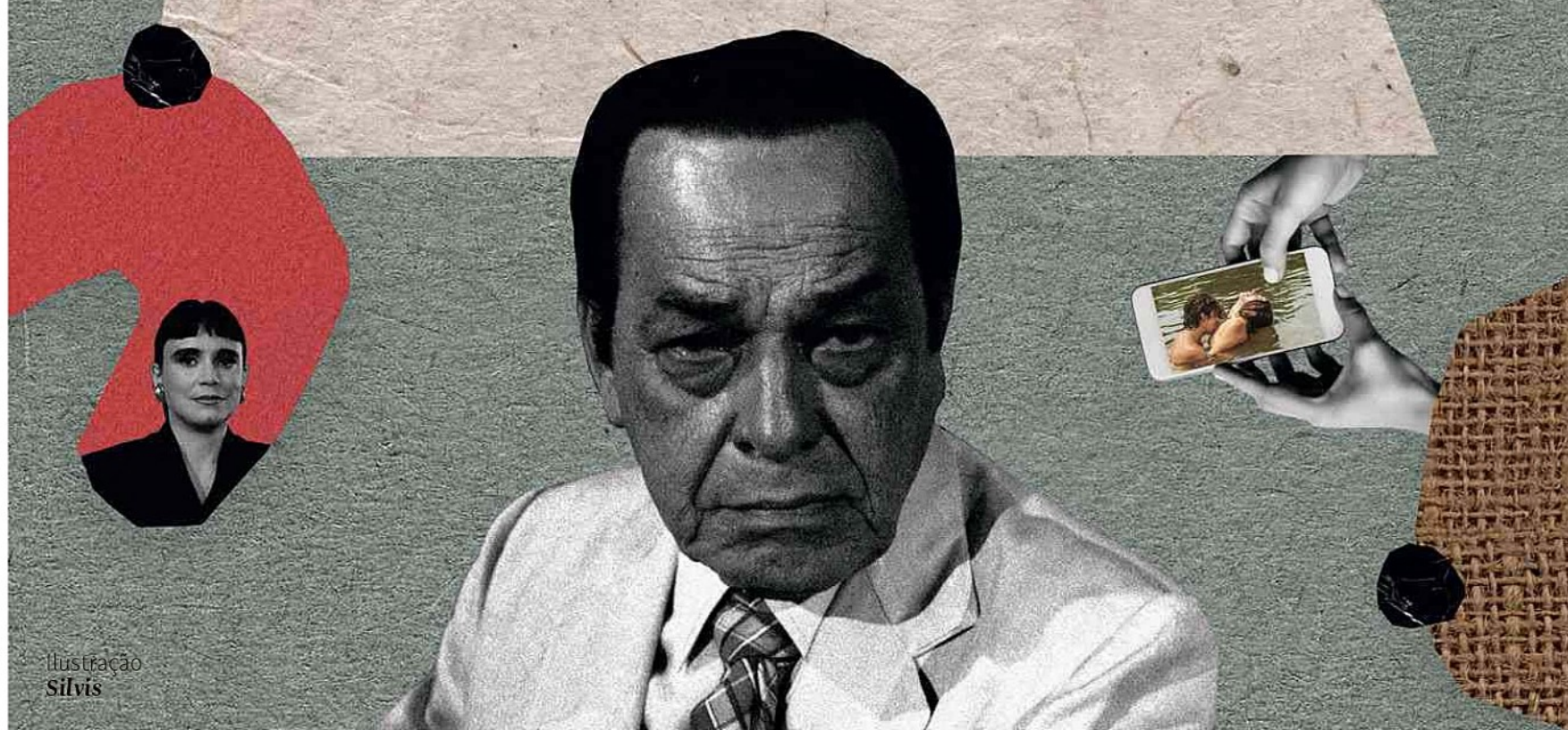



ilustração Silvis

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Manu Gavassi
‘Maldivas’ é o meu trabalho mais forte como atriz

[RESUMO] Cantora e compositora de 29 anos sai em turnê pelo Brasil a partir de 22 de julho com o desafio de ser mais leve e conseguir se divertir em cima dos palcos. Alçada à condição de fenômeno pop após o BBB, ela recusa rótulo de influenciadora digital e, após série na Netflix, diz que gostaria de se dedicar mais à atuação

Por ***Karina Matias***

Atriz, cantora, compositora e diretora criativa, mas não influenciadora digital. Mesmo com os seus 15,4 milhões de seguidores no Instagram, Manu Gavassi, 29, dispensa o rótulo e a função. Ter que expor a sua rotina nas redes sociais não é algo que faça os olhos dela brilharem.

*

“Eu acho que a minha parte mais legal são as minhas criações, não o meu dia a dia”, explica. “O meu dia a dia, na verdade, é bastante simples. Eu lavo bastante louça para alguém que mora sozinha”, completa ela, entre risos.

*

Dois anos depois de virar fenômeno justamente com uma estratégia que uniu a sua participação no Big Brother Brasil 20 a uma série de vídeos que deixou gravados para serem publicados enquanto estava confinada no programa —foram mais de cem—, ela diz que só agora o seu público entendeu que não, ela não vai fazer do Instagram um reality da sua vida nem ser a rainha das dancinhas no TikTok.

*

“Naturalmente, se eu quiser mostrar um pouco do meu dia, quiser aparecer e falar alguma coisa, vou fazer isso. Mas deixei claro que eu tenho uma carreira que me cobra muito”, diz. “Do tempo que eu tenho para a minha vida pessoal, tenho que prezar para ter sanidade mental e continuar fazendo o que faço bem”, justifica.

*

Manu costuma ser discreta, por exemplo, sobre o seu relacionamento amoroso com o modelo Julio Reis.

*

“Talvez seja um caminho reverso, um movimento diferente do que a minha geração está fazendo. Mas acho que faz muito sentido para mim, para a minha profissão e para como eu me cobro para fazer tudo muito bem”, diz.

*

Para Manu, é um peso gigantesco exigir dos artistas que, além de se dedicarem aos seus projetos profissionais, se exponham constantemente nas redes sociais em busca de seguidores e engajamento.

*

“Outros artistas vêm me dizer que o que eu estou fazendo é um sonho. Porque realmente a gente já trabalha tanto e ainda [ter que] se sentir cobrado a mostrar tudo nas redes, acaba sendo uma carga desumana.”

*

Manu Gavassi é capricorniana com ascendente em Virgem, o que explicaria, segundo ela, seu empenho para que tudo saia exatamente como planejou.

*

A atriz, cantora, compositora e diretora criativa Manu Gavassi Gabriela Schimdt/Divulgação

A dedicação vem acompanhada de um sentimento de sobrecarga. Mas já foi pior. “Estou aprendendo a delegar funções”, diz.

*

Ela conta que resolveu ouvir os “sábios conselhos do pai”, o radialista Zé Luiz. “Ele me falou: ‘Filha, você vai ficar doente desse jeito. Você não precisa ser genial 100% do tempo. Se você for genial 80%, isso já é uma carreira linda’”, relembra, rindo.

*

“Você tem que realmente escolher as suas batalhas, onde vai se desafiar e buscar esse fator a mais que a gente busca no perfeccionismo, e onde está tudo certo, fazer simplesmente o seu trabalho.”

*

Longe das apresentações desde 2019, Manu sai em turnê pelo país a partir do próximo dia 22 deste mês. Encarar o palco é uma dessas tarefas em que ela se cobra muito. “Sempre fui muito medrosa para show”, admite. Como tem uma carreira multifacetada, ela diz que nunca conseguiu se dedicar exclusivamente a esta função.

*

“Acho que quando você, a maior parte da vida, faz shows, você se acostuma com isso, vira uma zona de conforto, um lugar de segurança”, diz. “Sinto que eu nunca tive isso porque faço muitas outras coisas.”

*

“É sempre um susto, um grande nervosismo”, afirma. Com as apresentações de “Eu Só Queria Ser Normal”, nome dado à sua turnê, ela quer tirar um “pouco desse peso”.

*

A maratona de shows revisita o trabalho de Manu como cantora e compositora —ela trabalha com música desde os 16 anos e tem quatro álbuns lançados. “Estou tentando tirar um pouco do medo e tudo que eu me cobro e tentar me divertir em cima do palco para realmente fazer essa homenagem à minha história e ao meu público, que me acompanha há tanto tempo.”

*

Será uma chance também de encontrar novos fãs, conquistados durante a sua estadia no BBB 20. “O que aconteceu no Big Brother foi quase uma ilusão porque eu não pude realmente interagir com as pessoas depois de sair do programa. Acho que vai ser uma oportunidade linda de olhar no olho dessas pessoas e de conhecer muita gente pelo Brasil afora que passou a gostar de mim”, pontua ela.

*

Antes de voltar aos palcos, Manu apresentou em junho outra versão sua ao público: a atriz. Ela é uma das protagonistas de “Maldivas”, série da Netflix, em que interpreta a controladora Milene.

*

“Foi uma oportunidade de me mostrar mais como atriz, das pessoas entenderem que ‘não é uma gracinha’ [atuar]”, diz ela, em referência ao seu álbum chamado “Gracinha”, lançado em 2021.

*

Até então, o seu trabalho mais conhecido na área tinha sido em “Malhação”, em 2014. “O meu tempo como atriz é dividido com tantas outras coisas que eu não falo a quantidade de ‘sim’ [que gostaria para propostas na área] e não me dedico da maneira que eu queria me dedicar a essa profissão.”

*

Na comédia da Netflix, Milene é a síndica do fictício condomínio de luxo Maldivas, onde uma mulher morre em um misterioso incêndio. “Até hoje foi o meu trabalho mais forte como atriz e, talvez, o único em que eu me senti completamente satisfeita”, afirma.

*

A personagem é cheia de contradições, diz Manu. À primeira vista, ela tem tudo para ser odiada: é arrogante e debochada. “Depois que você a conhece mais, você fala: ‘Ai, coitada. Me identifico com a dor dessa mulher’.”

*

Milene está em um relacionamento conturbado com o cirurgião plástico Victor Hugo (Klebber Toledo), que a submeteu a várias transformações físicas. “Ela vive como bonequinha desse homem, mas nem assim consegue chamar a atenção dele. Nem tendo se mudado inteira para ele.”

*

Para fazer o papel, Manu conta que o seu maior desafio foi se encontrar segura como atriz. “Sou uma pessoa que tenho uma naturalidade no jeito de falar que me fez cumprir bem as funções de atriz até hoje, mas acho que existia uma força na Milene que eu queria ter em mim para representá-la. E essa foi a parte mais difícil: encontrar essa força dentro de mim.”

‘Esse povo não merece paz nem microfone’

Censura virou obsessão nacional, principalmente entre grupos radicalizados

Wilson Gomes
Professor titular da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e autor de 'Crônica de uma Tragédia Anunciada'

Uns são barrados em universidades e feiras literárias por serem “fascistas”, outros não devem ser lidos por estudantes, uma vez que são “esquerdistas”, já houve quem não pudesse ser publicado em jornais porque “supremacista”.

Outros ainda foram denunciados, expostos e boicotados por estampar em quadros, materializar em performances ou representar em vídeos a sua “arte degenerada”, na tentativa de “corromper as criancinhas”, praticar “pedofilia”, promover “ideologia de gênero”, “induzir à homossexualidade” ou fazer “doutrinação ideológica”.

As expressões estão entre aspas justamente para dizer que ações e pessoas são classificadas desse modo não com base em evidências indiscutíveis ou em uma interpretação realizada com independência. São decisões políticas. Rotular é marcar e desqualificar o outro como inimigo da nossa posição ideológica, para melhor vencê-lo.

Não ouvir as vozes que nos incomodam virou uma obsessão nacional, principalmente dos grupos mais radicalizados. A cada dia, uma nova bula de excomunhão, uma nova lista de pessoas com quem não devemos falar ou que não devemos ouvir e uma nova agenda para a militância dos bons: impedir, denunciar, constranger, calar. Tudo em nome de valores e princípios sublimes.

Quando se critica o padrão disseminado de intolerância, todas as facções usam como escudo a alegação de que estão sendo vítimas de falsa simetria e consideram um ultraje a sua posição ideológica ser comparada com a dos seus vis inimigos.

Não se trata, porém, de ideologia, mas de atitude política. Pode-se ter louváveis propósitos emancipatórios e humanistas, mas adotar-se atitudes deploráveis. De boas intenções ideológicas, está pavimentado o inferno político.

Isso tudo é ao mesmo tempo reforço e sintoma de radicalização. A disposição a negociar cai, e o reconhecimento da legitimidade democrática do outro desaparece. Sobram inimigos e não mais divergentes ou adversários, pois no nosso projeto de sociedade não há espaço para gente dessa espécie. A tolerância é vista como complacência com o mal e o pluralismo como conluio com o pecado.

A virtude não está mais no meio, mas em um dos extremos, o nosso. A moderação não é mérito, mas demonstração de fraqueza, covardia e indulgência. No radicalismo, habitam a autenticidade, a pureza de convicções e a generosidade. Na moderação, fazem morada a hipocrisia, a corrupção (pois se transige com o mal) e os nocivos interesses ocultos e negados. Quem pede para baixar as armas é, evidentemente, colaboracionista.

Mas o que está por trás da vontade de censurar e condenar que envenena a esfera pública política, ataca fundamentos democráticos e nos prende a um pesadelo político que parece não ter fim?

Recomendo o foco nas premissas que sustentam as atitudes.

Os radicais acreditam que determinadas mensagens, ideologicamente erradas, são capazes de produzir um estrago imenso, não em nós, mas nos outros, se não houver meio de impedir que as pessoas a elas se exponham. O parâmetro que mede a nocividade da mensagem é dado por nossas convicções. Calcula-se a distância moral e intelectual entre o que acreditamos ser o certo e o que o nosso adversário ou inimigo ensina ou prega: quanto mais longe de nós, mais errado ele está, mais perigoso o que ele diz.

A escala nunca é mero cálculo intelectual das divergências entre as diferentes visões de mundo, é também moral: o erro cognitivo também é uma imoralidade. O que, por si só, justifica a nossa indignação e aciona nossos sentimentos: diante da falha moral e cognitiva, o sangue nos sobe à cabeça e a raiva moralmente autorizada sente-se à vontade para se manifestar, inclusive como violência.

O passo seguinte é admitir que, embora a mensagem do nosso inimigo não nos cause mal, as outras pessoas são vulneráveis diante do seu conteúdo. Falta-lhes malícia e formação. Não são más, mas ingênuas, manipuláveis ou desinformadas.

O mal lhes é uma tentação constante, por ser astuto, claro, mas sobretudo por haver uma natural propensão humana ao pecado, às escolhas erradas, a buscar o caminho fácil. Quanto mais os outros são diferentes de nós (pobres, crianças), mais suscetíveis à sedução do mal, mais vulneráveis aos seus apelos e mais protegidos devem ser.

Nós somos insuscetíveis aos esforços persuasivos do inimigo, pois somos melhores que as pessoas em geral —por formação, têmpera ética ou sagacidade. Por isso mesmo, temos a missão moral de salvá-las, ou evitando que se exponham à doutrina malsã, calando a boca do adversário, ou por meio de ações corretivas, quer dizer, da denúncia dos interesses camuflados dos inimigos e do desmascaramento das suas más intenções.

É nossa missão evitar que as ovelhas se percam e o mal prevaleça. Por amor e por virtude é que censuramos. Amém.

[...]

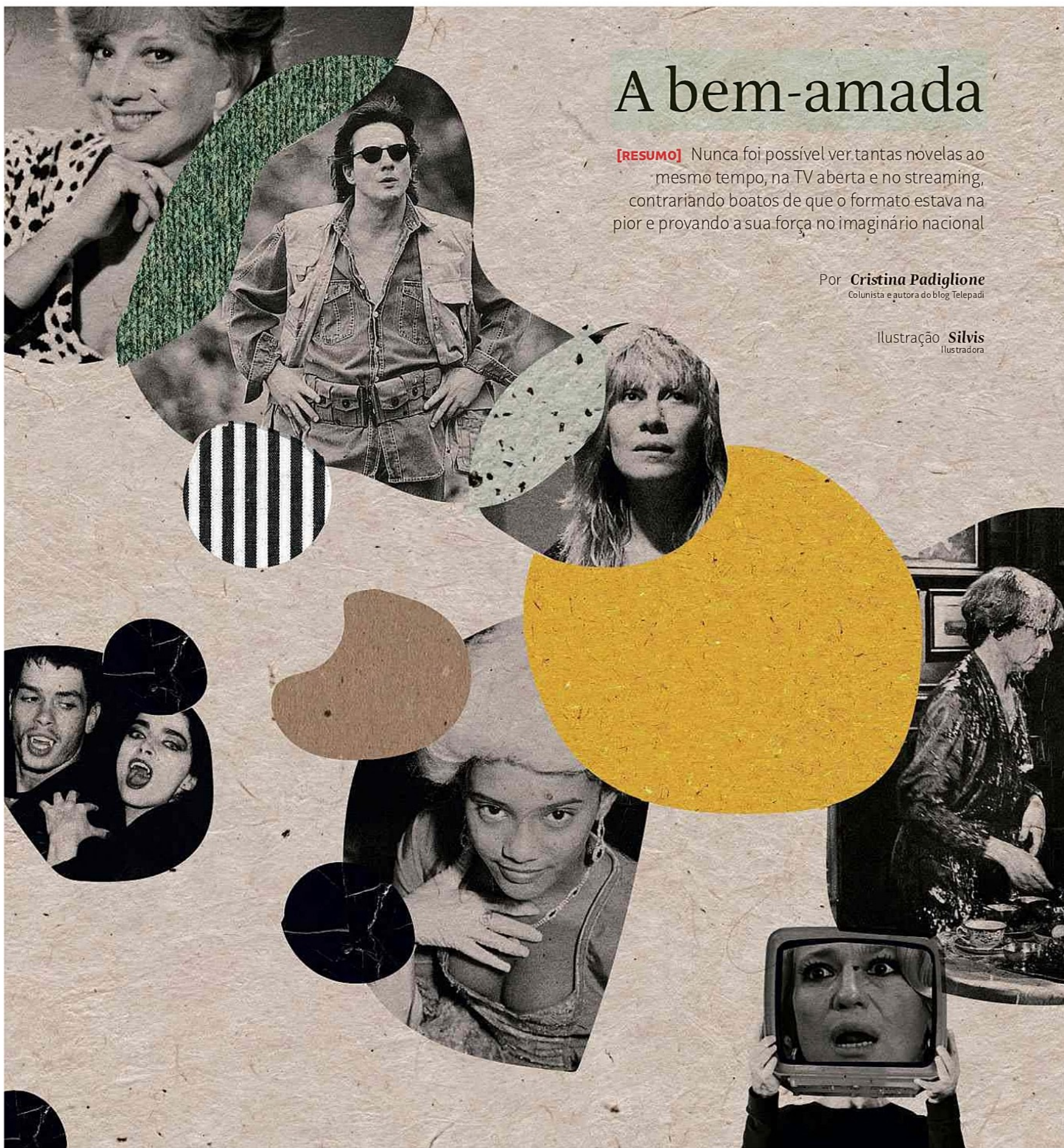
A cada dia, uma nova bula de excomunhão, uma nova lista de pessoas com quem não devemos falar ou que não devemos ouvir e uma nova agenda para a militância dos bons: impedir, denunciar, constranger, calar. Tudo em nome de valores e princípios sublimes

| **DOM. Bernardo Carvalho**, Itamar Vieira Junior, Marilene Felinto, Wilson Gomes

A bem-amada

[RESUMO] Nunca foi possível ver tantas novelas ao mesmo tempo, na TV aberta e no streaming, contrariando boatos de que o formato estava na pior e provando a sua força no imaginário nacional

Por **Cristina Padiglione**
Colunista e autora do blog Telepadi

Ilustração **Silvis**
Ilustradora

Faz pelo menos 20 anos que se fala sobre uma suposta tendência de desgaste do gênero telenovela no gosto do público brasileiro, sem que isso se consume. Se um folhetim de horário nobre na Globo é visto hoje por 30% da audiência, ante 60% de 30 anos atrás, a fragmentação dessa plateia também aponta para uma busca de dramaturgia seriada em outras telas, de modo que a oferta de títulos apegados ao melodrama nunca foi tão farta como agora.

Na TV paga, o Viva, que nasceu com três faixas diárias de novelas e no ano passado ganhou um quarto horário só para as produções latinas, está há três anos na liderança de todos os canais por assinatura. A mexicana "Marimar", que inaugurou a vaga latina, alcançou média mensal de 2,1 milhões de pessoas por episódio, somando o público da TV linear e da transmissão sob demanda do canal.

O SBT, com cinco faixas de novelas, e a Record, hoje com três, têm só uma produção inédita cada um, ocupando as demais com reprises próprias ou importadas da vizinhança latina, um bom custo-benefício para ambos os canais, enquanto a Globo tem hoje seis faixas de novelas, três não inéditas —duas reprises vespertinas e um horário alternativo na madrugada para "Cara e Coragem", originalmente exibida às sete meia da noite.

No streaming, o Globoplay também abriu espaço para uma enxurrada de produções mexicanas, turcas e portuguesas, além de relançar com louvor quase todo o acervo da Globo em condições de ser revisitado, somando mais de 180 folhetins para todos os gostos e se firmando como o streaming das novelas.

A Netflix ensaia desde o ano passado a produção do gênero no país, mas em tamanho mais próximo das séries, como o drama mexicano "Quem Matou Sara?", original do serviço de streaming. E na HBO Max, que contratou o autor e ex-diretor de teledramaturgia da Globo, Silvio de Abreu, foi adotado o nome de "telessérie" para designar o mesmo melodrama em formatos mais curtos que a novela da TV aberta.

A própria Globo vem chamando de novela o que já foi tratado como supersérie, como "Verdades Secretas 2", maior audiência do Globoplay no ano passado, e "Todas as Flores", que seria escrita por João Emanuel Carneiro com 140 capítulos para a TV aberta e foi reduzida a 85 episódios para ir ao ar antes pelo streaming.

A mesma plataforma já definiu "Guerreiros do Sol", uma releitura do cangaço de Lampião e Maria Bonita pelo viés feminino, de George Moura e Sérgio Goldenberg, com previsão de se concluir com 45 episódios. Tanto o enredo de Carneiro como a nova saga do sertão serão vistos só no ano seguinte pela TV aberta, como um resgate da novela das 23h.

"Quais são as características dos conteúdos desejados por todos os exibidores hoje, seja sob demanda ou linear? Conteúdos de alto engajamento, de alto impacto, conteúdos seriados de capítulos grandes, que estabeleçam uma conexão mais duradoura, conteúdos que possam ser plataforma de repercussão ou de abordagens da sociedade contemporânea. Eu conheço um formato que entrega tudo isso e se chama telenovela", define Amauri Soares, diretor da TV Globo e afiliadas.

"Eu diria que novela está na moda, só que na Globo nunca deixou de estar na moda", completa José Luiz Villamarim, diretor de teledramaturgia da Globo. "A gente sempre fez, faz e fará novelas, procurando nos manter à frente, do ponto de vista do audiovisual, com essa dramaturgia que a gente domina, tem expertise, é a nossa grande obra."

"Agora estaremos fazendo três novelas das nove ao mesmo tempo", continua Villamarim. "'Pantanal' ainda está sendo realizada, e vamos começar a gravar 'Travessia', da Glória Perez, e 'Todas as Flores', de João Emanuel. Isso é um sinal de quanto o audiovisual hoje está efervescente."

É verdade que a estrutura construída pelos Estúdios Globo permite uma logística que Record e SBT, por exemplo, raras vezes conseguiram, de alcançar um planejamento que assegure a permanência do gênero no ar continuamente, com produções inéditas, sem pausas na grade.

Vem também da telenovela, e de alguns dos títulos mais icônicos do segmento, a primeira parceria entre Globo e YouTube —a série "Novelei" estreia nesta segunda, com nove episódios que mesclam youtubers e atores da emissora, como Tony Ramos, Paulo Vieira, Susana Vieira, Carolina Dieckmann e Isis Valverde.

Criada por Bia Braune, colunista deste jornal, com colaboração de Nigel Goodman e Marcelo Martinez, sob direção de Felipe Joffily, a história se passa em um mundo paralelo em que, após um bug no sistema, as novelas começam a ser apagadas da memória de todos.

Para reverter essa situação, Vitinho, vivido por Paulo Vieira, assistente de produção de muitos anos na Globo, convoca um time de criadores da internet —Thalita Meneghim, Gusta Stockler, Phellyx, Babu Carreira, Evandro Rodrigues e Livia La Gatto— para refazerem algumas das obras que marcaram época, com a ajuda da inteligência artificial Susaninha —papel de Susana Vieira.

Na nova versão de "Avenida Brasil", Nina finalmente compra um pen drive para salvar as fotos comprometedoras de Carminha, enquanto, na releitura de "Laços de Família", Camila se recusa a raspar a cabeça.

Soares lembra que o "Novelei" é uma iniciativa da VIU, unidade digital do Grupo Globo, e foi integralmente apoiado pela emissora "porque leva o nosso gênero mais importante para o público jovem, o mais atuante em redes sociais".

"Os Estúdios [Globo] fizeram toda a supervisão. A gente montou uma equipe, uma sala de roteiro. A proposta era para o YouTube e para nós foi uma novidade fazer isso com a leveza e a linguagem própria dos influenciadores", acrescenta Villamarim.

"Novelei" reforça o propósito da emissora de conversar com a plateia mais jovem, especialmente após o fim de "Malhação", como afirma Soares. A premissa de levar temáticas desse segmento às demais produções tem sido bem executada em "Pantanal", um enredo criado há 32 anos e reescrito por um autor jovem, no caso, Bruno Luperi, de 34 anos, com temas que dialogam com essa faixa etária.

Continua na pág. C5

Continuação da pág. C4

Nas contas da Kantar Ibope Media, o enredo acumulou 1,6 milhão de jovens diferentes por semana ao longo das 12 primeiras semanas no ar. Para tanto, pesaram, segundo Amauri Soares, as estratégias de lançamento da novela durante o BBB, preferencialmente visto pelos mais novos.

Obras como "Novelei" e "Pantanal", a liderança do Viva, os clássicos no Globoplay e até o bom posicionamento de novelas infantis antigas do SBT no catálogo da Netflix carregam a percepção de uma tendência nostálgica na dramaturgia.

Mas Villamarim não vê o momento como um boom para remakes, ou não maior do que já era. "A gente sempre teve remakes, que nada mais são que boas histórias adaptadas para o presente. Sou fã, já dirigi três, 'Anjo Mau', 'Cabocla' e 'O Rebu'."

"Veja 'Pantanal', uma novela supercontemporânea, a ponto de determinados personagens agora terem um alcance que a primeira versão não teve, caso da Maria Bruaca, que se conecta com questões que estão postas hoje e não estavam da primeira vez. Tem um componente a mais que alimenta o interesse."

Villamarim adianta que a Globo já trabalha com planos para outras releituras em curto prazo, mas faz segredo sobre os títulos em estudo, resumindo apenas que são todos da casa —ao contrário de "Pantanal" e "Éramos Seis", duas adaptações recentes que ainda não tinham sido contadas pela tela da Globo.

"A maioria do público está conhecendo 'Pantanal' agora", diz Soares. "Uma pequena parte teve contato com a outra [da Manchete], mas isso ajuda muito na conexão, na formação de fãs, porque essas pessoas que conhecem a novela alimentam a conversa com essa memória afetiva e isso ajuda muito a divulgar a história", acredita o diretor da Globo.

"A reprise da novela também tem esse componente. Tem gente no Viva que está vendo uma novela de novo, tem gente que está vendo de novo junto com alguém da família que está vendo pela primeira vez, a gente vê muito isso em pesquisas."

Esses elementos dão ao remake um peso extra, ainda mais em tempos de redes sociais que geram engajamento —e ajudam a audiência. No Globoplay, dos dez conteúdos sob demanda mais vistos em junho, seis são novelas, com liderança de "Pantanal" e o terceiro lugar para "América".

Na trilha dos remakes, uma releitura já em desenvolvimento pela produtora Floresta, com provável destino a HBO Max, é "Dona Beja", novela protagonizada por Maitê Proença em 1986 na mesma Manchete que apostou em "Pantanal".

'Numa dessas ironias e ciclos da história, a gente tem esse formato, que tem 70 anos na TV e tem uma história enorme passada no rádio', lembra Amauri Soares, diretor da TV Globo e afiliadas. 'Curiosamente, esse formato, que você pode chamar de dramaturgia longa ou de telenovela, é supercontemporâneo e entrega todos os atributos de conteúdo que os exibidores hoje querem, com alto engajamento, alto impacto, uma plataforma de repercussão'

Na Netflix, o ensaio para produzir melodrama no país tem sido experimentado com títulos que ainda parecem séries, como "Maldivas", sem descartar o retorno obtido com produções originais da empresa na América Latina, como "Desejo Sombrio", "Coração Marcado" e "Quem Matou Sara?".

Há ainda os sul-coreanos "Pousando no Amor", "Vincenzo" e "Juvenile Justice", que foi um dos títulos de língua não inglesa mais vistos em março, com 25,4 milhões de horas vistas. E o original turco "Midnight at the Pera Palace", que encabeçou a lista, com 11,8 milhões de horas.

Isso sem falar em títulos licenciados no Brasil, caso de "Chiquititas", "Carinha de Anjo" e "Carrossel", com formato longo de novela, além do hit "Café com Aroma de Mulher", todas presentes no top dez da plataforma.

"A gente tem que oferecer uma grande variedade de gêneros porque temos uma grande base de assinantes", diz Elisabetta Zenatti, vice-presidente de conteúdo da Netflix no Brasil. "E a gente já está bem servido com séries de comédia, séries dramáticas. A novela é mais um pilar da programação, e os latinos gostam de ver um drama", justifica.

Segundo a executiva, as "novelas" da Netflix não serão apresentadas como tal. "A gente não vai chamar de novelas, a gente vai chamar de série. As nossas vão ser séries talvez um pouco mais longas com elementos de folhetim. Estamos desenvolvendo várias séries mais longas", diz Zenatti, sobre produções que nem chegam a 20 capítulos e não necessariamente terão várias temporadas.

A presença das novelas infantis do SBT no top dez também pode ser entendida pela grande extensão dessas produções, já que o ranking diz respeito ao número de horas vistas.

Na Globo, a presença do streaming aumenta a possibilidade de novas produções, já que a conta é financiada por duas janelas de exibição diferentes, como ocorrerá com "Todas as Flores", paga pelo orçamento do Globoplay e da TV Globo, com estreia prevista para outubro no streaming.

"Numa dessas ironias e ciclos da história, a gente tem esse formato, que tem 70 anos na TV e tem uma história enorme passada no rádio", lembra Amauri Soares. "Curiosamente, esse formato, que você pode chamar de dramaturgia longa ou de telenovela, é supercontemporâneo e entrega todos os atributos de conteúdo que os exibidores querem."←

Bernie Sanders em evento de campanha em Ann Arbor, Michigan Jeff Kowalsky - 8.mar.20/AFP

O socialista americano

[RESUMO] Crítico da captura da economia pelas elites e do intervencionismo externo dos EUA, Bernie Sanders transformou a política do país sem nunca ter alcançado a indicação à Presidência pelo Partido Democrata. Em novo livro, ex-assessor do senador aponta contradições de suas campanhas, que suscita comparações com Lula e o PT

Por *Andre Pagliarini*
Professor de história no Hampden-Sydney College, na Virgínia (EUA)

Em 2017, o senador americano Bernie Sanders foi convidado a participar de evento no Westminster College, em Fulton, Missouri, no mesmo local onde, em 1946, Winston Churchill usou pela primeira vez a imagem da cortina de ferro para descrever a realidade que se desenhava na Europa pós-guerra.

Não é comum, nos Estados Unidos, políticos serem chamados pelo primeiro nome. Bernie, com 80 anos e uma longa carreira política, é um dos poucos.

Na casa histórica perto do campus onde ficaria hospedado, Bernie recebeu a oferta de ocupar o quarto que Margaret Thatcher usou quando esteve na faculdade em 1996. Ele negou. O desgosto pela ex-primeira ministra britânica é sintomático da índole política de Bernie, um dos líderes mais influentes da esquerda americana em décadas, que vem ajudando a revitalizar o socialismo no país. Um assessor acabou dormindo na cama em que Thatcher havia passado a noite 30 anos antes.

Esse assessor, Ari Rabin-Havt, busca agora, no livro "The Fighting Soul: on the Road with Bernie Sanders", apresentar um retrato mais íntimo de Bernie, um político cujo forte é a nitidez de seu ideário progressista, mais que seu tato social.

Autodeclarado socialista democrático, Bernie assume uma posição política raríssima nos altos círculos da política estadunidense. Esquerdista sem pudores, que vem criticando o capitalismo desenfreado e o imperialismo intervencionista do seu país há décadas, Bernie alcançou um feito inusitado com suas duas campanhas presidenciais, em 2016 e 2020: pela primeira vez em quase um século, o movimento socialista passou a ter peso eleitoral, principalmente no âmbito do Partido Democrata, inspirado pela possibilidade real de Bernie chegar à Presidência.

Na esteira de Bernie, emergiram novas figuras que não tem medo de se identificar com uma esquerda mais vocal e internacionalista, como Alexandria Ocasio-Cortez, Ilhan Omar, Rashida Tlaib e Cori Bush.

Os democratas têm hoje no Congresso mais deputados e deputadas genuinamente interessados em promover o avanço de pautas da classe trabalhadora —como aumentar o salário mínimo, criar um sistema público de saúde e taxar agressivamente grandes fortunas— que em qualquer outro período nos últimos 50 anos.

A esquerda inspirada em Bernie ultrapassa os assuntos domésticos e critica o legado da política externa de Washington das últimas décadas. No passado, Bernie era uma voz solitária ao denunciar os feitos de presidentes americanos no exterior.

Quando foi prefeito de Burlington, em Vermont, Bernie atacava veementemente a política do então presidente, Ronald Reagan, de apoio aos contras na disputa com os sandinistas, o movimento revolucionário de esquerda que havia tomado o governo da Nicarágua em 1979.

Questionado sobre seu apoio ao líder sandinista Daniel Ortega, que Reagan considerava um "ditadorzinho" sustentado pela União Soviética, Bernie respondeu estar menos interessado se o governo nicaraguense era bom ou ruim e mais "se os EUA têm o direito unilateral de ir à guerra e destruir um governo de que o presidente Reagan e os membros do Congresso não gostam".

Mais recentemente, em 2020, Bernie se reuniu com Fernando Haddad (PT) para discutir a ascensão da extrema direita mundial e foi o único candidato americano a chamar de golpe, em 2019, o movimento militar contra o então presidente da Bolívia, Evo Morales, e a se solidarizar publicamente com o ex-presidente Lula na ocasião de sua saída da prisão.

Na campanha de 2020, esse histórico anti-imperialista veio à tona como controvérsia. Perguntado sobre Fidel Castro, por exemplo, Bernie disse ser contra a "natureza autoritária" do regime cubano, mas que é "injusto dizer simplesmente que tudo é ruim". O argumento do presidenciável era que a situação cubana era complexa, mas a imprensa tratou seus comentários como se fossem confissões de um crime.

Bernie seria leniente com ditaduras de esquerda? Sua suposta simpatia por tais governos revelava traços autoritários da sua própria visão política? No contexto de uma disputa presidencial, o escrutínio dado a essa colocação inócua beirava o ridículo.

"Do nosso ponto de vista," escreve Rabin-Havt, "a mídia ficou obcecada em falar sobre um ditador morto, mas se recusou a reconhecer o apoio de outros pré-candidatos democratas a ditadores vivos". O autor cita o exemplo do ex-prefeito de Nova York Michael Bloomberg, que, por ter uma relação próxima com o governo chinês, se recusava a condenar o tratamento cruel do grupo minoritário uigur durante sua campanha presidencial.

O problema, para Bernie, era que grandes vozes da imprensa tradicional já associavam categoricamente sua imagem a um certo iliberalismo generalizado de esquerda. É impossível separar essa tendência do fato de ele ser o único candidato a se identificar como socialista.

Hoje, ao criticar a forma casual em que Washington tantas vezes intervêm no resto do mundo, ele não está sozinho. A despeito do avanço do movimento contestatório do qual ele faz parte desde os anos 1960, no fim das contas, os obstáculos institucionais à candidatura de Bernie se mostraram intransponíveis.

A maior dessas, com certeza, foi o fato de o sistema político americano ser dominado por apenas dois partidos, ambos com relações estreitíssimas com o setor privado. O linguajar agressivo de Bernie contra os "milionários e bilionários", que, na sua visão, têm capturado todos os benefícios do capitalismo americano nos últimos anos, gerava divisões excessivas para muitos membros do Partido Democrata, uma agremiação mais progressista, mas a que Bernie sempre relutou em se filiar e criticou pela esquerda.

De acordo com o senso comum articulado na grande imprensa e por líderes políticos importantes, um discurso "nós contra eles" de esquerda simplesmente não seria a melhor maneira de enfrentar Donald Trump.

Outra crítica a Bernie era que sua suposta teimosia ideológica o impediria de ganhar —e ainda mais de exercer— a Presidência.

Segundo Rabin-Havt, ninguém menos que Barack Obama levantou diplomaticamente essa ressalva em uma conversa privada com Bernie antes do início da última campanha. "Bernie", disse o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos ao homem que poderia ter sido o primeiro judeu, "você é um profeta do velho testamento, uma voz moral para nosso partido, ajudando a nos orientar, mas aí é que está. Profetas não se tornam reis. Reis precisam fazer escolhas que profetas não precisam. Você está disposto a fazer essas escolhas?".

Bernie escutou respeitosamente a fala um tanto soberba de Obama e, de acordo com Rabin-Havt, discordou: "Ele tem uma crença fundamental de que poderia liderar um movimento firme para desafiar quem comandava o Partido Democrata, liderando, ao mesmo tempo, a mesma instituição, à qual se recusava veementemente a se filiar". As suas duas candidaturas presidenciais nasceram sob o signo dessas contradições.

A teoria de que, em um sistema bipartidário como o dos EUA, um outsider à frente de um movimento expressivo poderia ganhar a indicação de um dos partidos e, assim, concretizar uma possibilidade real de chegar ao poder enchia a esquerda de esperança. Afinal, de certa forma, foi isso que Trump fez em 2016.

Trump estava longe de ser consenso no establishment republicano, mas venceu as prévias, em grande parte, porque a oposição interna estava dividida. Dessa falta de coordenação partidária, brotou o extremismo racista, xenófobo e ultranacionalista de Trump.

Continua na pág. C7

Continuação da pág. C6

Depois que Bernie ganhou em Iowa, New Hampshire e Nevada e ficou em segundo na Carolina do Sul —os primeiros estados a escolher o indicado democrata—, os candidatos mais conservadores, sem chances reais de vencer, desistiram para apoiar Joe Biden.

Como sustenta Rabin-Havt, o Partido Democrata mostrou em 2020 que tinha aprendido com o assalto do Partido Republicano por Trump. Com um partido dividido por vários postulantes, cada um com menos apoio popular que ele, Bernie poderia aos poucos acumular os delegados necessários para conseguir a indicação na convenção do partido. Para o autor, foi nesse momento que as chances de Bernie evaporaram.

Trump havia jogado um jogo parecido ao conquistar o Partido Republicano em 2016, mas o Partido Democrata não permitiu que isso acontecesse. Na perspectiva dos apoiadores de Bernie, ficou patente que o partido faria de tudo para se inocular contra a orientação socialista ou social-democrata representada pelo senador.

Depois de Bernie conceder a derrota a Joe Biden em abril de 2020, muitos analistas passaram a dizer que o socialista deveria ter tentado mais assiduamente conquistar pelo menos o apoio tácito de figuras expressivas do establishment. Quem sabe uma versão sanderiana da Carta ao Povo Brasileiro, apresentada por Lula em 2002, teria apaziguado os ânimos das forças de centro do Partido Democrata, aqueles com dificuldade de perdoar Sanders por ter desafiado Hillary Clinton em 2016?

Rabin-Havt discorda: tais colocações "ignoram a realidade de que as propostas [de Bernie] foram desenhadas, em parte, para minar o poder desses indivíduos e instituições, e é justamente por isso que eles buscavam derrotá-lo".

A despeito da insatisfação com o resultado das prévias, poucos fariam tanta campanha contra Trump quanto Bernie. Ele tinha uma preocupação real com o avanço da extrema direita, revela Rabin-Havt, tendo em vista a memória do nazifascismo que matou membros da sua família na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial.

Os princípios inabaláveis de Bernie não são fruto de vaidade, machismo ou sanha de poder, como alegavam vários de seus oponentes, mas de uma crença na necessidade de urgente de uma mudança drástica de rumo político.

Diferentemente de muitos no Partido Democrata, Bernie não condenava os eleitores de Trump. Pelo contrário, argumentava que essas pessoas haviam sido abandonadas pela classe política e que buscaram no republicano uma maneira de romper com um sistema que já não provia vida digna à grande parte da população.

Bernie, obviamente, discorda de Trump sobre quem culpar pelo declínio do padrão de vida dos americanos. Para o ex-presidente, são os imigrantes, os progressistas, os chineses e outros vilões politicamente convenientes. Para Sanders, a culpa não é daqueles que lutam por uma vida digna, mas daqueles que detêm o poder.

Pessoas próximas ao senador dizem que ele enxerga Lula como um exemplo exitoso da dinâmica que tentou ativar nas suas candidaturas à Presidência: criar um grande movimento político baseado na conscientização da classe trabalhadora. As estruturas eleitorais dos EUA tornam quase impossível a criação de um partido viável baseado no empoderamento de trabalhadores

O retrato de Bernie no livro de Rabin-Havt suscita muitas comparações com Lula. O petista, sem dúvida, atingiu um grau de sucesso político que Bernie jamais conseguirá —com 80 anos, é improvável que participe mais uma vez das prévias do Partido Democrata.

Pessoas próximas ao senador dizem que ele enxerga Lula como um exemplo exitoso da dinâmica que tentou ativar nas suas duas candidaturas: criar um grande movimento político baseado na conscientização da classe trabalhadora. A cultura política e as estruturas eleitorais dos Estados Unidos fazem com que seja praticamente impossível criar um novo partido viável baseado explicitamente no empoderamento dos trabalhadores.

No Brasil, condições históricas específicas —a abertura política, o novo sindicalismo, a Lei de Anistia e outras desde o fim dos anos 1970— permitiram a construção do PT, que sintetiza esse espírito.

Na campanha, Bernie insistia que a chamada revolução política que ele quis inspirar não poderia recair apenas sobre ele: era preciso um movimento de massas para mudar o rumo da política americana. A despeito desse discurso, eleições têm sempre um grau de personalismo e é impossível separar o candidato do projeto que busca encarnar.

O PT virou uma força nacional após muitos anos de construção política no Brasil inteiro. Goste-se ou não de Lula e do PT, ambos são exemplos de apoio duradouro em um sistema político multipartidário. Basta ver o desempenho fortíssimo de Lula nas pesquisas mesmo após a saga por que ele passou nos últimos anos.

Bernie, por sua vez, não conseguiu costurar as alianças políticas que talvez fossem necessárias para transformar seu apoio popular em perspectiva real de vitória —balança que Lula entende muito bem—, mas isso não quer dizer que ele não teve efeito sobre a política americana.

"Bernie Sanders nunca será presidente", conclui Rabin-Havt no livro, "mas suas duas campanhas transformaram o Partido Democrata e este país. Antigas ortodoxias sobre gastos governamentais e política externa desmoronaram como resultado dos esforços incessantes de um velho socialista".

Para Bernie, a emergência da extrema direita tem origem na falência da ordem global pós-Segunda Guerra Mundial, que desaguou na austeridade neoliberal e, em termos relativos, piorou a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Ele quis enfrentar Trump nas urnas em 2016 e 2020 para avançar o projeto de um governo comprometido com os interesses dos trabalhadores, da vasta maioria da população e de todas as idades, gêneros, etnias, raças e níveis de educação, com vistas a transformar para melhor o status quo.

Lula terá a oportunidade de enfrentar Bolsonaro neste ano. Que não falte fôlego para levar esse projeto adiante. ←

The Fighting Soul: On the Road with Bernie Sanders
Autor: Ari Rabin-Havt.
Editora: Liveright. R$ 118 (352 págs.); R$ 112 (ebook)

Conserva de imperador

O pedido de traslado do coração de dom Pedro tem um quê de bizarro

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

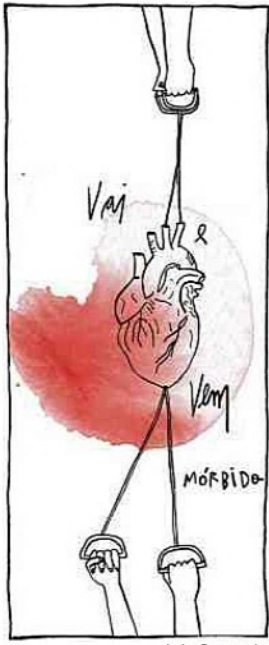
O governo brasileiro requereu a Portugal que, no âmbito das comemorações dos 200 anos da independência, enviasse para o Brasil o coração de dom Pedro —que, por uma razão que me escapa, está preservado num frasco de formol, guardado numa igreja da cidade do Porto.

O pedido tem o seu quê de bizarro, até porque, ainda esta semana, o atual presidente de Portugal visitou o Brasil e, apesar de estar na posse de todos os seus órgãos vitais, não foi recebido por Bolsonaro. Chefe de Estado português bom é chefe de Estado português morto, parece considerar o Planalto.

A confirmar-se a trasladação, será uma operação histórica, até porque se trata da primeira vez que um órgão é traficado entre países sem a intervenção de uma máfia russa. Imagino que a miudeza real vá ser exposta e contemplada no Brasil, o que me parece sinceramente ficar aquém da importância da data.

Uma celebração competente do bicentenário da independência devia incluir, além do coração de dom Pedro, um rim de José Bonifácio, o pâncreas de Thomas Cochrane, o fígado de Cipriano Barata e, talvez para dar um toque de ironia à cerimônia, um dente do Tiradentes. Creio que, com esse rodízio de vísceras heroicas, ficaria a efeméride mais bem assinalada.

Se eu mandasse, no entanto, o lugar de honra pertenceria não ao coração mas sim ao estômago de dom Pedro. Tendo o monarca morrido há 188 anos, o seu estômago estará completamente vazio, o que constituiria apropriada homenagem aos estômagos de parte considerável dos brasileiros de hoje. Por outro lado, se o objetivo é fazer com que os restos mortais de dom Pedro desfilem ao lado de Bolsonaro, talvez o órgão mais apropriado fosse o intestino.

Seja como for, o coração de dom Pedro será transportado para o Brasil com extremo cuidado, em ambiente pressurizado, trabalho que se pouparia se as autoridades brasileiras exibissem em Brasília um bom frasco de picles. O efeito seria praticamente o mesmo, e, no fim, a relíquia ainda poderia enriquecer o banquete. Fica a ideia.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Minissérie conta caso de menina que incentivou o amigo a se matar

The Girl from Plainville
Starzplay, 16 anos
O caso chocante e real de uma adolescente que incentivou um amigo a se suicidar rendeu um artigo de Jesse Barron para a revista Esquire. Agora é adaptada nesta minissérie, estrelada por Elle Fanning e Chloë Sevigny. Um novo episódio a cada domingo.

O Clube
Globoplay, 16 anos
A série estrelada por Luana Piovani em Portugal chega à terceira temporada. A boate onde se passa a ação está sob nova gerência, que tenta trazer o glamour de Ibiza, na Espanha, para as noites de Lisboa.

Nos Caminhos de Deus
TV Aparecida, 15h, 10 anos
Ryan, vivido por Alec Baldwin, recorre à fé para enfrentar várias crises simultâneas. A emissora católica encerra com um filme inédito um fim de semana de programação especial, festejando os 23 anos do projeto Família de Devotos.

Breaking Bad
Band, 22h30, 16 anos
Estreia no canal uma das séries mais premiadas da última década, já exibida pela Record sob o título "Química do Mal". O protagonista é o professor Walter White, um doente terminal que se torna fabricante de narcóticos para garantir o futuro de sua família.

Alcione: O Samba É Primo do Jazz
GloboNews, 23h, livre
A grande cantora maranhense celebra seus 50 de carreira neste documentário de Angela Zoé, que narra sua trajetória desde a estreia nos palcos aos 12 anos de idade.

Vai que Cola
Globo, 23h25, 12 anos
Já exibida pelo Multishow, a nona temporada do humorístico chega à TV aberta com novidades, como Nany People fazendo Yoyô, uma perua deslumbrada, e Marcelo Médici reeditando sua icônica personagem Mãe Jatira.

Canal Livre
Band, 23h30, livre
O historiador e jornalista Laurentino Gomes fala do recém-lançado terceiro e último volume de sua trilogia "Escravidão", que remonta o momento que culminou na Lei Áurea, num programa que integra o projeto "Band nos 200 Anos de Independência".

QUADRÃO | Laerte

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Disney vai perder o copyright sobre Mickey em breve

SÃO PAULO Um dos personagens mais icônicos da cultura americana entrará em domínio público em breve. Mickey Mouse, que estreou em 1928 e se tornou o grande símbolo da Disney, vai deixar de ser exclusivo da empresa em 2024.

De acordo com a atual lei de propriedade intelectual americana, personagens e obras artísticas deixam de ser exclusividade de quem os criou depois de 95 anos de sua concepção. Na prática, outras pessoas e empresas poderão usar Mickey em suas próprias histórias —e não apenas nas telas.

O término da exclusividade, no entanto, não virá sem restrições. Se o uso do ratinho acontecer de forma que o relacione à empresa, então ela pode alegar nos tribunais que houve uma violação de sua marca registrada —no caso, a Disney.

Criado em outubro de 1928 por Walt Disney e Ub Iwerks, Mickey Mouse fez sua estreia pública, nas telas, no curta animado "Steamboat Willie", ou o vapor Willie. Com o sucesso, acabou estrelando mais de cem outros filmes, como "Fantasia", e séries animadas, além de outros produtos.

Sony retira do ar obra póstuma de Michael Jackson

AFP Doze anos após lançar álbum póstumo com músicas inéditas de Michael Jackson, a Sony decidiu retirar três delas das plataformas de streaming devido a dúvidas sobre a autenticidade da voz do cantor.

As canções são "Breaking News", "Monster" e "Keep Your Head Up", do álbum "Michael", de 2010. "Isso não tem a ver com a autenticidade das músicas, mas se trata de deixar para trás as distrações que as cercam", afirmam em comunicado a Sony e a fundação que administra o legado do músico.

Seus fãs passaram anos expressando dúvidas sobre a autenticidade da voz de Jackson. Segundo alguns, seria a voz do cantor ítalo-americano Jason Malachi.

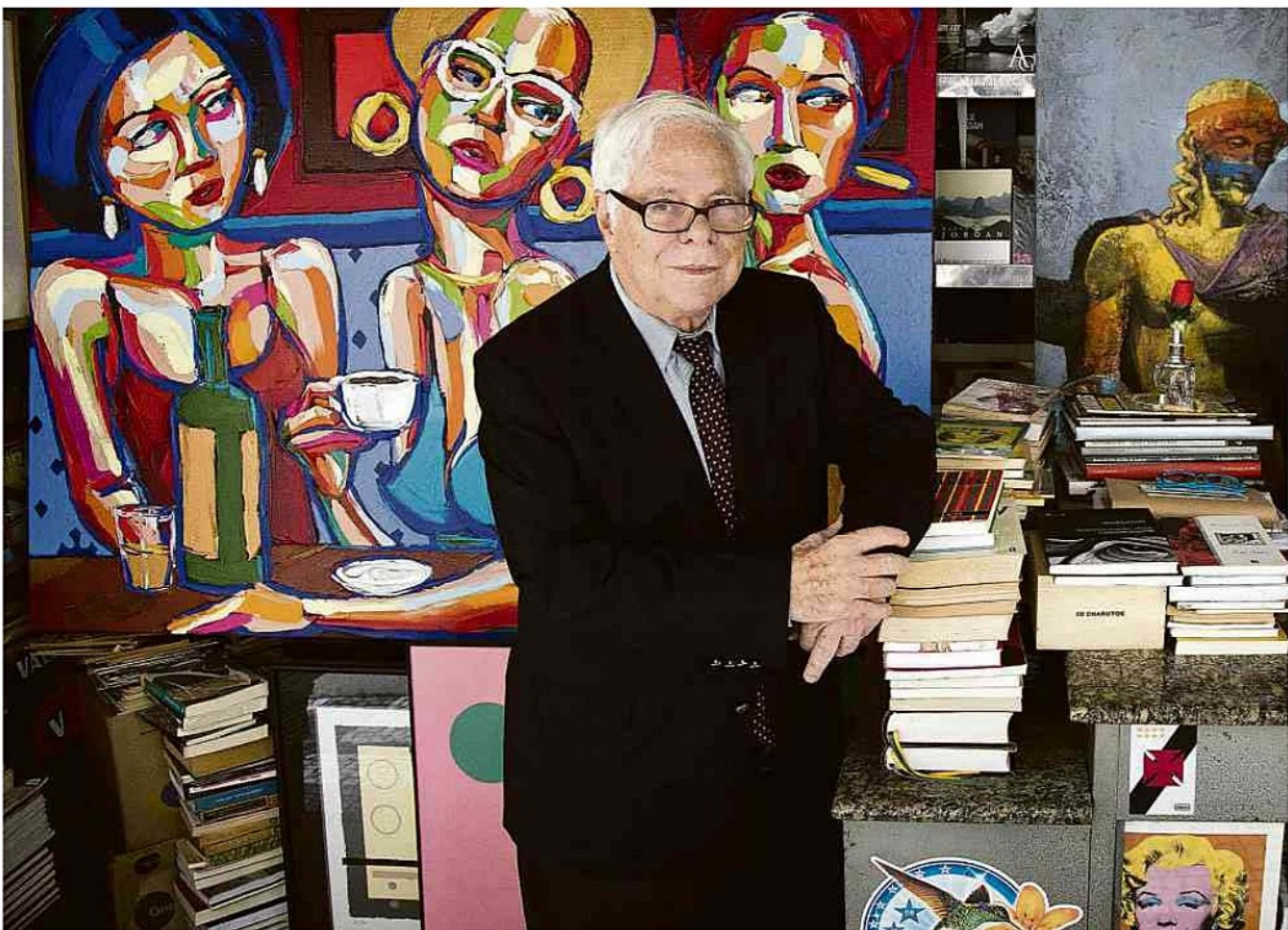
Em 2014, Vera Serova, uma de suas fãs, entrou com uma ação alegando que as três músicas constituem violação da lei de defesa do consumidor, concorrência desleal e fraude.

A fundação e a Sony esperam concentrar a atenção em projetos como um musical da Broadway, "MJ", obra biográfica sobre o autor de "Thriller", cujo lançamento completará 40 anos.

O iluminista universal

[RESUMO] Sergio Paulo Rouanet, morto no domingo (3), deixa obra filosófica cujo cerne é o reconhecimento da natureza dinâmica da cultura. Crítico do relativismo cultural e da exaltação de identidades, elaborou utopia de modernidade emancipatória

Por **João Almino**

Escritor e diplomata. Autor de 'Cidade Livre', 'Entre Facas, Algodão' e 'Homem de Papel'

Sergio Paulo Rouanet na banca do livreiro Paulo Lustosa, em frente à ABL, no Rio de Janeiro Monica Imbuzeiro /Agência O Globo

O filósofo e diplomata Sergio Paulo Rouanet morreu no domingo (3), mas sua obra mantém-se viva, não porque suas ideias tenham prevalecido — pela razão inversa.

Conhecido nacionalmente pela Lei de Incentivo à Cultura, que leva seu nome, deu uma contribuição importante ao Itamaraty, entre outros campos, por meio de propostas e de negociações do Gatt (prévio à criação da Organização Mundial do Comércio) e da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e do Desenvolvimento), que favoreceram os países em desenvolvimento.

Foi membro da ABL (Academia Brasileira de Letras) e escreveu sobre Machado de Assis ("Riso e Melancolia"), sobre Freud ("Édipo e o Anjo" e "Os Dez Amigos de Freud"). O cerne de sua obra filosófica, sobretudo, é reconhecido dentro e fora do Brasil. É a ele que quero me dedicar neste artigo.

Ao fazer a defesa do universalismo, Rouanet nadou contra a corrente. Reelaborou ideias da Ilustração dentro de um novo conceito de Iluminismo. Este, tal como ele propôs, é uma utopia e situa-se no campo das ideias, que podem ser utilizadas como um guia em qualquer tempo e lugar. Não se confunde, portanto, com a Ilustração, que é fenômeno histórico europeu do século 18.

Algumas das reflexões de Rouanet sobre o relativismo —e, em especial, o relativismo cultural— são da década de 1980 e 1990 e têm ganhado atualidade porque as correntes relativistas que ele criticou se reforçaram desde então. Os particularismos, baseados em religião e nação, em especial, têm aguçado disputas políticas, servido ao autoritarismo e alimentado guerras civis e internacionais.

Em "As Razões do Iluminismo", de 1987, Rouanet explica por que a geração de uma cultura autônoma não deve ficar confinada a fronteiras nacionais: a inteligência não tem pátria, a cultura autêntica pode ser estrangeira, a cultura nacional pode ser alienada e, se a cultura é verdadeiramente universal, ela é "ipso facto" nacional.

Um dos ensaios, intitulado "O Novo Irracionalismo Brasileiro", havia sido publicado no Folhetim, da **Folha**, em 17 de novembro de 1985, sob o título "Verde-amarelo é a cor do nosso irracionalismo".

É, a meu ver, em "Mal-estar na Modernidade", de 1993, que Rouanet expõe o cerne de seu pensamento iluminista. Na contramão dos deterministas culturais, que, em geral, não admitem a realidade dinâmica das culturas, nem, em maior ou menor grau, seu caráter híbrido, ele defende que a cultura é síntese, sempre se fazendo, e será tanto mais vigorosa, quanto mais diversificados forem os elementos dessa síntese. A natureza dinâmica e sincrética das culturas torna mais complexas, por sua vez, as noções de identidade e de raízes, que supõem uniformidade, paralisia e, quando negam a hibridização, endogamia.

Para Rouanet, as culturas enfrentam dois grandes desafios. Um deles é olhar-se no espelho que mostre o caminho do futuro e não apenas confirme o que são na face imobilizada de seu presente. Outro é o de manter a perspectiva da mudança sem se descaracterizarem.

O relativismo condena as culturas ao que elas são. É, portanto, conservador e avesso à crítica e está a serviço de uma estratégia defensiva. Desativa a razão por torná-la relativa e deixa o pensamento crítico sem instrumentos para combater os horrores que existem efetivamente.

A ideia iluminista é universalista em sua abrangência, pois visa a todos os seres humanos sem limitações. É individualizante em seu foco, pois os sujeitos e os objetos do processo de civilização são indivíduos. É emancipatória em sua intenção, pois esses indivíduos devem aceder à plena autonomia

Ainda em "Mal-estar na Modernidade", Rouanet chama de "historista" a atitude ou posição teórica caracterizada pela exaltação de uma particularidade, investida em uma totalidade temporal ou grupal. Para ele, o mais influente dos relativismos históricos é precisamente o cultural.

Este justifica uma atitude de tolerância com relação às culturas alheias e favorece o statu quo por duas vias: a noção de que todos os critérios de julgamento moral se enraízam na cultura e a noção correlata de que não há possibilidade de avaliação intercultural ou transcultural.

A particularidade é, assim, uma arma do poder repressivo. Todo "historismo" é protecionista e protege um patrimônio: a propriedade, a tradição ou a ordem social.

Isso não significa preconizar a extinção das particularidades existentes, tampouco opor-se ao uso metodológico do relativismo para estudar a cultura alheia. Trata-se, sobretudo, de uma crítica ao uso ideológico de particularidades reais como pretexto para silenciar a crítica e a autocrítica. O "historista" não se oporia às práticas da Inquisição, pois foram culturalmente condicionadas e faziam sentido na Idade Média cristã.

Em outro exemplo, se todos os padrões são culturalmente condicionados, não existindo padrões transculturais de avaliação, como criticar, por exemplo, o nazismo? Considerar igualmente válidos, por exemplo, a mutilação clitoriana e a emancipação da mulher não seria suspender o julgamento, seria aprovar a prática injusta.

O iluminista condena a discriminação e qualquer manifestação de sexismo e de racismo, porque esses são uma lesão da dignidade universal do ser humano. Não fala a partir da nação, mas a defende quando agredida, porque a agressão injustificada é uma violação de normas universais.

A ideia iluminista é, assim, universalista em sua abrangência, pois visa a todos os seres humanos sem limitações. É individualizante em seu foco, pois os sujeitos e os objetos do processo de civilização são indivíduos. É emancipatória em sua intenção, pois esses indivíduos devem aceder à plena autonomia, no tríplice registro do pensamento, da política e da economia.

Propõe que passemos do conceito de civilizações, umas se opondo a outras, ao de civilização, no singular. Com isso, reintroduz no conceito sua dimensão valorativa e normativa, que o opõe ao de barbárie.

O primeiro ensaio de "Mal-estar na Modernidade" se intitula "Iluminismo ou Barbárie". É uma alusão ao grupo Socialismo ou Barbárie, que se organizou na França em torno, principalmente, dos filósofos Cornelius Castoriadis e Claude Lefort. Na oposição do iluminismo à barbárie existe uma assimilação entre o iluminismo e a civilização, entendida como a civilização moderna. A primeira seção do ensaio está, aliás, intitulada "A Crise da Civilização Moderna".

Ainda nesse livro, Rouanet explica que a oposição civilização-barbárie já havia sido utilizada de maneira xenófoba e conheceu seu apogeu na idade de ouro do imperialismo europeu. Em uma posição radicalmente distinta, o iluminista combate a particularidade eurocêntrica que se quer hegemônica. O colonialismo e o imperialismo não foram universalistas: empenharam-se em exportar suas particularidades culturais, acreditando levar a razão em si. O lobo particularista se fantasiava de cordeiro universal.

A atualização da antítese civilização-barbárie parte de uma estrutura de valores universal. No polo da civilização, estariam aqueles —em qualquer lugar do mundo— que lutam pelos direitos humanos e pela democracia. Estaria uma utopia não eurocêntrica e universalista de emancipação econômica, política e cultural dos seres humanos. A ideia é irrealizável, mas insubstituível, pois sem ela nosso percurso seria cego.

No polo oposto, o da barbárie, se encontrariam o crime organizado, as classes dominantes corrompidas e responsáveis pela exclusão social, os terroristas e fundamentalistas.

A civilização, assim entendida, coincidiria com o "projeto civilizatório da modernidade". À semelhança do Iluminismo, é uma utopia que se enfrenta às realidades da barbárie e contrária a todos os etnocentrismos, pelo menos por duas razões: porque inclui entre seus valores centrais o universalismo, quando todo etnocentrismo é particularismo, e porque elege como sua ética a da autonomia, quando o etnocentrismo nega o preceito kantiano de respeitar a dignidade e a liberdade de todos os homens.

Essa visão utópica acena para a possibilidade de que as culturas mais vulneráveis possam proteger-se do etnocentrismo e do poder dos mais fortes. Ao mesmo tempo, estariam abertas para receber aquela influência que fizessem avançar suas sociedades na direção da paz, da justiça, do desenvolvimento, de melhores condições sociais, da igualdade e da liberdade.

Em um artigo para o caderno Mais!, da **Folha**, intitulado "Liberdade transcultural" e publicado em 1º de abril de 2001, Rouanet mostra que duas ideologias, na aparência opostas, seriam na verdade complementares: a que reivindica para o Ocidente o monopólio das ideias liberais e as do nacionalismo autoritário, que endossa esse julgamento para executar suas políticas repressivas contra dissidentes.

Em seu livro "Interrogações", de 2003, Rouanet crê que o processo de universalização nos torna menos provincianos e está acompanhado de uma pluralização cultural que preserva a diversidade. A universalização seria pluralista porque seus fins só podem ser atingidos por uma racionalidade comunicativa que supõe o desejo e o poder dos sujeitos de defenderem a especificidade de suas formas de vida.

Ao mesmo tempo, está aberta a sincretismos e formas inéditas de hibridização. A universalização e a pluralização seriam as duas faces da modernidade emancipatória, voltada para a autonomia. A universalização seria o movimento de internacionalização da modernidade emancipatória.

Longe de ser uma ideologia ocidental, a doutrina dos direitos humanos serviria para condenar o próprio Ocidente quando impõe políticas imperialistas, pois essas violam o mais elementar dos direitos do homem: o direito de moldar o próprio destino.

Para Rouanet, o homem não pode viver fora da cultura, mas ela não é o seu destino e, sim, um meio para sua liberdade.

O Iluminismo, tal como proposto por ele, não está ultrapassado. As ideias desses livros e ensaios podem estar circunstancialmente derrotadas, mas não morrerão tão cedo. Continuarão pulsando nos corações dos que clamam por liberdade, autonomia, autodeterminação e emancipação. ←

Um cânone mais diverso

[RESUMO] A britânica Harriet Martineau publicou em 1837 e 1838 dois livros que lançaram as bases das ciências sociais, mas sua contribuição acabou preterida ao longo da história e hoje é pouco conhecida mesmo nos meios acadêmicos. Em livro recém-lançado, professor da FGV apresenta Martineau e outros 15 pesquisadores, entre mulheres e homens não brancos e não ocidentais, que, pelo impacto e qualidade de seus trabalhos, merecem um lugar no cânone da disciplina

Por ***Uirá Machado***
Repórter especial da **Folha**. Formado em direito e em filosofia pela USP, foi editor de Tendências/Debates, Opinião, Ilustríssima e Núcleo de Cidades, além de secretário-assistente de Redação

No começo dos anos 1980, quando cursava ciências sociais na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Celso Castro foi apresentado aos autores considerados fundamentais para quem quisesse se aventurar naquela disciplina. Não é difícil imaginar que todos eram homens brancos nascidos nos Estados Unidos ou na Europa.

Castro conheceu pensadores como o alemão Karl Marx (1818-1883), o francês Émile Durkheim (1858-1917) e o alemão Max Weber (1864-1920), apontados como pais fundadores daquela que viria a ser sua área de pesquisa.

Essa trinca, no entanto, nunca foi unânime. O francês Alexis de Tocqueville (1805-1859) não teria lugar entre os pioneiros, já que seu volumoso "Da Democracia na América", cujas duas partes saíram em 1835 e 1840, é um clássico da ciência política?

E o que dizer do também francês Auguste Comte (1798-1857), que lançou mão da palavra sociologia ainda em 1839 para designar uma nova ciência? Segundo ensinou na 47ª lição de seu "Curso de Filosofia Positiva", à sociologia caberia analisar as leis fundamentais específicas aos fenômenos sociais.

Quase meio século depois, Durkheim afirmou em seu curso de ciências sociais que Comte tinha apenas empregado a palavra e indicado o propósito da sociologia, sem, contudo, ter criado de fato uma nova área do conhecimento.

A crer nessa linha de argumentação, o marco inaugural da sociologia poderia ser a publicação de "As Regras do Método Sociológico", de 1895, livro no qual Durkheim defende que os fatos sociais devem ser tratados como coisas.

Harriet Martineau, socióloga britânica contemporânea de Comte e Tocqueville Divulgação

Essa foi a história que Celso Castro aprendeu, assim como os demais estudantes que vieram antes ou depois dele, em um ciclo que se retroalimenta: professores ensinam esses autores, alunos os estudam e, quando se tornam professores, voltam a indicá-los para seus próprios alunos.

Como uma serpente que morde o próprio rabo, ninguém tinha a boca livre para perguntar: onde estão as mulheres, onde estão as pessoas não brancas e os pensadores não ocidentais?

Talvez venha à mente a hipótese de que o mundo do século 19 era ainda mais excludente que o de hoje, de modo que apenas homens brancos ocidentais teriam condições materiais de se dedicar a uma carreira acadêmica e produzir conteúdo digno de nota. Opressão gerando mais opressão.

Essa explicação funciona para boa parte dos casos, mas não para todos. Quem duvidar pode tirar a prova com o livro "Além do Cânone: para Ampliar e Diversificar as Ciências Sociais". Na obra, ele apresenta 16 pensadores e pensadoras que fogem ao estereótipo dessa tradição ocidental, muitos dos quais o próprio Castro desconhecia.

"Não tenho vergonha alguma de reconhecer isso. Foram meses intensos de descoberta e de aprendizado que me fizeram ver, 40 anos depois de ter iniciado o meu curso de graduação, a enorme dimensão da minha ignorância em relação às possibilidades que as ciências sociais podem nos oferecer como instrumento de conhecimento da realidade social", diz.

"Em décadas recentes, ampliou-se a 'descoberta' e inclusão de autoras, de não brancos e não ocidentais, mas principalmente em disciplinas mais especializadas, de pós-graduação etc. O que não se ampliou até hoje foi o cânone", afirma Castro, que é professor da FGV, onde dirige o CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) e a Escola de Relações Internacionais.

Sua proposta é justamente essa: ampliar o cânone, não substituí-lo. Há bons motivos para que os clássicos sejam considerados clássicos, mas não há boa justificativa para que mulheres e negros, por exemplo, fiquem sempre alocados em nichos, como feminista, decolonial ou do Sul. Por que não poderiam pertencer à "grande tradição"?

"Acho necessário e importante inserir essas autoras e autores que estão no livro não para manter um 'equilíbrio', uma 'cota', ou por razões de afirmação identitária em relação ao cânone tradicional, mas sim porque são muito bons e porque nos ajudam a entender melhor a realidade social", afirma Castro.

Seu livro, mais uma vez, serve de prova. Após a apresentação de cada um dos 16 pensadores, Castro inclui trechos de seus textos, boa parte dos quais inéditos no Brasil. Assim, o leitor pode julgar por conta própria o pioneirismo, o impacto e a qualidade de intelectuais que bem poderiam pleitear um lugar entre os pioneiros das ciências sociais.

Mãe fundadora da sociologia

O caso da britânica Harriet Martineau (1802-1876) é o mais intrigante, e não por acaso Castro inicia a coletânea com ela.

Sua capacidade acadêmica salta aos olhos de diferentes maneiras. Como tradutora, verteu para o inglês o "Curso de Filosofia Positiva", de Comte, mas se deu a liberdade de reduzir a obra a 25% de seu tamanho original. Saiu-se tão bem nessa tarefa que o próprio Comte quis que a versão de Martineau fosse traduzida para o francês.

Antes disso, Martineau fez uma viagem de dois anos aos EUA, onde foi conhecer o funcionamento das instituições republicanas. Conversou com inúmeras pessoas e visitou diversos lugares para escrever os dois volumes de "Society in America" (sociedade na América), no qual ainda defendeu os direitos das mulheres e o fim da escravidão.

Data de publicação: 1837, mesma época em que Tocqueville trazia a lume o seu estudo sobre as instituições americanas.

Martineau, contudo, não se limitou ao relato empírico após sua viagem. Ela também produziu um livro teórico no qual discorre sobre a metodologia da pesquisa. Trata-se de "How to Observe Morals and Manners" (como observar a moral e os costumes), de 1838. Portanto, muito antes de Durkheim e antes mesmo de Comte empregar a palavra "sociologia" em seu curso na França. Ainda assim, quem sempre apareceu em lugar de honra nas ciências sociais são Tocqueville e Comte, seus contemporâneos.

Em "Além do Cânone", Castro corrige a falha. Ele escreve: "Com os dois livros mencionados —uma obra de análise baseada em investigação empírica e um manual sobre como se deve realizar a pesquisa de campo—, podemos considerar que as ciências sociais foram fundadas por Harriet Martineau em 1837-1838".

A proposta do organizador do livro é ampliar o cânone, não substituí-lo. Há bons motivos para que os clássicos sejam considerados clássicos, mas não há boa justificativa para que mulheres e negros, por exemplo, fiquem sempre alocados em nichos, como feminista, decolonial ou do Sul. Por que não poderiam pertencer à 'grande tradição'?

Castro não está sozinho. A socióloga Fernanda H. C. Alcântara, professora da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), considera o apagamento de Martineau uma injustiça histórica.

"Não existe um motivo para que Martineau não tenha o seu reconhecimento como fundadora da sociologia. Ela não foi apenas mais uma pessoa que participou do processo. Em 1838, ela já falava da necessidade de sistematizar os estudos da ciência da sociedade e escreveu um livro a esse respeito", diz.

A fim de divulgar a obra de Martineau e garantir o ingresso dela na agenda das ciências sociais no Brasil, Alcântara se dispôs a traduzir por conta própria alguns livros da pioneira britânica.

Em 2021, saiu "Como Observar: Morais e Costumes", disponível para compra no blog da autora. Em julho deste ano, terá à mão o primeiro volume de "Sociedade na América", que ela pretende publicar em quatro partes, em vez das duas originais, mantendo intervalo de três a quatro meses entre cada uma delas.

Alcântara afirma que Martineau teve elevado reconhecimento no século 19, mas depois, sem que fique nítido por qual motivo específico, ela passou a ser negligenciada.

"O processo de construção do cânone foi um movimento sobretudo de exclusão e de suposta criação de uma identidade para a nova ciência, que já nem era tão nova assim. Vários autores e autoras foram apagados da história da sociologia nesse processo", diz a socióloga. "Embora façamos sempre essa associação entre o cânone e a fundação da sociologia, existe entre esses dois elementos ao menos meio século de diferença."

Dentro dessas escolhas políticas para formação do cânone, não há de ser coincidência que a britânica tenha ficado de fora. "Trata-se de uma visão muito diferente quanto aos elementos que constituem a sociedade, com destaque para o fato de que Martineau não excluiu da análise as mulheres e os escravos. Suas contribuições consideram a possibilidade de objetividade, sem negligenciar todas as possíveis formas de interferência no processo de produção do conhecimento", afirma Alcântara.

Celso Castro celebra o empenho de Alcântara em passar o trabalho de Martineau para o português. "É importantíssimo que sejam feitas mais traduções, pois de outro modo o acesso a estudantes de graduação ficará muito limitado", diz.

"Espero que o 'Além do Cânone' ajude a formar cientistas sociais em uma perspectiva mais ampla, diversa e colorida que aquela que presidiu minha formação. E, mais importante, que desperte nos seus leitores o mesmo sentimento que tive: paixão pelo mundo, vasto mundo, das ciências sociais", afirma Castro.

O seu livro de fato permite uma degustação bastante saborosa de outros pensadores em geral não considerados entre os clássicos. São intelectuais do Haiti e do México, da Índia e do Japão, do Irã, da Turquia e da antiga Rodésia do Sul; são homens e mulheres, brancos e não brancos.

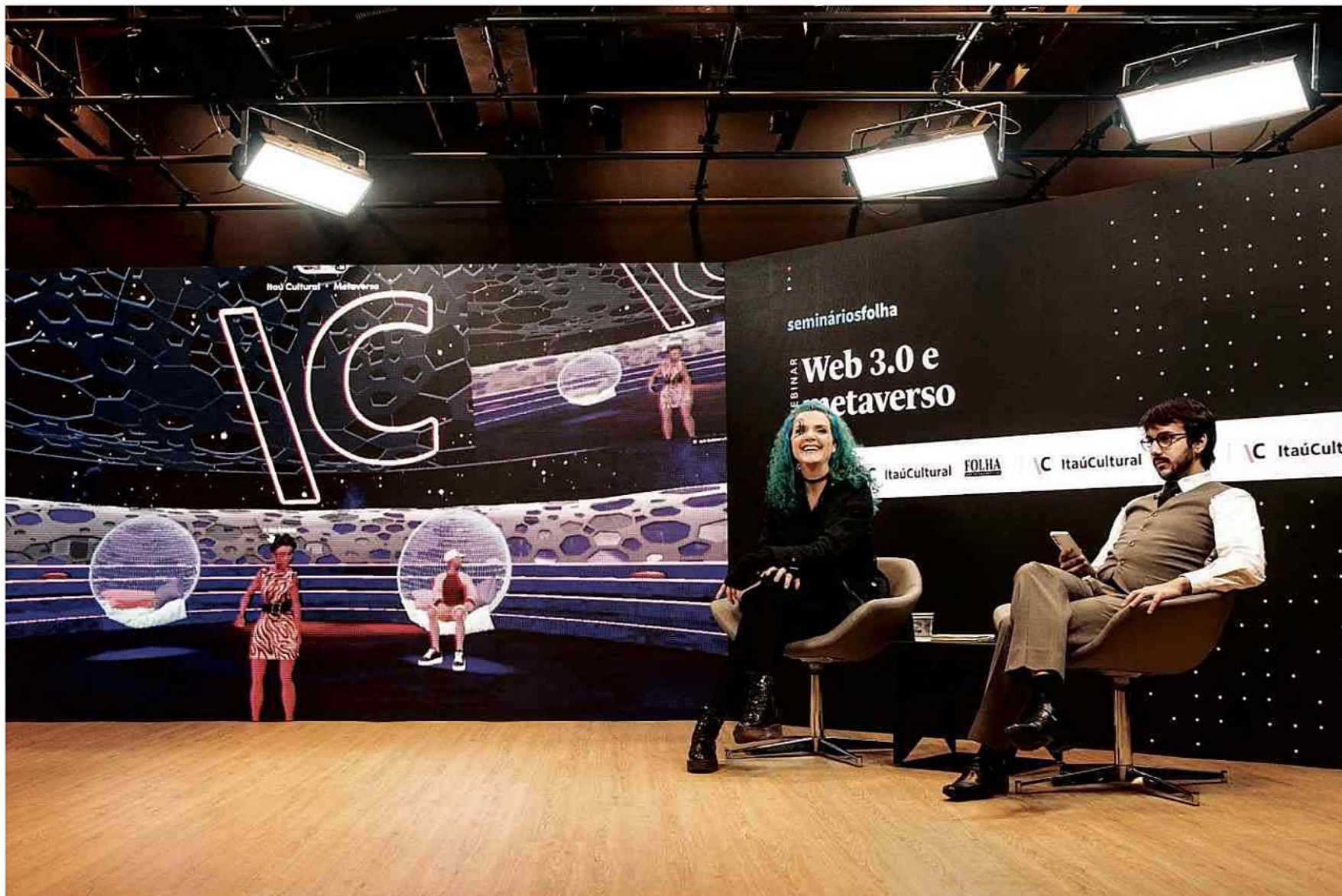
Compõem um quadro muito mais abrangente e diversificado das ciências sociais e da sociedade que aquele no qual só aparecem os mesmos de sempre.

Dada a qualidade dos trechos selecionados em "Além do Cânone", resta esperar que mais pesquisadores se proponham a traduzi-los para o português, de forma que possam ser apreciados não como aperitivo, mas como prato principal. ←

Além do Cânone: para Ampliar e Diversificar as Ciências Sociais
Organização: Celso Castro. Editora: FGV. R$ 66 (320 págs.); R$ 47 (ebook)

Ilustração Débora Caritá

Coisa de outro mundo

Mais virtual do que real, o metaverso é a aposta do Vale do Silício para revolucionar a forma com que as pessoas interagem na internet; as aplicações e os impactos dessa tecnologia e da web 3.0, ainda incertos, foram tema do primeiro seminário promovido pela Folha e pelo Itaú Cultural no novo universo

Luciana Bazanella (à esq.), publicitária, e Raphael Hernandes, mediador do painel, falam sobre web 3.0; na tela, avatares acompanham a transmissão pelo metaverso Keiny Andrade/Folhapress

Web 3.0 tem promessa de mudar produção e consumo de conteúdo

Nova fase, no entanto, pode trazer questões já comuns, como o racismo algorítmico e a desigualdade de acesso

Luany Galdeano

RIO DE JANEIRO Considerada a nova fase de desenvolvimento da internet, a web 3.0 tem a promessa de levar mais transparência à rede e aumentar a autonomia dos usuários sobre o conteúdo digital que consomem e produzem.

As possibilidades e o funcionamento de uma terceira geração da internet foram debatidos no painel de abertura do seminário Web 3.0 e Metaverso, promovido pela **Folha** e pelo Itaú Cultural nos dias 4 e 5 de julho. A mesa foi mediada por Raphael Hernandes, repórter especial do jornal.

O propulsor da web 3.0 é a tecnologia blockchain, que tem funcionamento semelhante ao de um livro contábil virtual e público, em que ficam registradas todas as operações de uma mesma rede. É assim que operam moedas como o bitcoin, cujas transações são feitas diretamente entre os usuários e validadas no próprio sistema, em um processo conhecido como mineração.

Dentro desse raciocínio, além de permitir a circulação de conteúdo ou de dinheiro, a estrutura descentralizada da web 3.0 também poderia ser utilizada como base para serviços e negócios.

"A lógica da web 3.0 quebra a instância de legitimação, como se fosse uma democracia direta", diz Luciana Bazanella, cofundadora da consultoria de tendências White Rabbit, que participou do evento.

Para a publicitária, a transição para a terceira fase da rede se daria de forma gradual. Enquanto alguns espaços seguiriam sob as regras da web 2.0, outros, mais afins, adotariam a nova tecnologia.

A transparência é outro dos princípios debatidos em uma nova era da internet. Para Bazanella, isso pode se tornar uma das principais diferenças entre a web 3.0 e a web 2.0 — esta, marcada pelo conteúdo feito pelos próprios usuários nas redes sociais, quando ascenderam grandes empresas de tecnologia do setor.

Na atual fase da internet, o alcance de uma publicação ou de um site depende de algoritmos, responsáveis por indicar conteúdos aos usuários. "Eles [algoritmos] definem o que é visto e o que é enterrado na internet", diz Bazanella.

Em produções nativas da web 3.0, seria possível vender conteúdo diretamente ao consumidor, sem passar por filtros. É o que ocorre com as NFTs, certificados que dão direito de propriedade sobre ativos virtuais, como GIFs e ilustrações digitalizados.

Os metaversos, ambientes digitais imersivos onde usuários circulam como avatares, também podem se tornar descentralizados nessa fase. Neste caso, consumidores fariam compras de terrenos e bens no espaço virtual, em transações registradas em blockchain. Na prática, já existem metaversos descentralizados, como o Decentraland.

Apesar de o espaço virtual já estar presente no blockchain, metaversos de grandes corporações também operam sob as normas da web 2.0. Empresas como a Meta, antigo Facebook, criaram o próprio ambiente virtual.

Esse movimento pode dificultar a integração entre diferentes metaversos, que exigiria colaboração entre as empresas, segundo a debatedora. "A interoperabilidade envolve a programação e o modelo de negócios de empresas que sempre trabalharam mantendo o usuário no próprio sistema", diz.

Relatório da consultoria McKinsey aponta que, do ponto de vista dos consumidores, explorar os ambientes digitais é uma das principais vantagens do metaverso.

Cerca de 60% dos usuários desejam usar o metaverso em atividades diárias, de trabalho a lazer, para se conectar com outras pessoas e conhecer diferentes mundos.

Além dos internautas, o ambiente virtual atiçou o mercado. Neste ano, foram investidos cerca de US$ 120 bilhões (R$ 646 bilhões) no metaverso, segundo relatório da McKinsey, o dobro da cifra de 2021. Segundo Marina Mansur, sócia da McKinsey, a busca é impulsionada pela revolução que novas tendências da rede prometem em relação à liberdade do usuário.

Por outro lado, a nova fase da tecnologia deve apresentar questões, como o de acessibilidade. "Apesar de ser um mundo de comunidades, elas são muitas vezes fechadas. É um dilema a democratização do acesso a essas comunidades, porque você precisa de equipamentos para isso", afirma Mansur.

Para Bazanella, também é necessário ser crítico para entender a web 3.0 e avaliar quais problemas podem ser importados para ela. Um exemplo é o racismo algorítmico, em que plataformas como as redes sociais refletem o preconceito do mundo físico.

VEJA O DEBATE folha.com/jq0tdn8w

> "A lógica da web 3.0 quebra a instância de legitimação, como uma democracia direta. É a maior revolução da capacidade expressiva da história
>
> **Luciana Bazanella**
> cofundadora da consultoria de tendências White Rabbit

Raphael Hernandes, repórter da Folha, mediador da mesa

Cris Guterres, mestre de cerimônia no metaverso

Comentários dos leitores

Trabalho com educação e achei as informações muito apropriadas para o contexto de ensino e cultura.

Gostei bastante que a discussão ficou gravada, mas tive dificuldade em encontrar informações sobre a confraternização no metaverso, que estava ansiosa para acompanhar.

Juliana Junqueira, 24
especialista de educação a distância no Itaú Social, São Paulo (SP)

Achei o evento extremamente importante para poder compreender esses saltos tecnológicos, que fico gratificado e assustado em acompanhar. Para mim, que tenho 74 anos, entender a internet é um desafio, por causa da questão geracional.

O seminário descortinou uma visão do que poderá acontecer. E foi bonito o esforço para tentar explicar algo que é muito difícil, como o metaverso. Eu pude perceber a dificuldade de estabelecer uma conexão desses avanços todos com a vida real.

Miguel Chaia, 74
professor de ciência política da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo (SP)

Como o metaverso é uma coisa nova, achei muito interessante entender mais sobre o tema. Vi que é um caminho novo que estamos trilhando na revolução digital, e as organizações precisam se adaptar. As pessoas também terão que se adaptar e devem surgir novas aplicações. Tenho interesse em saber como esse assunto chegará nos setores da administração pública.

Renato Santos, 48
assistente social, São Paulo (SP)

Me interessei pelo evento principalmente por abordar as artes visuais, que é a área em que trabalho.

Hoje vejo o metaverso como uma experiência sensorial, que diz respeito muito mais às reações do público, do que como um processo de reflexão. Foi muito interessante participar do seminário para ter um primeiro contato com o tema e me aproximar um pouco desse novo universo.

Wilson Cesar Pinto, 45
professor de artes visuais, Volta Redonda (RJ)

Fiquei sabendo do evento pelo LinkedIn, quando já estava começando o primeiro dia, e me interessei muito porque trabalho com tecnologia. Mas esse assunto, a web 3.0, os NFTs, é tudo muito novo, mesmo para quem procura informação e trabalha com áreas relacionadas.

Vejo que setores criativos têm se apropriado desse espaço. O conteúdo foi muito rico justamente para ver as possibilidades de aplicação para o mercado e o que está acontecendo hoje.

Íris Polivei, 33
publicitária, São Paulo (SP)

Achei o evento muito organizado, gostei que a transmissão aconteceu uma parte no YouTube e uma parte no metaverso. Tenho praticamente só elogios, porque esses assuntos são muito novos e exigem um mecanismo tecnológico e um preparo muito grandes.

Não consegui acompanhar toda a interação no metaverso, por causa de uma oscilação na internet, mas participaria novamente para experimentar e aprender mais sobre a ferramenta.

Bruno Cordeiro, 26
advogado, São Paulo (SP)

Acredito que o seminário pode ter uma continuidade para incentivo de projetos dessa natureza. Seria muito interessante fomentar outros encontros de temas específicos, como metaverso na educação, na cultura. Outro assunto que vejo como potencial para debates é o papel da web 3.0 e do próprio metaverso no combate às desigualdades sociais. Gostaria de acompanhar discussões neste sentido.

Carlos Garrido, 40
diretor editorial de educação, São Paulo (SP)

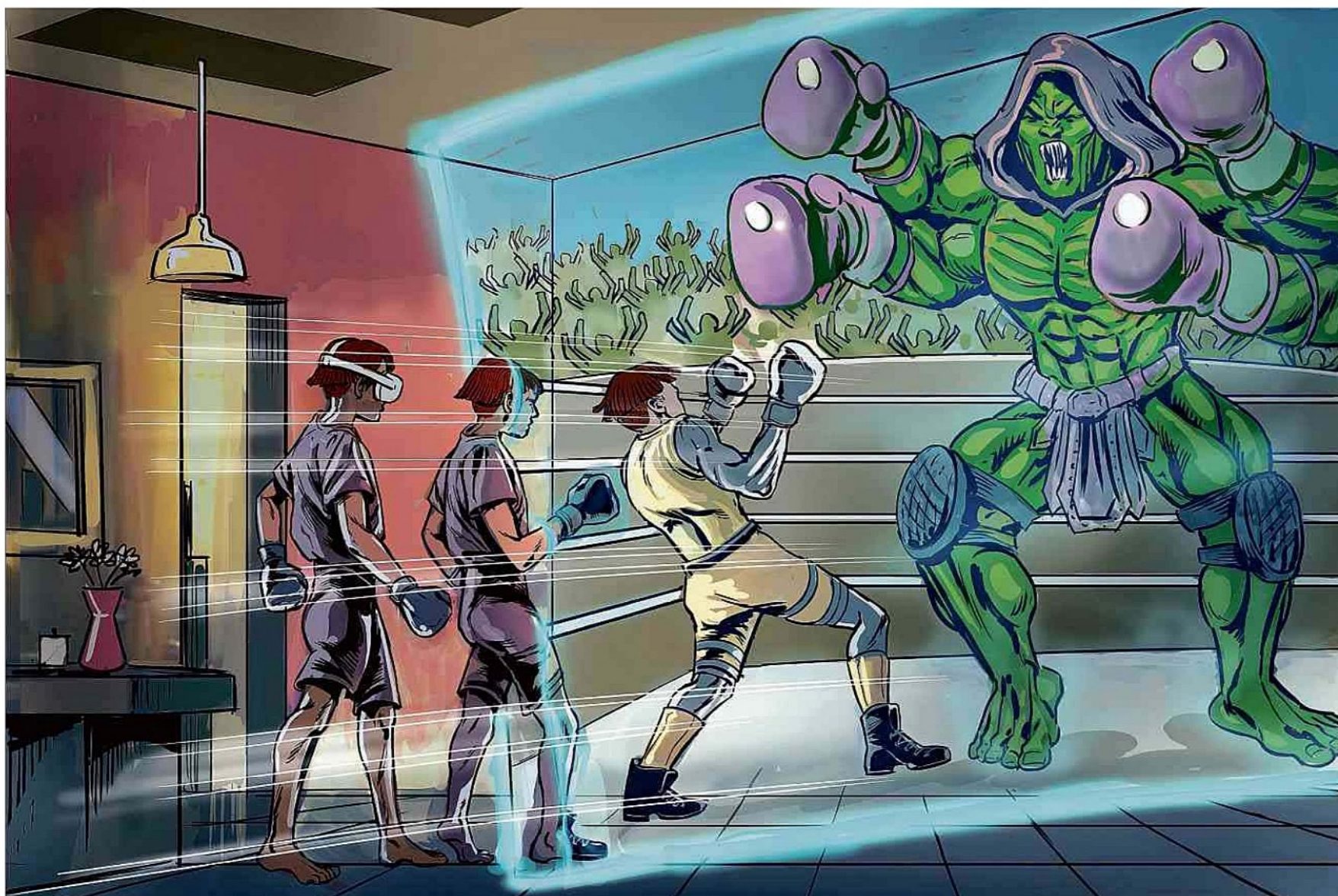



Ilustração Débora Caritá

Aposta de big techs, universo ainda tem pouco de real e muito de virtual

Metaverso é apontado como próximo passo na evolução de como as pessoas interagem online

Raphael Hernandes

SÃO PAULO Quando o Facebook virou Meta, em outubro do ano passado, seu fundador e CEO, Mark Zuckerberg, foi o porta-voz responsável por explicar a visão de futuro da empresa. Algo que ele e outros executivos do setor chamam de metaverso.

Em um vídeo de pouco mais de uma hora, Zuckerberg aparece na sala de uma casa.

De lá, ele é transportado para ambientes virtuais. Neles, o executivo vira uma cópia de si mesmo no formato de um boneco em 3D, ou avatar, que se encontra com amigos nesse espaço digital, joga, vê obras de arte interativas. Tudo parte de uma ideia de futuro online.

Hoje, metaverso virou um dos principais temas no setor, embora ainda tenha pouco de real e muito de virtual —o que contribui para que ninguém saiba direito o que ele é.

Em alguns momentos, o vídeo de Zuckerberg esbarra na ficção científica, demonstrando tecnologias que ainda não existem. E isso tem razão de ser: é justamente desse tipo de literatura que vem a ideia do tal do metaverso.

Trata-se de uma espécie de aposta dos grandes barões do mundo tech. Eles imaginam que a sociedade passará a interagir com o mundo online de forma mais imersiva. Com isso, passaram a desenvolver serviços e apetrechos pensando nessa realidade.

Como é algo que ainda não está posto, não dá para descrever exatamente o que é o metaverso ou como serão as coisas nele. Para entender, talvez seja melhor olhar para trás antes de pensar no futuro.

É difícil dizer como será essa vida online da mesma forma como era bem improvável, em 2000, dizer que teríamos hoje um dispositivo na nossa mão que permitiria pedir um carro por meio da internet. Menos ainda prever o quanto isso afetaria a mobilidade urbana, por exemplo.

A internet foi mudando aos poucos até chegar à forma que conhecemos hoje. Começou por meio de textos numa tela de computador, depois imagens e vídeos apareceram, ainda no desktop, e só na última década virou uma experiência majoritariamente acessada por celulares —e, com isso, chegou a mais gente.

Matthew Ball, investidor de risco e autor de "The Metaverse and How It Will Revolutionize Everything" (o metaverso e como ele revolucionará tudo, a ser lançado em inglês pela editora W.W. Norton neste mês), lembra que a internet móvel não substituiu a arquitetura do mundo online até então existente.

"Na verdade, a grande maioria do tráfego de internet hoje, incluindo os dados enviados para dispositivos móveis, ainda é transmitido e gerenciado pela infraestrutura fixa [em computadores]", escreve Ball na série de textos "Metaverse Primer", uma das mais célebres sobre o assunto.

Algo semelhante deve acontecer com o metaverso. É um próximo passo na evolução de como as pessoas interagem com as tecnologias online, e não um substituto à internet atual. Se a internet antes ficava na tela do PC e agora está também no celular, no futuro estará nesses novos sistemas, mais imersivos.

Não é meramente um dispositivo (tipo um óculos), assim como um celular não é a internet móvel. Tampouco é simplesmente um lugar, ou um universo paralelo. No espaço, existiriam vários mundos e serviços, como hoje temos aplicativos e sites.

Há quem fale em uma conexão quase constante, com bilhões de dispositivos online ao nosso redor o tempo todo.

Por outro lado, há quem espere uma postura que lembra a atual: acessamos os serviços quando nos interessa e deixamos os dispositivos de lado quando não.

"Um problema é que tecnologistas não nos deram boas razões de por que iríamos querer viver nesse mundo digital+real que imaginaram", escreveu Shira Ovide em sua newsletter de tecnologia no jornal The New York Times. "O que esse negócio consegue fazer que meu telefone não consegue?"

Impossível ignorar, no entanto, o quanto de dinheiro está sendo despejado nessa área por empresas influentes. Em seu relatório para investidores no terceiro trimestre do ano passado, a Meta falou em U$ 10 bilhões (R$ 51 bi) de investimentos no seu laboratório de pesquisas só em 2021.

Outra gigante do setor e acostumada a lançar tendências, a Apple também prepara sua investida no metaverso. Um dispositivo com o desenho da maçã focado nessas tecnologias imersivas deve chegar ao mercado no próximo ano, aponta o The New York Times.

Ou seja, goela abaixo ou não, parece ser para esse lado que as coisas se encaminham. A mudança, no entanto, não deve ser imediata. É esperada para as próximas décadas.

O momento é de construção das estruturas necessárias para o metaverso.

Muito desse mundo passa por conceitos de realidade estendida, que engloba a realidade virtual e a aumentada.

No caso da realidade virtual, o usuário coloca óculos específicos para ver o mundo como se estivesse num ambiente digital. Na aumentada, usando óculos ou algum outro dispositivo —tipo a tela do celular— são adicionados elementos à visualização do mundo real. Exemplo disso é o game Pokémon Go, no qual os monstrinhos aparecem no telefone como se estivessem na sala de casa.

E aí começam os engasgos. Os óculos podem custar mais de R$ 10 mil (versões mais simples entre R$ 2.000 e 3.000) e exigem computadores potentes para funcionar. Além disso, são meio desengonçados. É necessário, portanto, tornar esses equipamentos mais baratos e agradáveis de usar.

Só que a ideia de metaverso não passa só por apetrechos —é estar mais inserido nesse mundo virtual, e gadgets são só um dos meios para isso.

Dois exemplos já existentes, que não usam óculos especiais, vêm dos games. Fortnite e Roblox criam mundos virtuais nos quais as pessoas, por meio de seus avatares, podem interagir, explorar, participar de eventos, vestir seus bonecos com conteúdo personalizável, fazer transações.

Eles são, porém, universos isolados. Se uma pessoa compra algo num jogo, não há portabilidade para o outro. Pensando num cibermundo com vários universos interconectados, é necessário criar os caminhos para essa ponte.

Isso é parte de um trabalho de fundação do metaverso, que está em curso.

O mesmo se aplica a conexões entre diferentes tipos de dispositivos, para alguém com um celular simples ser capaz de acessar o mesmo espaço que um amigo num computador de última geração e óculos de realidade virtual.

Além de tudo, é necessário todo um ecossistema em volta para que esse espaço se concretize. A era da internet móvel só foi possível porque havia uma rede de desenvolvedores criando apps que a tornavam útil e porque a conexão (3G e 4G) existe.

Para funcionar, as aplicações que passam pelo metaverso têm alta demanda de internet. O 5G é uma opção, mas está longe de ser amplamente adotado.

Numa chamada por vídeo, um atraso pode ser apenas um incômodo. Com realidade virtual, pode trazer náusea —e talvez fique difícil, mesmo com os bilhões do Vale do Silício, convencer as pessoas a adotarem uma tecnologia se elas precisarem limpar a roupa a cada ligação.

Entenda o metaverso

O que é o metaverso?
Uma nova forma de interagir com o mundo da internet. A rede começou nos computadores, foi para os celulares e, no metaverso, passa a ser uma experiência imersiva. Pode ser por meio de apetrechos especiais, como óculos de realidade virtual, ou uso de tecnologias em cima de ferramentas já existentes, como os próprios smartphones

Quando o metaverso chega?
É difícil precisar uma data, pois se trata de uma evolução gradual, mas fala-se em décadas. Alguns elementos já estão por aqui, mesmo que em versões mais simples, como os universos dos jogos Fortnite e Roblox

É possível circular entre metaversos diferentes?
Essa pergunta pode não fazer sentido se o metaverso for pensado como uma coisa só, com vários serviços dentro dele. Atualmente, não há necessariamente integração nesses serviços: uma roupinha comprada para o seu avatar no jogo Fortnite não é transportável para o game Roblox. Parte das discussões no mundo da tecnologia trata da criação dessas pontes

Quais são os aparelhos criados para dar suporte ao metaverso?
Os que mais aparecem são as luvas e os óculos especiais, que permitem uma imersão maior de quem os usa num mundo virtual. Seja para ver e interagir com objetos digitais como se estivessem no mundo real (realidade aumentada) ou para ser transportado totalmente para um universo artificial (realidade virtual). Há também a parte que não aparece tanto para o usuário, mas que é fundamental para o funcionamento da tecnologia, a da infraestrutura. O metaverso demandará, por exemplo, antenas e dispositivos conectados à rede 5G, o que ainda está longe de ser amplamente adotado globalmente

Qual a expectativa do metaverso decolar?
Em partes, já decolou, pois empresas do setor têm gastado bilhões de dólares na tecnologia e algumas de suas aplicações já existem. No terceiro trimestre do ano passado, a Meta falou em U$ 10 bilhões (R$ 53 bi) de investimentos no seu laboratório de pesquisas só em 2021. Com o tempo, essa tecnologia deve ficar mais acessível, tanto no quesito financeiro quanto na facilidade de usar

O que é realidade virtual? E realidade aumentada?
Na virtual, o usuário coloca óculos específicos para ver o mundo como se estivesse num ambiente digital. Na aumentada, usando óculos ou algum outro dispositivo, como a tela do celular, são adicionados elementos digitais à visualização do mundo real. Exemplo disso é o game Pokémon Go, no qual os monstrinhos aparecem no telefone como se estivessem na sala de casa

Imagem do MAM-SP, que foi 'construído' e realizou exposição dentro do jogo Minecraft Reprodução

Museus usam NFT e jogos para conquistar geração conectada

Centros culturais e mostras imersivas também pretendem fomentar artistas

Karina Sérgio Gomes

SÃO PAULO Há dois meses, o Museu São Pedro, espaço no centro histórico de Itu, no interior de São Paulo, começou a preparar sua entrada no metaverso. A iniciativa é um exemplo de experimentação virtual no mundo das artes —que vai do vídeo mapping a mostras em games— para dialogar com uma geração conectada.

Fundador do Museu São Pedro e também artista e galerista, Marcos Amaro tem investido para tornar a instituição relevante no ambiente digital tanto quanto no físico.

Na esfera virtual, o museu está se preparando para lançar seu espaço em um metaverso desenvolvido pela Oncyber.io, plataforma de NFT (sigla para tokens não fungíveis).

O ambiente tem salas expositivas virtuais que vão exibir tokens da coleção do museu —NFTs, que podem ser ilustrações, fotos ou vídeos vendidos com certificado de autenticidade digital que chegam a cifras milionárias. O lançamento deve acontecer no segundo semestre.

Além de se comunicar com um novo público, a ideia de explorar a fronteira do metaverso é se conectar a jovens artistas que não necessariamente fazem parte do circuito de arte tradicional —apesar de artistas consagrados também se interessarem pelo metaverso.

A proposta da instituição é trabalhar o endereço virtual simultaneamente ao espaço físico em Itu, que abriga mais de 2.000 obras —incluindo do pernambucano Tunga (1952-2016).

"Entendemos que o metaverso é muito interessante, mas não queremos deixar de ser um museu físico", explica.

Também por isso, prossegue Amaro, a instituição vai investir em uma sala dentro do espaço cultural para fazer sua primeira exposição de NFT. A coleção do museu tem cerca de 200 trabalhos no formato.

No dia 30 de outubro, está programada uma mostra na sede física do Museu São Pedro que incluirá a obra "111", trabalho do artista Nuno Ramos que faz referência ao massacre do Carandiru, que completa 30 anos em 2022.

Aproveitando a data e com o atrativo da instalação de Ramos, Amaro deve abrir outra exposição só de trabalhos em NFT, à qual o visitante terá acesso por meio de telas de led e óculos de realidade virtual.

Ele incentiva quem tem interesse em produzir trabalhos para a plataforma digital. "[O metaverso] é uma forma de você se relacionar com o mundo. Mas não a única", diz.

De acordo com o relatório de 2022 da Art Basel, feira de arte internacional, o valor das vendas de NFTs relacionadas à arte, que ocorreram fora do mercado de galerias e leilões, aumentou mais de cem vezes em 2021 em relação a 2020, atingindo US$ 2,6 bilhões (R$ 13,6 bilhões).

Museus e centros culturais também têm voltado suas atenções para outra esfera virtual, a dos games —a exemplo de Fortnite e Minecraft.

Com 140 milhões de jogadores mensais ativos no mundo, este último criou uma versão virtual do MAM-SP dentro de seu espaço. O projeto aconteceu a convite da agência África e da Microsoft no início da pandemia.

De acordo com Cauê Alves, curador-chefe do MAM, a ideia foi rapidamente abraçada por toda a equipe do museu.

"Nós precisávamos estar em outro lugar. Com o museu fechado, home office e ninguém aguentando mais aula e reunião por videoconferência, apostamos que as pessoas poderiam vir pelo jogo, participando de uma atividade lúdica e também de aprendizado pelo game", explica.

Aproveitando a linguagem de pixels do Minecraft, o MAM montou uma exposição considerando especialmente as obras de tradição geométrica ou que estabelecem diálogos com a arte concreta.

Ao visitar o museu, o jogador pode conhecer trabalhos de artistas como Athos Bulcão (1918-2008), Hélio Oiticica (1937-1980), Sérgio Sister e Paulo Pasta. A área de educação da instituição organiza com regularidade atividades que exploram o jogo, tanto com visitas para quem já é ativo quanto para ensinar quem não sabe a jogar.

"Não tem mais essa ideia de que o museu se encerra na visita. Pelo contrário, sabemos da importância dessas outras dimensões. Uma impulsiona a outra. Com a pandemia, não tem como não ser assim. O público virtual é maior que o presencial atualmente", diz Alves.

Também com a finalidade de se conectar a uma audiência tecnológica —mas com outro suporte digital—, nasceu em março a primeira mostra imersiva de um artista brasileiro. A exposição "Portinari para Todos" acontece até o fim de julho no MIS Experience, na zona oeste de São Paulo.

"Você tem toda uma geração que nasceu na era digital e já é público. O xis da questão é como conseguir fazer conteúdos que sejam relevantes usando essa linguagem. É o grande desafio", diz Marcello Dantas, curador do evento.

Na mostra, Dantas reuniu imagens de 150 trabalhos de Cândido Portinari (1903-1962), estabelecendo relações existentes dentro da obra que dificilmente poderiam ser viabilizadas no espaço físico.

"Se as pessoas têm interesse em visitar massivamente exposições imersivas e inclusivas, nós temos de responder criativamente a esse interesse", afirma o curador. Com um porém: "Interativo não é apertar a tela touch screen", diz ele, que defende que o espectador seja inserido como elemento ativo dentro desses projetos.

O MIS Experience foi inaugurado em novembro de 2019 pelo governo de São Paulo como um espaço dedicado a exposições com uso de vídeo mapping (técnica que cria projeções em superfícies), chamadas de imersivas.

A primeira, sobre Leonardo Da Vinci (1452-1519), recebeu 500 mil visitantes mesmo sendo interrompida pela pandemia.

Além de poder criar novas relações entre obras, essas mostras são possibilidades de apresentar a produção de um artista, reunindo vários trabalhos que dificilmente saem de suas instituições para viajar para outros países.

"A arte segue o caminho para onde vai a expansão da sociedade. O novo dinheiro que está sendo criado no mundo hoje é nascido especulativamente dentro de oportunidades digitais", diz Dantas, curador da mostra sobre Portinari.

"Será possível que toda obra arte [física] tenha uma NFT como uma espécie de certificado de origem e garantias? São perguntas que nós ainda não sabemos responder."

Mostra com obras de Portinari no MIS Experience, em SP, usa projeções Bia Stein/MIS/Divulgação

No cinema, 3D encolhe e realidade virtual ainda demora a se popularizar

SÃO PAULO Enquanto a tecnologia tem transformado jogos e mostras, no cinema o número de exibições 3D encolhe e os óculos de realidade virtual devem demorar a se popularizar —indicando que a experiência em salas continua, por ora, como conhecemos.

Ano após ano, perdem popularidade os filmes que exigem do espectador ajustar óculos desconfortáveis de plástico para sentir que está mergulhado na cena.

Em 2017, o CEO global da Imax, Greg Foster, anunciou a diminuição de exibição de filmes em 3D, pois percebeu uma preferência dos consumidores pelo 2D.

Embora o 3D pareça estar caindo em desuso, suas câmeras ainda são usadas. "Com a captura das imagens em 3D, espera-se que o trabalho da pós-produção seja reduzido em dois terços", diz Binho Dias, da Blitzar, que realiza eventos digitais interativos.

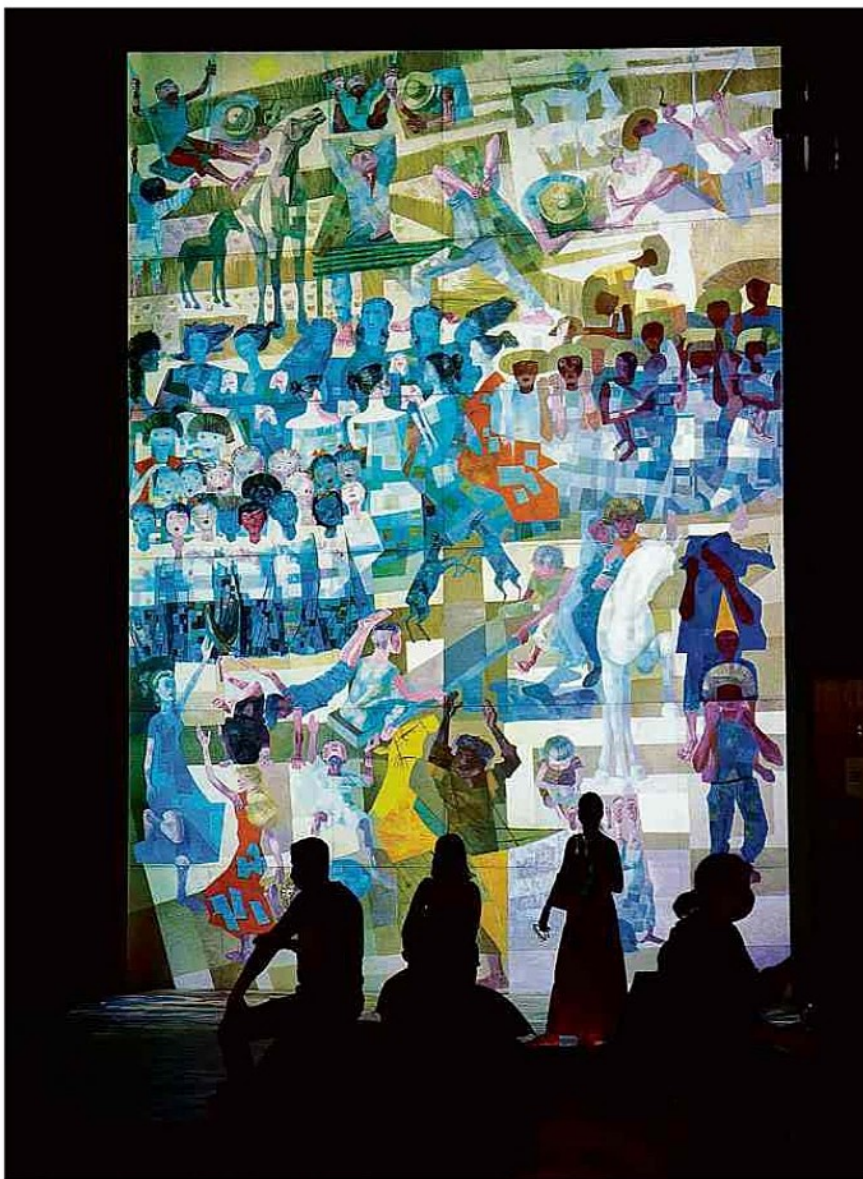
Com as imagens capturadas com essa tecnologia, é possível fazer ajustes de perspectivas de cada personagem, explica Dias, que participa da gravação do filme de terror nacional "O Morto do Pântano", de Cláudio Ellovitch.

No caso da produção de terror, por exemplo, ela poderia ser usada para alongar as mãos de personagens, dispensando o trabalho extra de animadores para criar os efeitos especiais.

Óculos de realidade virtual, muito usados em jogos, também devem demorar um pouco para cair no gosto dos cinéfilos.

O Google encerrou em 2019 as atividades do Google Spotlight Stories, estúdio de cinema focado em vídeos vistos com óculos RV.

Segundo Dias, há produtoras que investem em filmes de realidade virtual, mas neles não é possível participar da história como em um game. O espectador consegue apenas ver a cena em 360º.

"O que tem acontecido é termos acesso a projetores cada vez melhores e, com isso, uma resolução mais nítida e uma qualidade de imagem superior", avalia Dias. Para ele, salas de cinema como conhecemos hoje ainda têm vida longa. **KSG**

É preciso pensar a web 3.0 e o metaverso sob a perspectiva da inclusão. Por isso a importância da cultura, da arte e da educação se apropriarem dessa nova fronteira disruptiva

Eduardo Saron
diretor do Itaú Cultural

Para artistas que acharam o seu nicho, o metaverso pode ser útil para vender o seu trabalho e para fazer uma apresentação virtual para um público maior

Ricardo Laganaro
diretor do curta "A Linha"

Não vejo a tecnologia como algo apartado do que fazemos há muito tempo, que é construir mensagens e sentido para o dia a dia

Olivia Merquior
diretora-executiva da Brazil Immersive Fashion Week

O mais interessante na proposta do metaverso é a descentralização do poder, que pode fazer com que a gente crie uma relação próxima com os fãs

Pedro Xavier
produtor musical

Tenho 19 anos de carreira, mas diria que esse um ano e meio de NFT valeu por 19 anos em relação a oportunidades

Lívia Elektra
fotógrafa

Uma das obras em NFT da fotógrafa Lívia Elektra Lívia Elektra/Divulgação

Artistas veem tecnologia como ganho de autonomia sobre obras

Com novas ferramentas, como o NFT, profissionais podem ampliar público e lucrar mais

Matheus Rocha

RIO DE JANEIRO Se antes muitos artistas dependiam de um contrato com uma gravadora ou de uma exposição em uma galeria para ganhar visibilidade, hoje os caminhos para o sucesso se ampliaram com a ascensão da web 3.0.

O conceito faz referência ao surgimento de uma nova geração de serviço de internet, construída de forma descentralizada, com regras e acordos estabelecidos por redes de usuários —não por grandes empresas, como o Google ou a Meta.

Nessa nova realidade virtual, artistas se veem com mais poder na hora de divulgar e comercializar suas obras. Esse é o caso da fotógrafa Lívia Elektra, uma das participantes do seminário Web 3.0 e Metaverso promovido pela **Folha** e pelo Itaú Cultural nos dias 4 e 5 de julho.

Segundo ela, sua carreira mudou de forma radical quando transformou suas obras em NFTs (tokens não fungíveis, na sigla em inglês).

"Tenho 19 anos de carreira, mas diria que esse um ano e meio de NFT valeu por 19 anos em relação a oportunidades que estou recebendo no mundo inteiro", afirma a artista, que no mês passado teve uma obra exibida na Times Square, em Nova York.

Um dos termos mais populares da web 3.0, NFT é um certificado que dá ao comprador de obras digitais, como imagens e memes, o atestado de que ele adquiriu uma versão autêntica do trabalho.

"É como se você tivesse ido a um museu e comprado a 'Mona Lisa'. Você pode encontrar várias cópias pela internet, mas aquela 'Mona Lisa' é única", explica a fotógrafa.

Tanta exclusividade pode fazer com que esse certificado digital ultrapasse somas milionárias. Foi o que aconteceu em março do ano passado, quando a obra "Todos os Dias: Os Primeiros 5.000 Dias", do americano Beeple, foi vendida por US$ 69,3 milhões (cerca de R$ 387,5 milhões).

Lívia explica que essa tecnologia de fato compensa do ponto de vista financeiro. Na pandemia, ela teve alguns trabalhos cancelados e viu os cachês despencarem. "Tinha trabalho que as pessoas não queriam pagar R$ 400 na diária."

Desde que passou a trabalhar com NFT, ela conta que os valores dispararam e já teve fotografia vendida por US$ 22 mil (cerca de R$ 118,5 mil). "Hoje, não me vejo fazendo um tipo de arte que não esteja relacionada ao NFT."

Outro artista que enxerga com bons olhos a web 3.0 é Pedro Xavier, produtor musical da cantora Super Saffira. "O que tem de mais interessante nessa proposta é a descentralização do poder, o que faz com que a gente crie uma relação mais próxima dos fãs e dos espectadores."

Além disso, há o metaverso, termo que se refere a ambientes virtuais que simulam a realidade, tecnologia que já despertou o interesse de Mark Zuckerberg, da Meta.

O diretor Ricardo Laganaro conhece de perto os benefícios e os desafios de trabalhar com realidade virtual.

Em 2019, lançou o curta "A Linha", em que o espectador interage com a história para fazê-la caminhar, o que rendeu à obra um Emmy e um Leão no Festival de Veneza.

"Se eu tivesse feito um bom curta, mas na tela plana, talvez eu nem tivesse sido selecionado", diz ele, que é diretor de conteúdo da Arvore Experiências Imersivas.

O fato de ser uma linguagem nova cria atrativos, mas também impõe desafios. "É uma tecnologia que tem mais incertezas que certezas. A única coisa que a gente sabe é que precisa entender rápido para começar a dominar e se lançar nesse universo", diz Eduardo Saron, diretor do Itaú Cultural, mediador do painel.

Laganaro faz coro à opinião de Saron e acrescenta que o custo dos óculos de realidade virtual é um dos entraves. Embora estejam diminuindo, os valores ainda são elevados.

Outra questão é a falta de ferramentas que eduquem quem está entrando no metaverso, evitando, por exemplo, a disseminação de preconceitos. "A gente está aprendendo como fazer curadoria e moderação. Precisamos de empresas que ajudem os criadores desses metaversos a criarem o ambiente que eles querem", afirma Laganaro.

Foi pensando nisso que o Itaú Cultural decidiu lançar um edital para apoiar dez projetos no metaverso que estejam em desenvolvimento, mas que ainda não tenham sido apresentados.

As inscrições foram abertas na quarta-feira (6) e vão até o dia 26 deste mês. Os interessados podem se inscrever no site itaucultural.org.br.

"Com isso, queremos entender quais temas as pessoas estão abordando no campo da arte e da cultura e quais linguagens estão incorporando ao metaverso", diz Saron.

Para ele, é preciso ter consciência sobre as incertezas desse novo universo, incluindo os parâmetros éticos e a fragilidade do acesso qualificado dos brasileiros. "Esse é o primeiro passo para que os benefícios tecnológicos e científicos cheguem a todos, não permitindo que adicionemos mais uma camada à desigualdade no Brasil", afirma.

VEJA O DEBATE folha.com/gn34i7pe

Eduardo Saron (à dir.) faz mediação de mesa do seminário Web 3.0 e Metaverso, que teve participação de Ricardo Laganaro (de boné), Pedro Xavier, Lívia Elektra (de preto) e Olivia Merquior

Keiny Andrade/Folhapress

Recursos favorecem aprendizado ativo na saúde

Tecnologias como realidade aumentada ampliam possibilidades de estudo, mas não substituem livros e laboratórios

Catarina Ferreira

SÃO PAULO Ferramentas de realidade virtual e experiências imersivas oferecem a alunos da área da saúde a oportunidade de aprofundar seus estudos — por exemplo, por meio de um modelo em 3D do corpo humano.

O intuito do uso da tecnologia não é substituir de livros e de laboratórios presenciais, e sim criar novas formas de otimizar o aprendizado dos estudantes, afirma Vinicius Gusmão, diretor-executivo da MedRoom, startup que desenvolve soluções digitais para o ensino na área da saúde.

Os recursos de realidade aumentada e a criação de ambientes imersivos fazem parte da web 3.0, nova fase de desenvolvimento da internet. O emprego dessas ferramentas na saúde foi debatido durante seminário promovido pela **Folha** e pelo Itaú Cultural, nos dias 4 e 5 de julho.

Chamado Web 3.0 e Metaverso, o evento teve mediação do repórter especial Raphael Hernandes no primeiro dia. Após o debate, a apresentadora e jornalista Cris Guterres comandou uma confraternização no metaverso.

Gusmão, um dos participantes, define seu negócio como uma edtech, termo formado pelas palavras educação e tecnologia em inglês. Essas empresas representam o maior segmento entre startups no país — 17,3%, segundo a Associação Brasileira de Startups.

Da esq. para a dir., Filipe Santos, Gean Guilherme, Henrique Assis e Vinicius Gusmão no seminário Web 3.0 e Metaverso Keiny Andrade/Folhapress

> É importante convidar quem não é da área para a discussão. A tecnologia é um meio para resolver problemas reais
>
> **Vinicius Gusmão**
> diretor-executivo da MedRoom.

Estudantes podem acessar o conteúdo da MedRoom em laboratórios de realidade aumentada, instalados em universidades, ou em plataformas que operam em celular.

Todo o roteiro de aprendizagem é feito junto aos professores de cada instituição, que selecionam sistemas inteiros ou órgãos do corpo humano para abordar durante as aulas.

Na realidade virtual, o estudante pode interagir com o modelo tridimensional, ver seu funcionamento e estudar possibilidades clínicas. Já no celular, a interação acontece com recursos como o uso de vídeos e visualização de exames. A empresa já realizou projetos em mais de 40 instituições entre Brasil, América Latina e Europa.

Uma dessas organizações é o Instituto do Coração (InCor), na capital paulista. Lá, a MedRoom atuou na aplicação de modelos digitais usados por médicos para estudar a separação de gêmeas siamesas ligadas pelo tórax.

A partir da réplica digital dos sistemas dos corpos das meninas, a equipe médica pôde estudar possíveis planos de ação, utilizando recursos de realidade aumentada. Entre cirurgiões, enfermeiras e anestesistas, a equipe contou com mais de 40 profissionais.

Gusmão explica que a empresa teve cerca de duas semanas para preparar o modelo que serviu de base para o estudo pré-cirúrgico.

A separação das irmãs Sara e Eloá, em abril do ano passado, foi inédita no país e considerada bem sucedida. A família das meninas saiu de Alvorada do Oeste (RO) para realizar o parto e a cirurgia de separação em São Paulo.

Biólogo de formação, Gusmão diz que a participação da sociedade como um todo é importante no debate sobre tecnologia, porque assim é possível desenvolver soluções para problemas reais.

Hernandes, mediador do debate, pontua que avanços tecnológicos podem acirrar desigualdades, por não chegarem simultaneamente a todas as regiões do país — devido a diferenças econômicas.

Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2021, do Comitê Gestor da Internet no Brasil, 81% da população maior de dez anos têm acesso à internet, mas somente 39% dos domicílios possuem computadores.

Nas classes A e B, o número é de 99% e 83%, respectivamente. Enquanto nas classes D e E, a proporção é de 10%. A falta de estrutura e conexão de boa qualidade ainda são entraves para a inclusão digital, diz o levantamento.

O aluno Luiz Gutemberg Junior, 33, mestrando em gestão de tecnologia industrial, durante aula no metaverso do Senai Cimatec, em Salvador Rafael Martins/Folhapress

Para especialistas, difusão do metaverso no ensino está próxima

Philippe Scerb

SÃO PAULO Quando o computador surgiu, poucos imaginavam aulas ou cursos inteiramente online, com cada aluno acompanhando a exposição a partir de casa, como acontece hoje. O ceticismo em relação à difusão do metaverso como instrumento e plataforma de ensino é parecido.

Mas a redução dos custos e a percepção das vantagens que o metaverso traz deve popularizar sua utilização mais rápido do que imaginamos.

Essa é, ao menos, a opinião de pesquisadores que trabalham com esse universo no ambiente escolar, como Márcio Catapan, que é coordenador do curso de especialização em gestão de tecnologias 3D da UFPR (Universidade Federal do Paraná).

Catapan acompanha três projetos de realidade virtual e aumentada na universidade. Um é de criação de simuladores para o treinamento de cirurgias por videolaparoscopia no metaverso. Outro desenvolve metodologias de manutenção e melhorias contínuas de máquinas a distância, por meio de escaneamento com aparelhos 3D.

O terceiro vem da dificuldade que professores de engenharia mecânica tiveram para dar aulas práticas online na pandemia. Foram então modelados todos os laboratórios de usinagem da universidade e hoje é possível fazer o treinamento dessas máquinas usando realidade virtual.

"Ele não substitui o curso presencial, mas atende a 80% das necessidades. Assim, o tempo no laboratório diminui e serve para compilar o conhecimento adquirido em realidade virtual. Também caem os riscos do contato inicial com equipamentos."

O professor reconhece que o custo da utilização do metaverso no ensino é alto, a começar pelos óculos de realidade virtual, vendido por cerca de R$ 3.000. Mas ele relativiza.

"O valor dos óculos não paga passagem de ida e volta de Manaus a Curitiba, necessária para que um aluno de residência faça treinamento em simulador tradicional de videolaparoscopia, cujo valor é cerca de R$ 2 milhões e é escasso nas regiões Norte e Nordeste."

A tendência é que o preço da tecnologia que envolve o metaverso caia. Quando apareceram, os óculos de realidade virtual custavam até U$ 100 mil (R$ 533 mil) . Hoje, nos EUA, podem ser encontrados por U$ 300 (R$ 1.599).

Para Anna Carolina Queiroz, aluna de pós-doutorado na Universidade Stanford (EUA), as diferenças do metaverso em relação à experiência de cursos por videoconferência são consideráveis, especialmente no que diz respeito à imersão.

"É outro sentimento de presença. Quando estamos ali dentro da esfera digital, o cérebro processa como real aquilo que vimos e os estímulos que recebemos."

Queiroz dá o exemplo de uma experiência que faz em Stanford, em que, na realidade virtual, um buraco é aberto no chão do laboratório e atravessado por uma tábua. As pessoas, com óculos, são convidadas a passar pela tábua. Um terço, porém, com medo, não o faz, mesmo sabendo que não há buraco real.

As pesquisas mostram, diz Queiroz, que o metaverso é uma excelente ferramenta de aprendizagem, especialmente para conceitos abstratos e de difícil visualização.

Como exemplo, ela cita o estudo que analisou o ensino sobre o desertificação dos oceanos para crianças do quinto ao oitavo ano, que não tinham fundamentos de química e física para compreendê-lo.

"Usamos um vídeo em 360º feito por pesquisadores que foram embaixo d'água para captar as imagens. Apresentamos esse vídeo em realidade virtual para crianças do ensino fundamental aqui nos EUA e comparamos com crianças que assistiram ao mesmo material, mas no computador."

A análise mostrou que ambos os grupos tiveram bons resultados em testes sobre o conteúdo. "Mas os alunos que assistiram ao vídeo em realidade virtual foram mais criativos nas respostas." Para ela, explorar visualmente o ambiente é o que faz a diferença.

Há vantagens, inclusive, em relação ao ensino tradicional. Ingrid Winkler é coordenadora da pós-gradução em gestão e tecnologia industrial do Senai Cimatec, em Salvador, onde alunos de engenharia mecânica e de produção trabalham com metaverso em algumas disciplinas.

Numa aula presencial de engenharia automotiva, por exemplo, conta ela, peças são projetadas e manipuladas em uma tela plana.

"Com a imersão da realidade virtual, trazemos a peça para a nossa frente. Eu consigo manipulá-la, olhar de baixo, por dentro, como quiser", afirma.

O uso da tecnologia nas escolas é acelerado pela sua incorporação nas empresas. Conforme o setor privado adota o metaverso em pesquisa e produção, as instituições precisam familiarizar alunos com a ferramenta, diz Ingrid.

Mestrando em gestão de tecnologia industrial pelo Senai Cimatec, Luiz Gutemberg Junior, 33, é entusiasta do metaverso no ensino superior. Ele destaca o potencial da tecnologia para a pesquisa e valoriza o efeito do uso dos óculos de realidade virtual.

"É incomparável com teleconferência. Na reunião online, você vê os outros. No metaverso, entra na reunião, é muito mais difícil de se distrair."

Queiroz alerta para a importância de saber quando usar a ferramenta. "Se a intenção é que o aluno memorize conteúdo, a aula online é suficiente. Mas, se o objetivo é promover engajamento e motivação, a imersão é bem-vinda."

Ela ainda reforça os cuidados no uso da tecnologia, pois a maneira como a experiência é desenvolvida pode surtir efeitos positivos ou negativos.

"Se a esfera digital tiver estímulos em todos os cantos, o aluno não vai saber para onde olhar e pode ficar mais distraído do que concentrado", diz.

Culto em templo virtual prega uso de hashtags

Fiel ouve louvores e é convidado a pagar o dízimo por QR Code em atividade imersiva da Igreja Batista da Lagoinha

Ana Gabriela Oliveira Lima

Culto da Igreja Batista da Lagoinha no metaverso Divulgação

SALVADOR Confraternização entre avatares, QR code para a arrecadação de dízimo, apelo para que os fiéis propaguem a palavra de Deus por meio de hashtags e sorteio de um par de óculos de realidade virtual. Assim foi um dia de culto no primeiro templo brasileiro presente no metaverso, ambiente virtual imersivo.

O culto, que aconteceu no domingo, 5 de junho, faz parte da programação da Igreja Batista da Lagoinha no mundo virtual. O número de fiéis presentes variou entre 9 e 16.

Fundada em 1952 em Belo Horizonte, a instituição hoje é liderada pelo pastor Márcio Valadão e tem quase 700 endereços espalhados pelo Brasil e pelo exterior. Em abril, ganhou seu primeiro templo virtual, batizado de LagoVerso.

No culto que aconteceu no início de junho, a pregação se alternou com o canto de louvores e a participação de apresentadores que lembravam aos fiéis a importância de espalhar a mensagem cristã também no ambiente virtual, por meio da hashtag #eudecidoporjesus.

Para participar da atividade, o fiel precisa de um computador ou de um óculos de realidade virtual. Em seguida, tem que instalar a AltSpaceVR, plataforma na qual cria um avatar, figura digital que pode ser baseada em suas características físicas.

Depois, é só colocar na plataforma o código da atividade do dia e começar a jornada no templo virtual, que, além de área para culto, conta com garagem, ambiente para crianças, sala de reunião, cafeteria e recepção. O espaço é uma réplica do prédio digital da Lagoinha Orlando Church, localizada cidade de Orlando (EUA). Em algumas das paredes, há banners com informações sobre atividades e QR Codes para o envio de dízimo.

> “A entrada no metaverso vai fazer com que a gente impacte mais pessoas. Agora temos mais uma opção para ouvir a palavra de Deus
>
> **Bruno Lopes, 34**
> gestor de tráfego que participou de culto virtual

Vista com interesse por parte dos fiéis, a entrada da Igreja Batista da Lagoinha no metaverso gerou controvérsia no mundo gospel. Em material publicado pela igreja no YouTube, o pastor Giba Leite faz um discurso ambíguo sobre a importância da iniciativa.

No vídeo, Leite diz que a entrada da igreja no ambiente imersivo é inevitável para que a entidade possa divulgar a palavra de Deus, mas ressalta que o metaverso apresenta riscos, como a perda do contato com a realidade e o descontentamento dos fiéis com suas vidas fora das telas.

A maioria dos comentários do vídeo, publicado em fevereiro deste ano, é negativa. Alguns usuários entendem a iniciativa como um perigo para os cristãos. Uma internauta, identificada como Karla Angélica, afirma que “avatar não se converte”. Outra usuária, Shirley, insinua que a iniciativa pode “desmembrar” o corpo de Cristo.

Para o gestor de tráfego Bruno Lopes, 34, de Balneário Camboriú (SC), que frequentou o culto, a experiência de estar na igreja por meio do metaverso é interessante porque permite a interação com pessoas de locais diferentes, que não se conheceriam se não fosse o culto virtual.

Na opinião dele, a iniciativa não tem o poder de afastar os fiéis da igreja física. “Pelo contrário. A entrada no metaverso vai fazer com que a gente impacte mais pessoas. Agora temos mais uma opção para ouvir a palavra de Deus”, diz.

O auxiliar administrativo Gabriel Borges, 23, também de Balneário Camboriú, concorda que a entrada da igreja no metaverso foi positiva. “Foi uma experiência maravilhosa, incrível. Desde quando começou eu tenho vindo aqui”, diz.

Borges conta que gostava de participar de jogos virtuais, mas que não se sentia à vontade com algumas situações que ocorriam online. “O pessoal fazia muita bagunça. Em alguns jogos, havia coisas que não me agradavam, que não agradavam a Deus.”

Segundo o jovem, a entrada da igreja no metaverso foi uma oportunidade para que ele pudesse aproveitar o ambiente online de maneira segura. “Em um lugar com pessoas cristãs, eu me sinto bem, me sinto acolhido”, afirma.

Segundo a Igreja Batista da Lagoinha, o objetivo dos cultos no metaverso é expandir a anunciação do evangelho, não excluir a participação presencial das pessoas. “Onde enxergam apenas um avatar, nós enxergamos vidas. A igreja precisa estar onde as pessoas estão. Estar no metaverso é atender a um chamado eterno: o de amar pessoas. Se há gente no metaverso, há motivo para que o evangelho seja anunciado”, informou a instituição por email.

No campo católico, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e a Nunciatura Apostólica no Brasil disseram desconhecer iniciativas relacionadas à entrada da instituição no metaverso.

Para Márcio Carneiro, professor do Departamento de Comunicação da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), o caso das igrejas é parecido com o de empresas de qualquer outra área, que estão investindo no metaverso como uma forma de se associar à ideia de inovação e testar possibilidades que o ambiente imersivo pode proporcionar.

De acordo com Carneiro, esse movimento tende a reduzir com o tempo, e muitas dessas experimentações devem a ser interrompidas por causa de fatores como custo e dificuldade no acesso.

“Lá na frente, com hardwares novos, internet 5G e novas possibilidades tecnológicas, o metaverso vai ficar mais barato e mais fácil. O tempo vai resolver algumas questões de acesso”, afirma o professor.

Shows em arenas online ganham público e espaço

Paola Ferreira Rosa

Show da cantora Ariana Grande no metaverso do jogo Fortnite Reprodução/Epic Games

CAMPINAS Shows no metaverso têm se popularizado e podem contribuir para a democratização do acesso a apresentações artísticas. Esses eventos, porém, não devem substituir os presenciais, defendem especialistas.

Artistas como Ariana Grande, Justin Bieber, Emicida, Gloria Groove e Rael estão entre os adeptos e pioneiros dessa tendência.

Eles se apresentam, em sua maioria, dentro do ambiente virtual de jogos como Fortnite e Avakin Life, ou em plataformas como Roblox e The Sandbox.

O show do DJ Marshmello, primeiro a se apresentar no Fortnite, foi um dos eventos que mais reuniu jogadores simultâneos em 2019, com 10,7 milhões de pessoas online. Já no início da pandemia, o rapper Travis Scott se apresentou para 14,8 milhões de usuários simultâneos. Os números são da Epic Games, desenvolvedora e publicadora do jogo.

“Hoje, os espaços digitais que criam universos em que você pode ter uma experiência mais imersiva, em grande maioria, são os jogos”, diz Christian Perrone, coordenador das áreas de direito e govtech do ITS Rio (Instituto de Tecnologia e Sociedade).

Segundo a pesquisadora do Laboratório de Mídia Digital da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) Cristiane Turnes, os jogos funcionam como plataformas de teste para desenvolvedores e criadores. “Dá para começar a experimentar novas experiências com pessoas que já estão adaptadas ao formato, então a resposta é um pouco mais rápida.”

Heitor Miguel, diretor-chefe de tecnologia da startup Biobots, complementa: “Esses jogos atraem milhões de pessoas. De certa forma, eles já têm um público para assistir às apresentações”.

A startup desenvolve avatares, NFTs (sigla para token não fungível, em inglês) e outros produtos digitais relacionados à Web 3.0 para personalidades interessadas em adentrar nesse mundo. Uma das criações da empresa é a influenciadora digital Satiko, desenvolvida em parceria com a apresentadora Sabrina Sato.

Satiko já acumula mais de 30 mil seguidores no Instagram, onde divulga campanhas de marketing para diferentes marcas, entre elas O Boticário e Dolce & Gabbana. Na música, já divulgou um lançamento de Duda Beat e participou do Lollapalooza.

Ela é usada para mobilizar o público, tanto no mundo real, quanto no virtual. “Uma grande dificuldade de você criar um metaverso é conseguir atrair pessoas para dentro dele e mantê-las”, diz Miguel.

Daí vem a importância de se construir uma comunidade de que tenha vínculos com o artista.

Segundo Perrone, os shows no metaverso tendem a crescer e se tornar cada vez mais imersivos. Isso porque, nesses eventos, o público não enfrenta problemas inerentes ao mundo físico, como ficar longe do palco, não conseguir enxergar o show ou não ter dinheiro para ir a uma apresentação em outro país.

“Em um festival no metaverso, essas limitações não existem. Você pode colocar milhões de pessoas assistindo a um show ao mesmo tempo. Isso faz com que você tenha cachês potencialmente maiores para os artistas e, por outro lado, ingressos com custos mais baixos”, diz.

Esse tipo de entretenimento gera “uma potencial democratização do acesso”, física e financeira, defende Perrone.

Para ele, em cinco ou dez anos, novos tipos de interações devem surgir. “Acredito que muita gente vai continuar tendo as experiências ao vivo, mas muitas outras pessoas vão ter também as virtuais.”

As possibilidades seriam inúmeras: participar de um festival presencialmente, entrar pelo metaverso, ou ainda estar no espaço físico com acesso a atrações virtuais.

A tendência vai de acordo com o que pensa o diretor-executivo do Rock in Rio, Luis Justo. Embora defenda a realização do festival de música presencialmente, ele não se opõe a novas formas de entretenimento.

“Acreditamos que a experiência ao vivo é insubstituível e que o movimento do metaverso chega como mais uma oportunidade para todos, tanto para as marcas, quanto para o público”, afirma.

“Estamos avaliando a possibilidade de inserirmos algo no Rock in Rio”, acrescenta, sem citar prazos.

Apesar de todo o potencial, o metaverso não está isento de problemas relacionados à desigualdade e às dificuldades de acesso, observa Carlos Pernisa Júnior, doutor em comunicação e cultura pela ECO/UFRJ (Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

“Essas questões já estão dadas, não vão ser novas. Como já existem nesse mundo físico, e o metaverso é a junção com o digital, vão ser transportadas”, diz.

Segundo ele, restrições de acesso a dispositivos de realidade virtual utilizados para ingressar no metaverso, como os óculos de realidade virtual, podem reduzir a inserção de indivíduos.

Limitações físicas, como náuseas provocadas pelo uso desses óculos, dores pela exposição excessiva a telas e a necessidade de se movimentar, comer e cuidar do corpo também podem reduzir o tempo de imersão no ambiente virtual. “O que se pode pensar é como trazer essas pessoas e fazer com que elas possam participar de uma maneira mais igualitária.”

Perrone afirma que serão necessárias mudanças na infraestrutura para uma democratização mais efetiva. Uma delas seria a adaptação tecnológica de países e territórios para o recebimento do 5G, mais compatível com o que se espera de um metaverso integrado à realidade física.

Moda digital abre novas oportunidades de negócio

Empresas criam roupas, sapatos e acessórios em 3D para ajudar na divulgação e na produção de marcas

Juliana Veríssimo

SÃO PAULO A moda digital, que permite a criação e o compartilhamento da produção de marcas sem a necessidade de fabricar itens físicos, abre novas oportunidades de negócio no setor —entre elas o desenvolvimento de peças conceituais e a implementação de processos sustentáveis.

Impulsionadas pelo avanço da web 3.0 e dos ambientes imersivos, empresas de roupa, acessórios e sapatos virtuais têm ganhado espaço. As possibilidades desse novo mercado foram discutidas durante o seminário Web 3.0 e Metaverso, que foi promovido pela **Folha** e pelo Itaú Cultural nos dias 4 e 5 de julho.

Henrique Assis, cofundador do Studio Acci e um dos participantes do evento, conta que a ideia de fundar a empresa de moda digital surgiu ao identificar um problema trazido pela pandemia.

"Muitos tiveram que parar seus processos de desenvolvimento criativo por conta do distanciamento social e do lockdown —uma marca de vestuário não conseguia, por exemplo, fotografar suas criações", afirma.

Ele, que é publicitário, se juntou à amiga de infância Letícia Motta, formada em moda e especializada em desenvolvimento 3D. Ela já trabalhava para marcas europeias em Milão, onde a criação para o universo digital é mais aceita. Juntos, pensaram em oferecer aqui o tipo de produto com o qual Motta já trabalhava no exterior. "O digital, fora do país, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, sempre foi estudado e usado por grandes marcas, em seus processos internos e de comunicação", diz Assis.

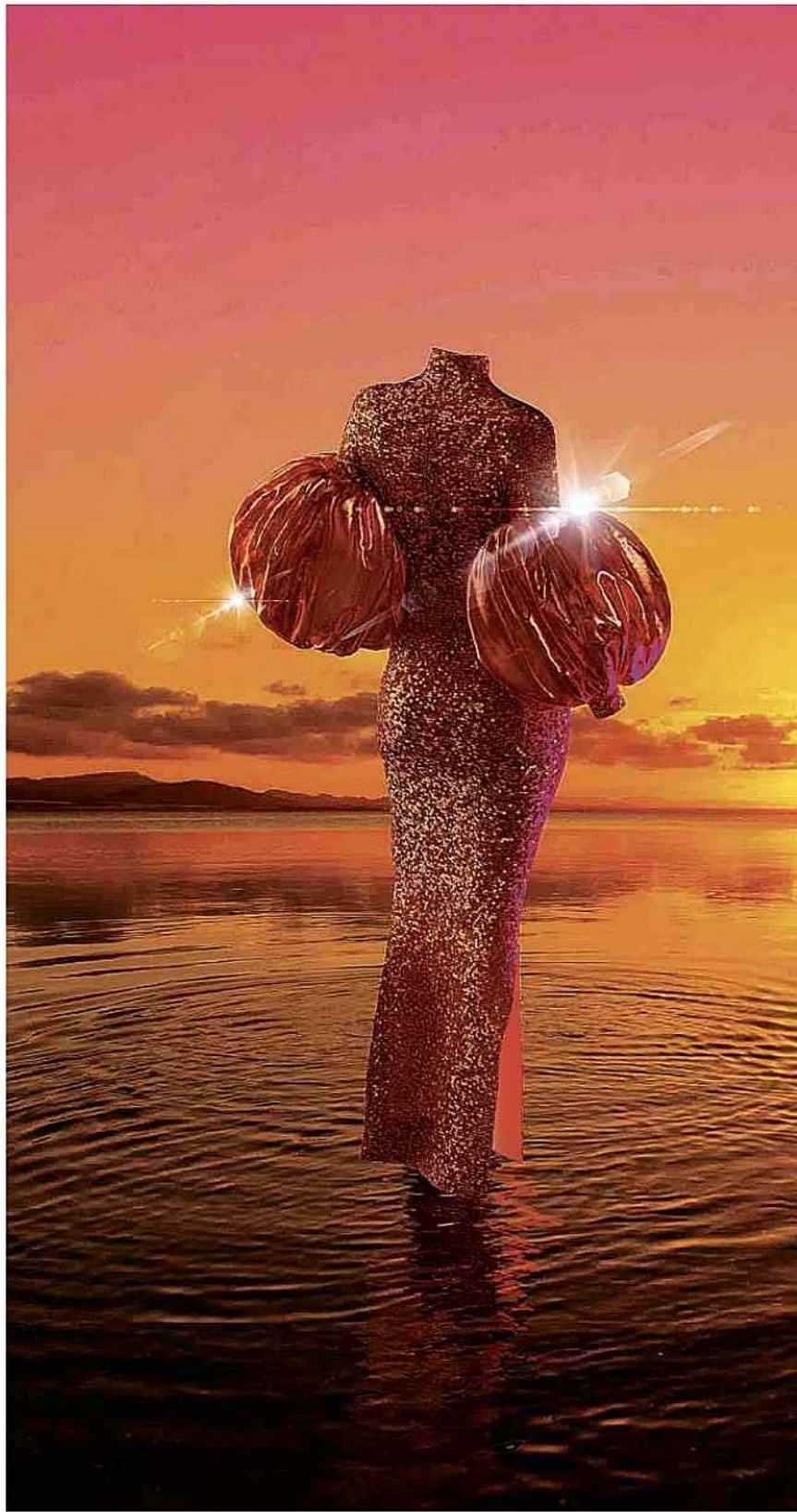
Mesmo durante a pandemia, empresas estrangeiras seguiram compartilhando seu conteúdo e algumas passaram a realizar parte de seu desenvolvimento de forma virtual.

"Elas não pararam de produzir e comunicar, se moldaram ao cenário e utilizaram recursos e possibilidades disponíveis naquele momento", afirma o publicitário.

No início, os amigos investiram em criações autorais de moda e comunicação. Um ano depois, passaram a divulgar seus projetos, atraindo marcas nacionais e internacionais.

Os primeiros clientes do estúdio tinham dois objetivos: não parar a produção na pandemia e copiar o que já era feito fora do país. O interesse foi tanto que a empresa cresceu.

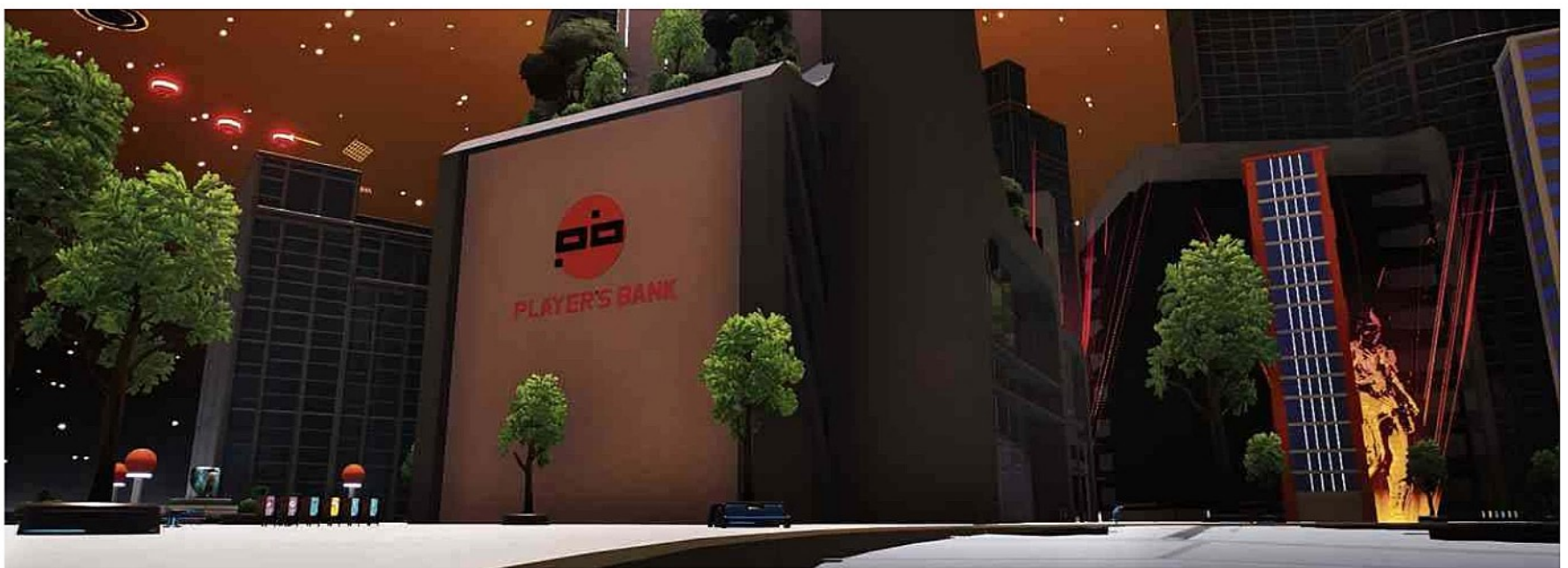
"Alguns projetos começaram a ir além do nosso conhecimento, então sentimos a necessidade de expandir para que eles ficassem mais completos, e suas ramificações, mais abrangentes", conta.

Hoje, o estúdio desenvolve, entre outras coisas, peças de roupa, acessórios e sapatos em 3D, modelos virtuais e cenografia digital, além de prestar serviços de consultoria para companhias que buscam entrar no universo digital. A equipe da empresa inclui desde designer gráfico até arquiteto, responsável por criar os ambientes imersivos.

Peça de moda digital criada pelo Studio Acci Fotos Divulgação

> "O digital, fora do país, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, sempre foi estudado e usado internamente por grandes marcas, em processos internos e na comunicação
>
> **Henrique Assis**
> cofundador do Studio Acci

As peças em 3D permitem que as criações sejam visualizadas antes de serem produzidas, sem a necessidade de protótipos físicos, o que contribui para uma produção mais sustentável.

Apesar do crescimento, Assis também vê dificuldades para quem atua na área. A primeira é encontrar profissionais qualificados para esse mercado ainda emergente. A segunda, mais específica do Brasil, é educar empresas a respeito dos tipos de negócio que podem ser desenvolvidos e dos públicos que podem ser alcançados com produtos e ambientes digitais.

Na opinião dele, ainda é mais simples conversar com marcas estrangeiras, que já estão mais acostumadas a trabalhar com esse modelo.

Ação do Itaú no metaverso para o lançamento do Player's Bank, voltado para o público gamer

Empresas usam ferramenta como vitrine para novos produtos

Bruno Lucca

SÃO PAULO Empresas brasileiras estão usando o metaverso com o objetivo de se aproximar de clientes e dar maior visibilidade a seus produtos.

Renner, Lacta e Itaú já realizam ações nesse ambiente.

Para Vicente Martin, professor da ESPM, as marcas veem o espaço como oportunidade de investir em publicidade, mas trata-se de uma ferramenta acessível apenas para companhias de maior porte.

É o caso da Renner, que tem investido em seu posicionamento digital e, em 2021, foi a primeira varejista de moda brasileira a entrar no Fortnite, um dos dez jogos mais populares do mundo.

Chamado de Renner Play, o projeto consistiu na criação de um mapa imersivo no game com a reprodução de uma loja da marca. QR Codes direcionavam o público para o ecommerce da rede.

Com o auxílio de lives simultâneas de gamers, a ação alcançou 5 milhões de pessoas no lançamento.

Já neste ano, a empresa também foi a primeira varejista do país a fazer um desfile totalmente digital, que podia ser assistido com o uso de óculos de realidade virtual. A experiência ocorreu durante o evento de lançamento da sua coleção outono-inverno 2022.

Na experiência imersiva, os convidados puderam ver, com detalhes que incluíam a textura dos tecidos, o desfile de peças em 3D.

Segundo Maria Cristina Merçon, diretora de marketing corporativo das Lojas Renner, há um interesse crescente do público em viver experiências criativas, inovadoras e humanizadas.

Já a Lacta lançou, em dezembro de 2021, uma loja virtual decorada para o Natal. Acessando o site desenvolvido para a ação, os clientes puderam visualizar prateleiras e "andar" pelo espaço, como fariam no ambiente físico.

A loja, segundo Theo Vieira, diretor de ecommerce da Mondelez Brasil, teve uma taxa de conversão —visitas ao site que são convertidas em vendas— seis vezes maior que o comércio online tradicional.

A empresa repetiu a experiência na Páscoa deste ano com um site que simulava uma loja online 360°.

Outra empresa a se aventurar nesse universo foi o Itaú.

A ação #2022EmUmaPalavra, realizada no fim de 2021, na qual personalidades como a atriz Fernanda Montenegro e a bebê Alice expressaram seus desejos para este ano, foi levada ao metaverso do Cidade Alta, um dos maiores servidores de GTA RP (Grand Theft Auto Roleplay).

No game, os jogadores devem interpretar seus personagens, como se estivessem no mundo real.

Além disso, o banco criou, em parceria com gamers, experiências em metaversos —como o de Fortnite— para lançar o Player's Bank, banco digital voltado exclusivamente para a comunidade de jogadores, que dá descontos em marcas de games.

"O metaverso vem se destacando como um canal de relacionamento com a comunidade e oportunidade de negócios, além de um grande espaço de experimentação e aprendizado", afirma Guilherme Bressane, diretor de marketing do Itaú.

Homem testa o Oculus Quest 2, óculos de realidade virtual, na loja Meta Store, na Califórnia Fernanda Ezabella/Folhapress

Meta recorre à velha loja física para vender produtos da nova realidade

Uma das propulsoras do metaverso, companhia aposta em imersão com óculos que custam R$ 1.400

Fernanda Ezabella

BURLINGAME (EUA) Se você já sentiu a sua mente abduzida pelo celular, talvez seu corpo seja a próxima vítima das novas ondas da internet.

Explorar os mundos da realidade virtual, um prelúdio do metaverso, seja visitando galáxias distantes ou se exercitando com sabres de luz, pode ser tão viciante quanto uma partida de Candy Crush.

Ninguém sabe ao certo o quanto seremos engolidos pelo metaverso, um termo difuso que parece se grudar a qualquer novidade relacionada à próxima fase da internet. Aparentemente, todo mundo vai querer se conectar a aparelhos de realidade virtual (RV), realidade aumentada (RA) ou ainda realidade mista (RV com RA), além de ter uns trocados em cripto (moedas digitais) e umas NFTs (espécie de certificado de propriedade), para navegar, gastar e se relacionar nessa nova web.

O Facebook, que trocou seu nome para Meta em outubro, é o grande propulsor do termo metaverso e quer hypar o quanto pode as delícias da realidade virtual. Afinal, abraçar um capacete de RV é o primeiro passo para fugir das duas dimensões de nossos computadores e explorar os primórdios 3D do metaverso.

Não serão só jogos de RV, que já existem há anos e seguem um nicho na multibilionária indústria dos games. Serão também reuniões de trabalho, almoços de domingo com familiares distantes, shows ao vivo com estranhos e compras de supermercado.

"Vemos o metaverso como um conjunto de espaços virtuais que você pode criar e explorar com outras pessoas que não estão no mesmo espaço físico que você", explicam, em uma conferência online, Vishal Shah, vice-presidente de Metaverso e Reality Labs, a divisão da Meta que trabalha para construir hardware e software do metaverso.

Além do Oculus Quest, usado para navegar na realidade virtual, que o Facebook comprou por US$ 2 bilhões em 2014, a firma de Mark Zuckerberg também desenvolve óculos de RA na Reality Labs. Para o executivo, o metaverso será muito além de RV ou RA e seremos transportados como hologramas.

E como apresentar um novo universo virtual se não com um velho universo físico, uma loja com produtos reais nas prateleiras e com atendentes de carne e osso? Foi o que a Meta fez em maio, com uma simpática loja de 144 metros quadrados no Vale do Silício, no meio dos prédios que formam a sede da Reality Labs.

À beira das águas da baía de San Francisco, a Meta Store não tem nada de hologramas. São só três produtos vendidos, que poderão "ser a porta de entrada para o metaverso no futuro", diz o líder da Meta Store, Martin Gilliard, em comunicado à imprensa.

Ainda é difícil imaginar o metaverso na Meta Store. Ao entrar na loja, uma meia dúzia de atendentes está a postos para fazer demonstrações dos três produtos. O primeiro são os óculos da Ray-Ban (a partir de US$ 299 ou R$ 1.432) que tiram foto e fazem vídeos de 60 segundos. As imagens só podem ser vistas e compartilhadas quando disponibilizadas num aplicativo de celular.

O segundo produto é o Portal (a partir de US$ 179 ou R$ 857), uma tela de vídeo móvel que facilita conversas e reuniões a distância. A loja tem uma cabine com um Portal, e o visitante se conecta a outro atendente com um Portal escondido na loja para ter uma demonstração ao vivo.

Um atendente diz que os filtros engraçadinhos do Portal são exemplo de realidade aumentada, enquanto outro funcionário explica que, de fato, não tem muito a ver com metaverso. "O Portal faz parte do objetivo da Meta de unir as pessoas, e o faz no mundo real", diz o funcionário.

Já o terceiro produto é a magia da realidade virtual, ainda que num universo estático (não dá para sair muito do lugar) e sem conexão com outras pessoas. O cliente veste na cabeça o Oculus Quest 2 (a partir de US$ 299 ou R$ 1.432) e escolhe entre quatro jogos: golfe, pescaria, boxe ou uma experiência chamada Beat Saber, a mais popular.

Nesse último, os controles redondos em ambas as mãos viram sabres de luz no ambiente digital, e o jogador precisa usá-los para cortar blocos coloridos que vão surgindo em sua direção, ao ritmo de uma música pré-selecionada.

Num telão na loja, os clientes sem os óculos assistem ao jogo que se passa no capacete. Concentrado na missão, o jogador tem seu corpo e mente abduzidos por cinco minutos mágicos de pura imersão virtual. Com jeitinho, o atendente deixa o recém-viciado jogar mais uma partida.

A loja online do Quest já vende programas que trazem um gostinho muito maior do metaverso, ainda que em experiências um tanto caóticas.

Em Horizon Worlds, por exemplo, o usuário pode escolher uma série de jogos para compartilhar com estranhos (e muitos trolls, eles também existem aqui) ou pode frequentar shows de música e ver esportes ao vivo. Segundo o site especializado The Verge, a plataforma alcançou, em fevereiro deste ano, 300 mil usuários nos Estados Unidos e no Canadá.

Há também uma versão beta de Horizon Workrooms, uma sala virtual de reuniões onde os participantes são transformados em avatares.

"Uma grande prioridade para nós é a sua identidade digital, como você aparece online", diz Shah, acrescentando que haverá lançamento de avatares 3D em quatro países — no Brasil, já estão disponíveis.

Por enquanto, nenhuma das experiências compartilhadas ou com avatares estão na loja. O atendente do Beat Saber, afiadíssimo, contou que gosta de jogar ping-pong e poker virtual com seus amigos e, às vezes, passam mais de uma hora conectados no Quest. "É um pequeno vício", diz. "Mas fazemos pausas para ir ao banheiro. Isso certamente não será recriado no metaverso."

Estilista que cria peças 3D acredita em futuro híbrido

SÃO PAULO Um dos primeiros estilistas brasileiros a lançar uma coleção 100% digital, Lucas Leão, 31, acredita que o futuro da moda está na fusão entre o mundo real e o virtual.

"Você usa um filtro quando está meio cansado e não tem tempo para passar uma maquiagem. Por que não usar uma roupa virtual em um evento online quando está meio desleixado?", diz.

A ideia de comercialização de peças para serem usadas no metaverso surgiu após a São Paulo Fashion Week de 2020. Naquele ano, em plena pandemia, o principal evento de moda da América Latina aconteceu de forma remota, com a transmissão por meio de projeções, vídeos e lives. Leão inovou exibindo sua coleção inteira em filme 3D.

Exposição ÍON no metaverso com peças de Lucas Leão, parte da Brazil Immersive Fashion Week em 2021 Zebra Estúdio/Divulgação

Em um cenário árido de deserto, avatares vestiam peças almofadadas ou de tecidos fluidos. A produção chamou a atenção do marketplace Shop2gether, que fechou contrato para vender a coleção digital criada por Leão.

Atualmente, no site há uma única peça 100% digital: o vestido Anêmona, disponível nas cores amarelo e azul, por R$150 —depois de comprar o item, o consumidor deve enviar uma foto sua para o site, que vai aplicar a roupa sobre a imagem.

Em 2021, após o burburinho causado pela comercialização das peças virtuais criadas no Brasil, mais uma vez o estilista testou caminhos na São Paulo Fashion Week.

Dessa vez, Leão criou o primeiro desfile em realidade aumentada realizado no formato "phygital" (expressão em inglês que vem da fusão das palavras físico e digital, relacionadas a experiências que unem os dois ambientes).

Os espectadores que viam o desfile —batizado de Erebus— ao vivo podiam apontar seus celulares para a apresentação. Na tela, as peças e o cenário ganhavam novos elementos. "O que mais me fascina é a interação do físico com o digital. Hoje, eu vejo muita gente falando que quer participar do metaverso. Mas o grande lance é a união dos dois universos, essa hibridização", afirma Leão.

Outro lançamento do estilista que explorou a conexão entre os dois mundos foi uma camiseta branca que não tem nada de básica.

Na etiqueta da peça há um QR code que disponibiliza algumas estampas para os clientes fazerem uma personalização virtual. Ou seja, as pessoas fazem fotos com a mesma camiseta, mas, ao usar filtros diferentes, terão quatro estampas para variar o produto —também disponível na Shop2gether por R$ 106,90.

Segundo o estilista, os maiores interessados em suas criações são pessoas que têm presença bastante ativa nas redes sociais. "Nossos primeiros consumidores são influencers que usam as nossas peças em seus perfis. E, depois que eles postam, geralmente seus seguidores entram em contato querendo os mesmos itens."

A tecnologia também é uma forma de Leão ter uma confecção mais sustentável. Todo o projeto de modelagem e prototipagem das coleções é feito virtualmente. Os produtos só ganham uma versão física na etapa final do processo, economizando matéria-prima.

"É mais uma possibilidade de implementação de tecnologia pelas indústrias para reduzir os insumos", diz.

Para os seus primeiros experimentos, o estilista trabalhou em parceria com um escritório alemão. Hoje, o desenvolvimento tecnológico das confecções é feito por uma equipe de quatro pessoas —número que costuma crescer dependendo da demanda.

Atualmente, eles trabalham em um projeto para a Disney e no lançamento para a próxima coleção, que está prevista para outubro.

Para o próximo desfile, Leão promete uma experiência que vai superar o uso da tela dos smartphones.

"O celular já ficou ultrapassado. A gente acredita bastante nas experiências que misturam o mundo digital e o físico. Estamos trabalhando em um projeto que mexa com as nossas sensações e evolua para algo que conecte a outros gadgets, como óculos de realidade aumentada", diz. KSG

Ferramenta abre espaço para gestão horizontal de grupos

DAOs podem ajudar funcionários a participar de decisões de companhias

Paola Ferreira Rosa

CAMPINAS Junto com a web 3.0, novas possibilidades de organização e governança têm se tornado possíveis. Nesse sentido, as DAOs (Organizações Autônomas Descentralizadas ou Distribuídas, na sigla em inglês) podem ampliar o poder de influência de indivíduos e grupos em empresas.

Essas comunidades digitais são geridas por contratos inteligentes, conjuntos de códigos que estabelecem as regras do grupo e tomam decisões automaticamente. Nelas, a autogestão é controlada por meio de votos, que têm peso igual entre todos os membros.

Para o cofundador da escola de aprendizagem de novas habilidades para a economia criativa Potência School & DAO, Filipe Santos, as DAOs podem ser usadas por companhias como modelo de gestão horizontal.

Ele falou sobre possibilidades de descentralização das organizações durante o seminário Metaverso e Web 3.0, correalizado pela **Folha** e pelo Itaú Cultural em 4 e 5 de julho.

Um exemplo de como funcionam essas organizações são os Fan Tokens de times de futebol: por meio da compra de criptoativos digitais, torcedores ganham o direito de votar em decisões como o uniforme a ser usado no próximo jogo.

"É uma maneira de permitir participação na governança a alguém que, por caminhos tradicionais, não participaria", afirma.

Assim, a governança se torna descentralizada. "Porque não é uma pessoa ou um grupo que toma a decisão, mas todos os participantes."

Os contratos inteligentes são criados por meio de programação, com uso de blockchain. A tecnologia, também aplicada em criptomoedas como o bitcoin, é usada para garantir a validade de registros e informações.

Para ele, as DAOs não anulam o modelo tradicional das organizações, mas surgem como uma opção para projetos internos dessas companhias.

Empresas podem, por exemplo, criar uma DAO para testar novos produtos, serviços e canais internamente. Seus trabalhadores seriam incluídos no sistema para opinar sobre os processos por meio do voto.

Embora seja possível fazer isso analogicamente, via formulários ou email, Santos afirma que "quanto mais desmaterializado algo for, mais rápida será a sua democratização".

A diferença estaria na forma de acesso: na web 3.0, o login se dá por meio da carteira de ativos —eles podem ser criptomoeda ou outro criptoativo, a ser determinado pelo contrato inteligente. Ou seja, para acessar a DAO, cada funcionário precisaria de uma forma de acesso digital, que funcionaria como um "crachá" para entrada e validação do voto.

Diferentemente da web 1.0, em que o acesso era feito por meio de email e senha, e da web 2.0, na qual eram utilizadas contas como as do Google, do Facebook ou do Twitter, na web 3.0 são usados tokens ou NFTs, por exemplo, para a entrada no ambiente digital restrito.

"É uma nova lógica de identidade e de acesso para desfrutar de uma área para membros ou fazer uma atividade que tem a ver com informação e transação", explica Santos.

Essa mudança daria mais segurança à identidade dos envolvidos no processo, que não precisam se identificar com dados pessoais.

O empreendedor observa que as soluções tecnológicas tendem a chegar mais rápido que as leis, e cada país deve criar sua própria legislação e regulamentação para as DAOs.

No caso do Brasil, é necessário que se verifiquem instâncias locais como Receita Federal e Comissão de Valores Mobiliários para a regularização das DAOs em funcionamento, de acordo com o que já é previsto em lei.

Santos afirma, ainda, que a DAO é pluralmente universal e pode ser usada para o bem ou para o mal.

"Ela em si não vai oferecer solução ou esperança, mas a razão pela qual se inicia uma DAO pode ampliar voz, investimento coletivo, participação e voto. Ela possibilita uma nova forma de se organizar uma mensagem e um propósito", conclui.

> Ela [DAO] em si não vai oferecer solução ou esperança, mas a razão pela qual se inicia uma DAO pode ampliar voz, investimento coletivo, participação e voto
>
> **Filipe Santos**
> cofundador da Potência School & DAO

Desfile apresentado em um dos metaversos do Brazil Immersive Fashion Week (BRIFW), em 2021 Docena 12_na/Divulgação BRIFW

Artista vende NFTs para ajudar ações sociais no Rio de Janeiro

Pedro Lovisi

SÃO PAULO Conectar artistas de NFTs (tokens não fungíveis, na sigla em inglês) a projetos sociais de favelas é o objetivo do estudante de design Gean Guilherme, 22, nascido e criado no Morro Santo Amaro, na zona sul do Rio. Ele participou do seminário Web 3.0 e Metaverso, promovido pela **Folha** e pelo Itaú Cultural.

Sua iniciativa, o Socialcryptoart, foi fundada no início de 2021. Na época, Gean conheceu obras de arte vendidas como NFTs. Esses tokens têm valor exclusivo. Ou seja, quando uma pessoa compra um NFT, apenas ela o terá, impossibilitando cópias.

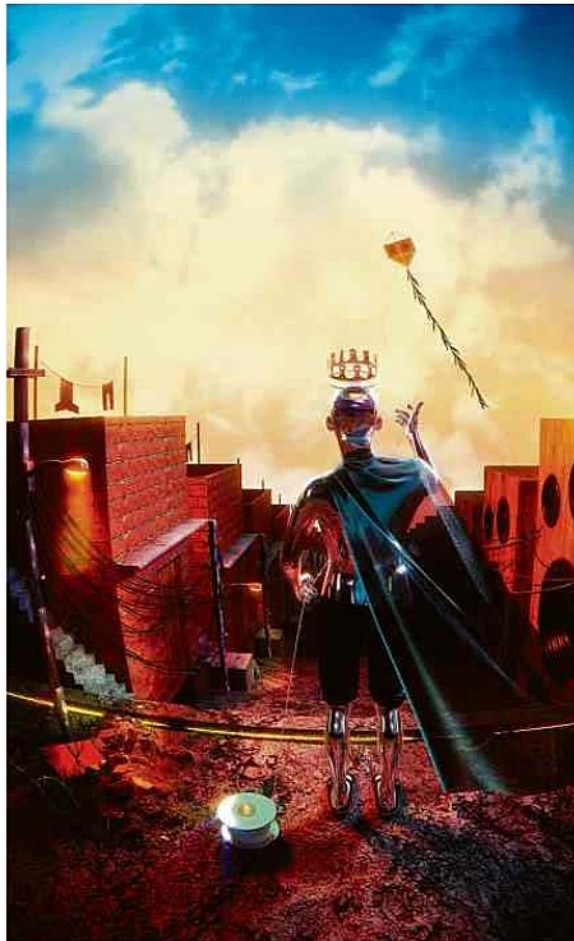
No mundo da arte digital, cada obra funciona como um NFT e elas são comercializadas em plataformas especializadas. As transações são feitas por criptomoedas, como bitcoins. No início do ano, o jogador Neymar comprou dois NFTs por R$ 6,2 milhões.

Gean, que também é artista, projetou digitalmente em abril de 2021 a moeda comemorativa de 25 anos do Real, criada pelo Banco Central dois anos antes. No verso da moeda, um beija-flor alimenta seu filhote. A cena foi relacionada à fome —na mesma época da projeção, foi divulgada a notícia de que 19 milhões de brasileiros sofreram com a falta de alimentos em 2020.

O estudante de design disponibilizou a moeda gratuitamente, mas pediu doações em troca. Foram arrecadados R$ 6.000, e a quantia foi usada na compra de cestas básicas para as pessoas de sua região. "No momento em que eu estava passando os alimentos no caixa do mercado, pude ver que aquilo era real", afirma.

Um mês depois, ele reproduziu digitalmente a casa de um homem de 73 anos destruída em um incêndio. A projeção foi feita em 3D. Nesse caso, o valor da venda do NFT somado a doações garantiu a reconstrução da moradia, também no Morro Santo Amaro.

Seu objetivo agora é construir um marketplace do projeto, com vários artistas.

"Fiquei sobrecarregado, com faculdade e trabalho, e, já que não consigo produzir tantas artes, pensei em atrair outros artistas", explica ele. A plataforma ainda está em construção e não há previsão de lançamento.

NFT de Gean Guilherme, fundador do Socialcryptoart, chamado 'Favela Blockchain' Reprodução

> Minha pesquisa, como artista, é sobre quais novas ferramentas vão aparecer e como elas podem ser usadas para tornar a favela um lugar melhor
>
> **Gean Guilherme, 22**
> fundador do Socialcryptoart*

Evento reúne exposições e desfiles em passarelas imersivas

Marina Costa

SÃO PAULO Desfiles de roupas físicas e virtuais, exposições de obras de arte e de NFTs (sigla em inglês para tokens não fungíveis) e debates sobre como novas ferramentas digitais vão impactar o mundo da moda e da cultura.

Essa é a proposta da BRIFW (Brazil Immersive Fashion Week), evento que reúne moda e tecnologia —e que já levou o público a ambientes como um deserto, com ajuda de metaversos imersivos.

Nas duas primeiras edições, realizadas em 2020 e 2021, a semana reuniu cerca de 40 artistas digitais e 50 palestrantes e apresentou mais de 25 desfiles de oito países da América Latina (Brasil, Argentina, Equador, Bolívia, Peru, Uruguai, Chile e Venezuela).

Olivia Merquior, cofundadora e diretora-executiva da BRIFW, já trabalhava desde 2015 com "smart fabrics" —tecidos que são capazes de se conectar com aparelhos eletrônicos e com biometria corporal por meio de sensores.

Em 2017, a percepção dela de que moda e tecnologia estariam cada vez mais unidas no futuro cresceu quando ela participou do festival de inovação SXSW (South by Southwest), nos Estados Unidos. Lá, viu de perto o lançamento do projeto Jacquard, do Google, de roupas inteligentes.

"Eu olhava para a jaqueta do Google Jacquard e pensava: os dados estão saindo do que vestimos, da coisa que está mais próxima dos nossos batimentos cardíacos", disse Merquior na última terça-feira (5), durante o segundo dia do seminário Web 3.0 e Metaverso, promovido pela **Folha** e pelo Itaú Cultural.

O painel foi mediado por Eduardo Saron, diretor do Itaú Cultural, e contou com a apresentadora e jornalista Cris Guterres como mestre de cerimônia no metaverso.

"Falamos sobre identidade, sobre quem queremos ser e sobre como nos vemos nesse mundo social. Como profissionais de moda, vamos ter que construir possibilidades de representações com novas canetas no estojo", afirma. "Não vejo a tecnologia como algo apartado do que fazemos há muito tempo, que é construir mensagens e sentido para o dia a dia."

Para Merquior, o metaverso não começa com as plataformas de imersão. Ela exemplifica que, ao entrar em redes sociais, os usuários já têm experiências de criação de avatares e interações virtuais, que são os passos iniciais em um metaverso. Assim, de certa forma, todos que têm perfis já estão inseridos nesse ambiente.

"O metaverso é um ecossistema de tecnologias que faz com que a nossa relação entre virtual e físico não tenha mais barreiras, gerando realidades híbridas", afirma.

A terceira edição da BRIFW começa no dia 10 de novembro com a festa Meta-Carpet, em São Paulo, na qual os participantes poderão experimentar looks digitais. Já entre os dias 16 e 19 de novembro, o evento terá debates, exposições e desfiles no mundo físico, na Vila Leopoldina, e em metaversos, além de transmissão em redes sociais e sites parceiros.